This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

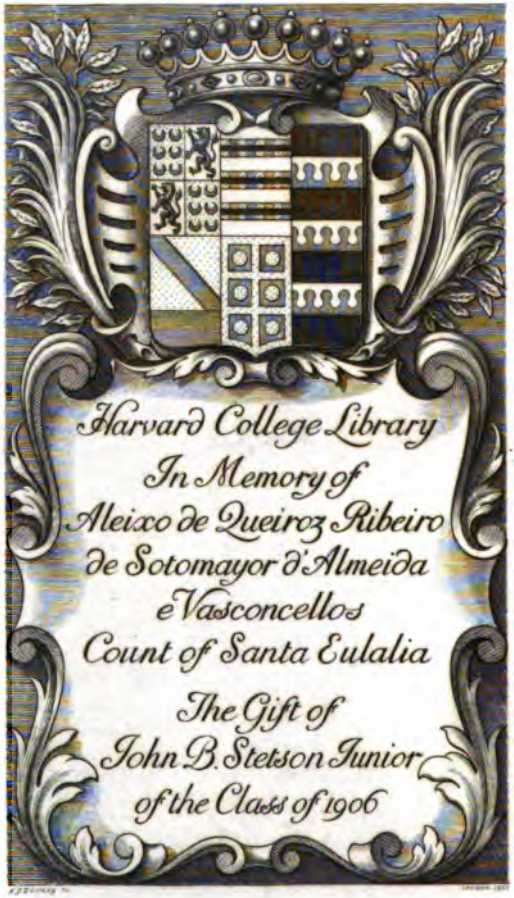
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Mus 543.12 (1)



MU

P. A. de Menezes

MELODIAS DE SALA

Collecção variada de lindas melodias para sala (de caracter profano ou religioso, popular e erudito; córos etc.)
para uma ou mais vozes
com acompanhamento de piano e outros instrumentos.
Lettras escolhidas:
populares, ou dos melhores poetas.

PARTE I

S. FIEL
1906

Mus 543.12
✓

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.

SEP 25 1922

MELODIAS DE SALA

Melodias de Sala

PARTE I

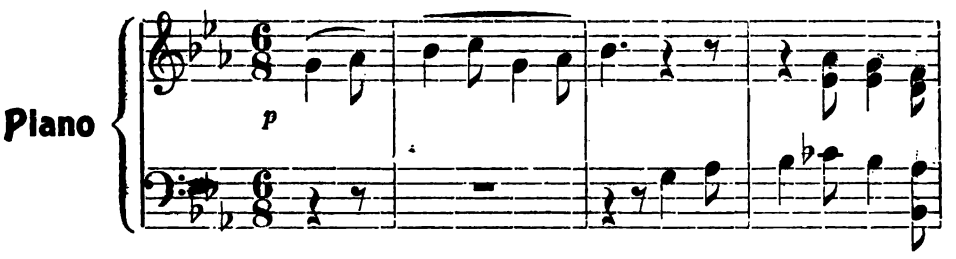
S. FIEL

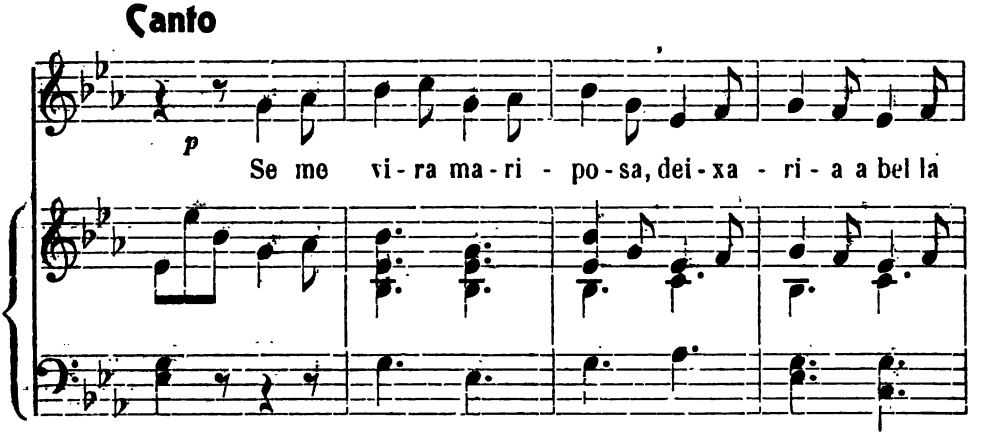
1906

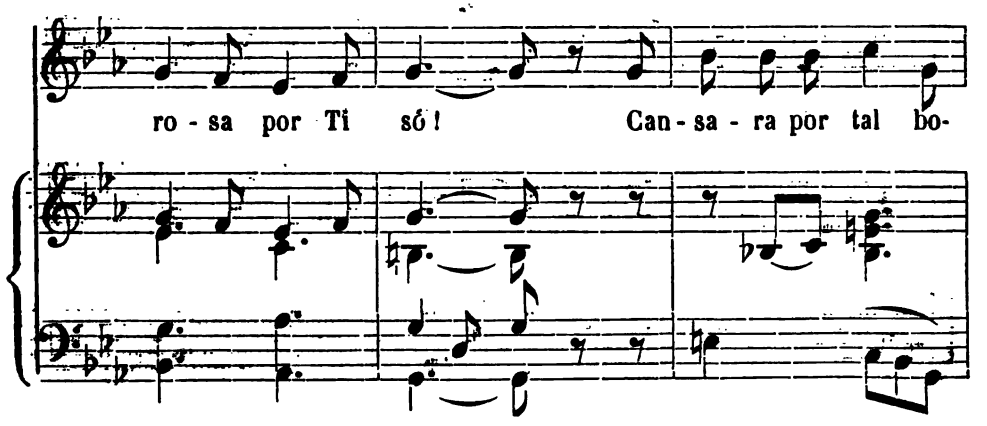
BRAGA
Pap. Universal e Typographia a Vapor
Largo do Barão de S. Martinho
1906

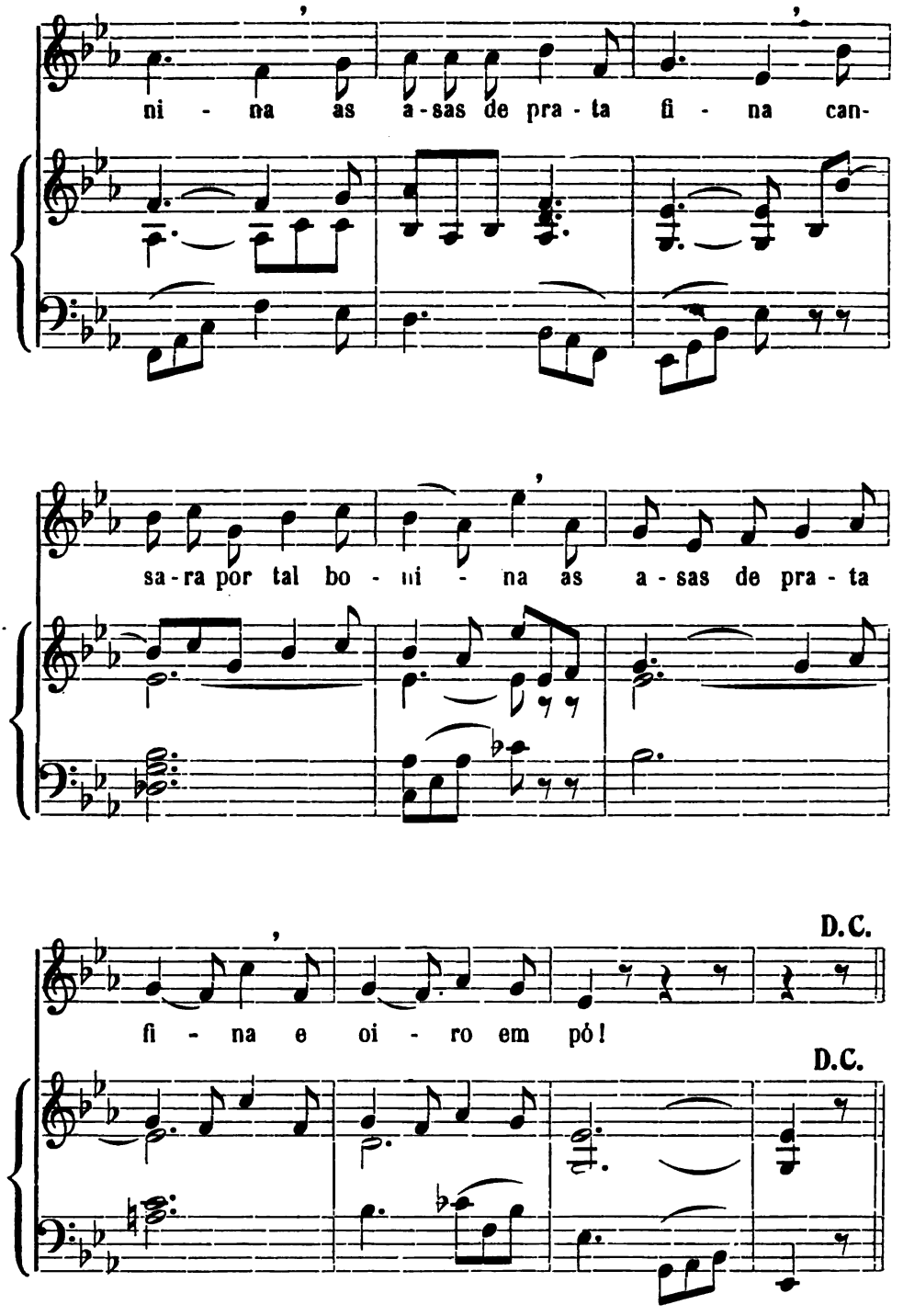
1. FLORINHA DO CAMPO

Andantino **P. F. da Costa Pereira**








ni - na as a-sas de pra - ta fi - na can-
sa-ra por tal bo - ni - na as a - sas de pra - ta
fi - na e oi - ro em pó!
D.C.
D.C.

Ego flos campi

(A' VIRGEM-MÃE)

Se me vira mariposa,
deixaria a bella rosa
por Ti só!
Cansara por tal bonina
as asas de prata fina
e oiro em pó!

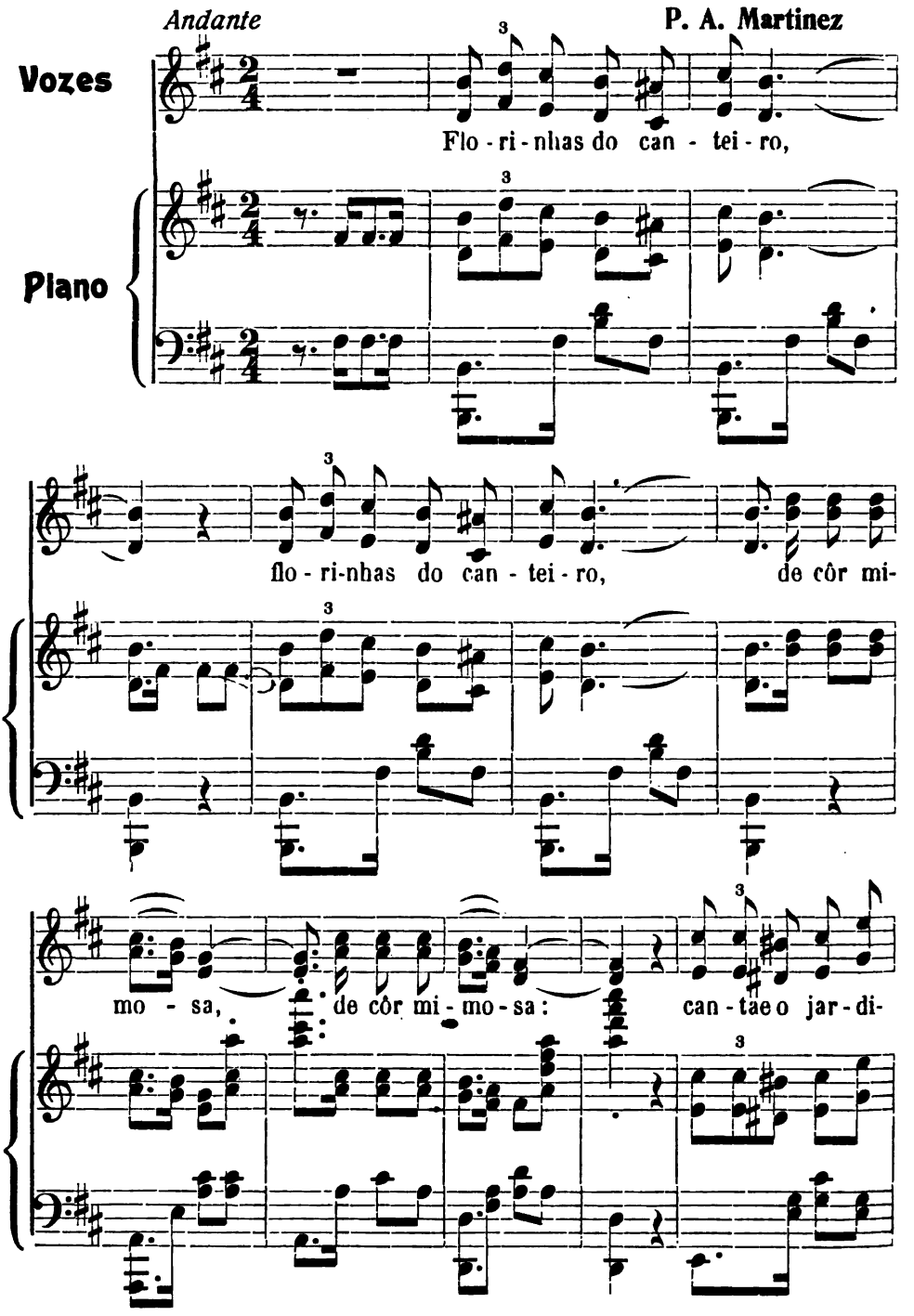
Do sol aos éstos ardentes
opporia os veus nitentes
de cecem,
porque sempre conservasses
o candor de tuas faces,
Virgem-Mãe!

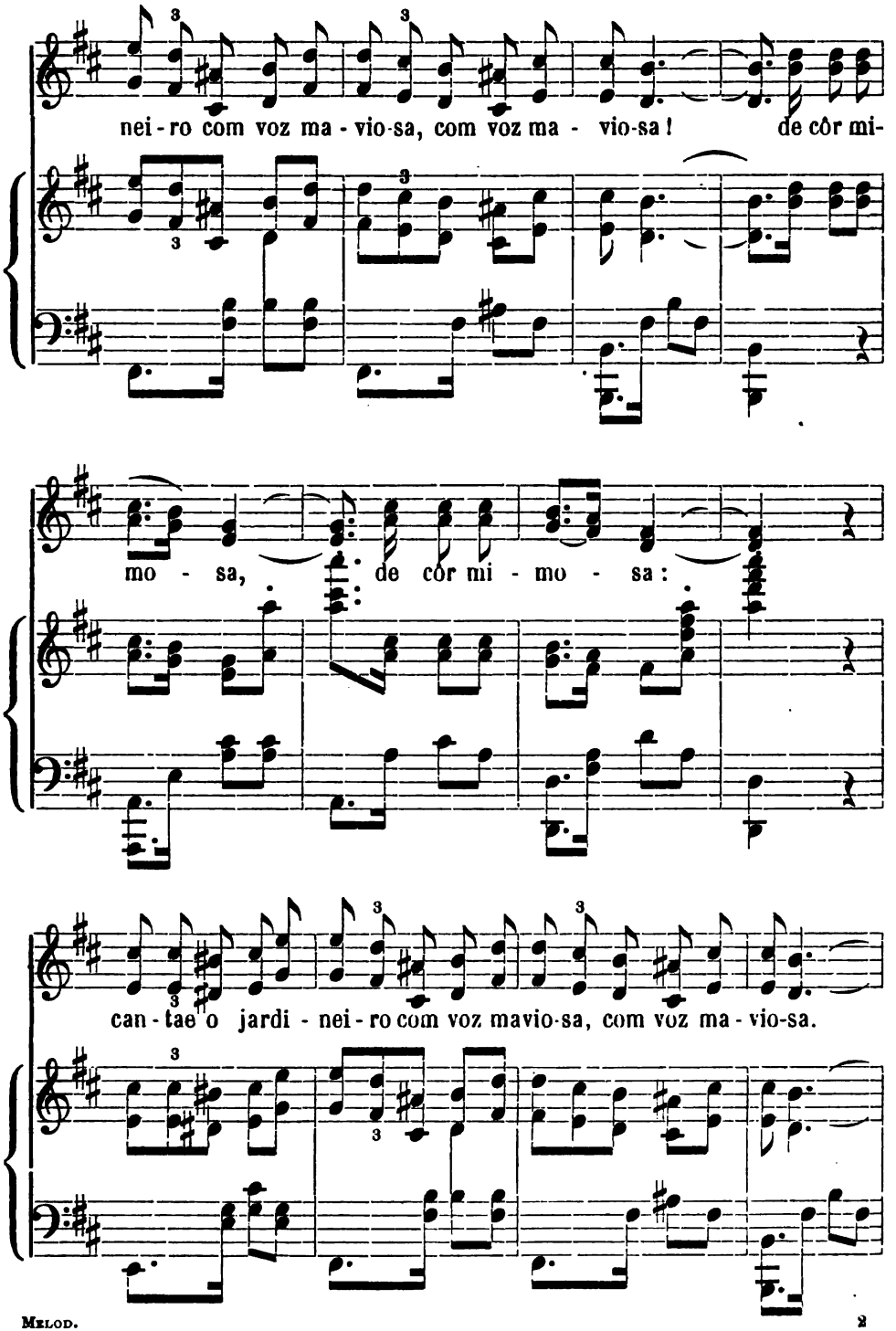
Nem cessara (aqui o juro)
de voar com goso puro
ao calor,
até caír de cansaço,
sem vida, no teu regaço,
Mãe de amor!

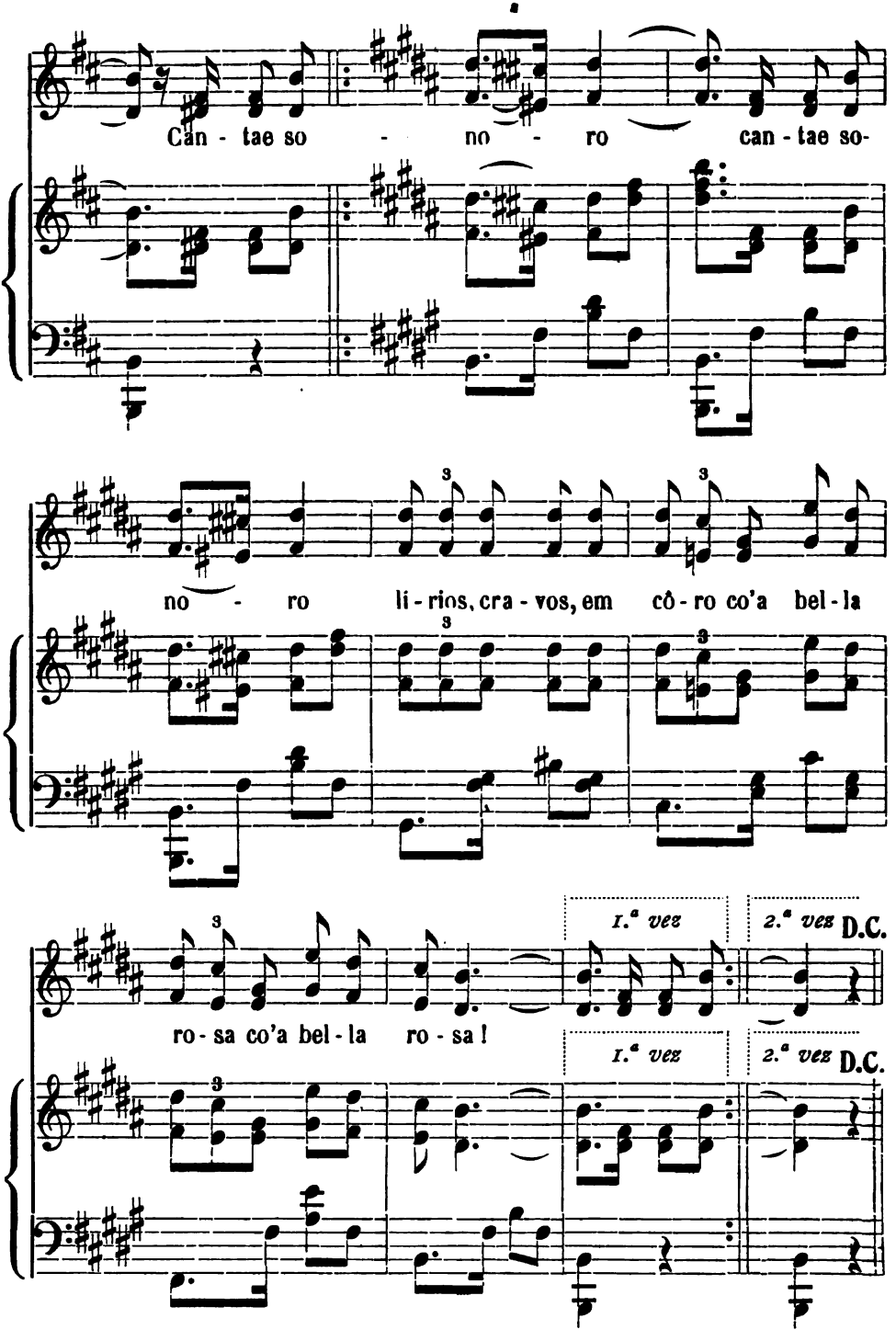
D. J. da Silva.

---

2. FLORINHAS DO CANTEIRO




nei - ro com voz ma - vio-sa, com voz ma - vio-sa! de côr mi-
mo - sa, de côr mi - mo - sa:
can - tae o jardi - nei - ro com voz mavio-sa, com voz ma - vio-sa.


Can - tae so - no - ro can - tae so-
no - ro li - rios, cra - vos, em cô - ro co'a bel - la
ro - sa co'a bel - la ro - sa!
1.ª vez
2.ª vez D.C.
1.ª vez
2.ª vez D.C.

Florinhas do canteiro

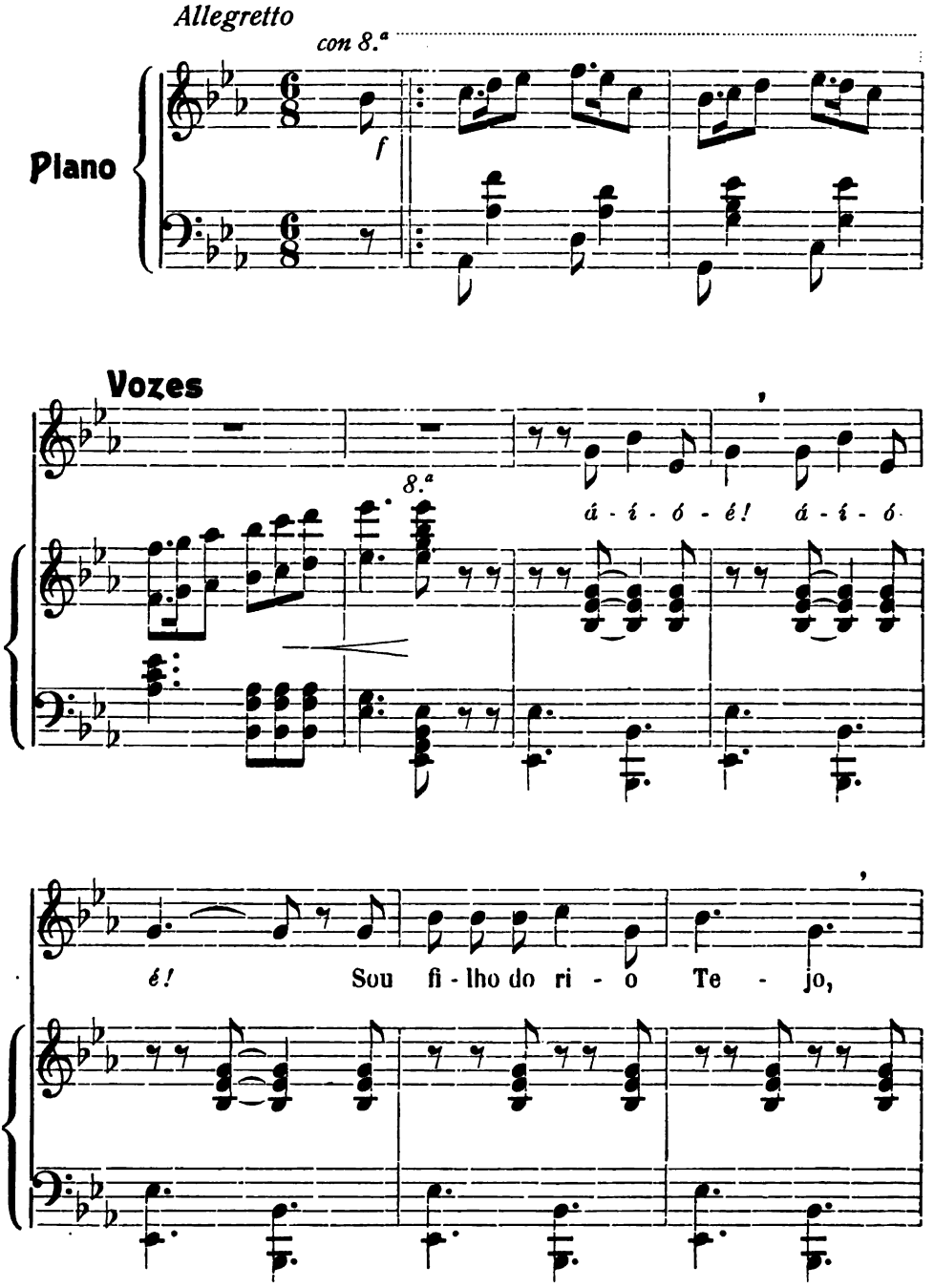
Florinhas do canteiro,
de côr mimosa:
cantae o jardineiro
com voz maviosa!
Cantae sonoro,
lirios, cravos, em côro
co'a bella rosa!

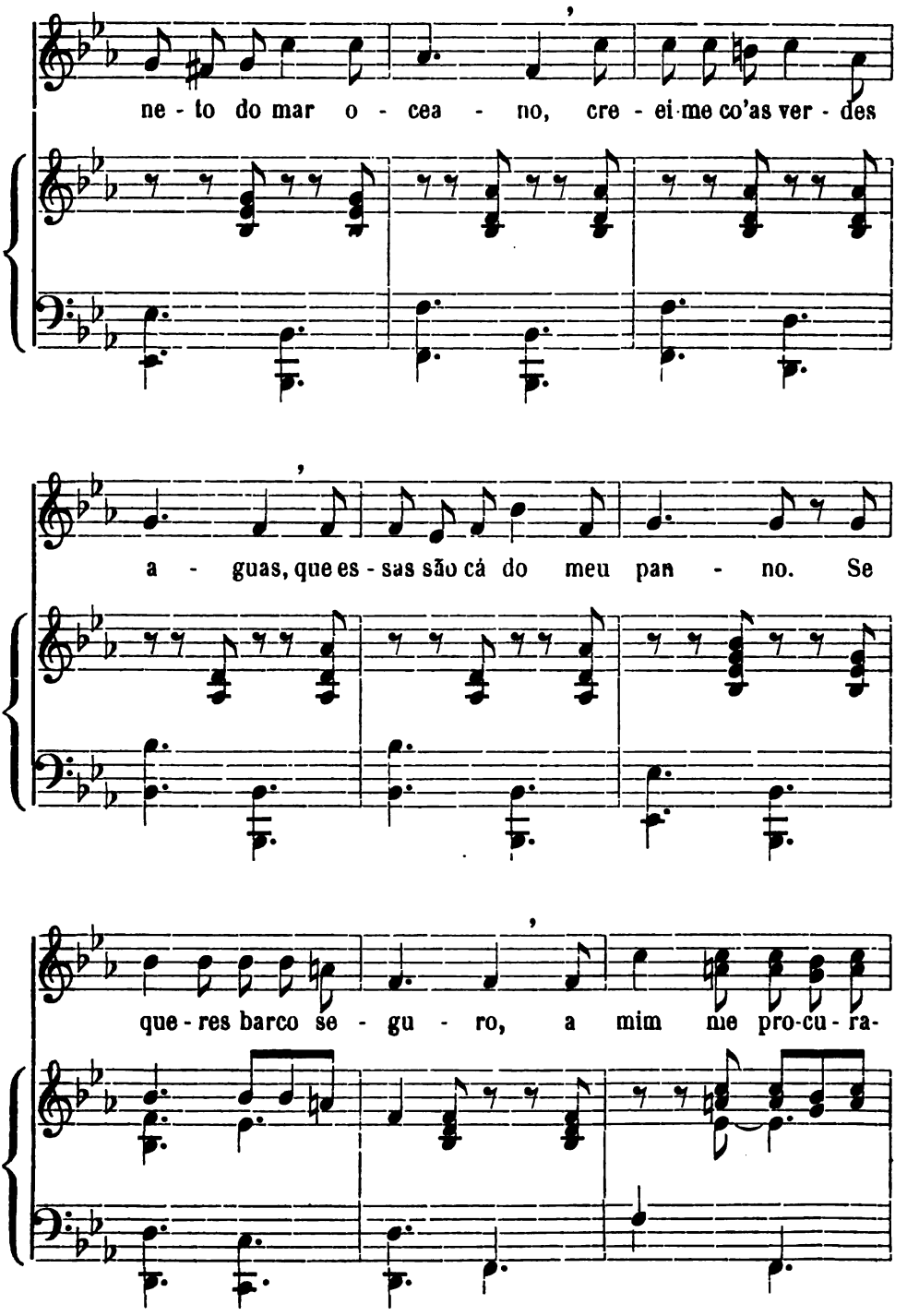
Florinhas do canteiro,
de doce aroma:
em dia tão fagueiro
que lêdo assoma,
odôr derrame,
que as brisas embalsame,
a linda côma!

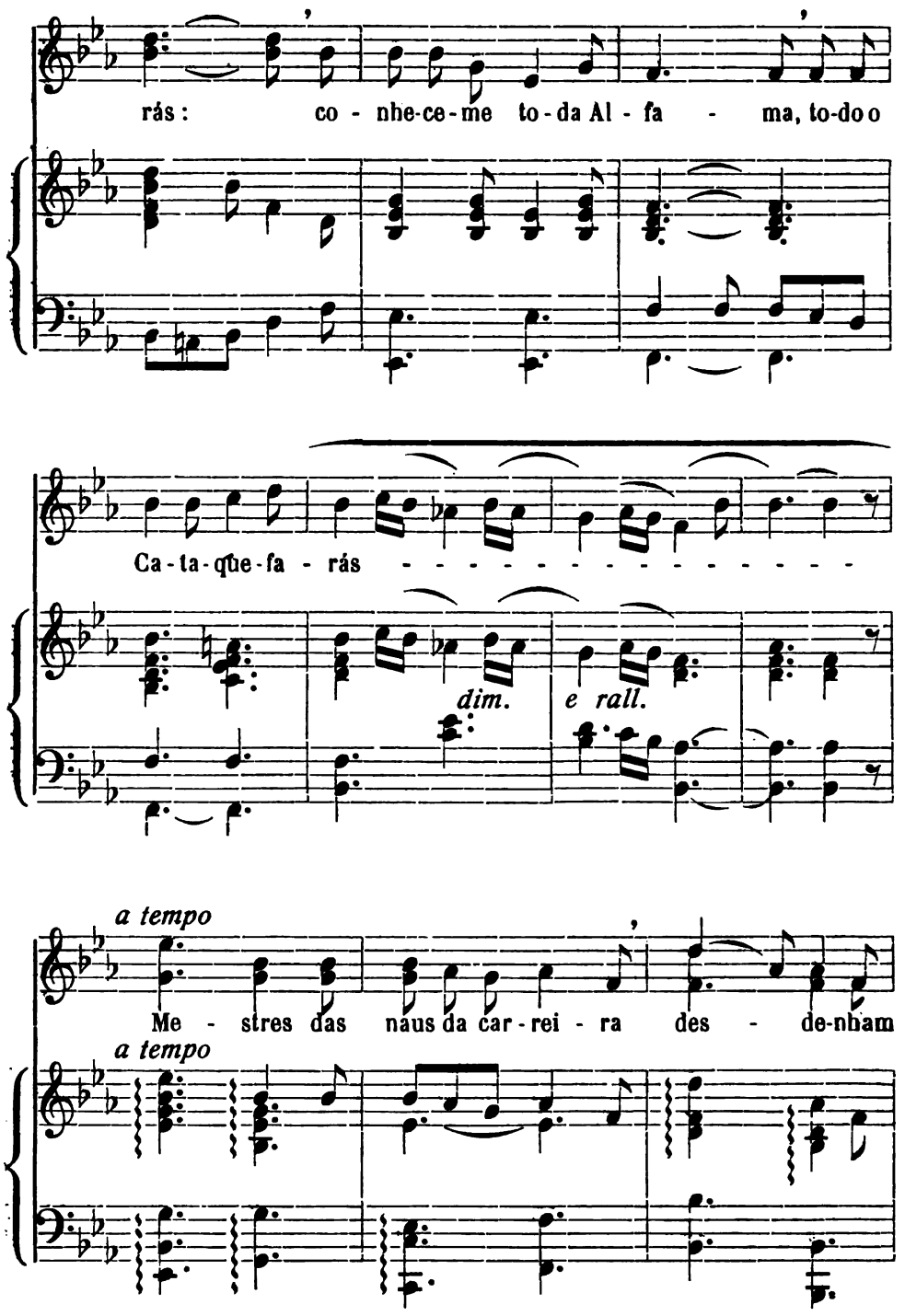
Florinhas do canteiro,
de meigas cores:
tecei ao jardineiro
com mil primores
lindas capellas,
variegadas, bellas,
de bellas flores!

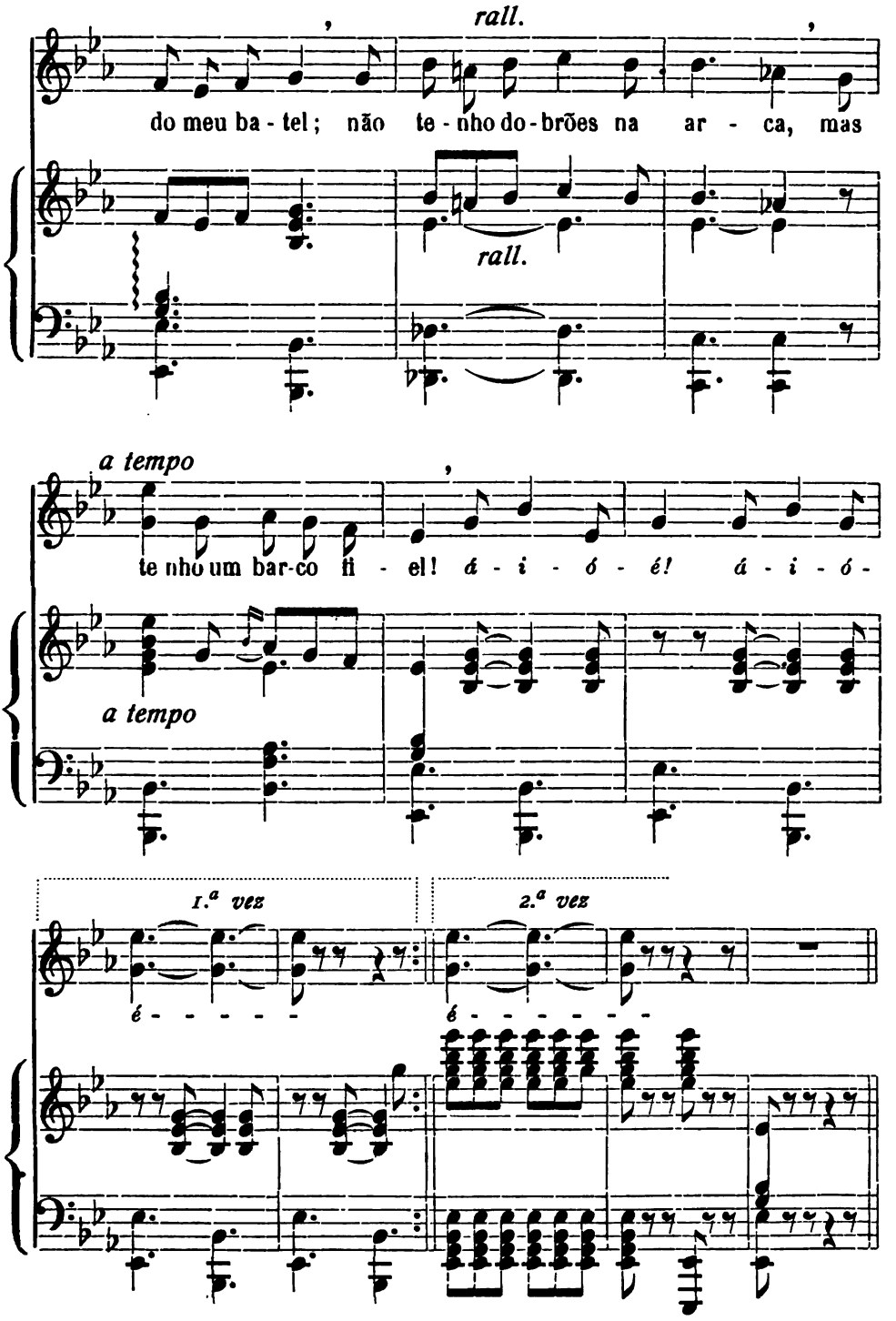
---

3. O REMADOR


Allegretto
con 8.ª
Piano
f
Vozes
8.ª
á - í - ó - é! á - í - ó
é! Sou fi - lho do ri - o Te - jo,


ne - to do mar o - cea - no, cre - ei-me co'as ver - des
a - guas, que es - sas são cá do meu pan - no. Se
que - res barco se - gu - ro, a mim me pro-cu - ra-


rás: co - nhe-ce-me to-da Al - fa - ma, to-doo
Ca-ta-que-fa - rás
dim.
e rall.
a tempo
Me - stres das naus da car-rei - ra des - de-nham
a tempo


rall.
do meu ba - tel; não te - nho do - brões na ar - ca, mas
rall.
a tempo
te nho um bar-co fi - el! á - i - ó - é! á - i - ó -
a tempo
1.ª vez
2.ª vez
é - - - - -
é - - - - - -

O Remador

A' - i - ó - é!
Sou filho do rio Tejo,
neto do mar oceano;
creei-me co'as verdes águas,
que essas são cá do meu panno!

Se queres barco seguro,
a mim me procurarás:
conhece-me toda Alfama,
todo o Cata - que - farás.

Mestres das naus da carreira
desdenham do meu batel . . .
Não tenho dobrões na arca,
mas tenho um barco fiel!
A' - i - ó - é!

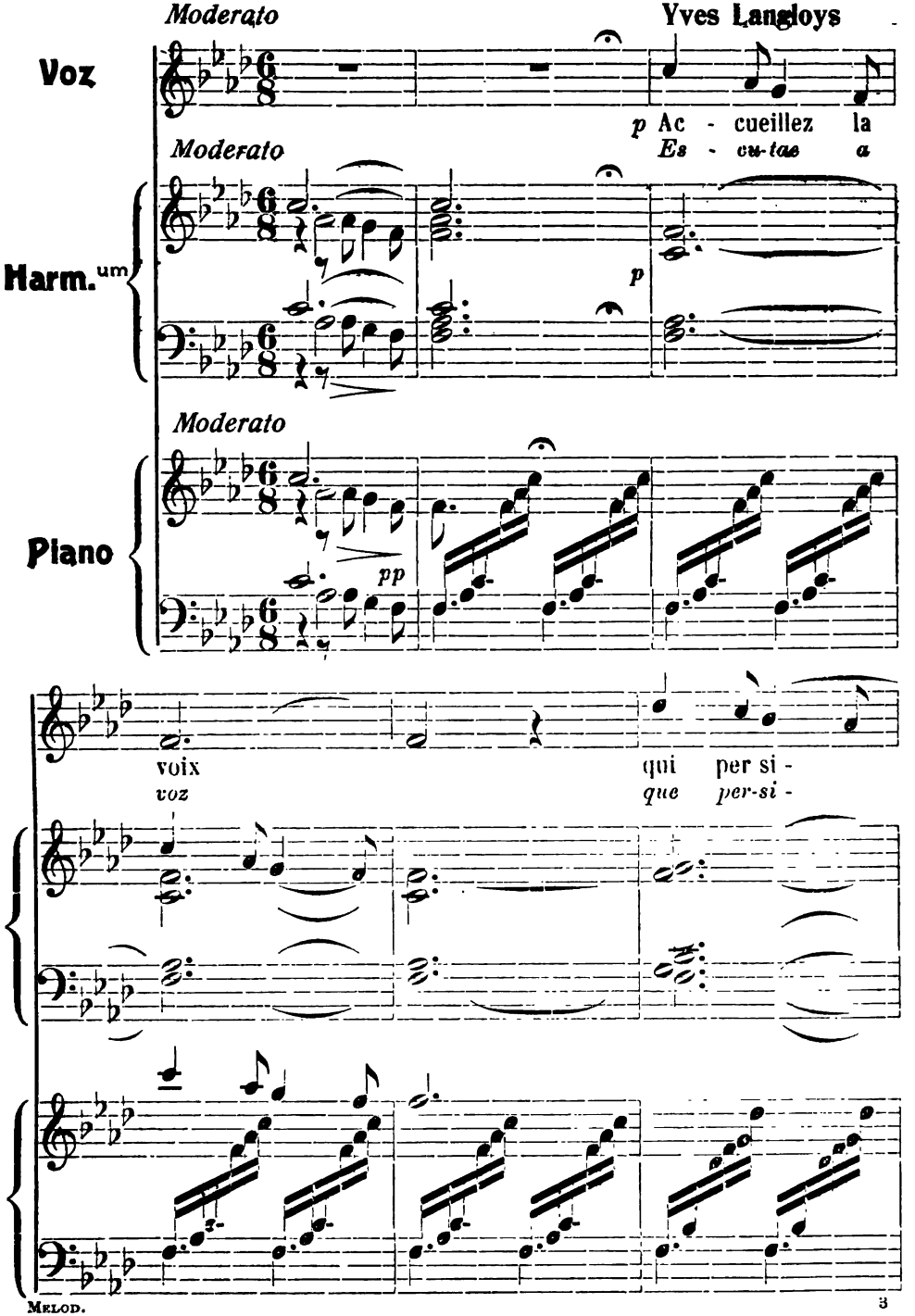
A' - i - ó - é!
Não ha batel como o meu
co'a branca vela que tem,
nem remador como o dono
d'Enxabregas a Belem.

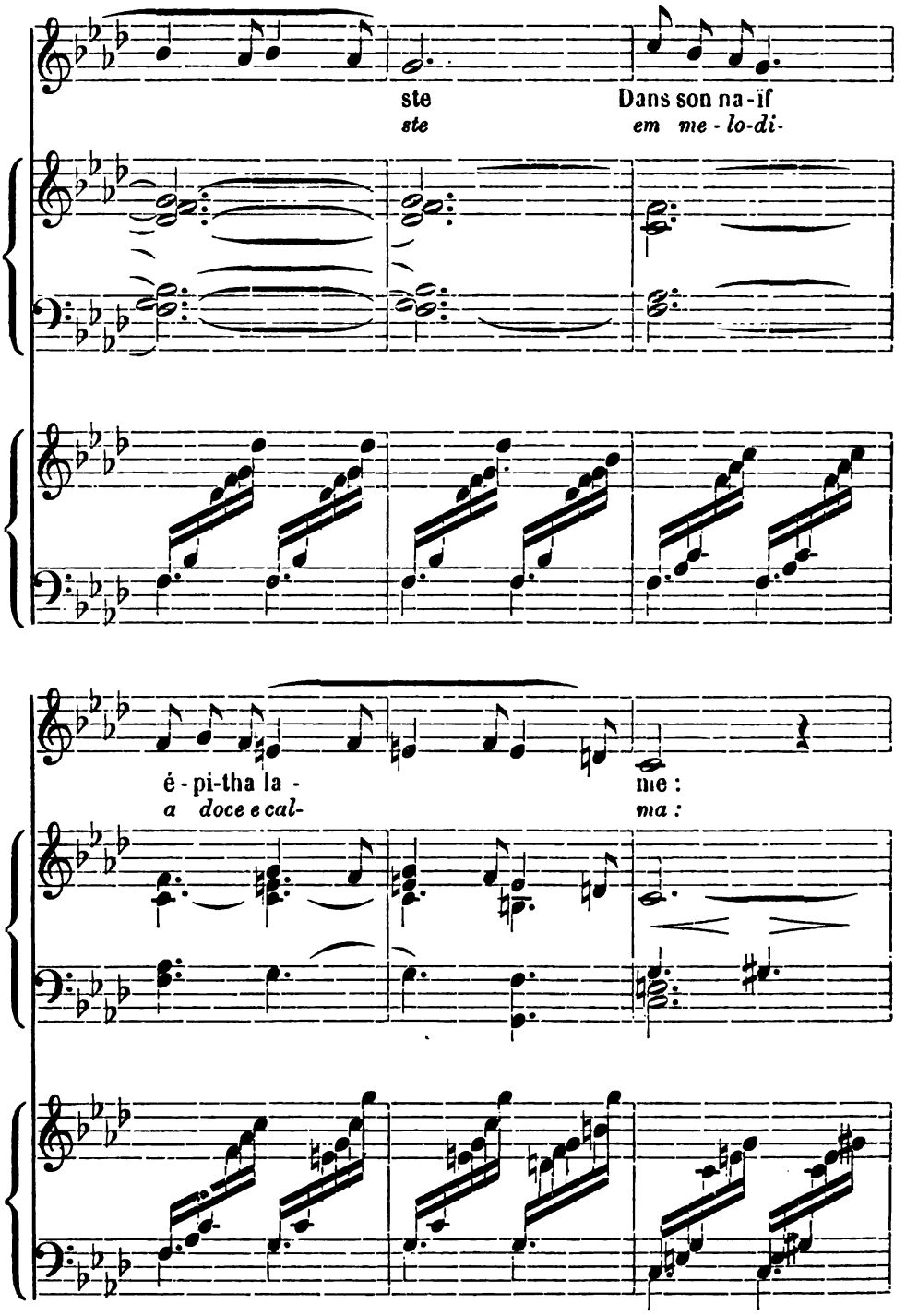
Sou como a triste gaivota
que só no mar quer pairar!
Amofino-me e esmoreço
em me alongando do mar.

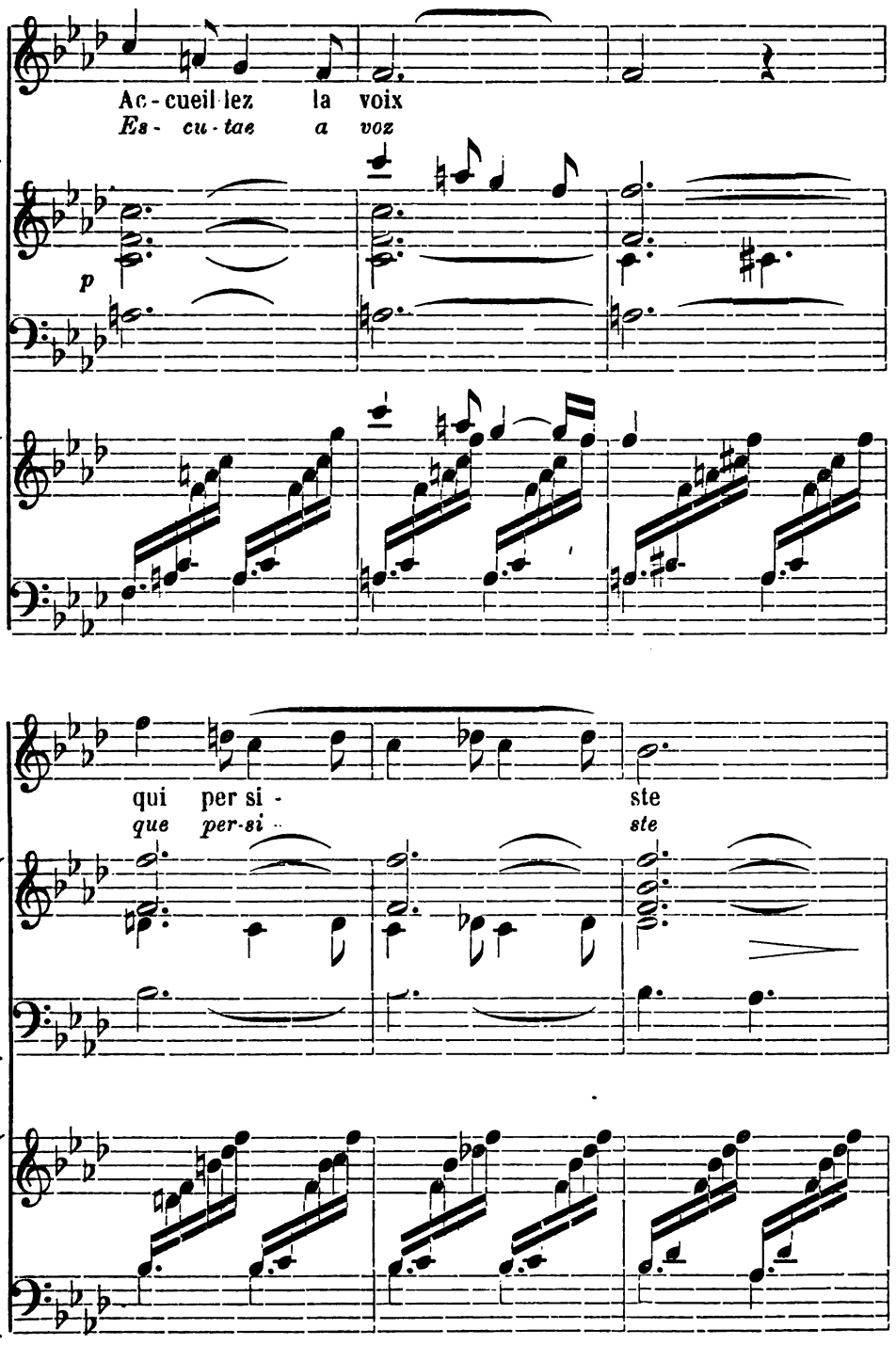
As águas em reboliço
dançam de noite e de dia;
nellas vai brincar o sol,
que é pae de toda a alegria . . .
A' - i - ó - é!

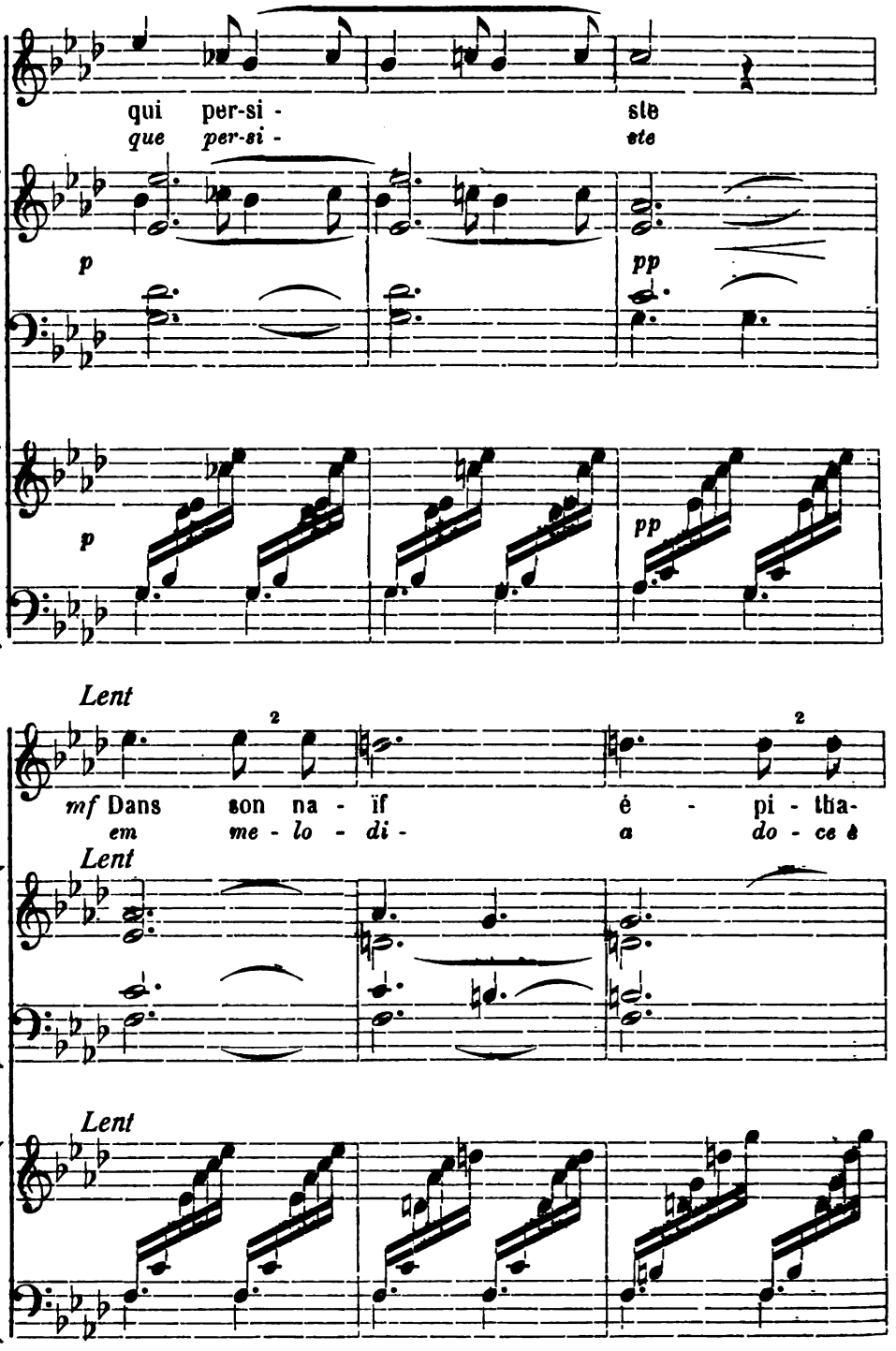
Julio de Castilho.

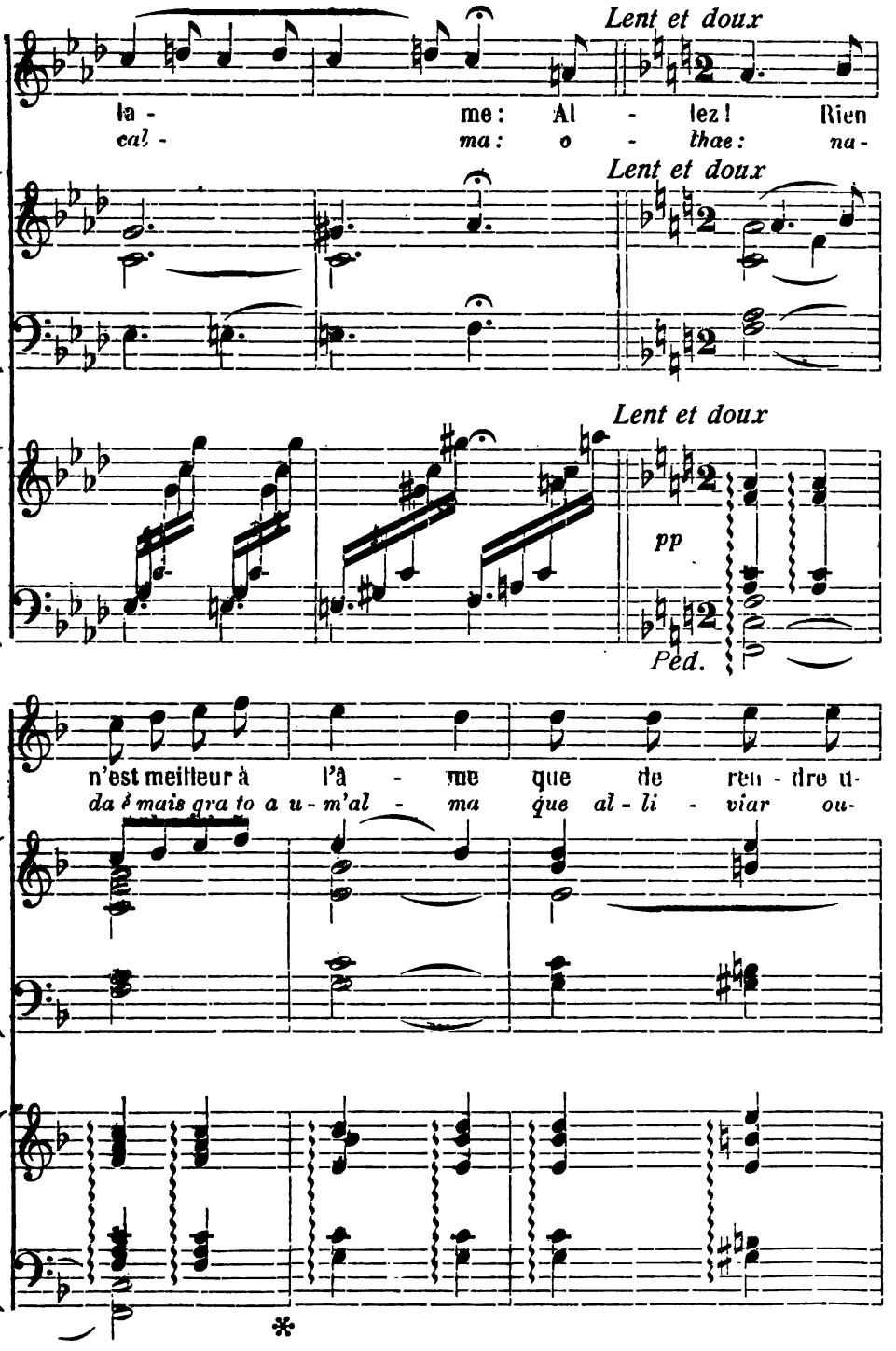
4. ACCUEILLEZ LA VOIX...

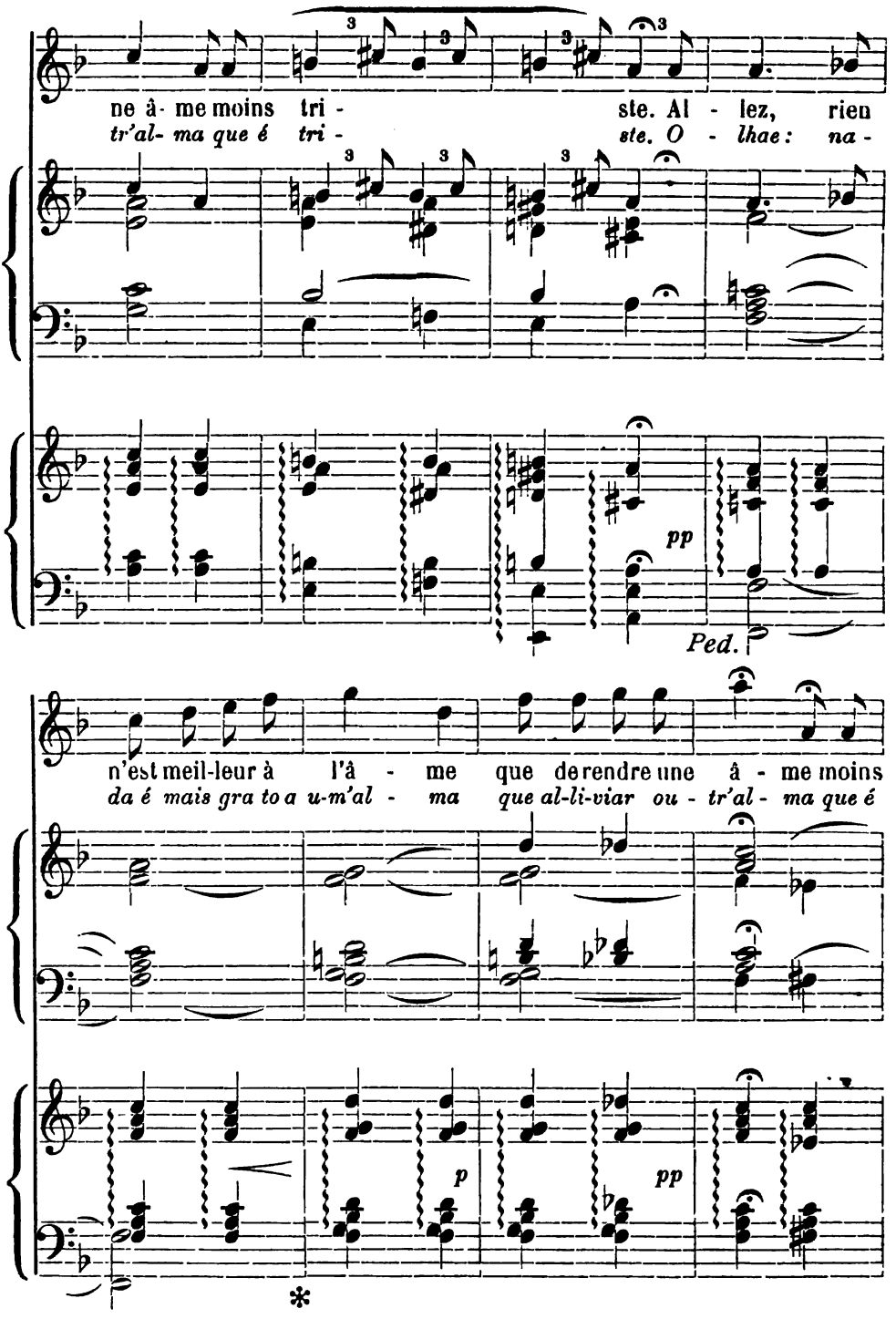


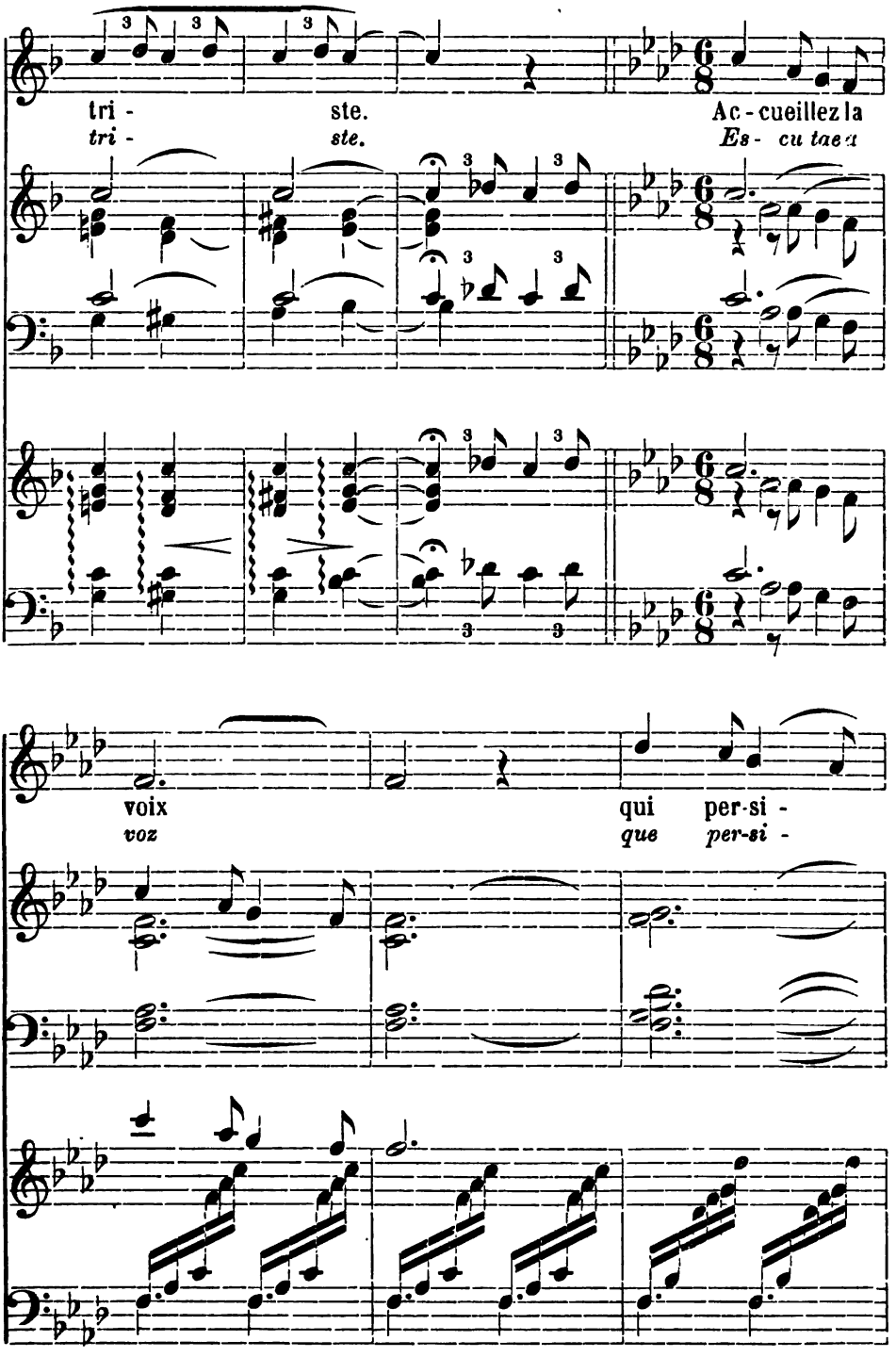

ste
Dans son na-ïf
ste
em me-lo-di-
é-pi-tha la-
me :
a doce e cal-
ma :

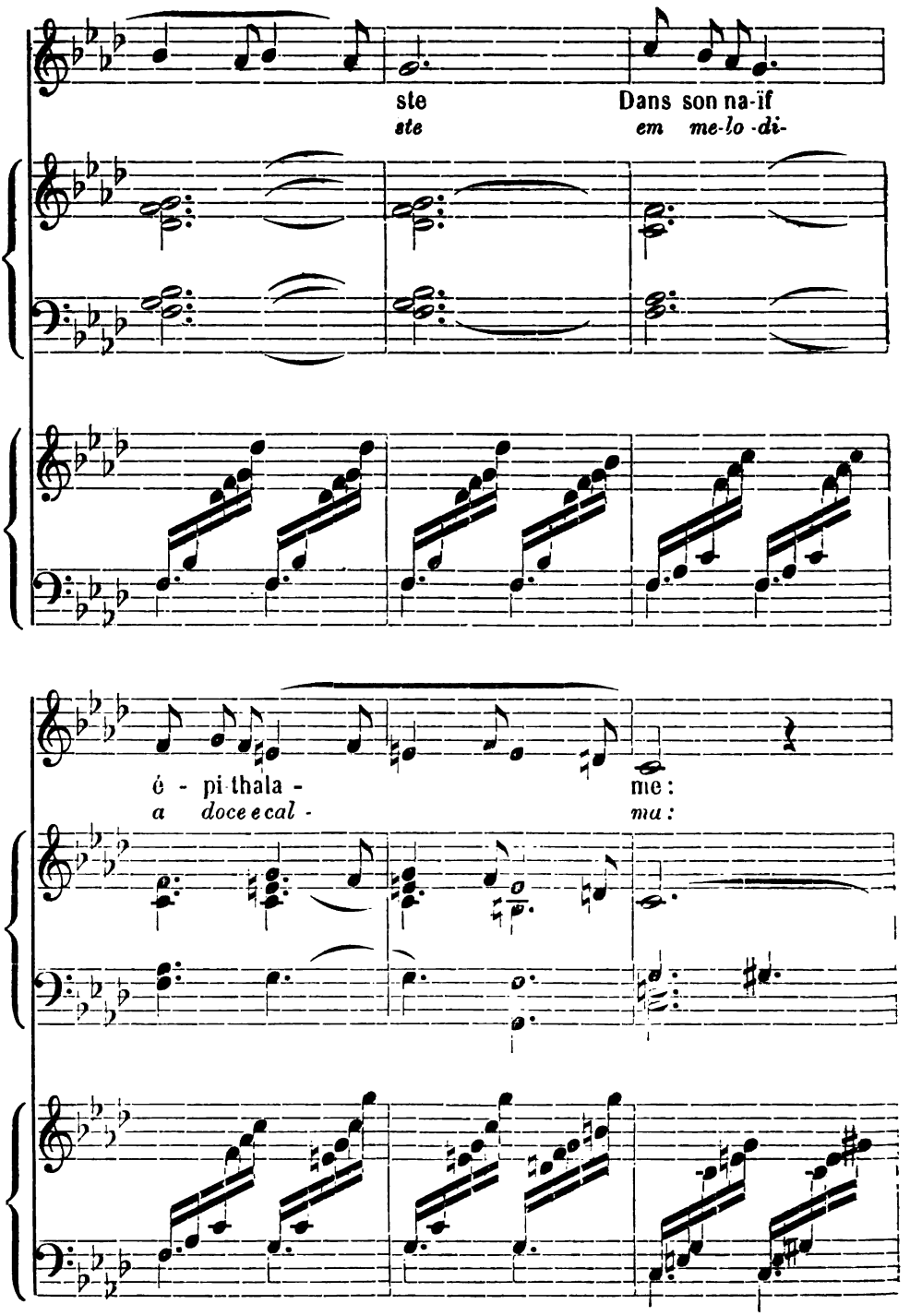

Ac - cueil lez la voix
Es - cu - tae a voz
p
qui per si - ste
que per-si - ste

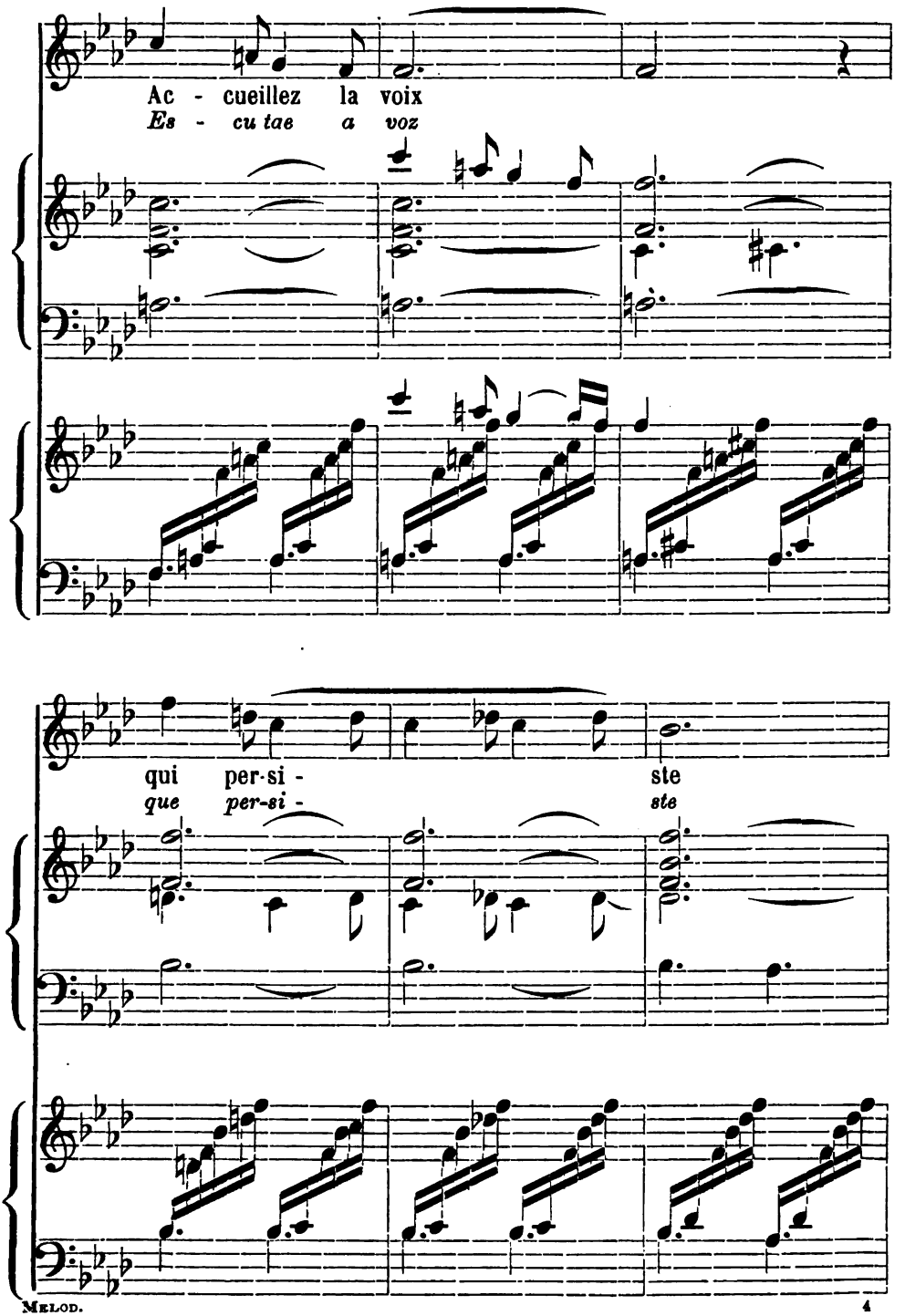

qui per-si - ste
que per-si - ete
p
pp
p
pp
Lent
2
2
mf Dans son na - ïf é - pi - tha-
em me - lo - di - a do - ce è
Lent
Lent

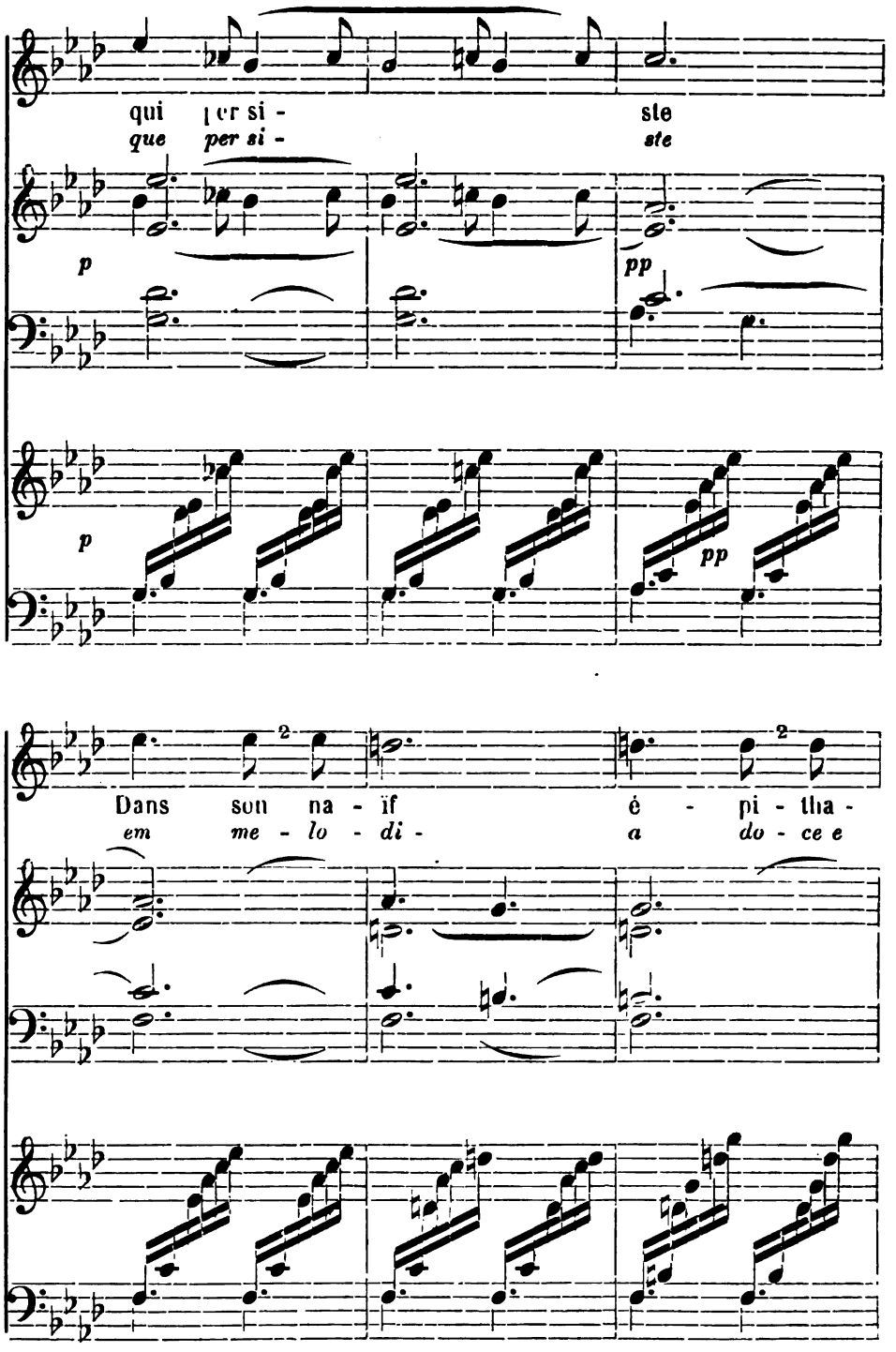

Lent et doux
la - me: Al - lez! Rien
cal - ma: o - lhae: na-
Lent et doux
Lent et doux
pp
Ped.
n'est meilleur à l'â - me que de ren - dre u-
da é mais gra to a u - m'al - ma que al - li - viar ou-
*

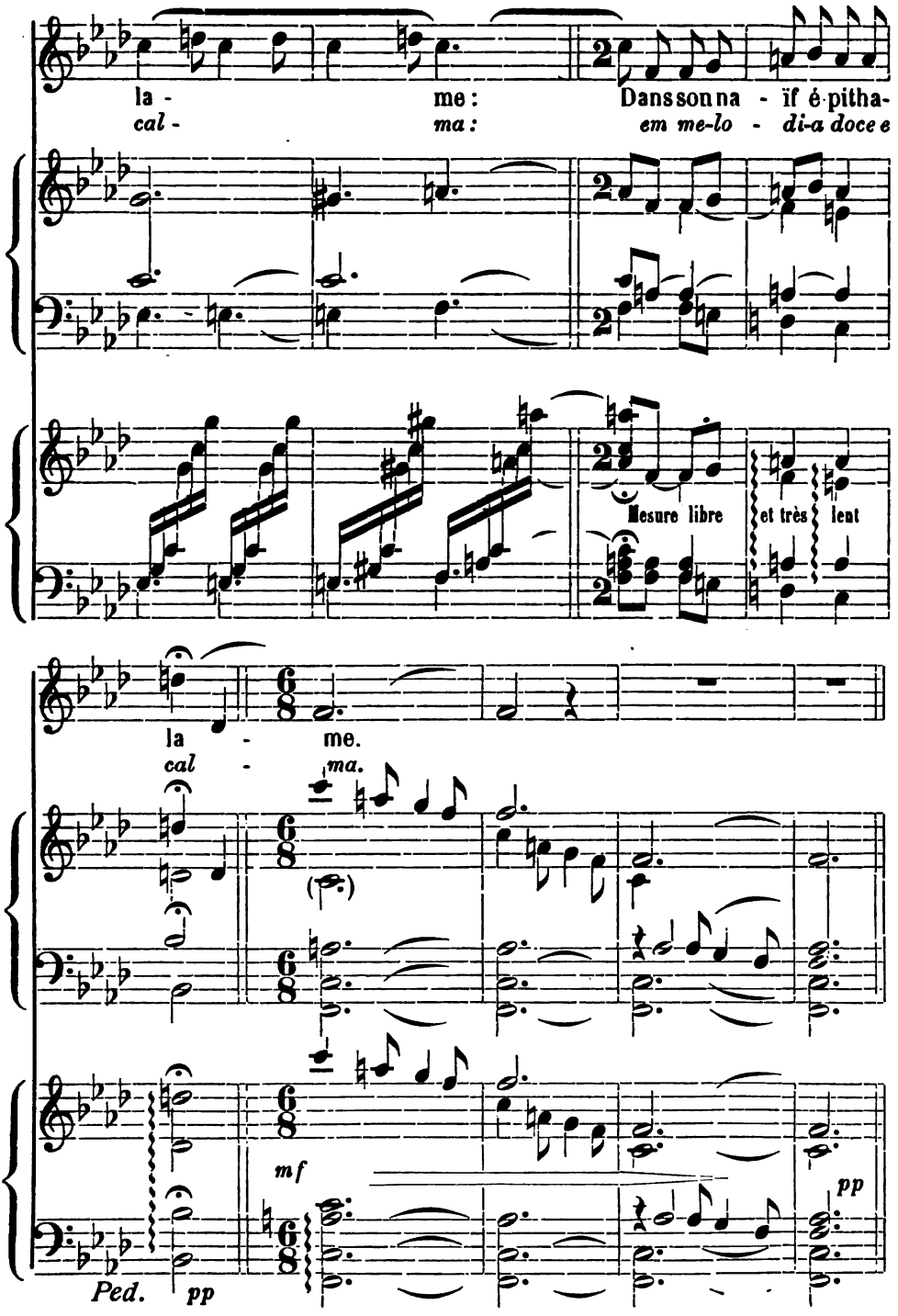

ne â- me moins tri - ste. Al - lez, rien
tr'al- ma que é tri - ste. O - lhae: na -
pp
Ped.
n'est meil-leur à l'â - me que de rendre une â - me moins
da é mais gra to a u-m'al - ma que al-li-viar ou - tr'al - ma que é
p
pp
*


tri - ste. Ac - cueillez la
tri - ste. Es - cu tae a
voix qui per-si -
voz que per-si -


ste
Dans son na-ïf
ste
em me-lo-di-
é - pi thala -
me:
a doce e cal -
ma:


Ac - cueillez la voix
Es - cu tae a voz
qui per-si - ste
que per-si - ste


qui per si - ste
que per si - ste
p
pp
p
pp
2
2
Dans son na - ïf é - pi - tha -
em me - lo - di - a do - ce e


la - me: Dans son na - ïf é-pitha-
cal - ma: em me-lo - di-a doce e
Mesure libre
et très lent
la - me.
cal - ma.
mf
pp
Ped.
pp

Accueillez la voix qui persiste
Dans son naïf épithalame :
— «Allez, rien n'est meilleur à l'âme
Que de rendre une âme moins triste . . .»

Paul Verlaine.

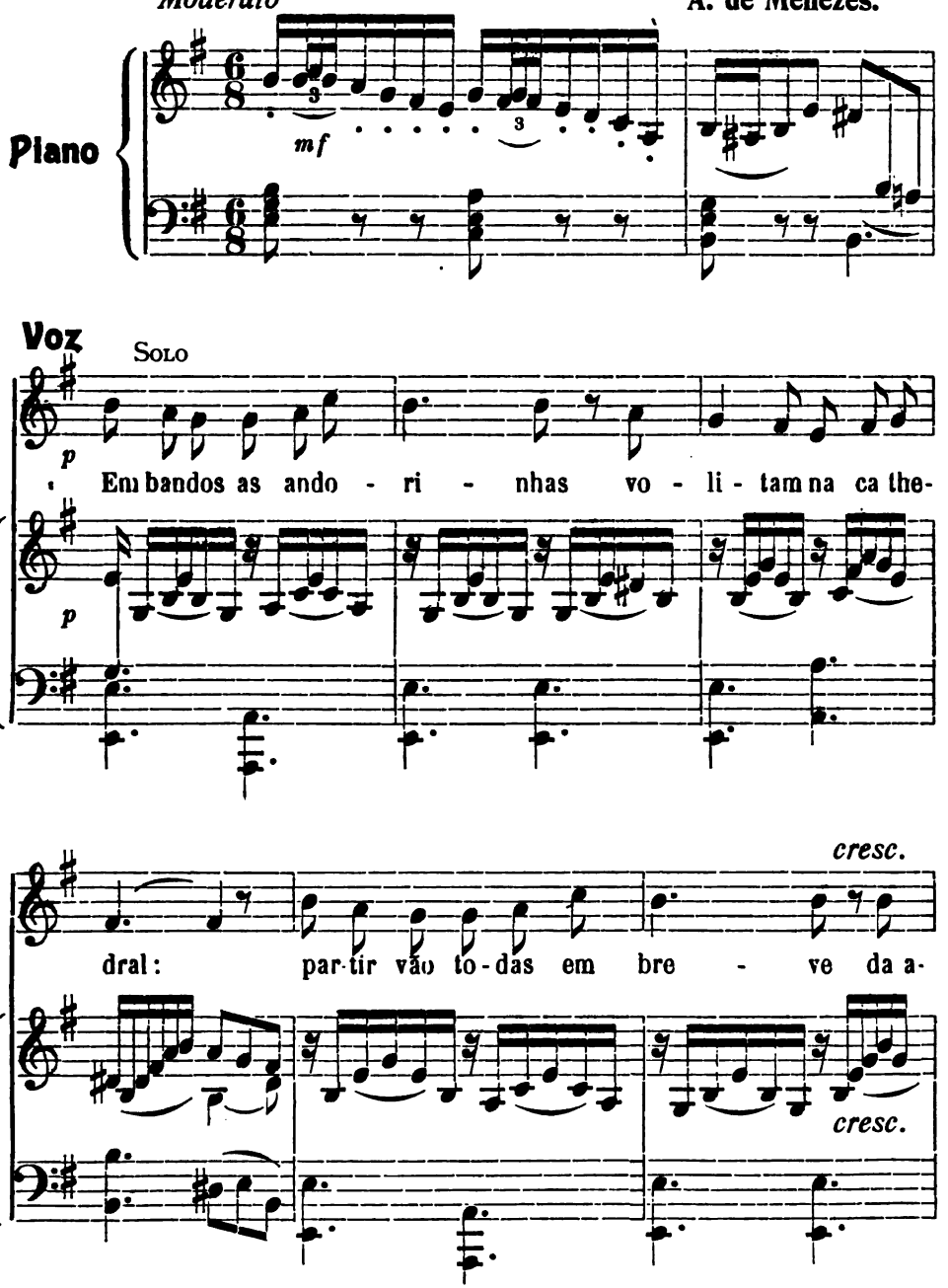
Escutae a voz, que persiste
em melodia doce e calma :
— «Olhae : nada é mais grato a um'alma
que alliviar outr'alma que é triste.»

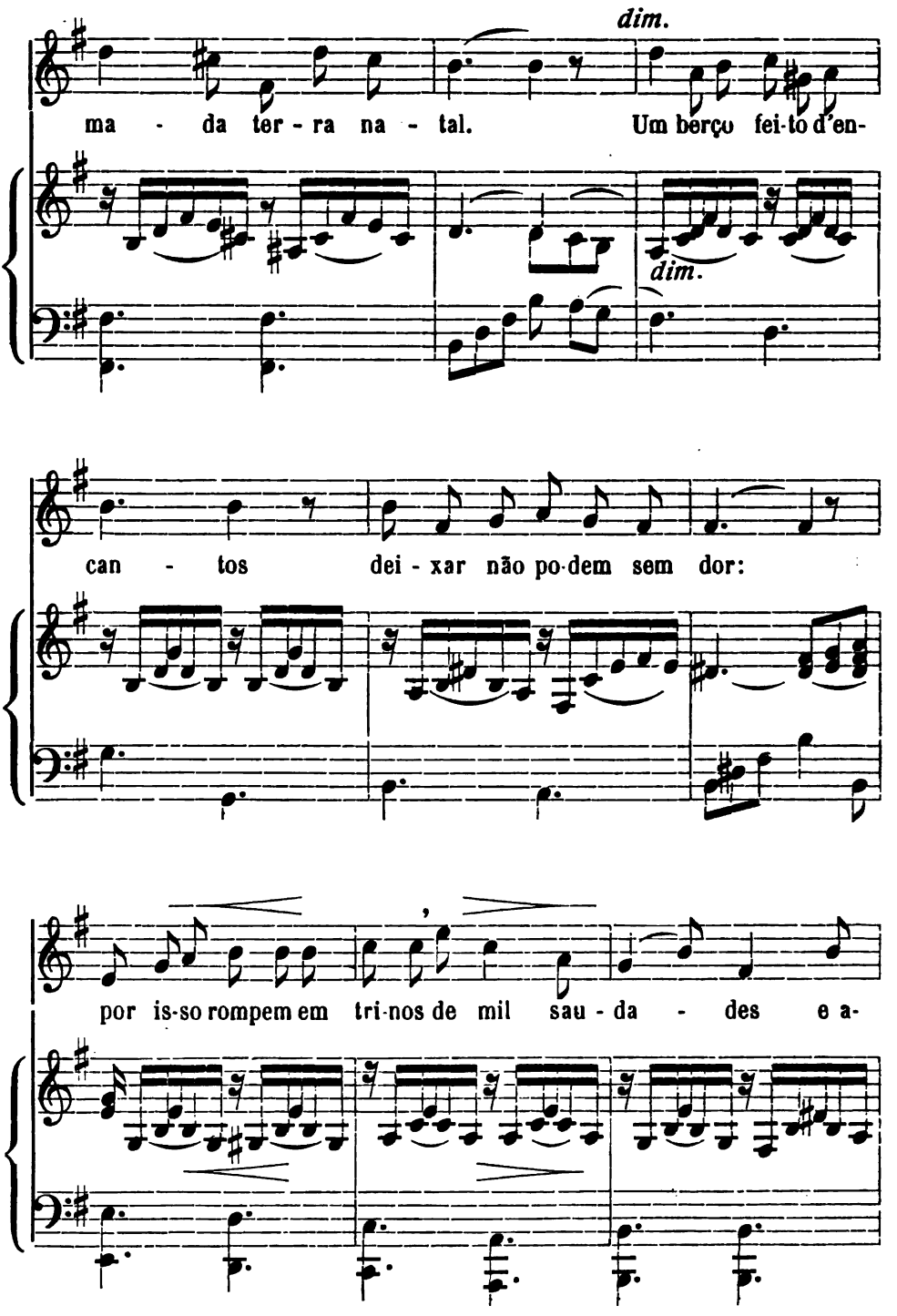
A. de M.

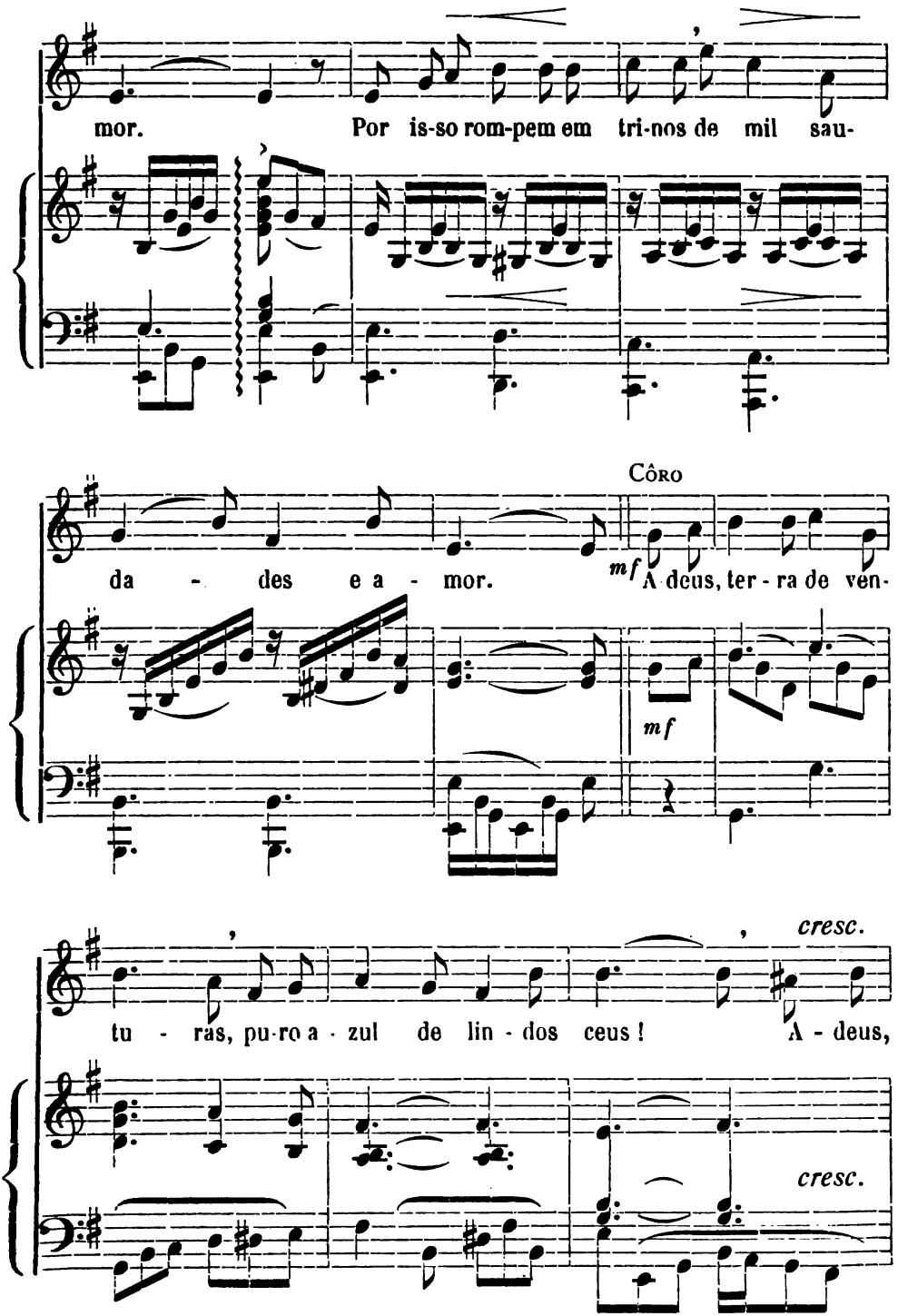
5. A PARTIDA DAS ANDORINHAS

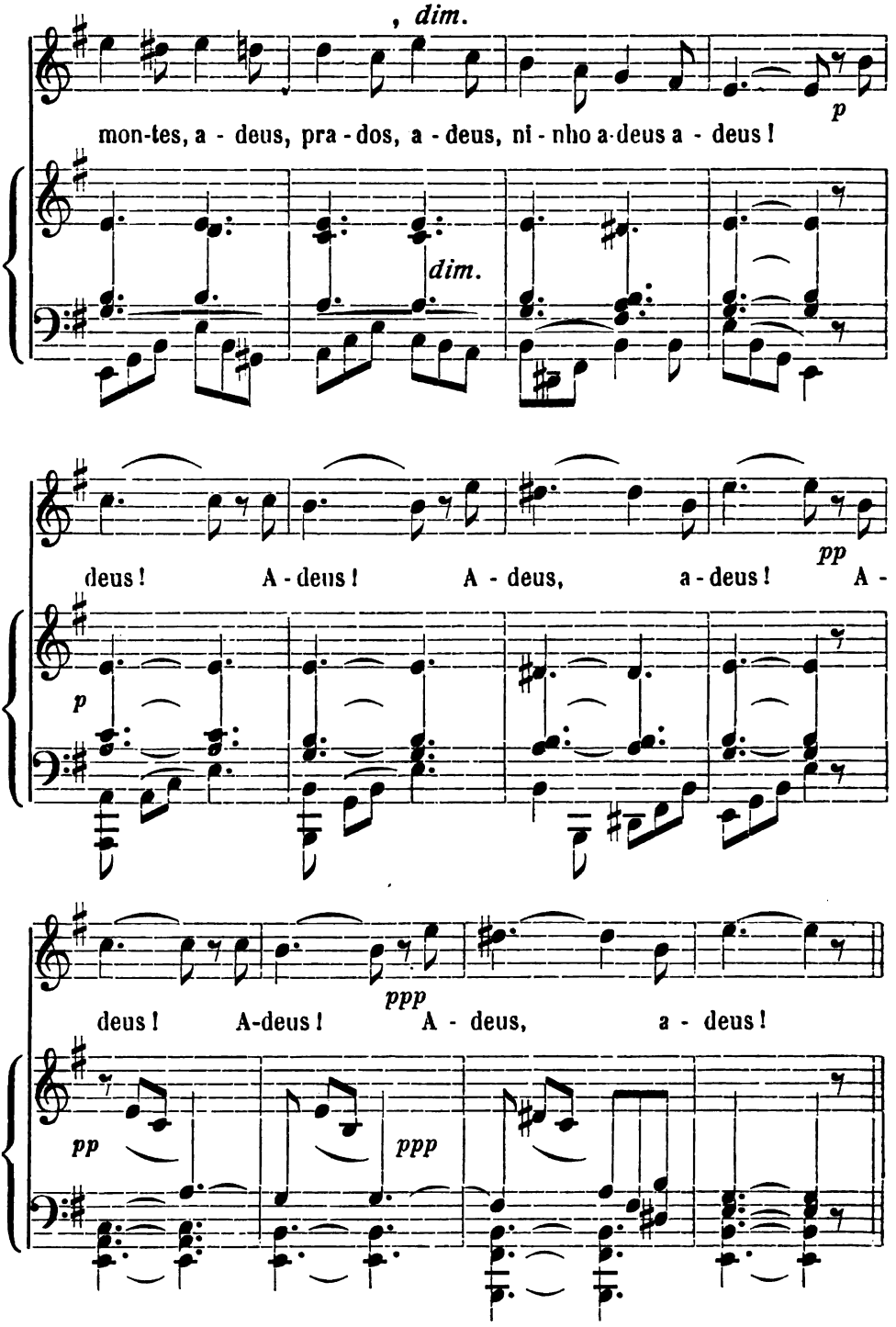
(DESPEDIDA DE CURSO)

Moderato A. de Menezes.




dim.
ma - da ter - ra na - tal. Um berço fei-to d'en-
dim.
can - tos dei - xar não po-dem sem dor:
por is-so rompem em tri-nos de mil sau - da - des e a-


mor. Por is-so rom-pem em tri-nos de mil sau-
da - des e a - mor.
Côro
mf A deus, ter - ra de ven-
mf
tu - ras, pu-ro a - zul de lin - dos ceus!
cresc.
A - deus,
cresc.


, dim.
p
mon-tes, a - deus, pra - dos, a - deus, ni - nho a-deus a - deus !
dim.
pp
deus ! A - deus ! A - deus, a - deus ! A -
p
ppp
deus ! A-deus ! A - deus, a - deus !
pp
ppp

A Partida das Andorinhas

Em bandos as andorinhas
Volitam na cathedral:
Partir vão todas em breve
Da amada terra natal.

Um berço feito de encantos
Deixar não podem sem dôr:
Por isso rompem em trinos
De mil saudades e amor.

CORO: Adeus, terra de venturas,
Puro azul de lindos ceus!
Adeus, montes; adeus, prados . . .
Adeus, ninho! Adeus, adeus! . . .

E nesse adeus tão mavioso,
Que d'alma, sentido, sai,
Lhes morre em sombra a alegria,
Prazer e esp'rança se esvai.

Ai! quantas vão, que não voltam
Aos ninhos seus, em que mil
Lembranças deixam de affecto,
Saudades vivas de abril...

Adeus, etc.

Ai! quantas ficam nas ondas
Sem as poderem vencer!
Que, sobre as águas dos mares,
É' só voar ou morrer!

Se alento perdem um'hora,
Sós, entre pelago e ceus,
Lá se perdem na voragem,
Lá morrem nos escarceus!

Adeus, etc.

Os ais mais tristes já soltam,
Uns ais de fundo sentir.
Um guia desfere o vôo...
Lá vae o bando fugir!...

Partiu o bando formoso
Ares em fóra voou.
Porém do ninho de infância
Saudade eterna levou.

Adeus, etc.

S. Fiel, maio de 1902.

Antonio Ferrão
Ernesto Hintze Ribeiro Nunes
Joaquim d'Oliveira Sousa Lopes
José do Patrocinio Dias Presunto
Licinio Cantharino Lima e Costa

6. AVE, MARIA!

(DUO)

Andante **P. F. da Costa Pereira**

Piano

Vozes

p No si - no da fre - gue - zi - a

p

trés ba-da - la-das ou - vi! So-bre a ter - ra hu-mi-da e

fri - a, de jo - e - lhos mes - mo a - qui! No

si - no da fre - gue - zi - a, três ba - da - la - das ou-

f

f

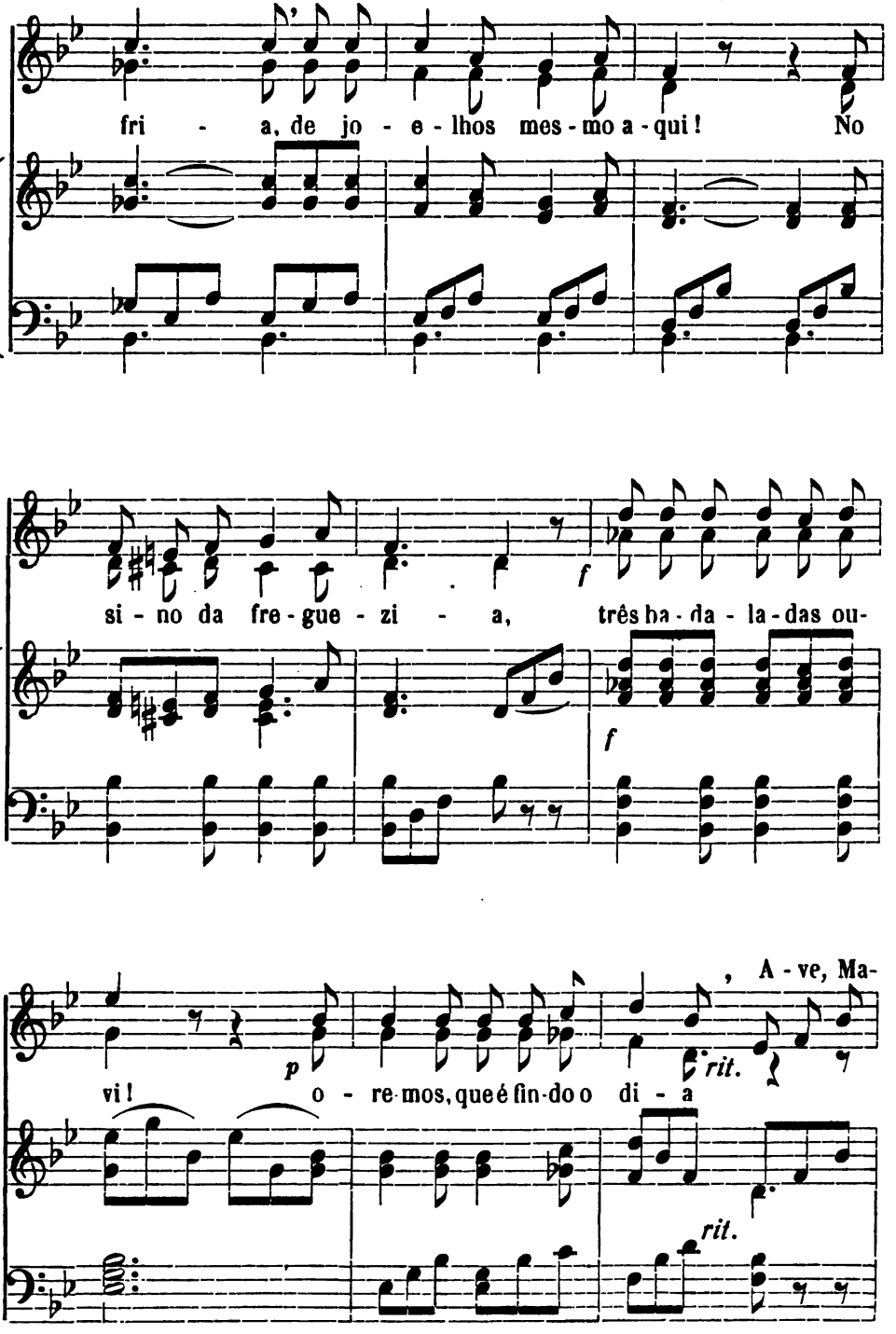
vi! o - re - mos, que é fin - do o di - a

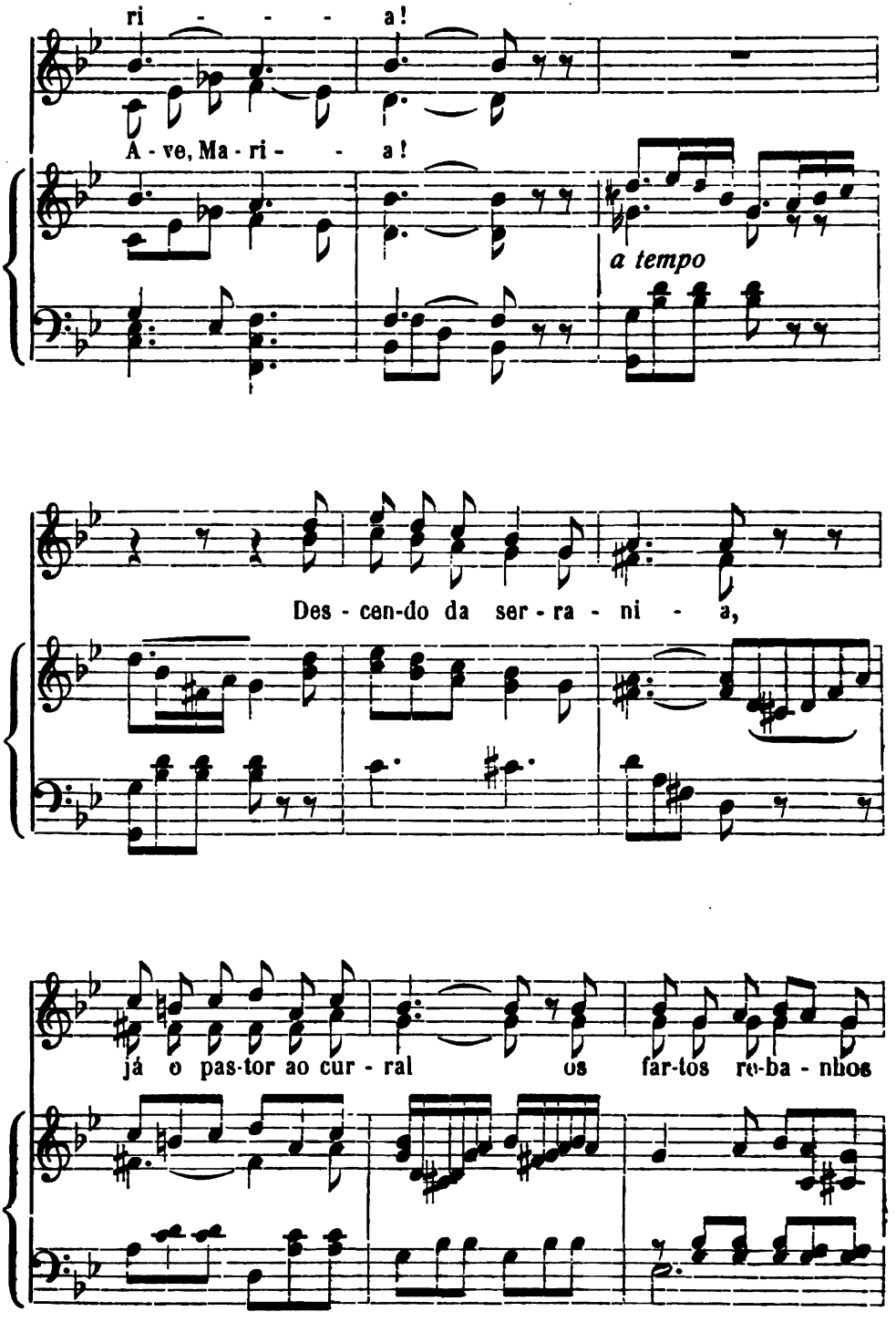
p

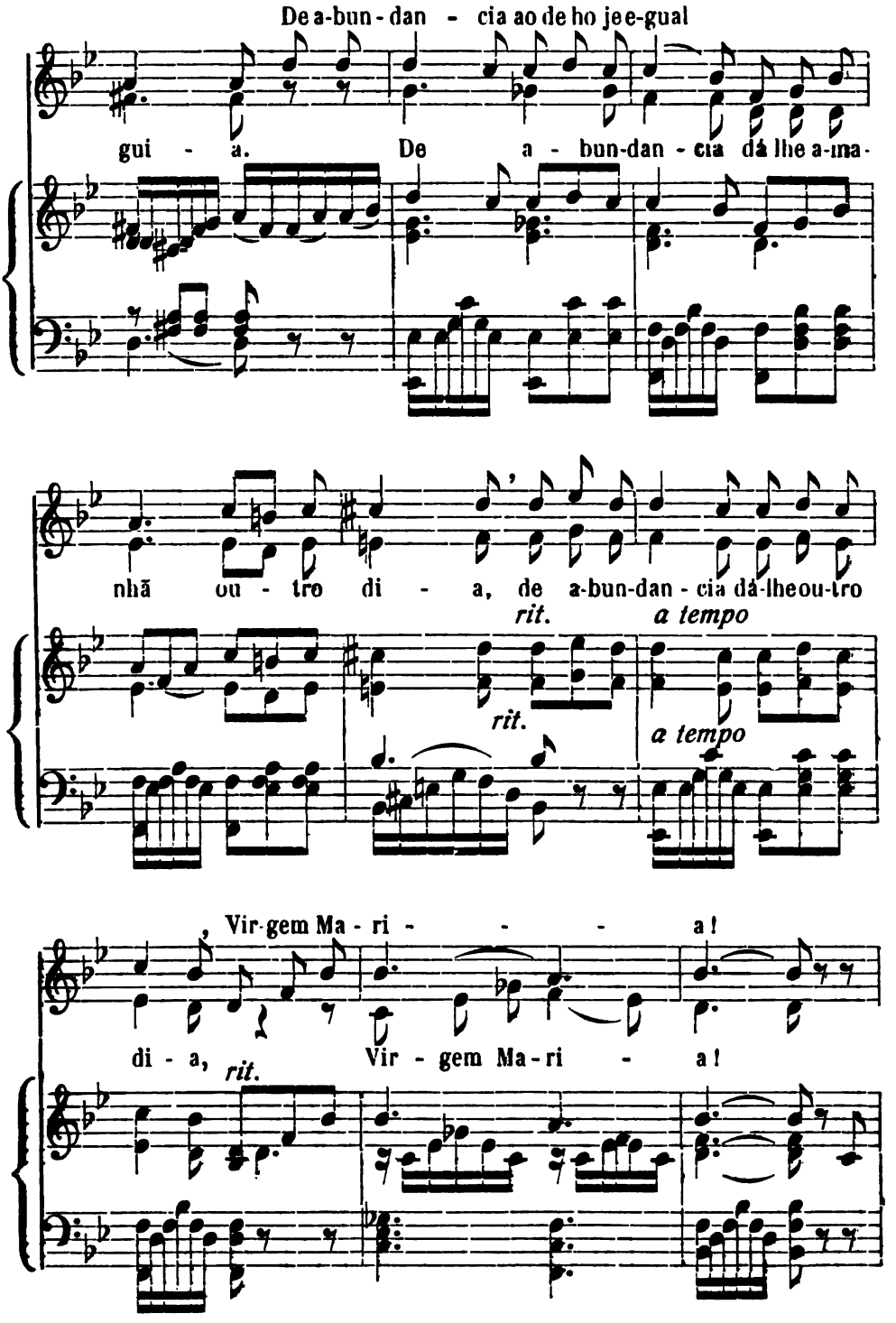
rit.

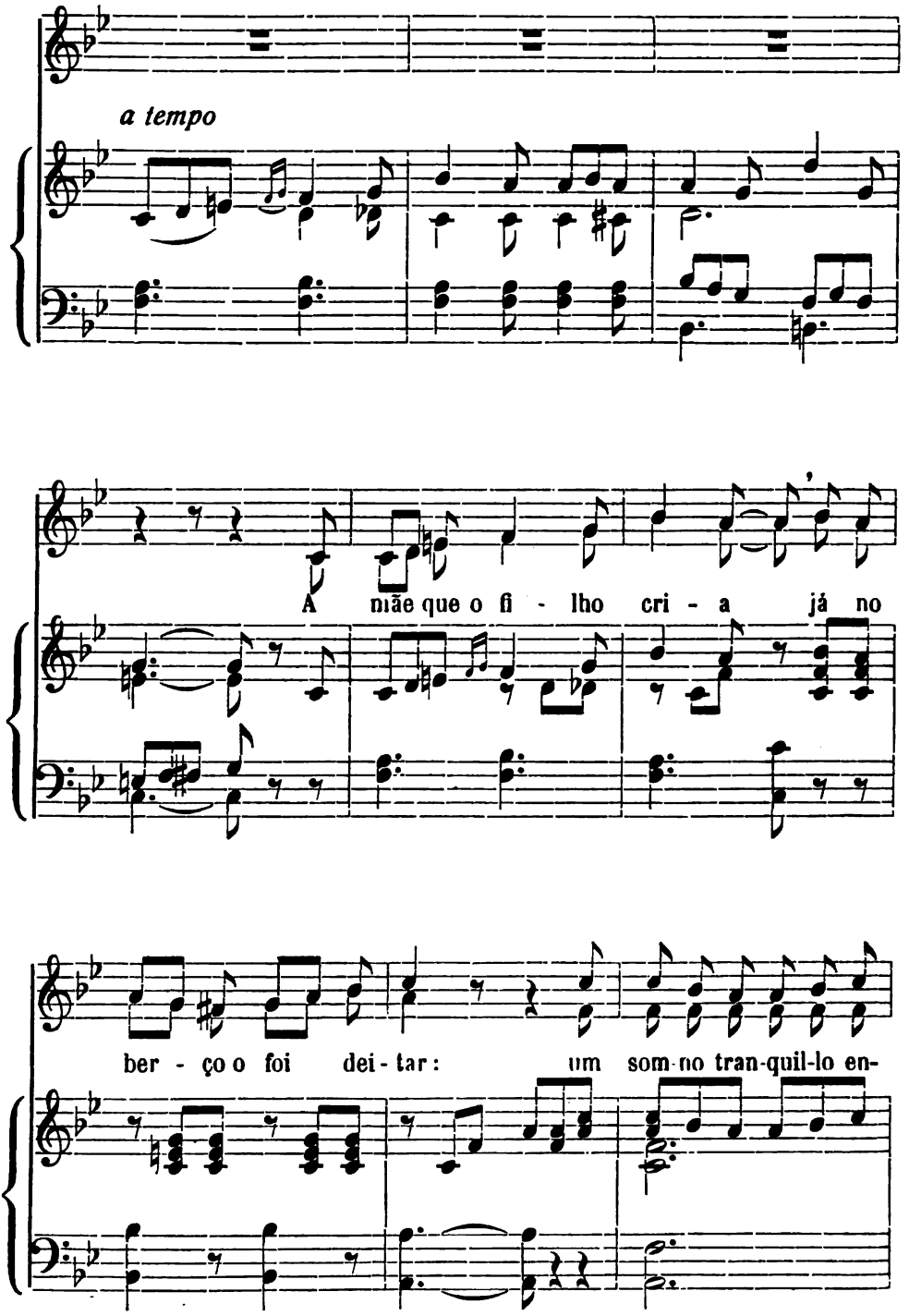
, A - ve, Ma-

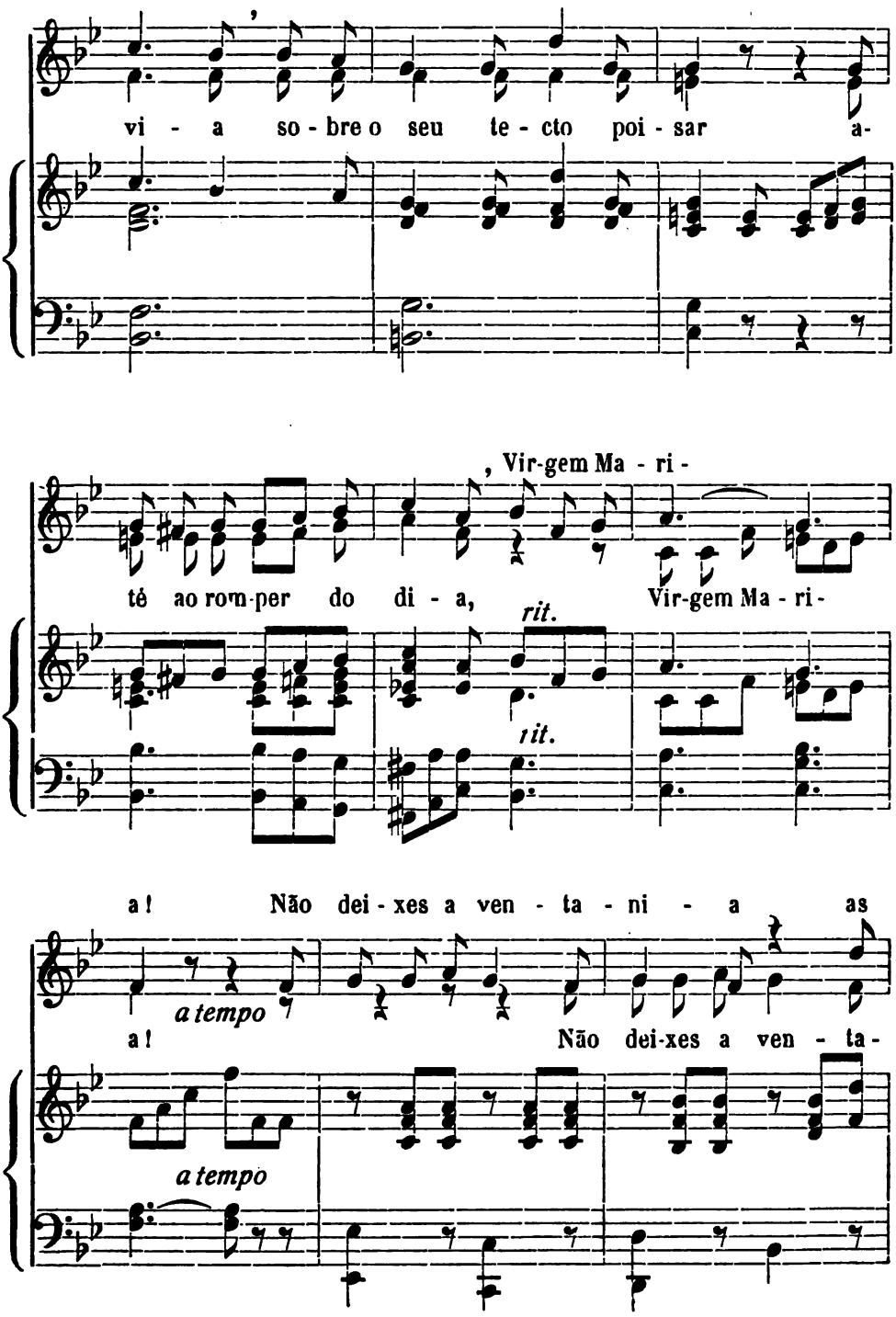
rit.

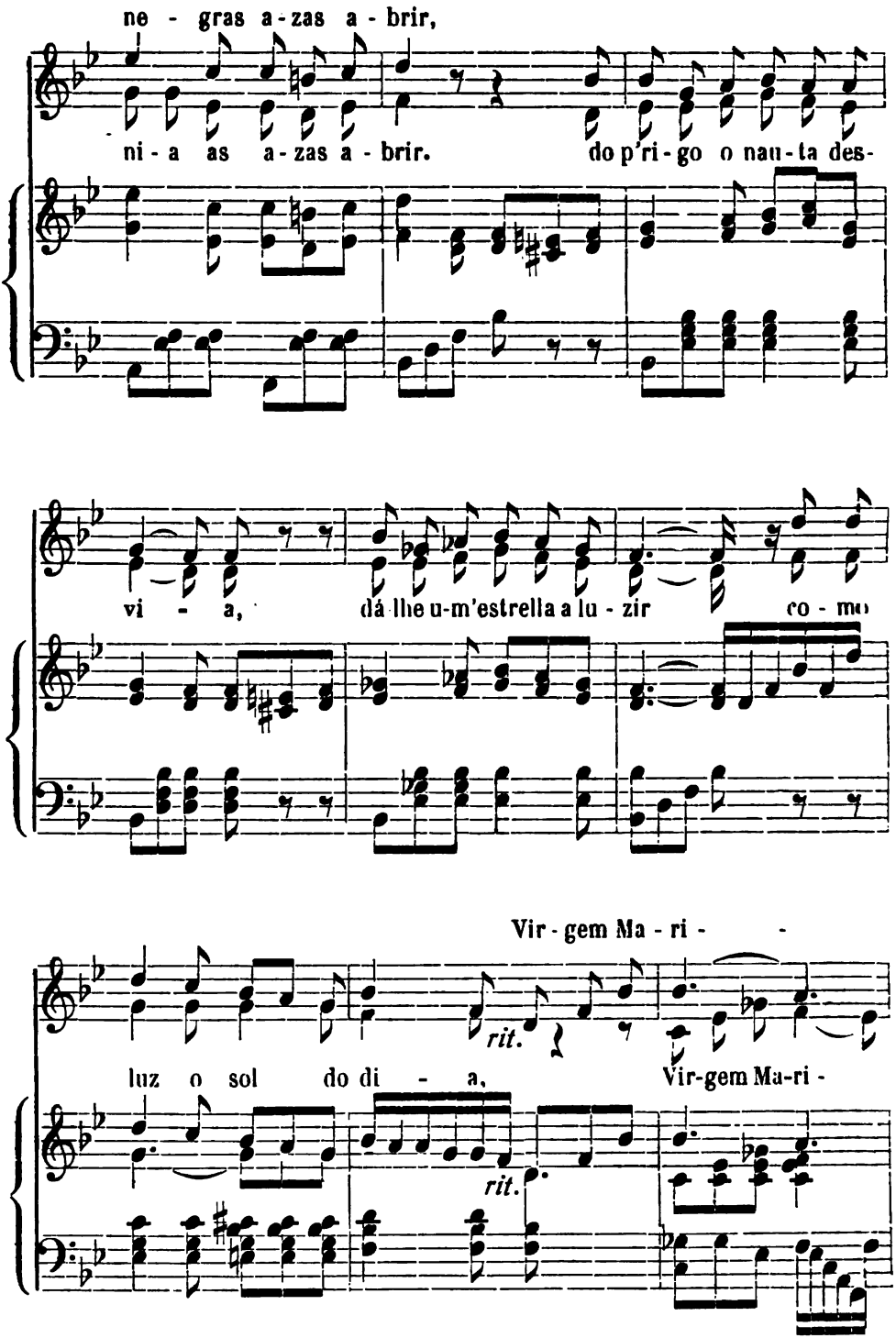


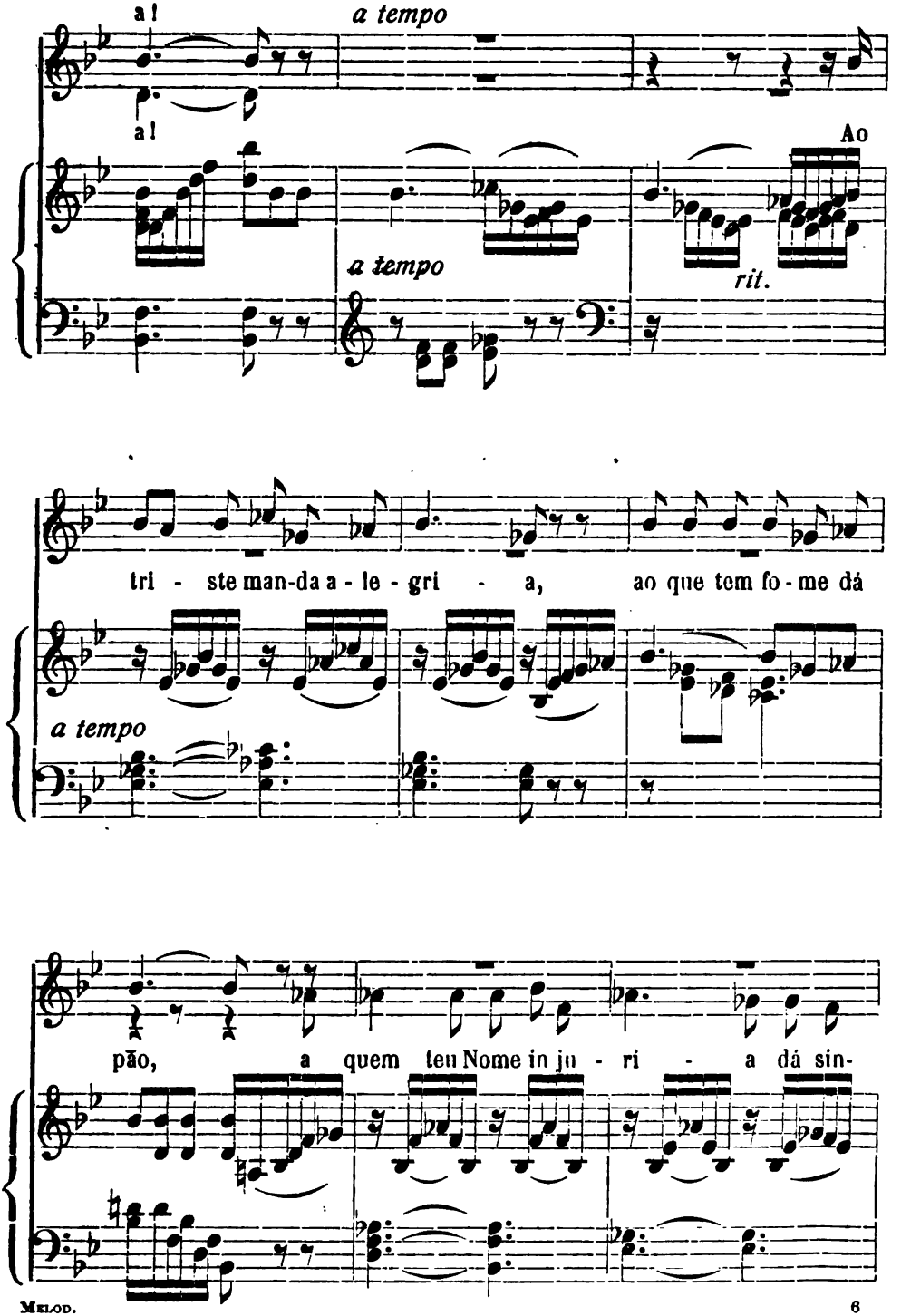

ri - - - a!
A - ve, Ma - ri - - a!
a tempo
Des - cen-do da ser - ra - ni - a,
já o pas-tor ao cur - ral os far-tos re-ba - nhos

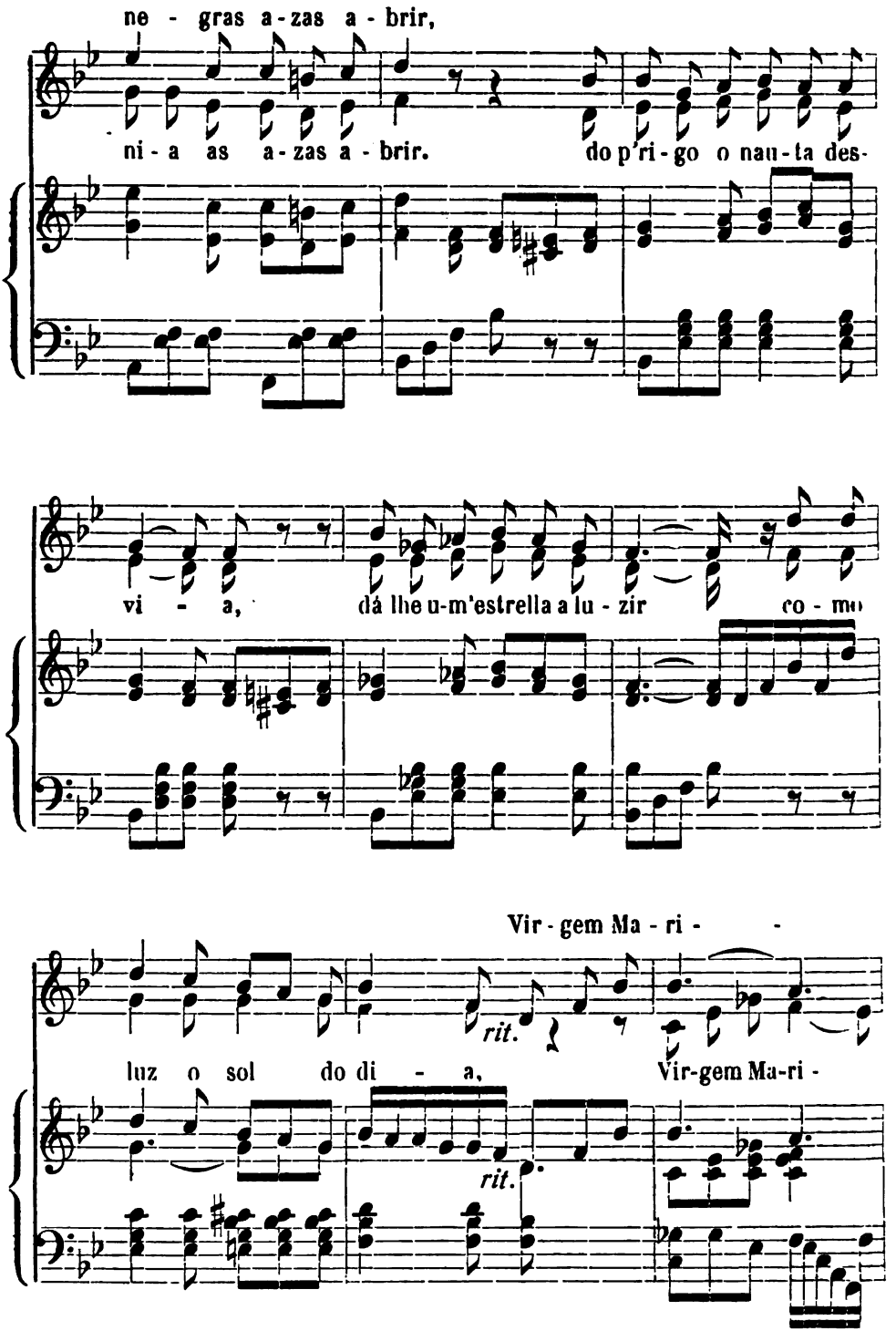

De a-bun-dan - cia ao de ho jee-gual
gui - a. De a - bun-dan - cia dá lhe a-ma-
nhã ou - tro di - a, de a-bun-dan - cia dá-lheou-tro
rit.
a tempo
rit.
a tempo
, Vir-gem Ma - ri - - - a!
di - a, rit. Vir - gem Ma-ri - a!

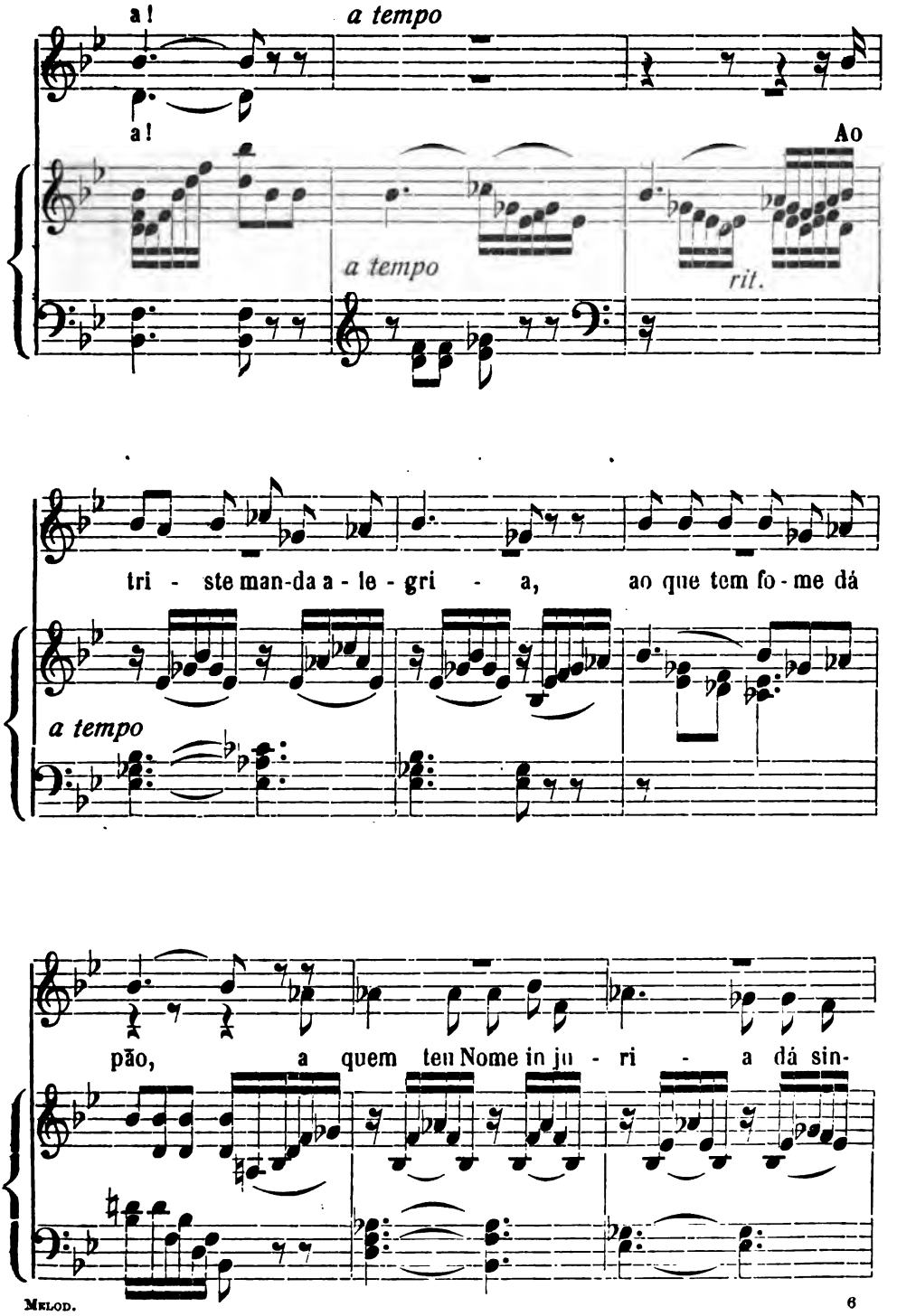

a tempo
A mãe que o fi - lho cri - a já no
ber - ço o foi dei - tar: um som-no tran-quil-lo en-

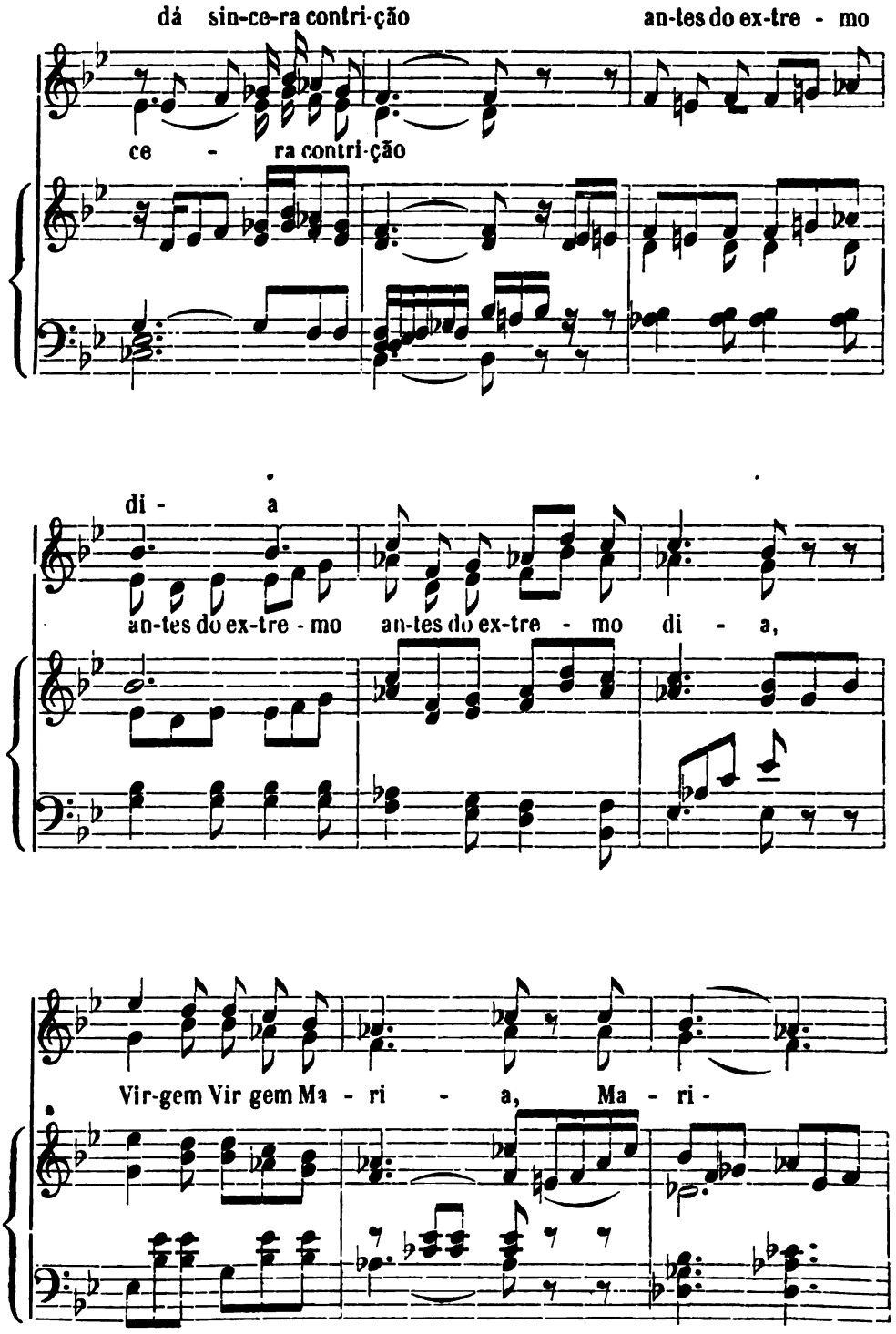

vi - a so - bre o seu te - cto poi - sar a-
, Vir-gem Ma - ri -
té ao rom-per do di - a, Vir-gem Ma - ri -
rit.
rit.
a! Não dei - xes a ven - ta - ni - a as
a tempo
a! Não dei-xes a ven - ta -
a tempo

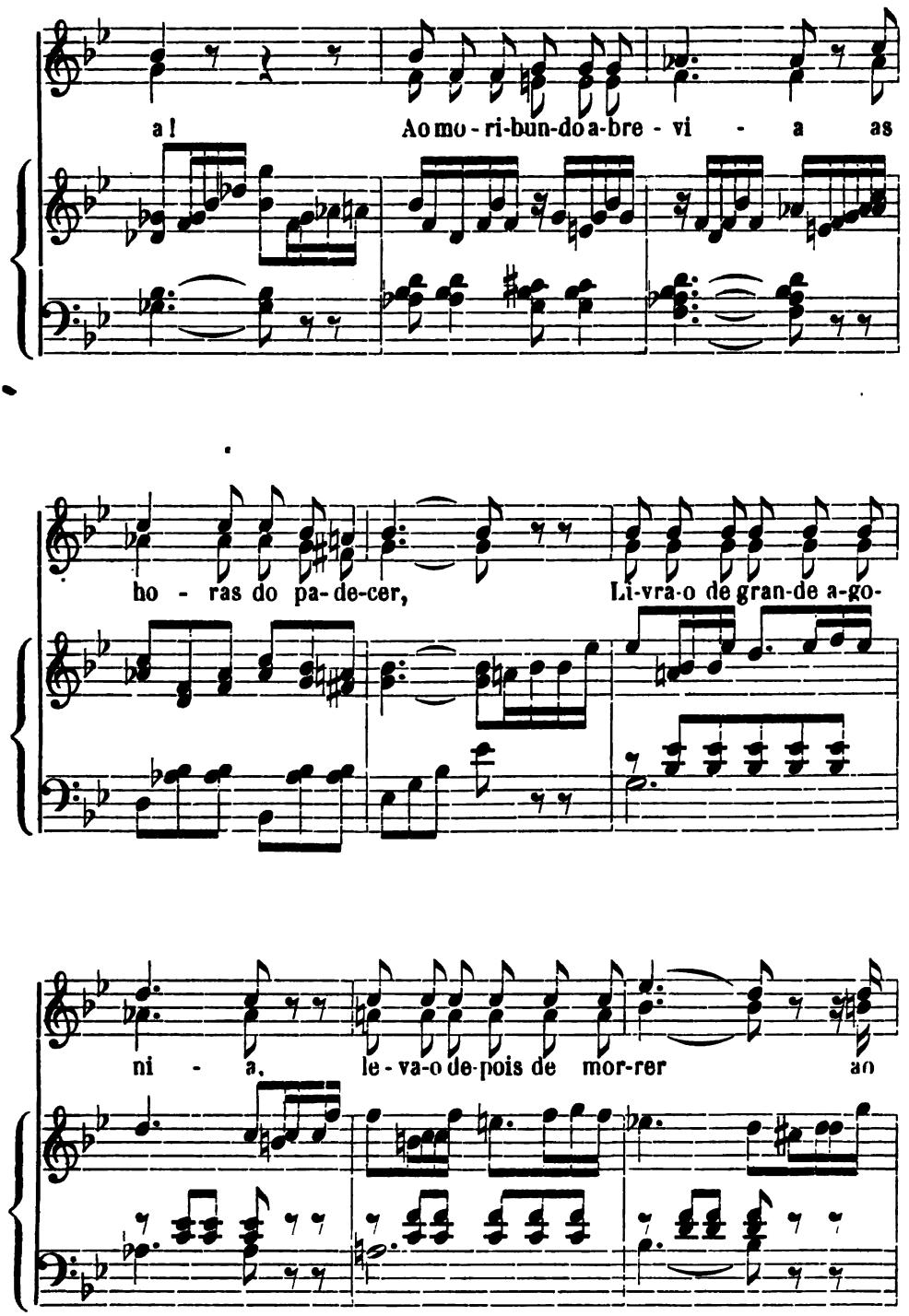

ne - gras a - zas a - brir,
ni - a as a - zas a - brir.
do p'ri - go o nau - ta des -
vi - a,
dá lhe u-m'estrella a lu - zir
co - mo
Vir - gem Ma - ri -
rit.
luz o sol do di - a,
Vir-gem Ma-ri -
rit.

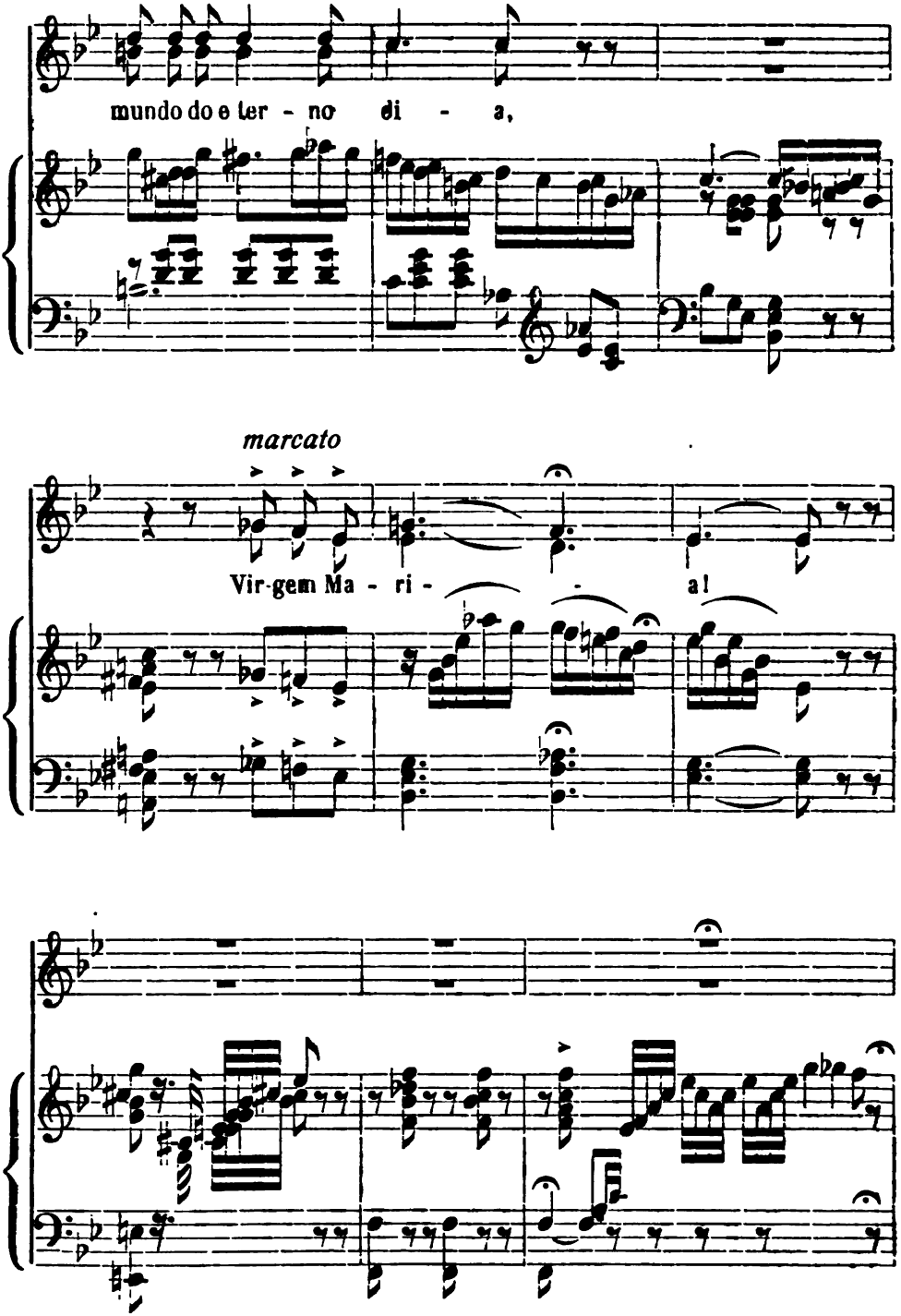

a!
a tempo
a!
Ao
a tempo
rit.
tri - ste man-da a - le - gri - a, ao que tem fo - me dá
a tempo
pão, a quem teu Nome in ju - ri - a dá sin-

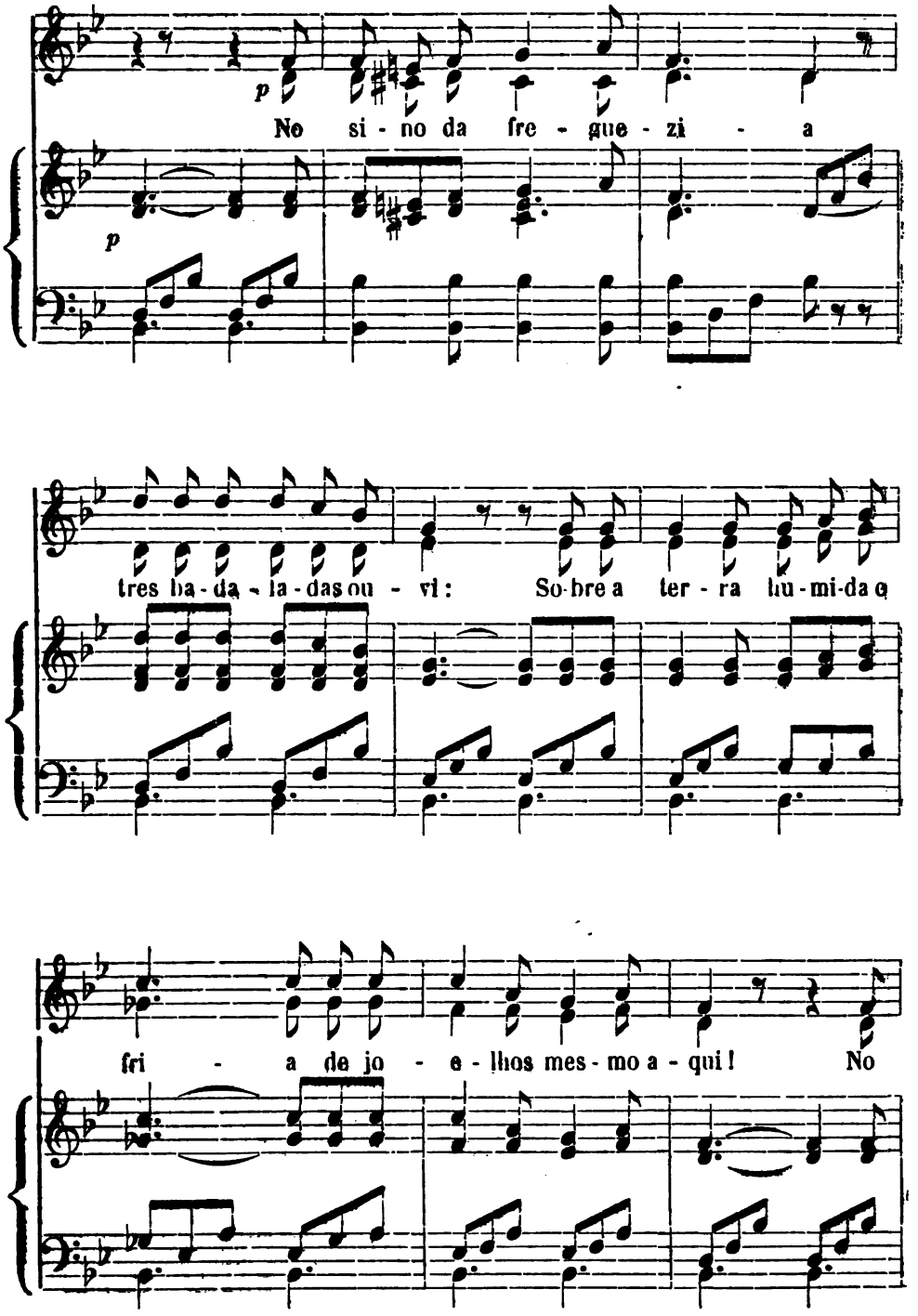

ne - gras a - zas a - brir,
ni - a as a - zas a - brir.
do p'ri - go o nau - ta des -
vi - a,
dá lhe u-m'estrella a lu - zir
co - mo
Vir - gem Ma - ri -
rit.
luz o sol do di - a,
Vir-gem Ma-ri -
rit.

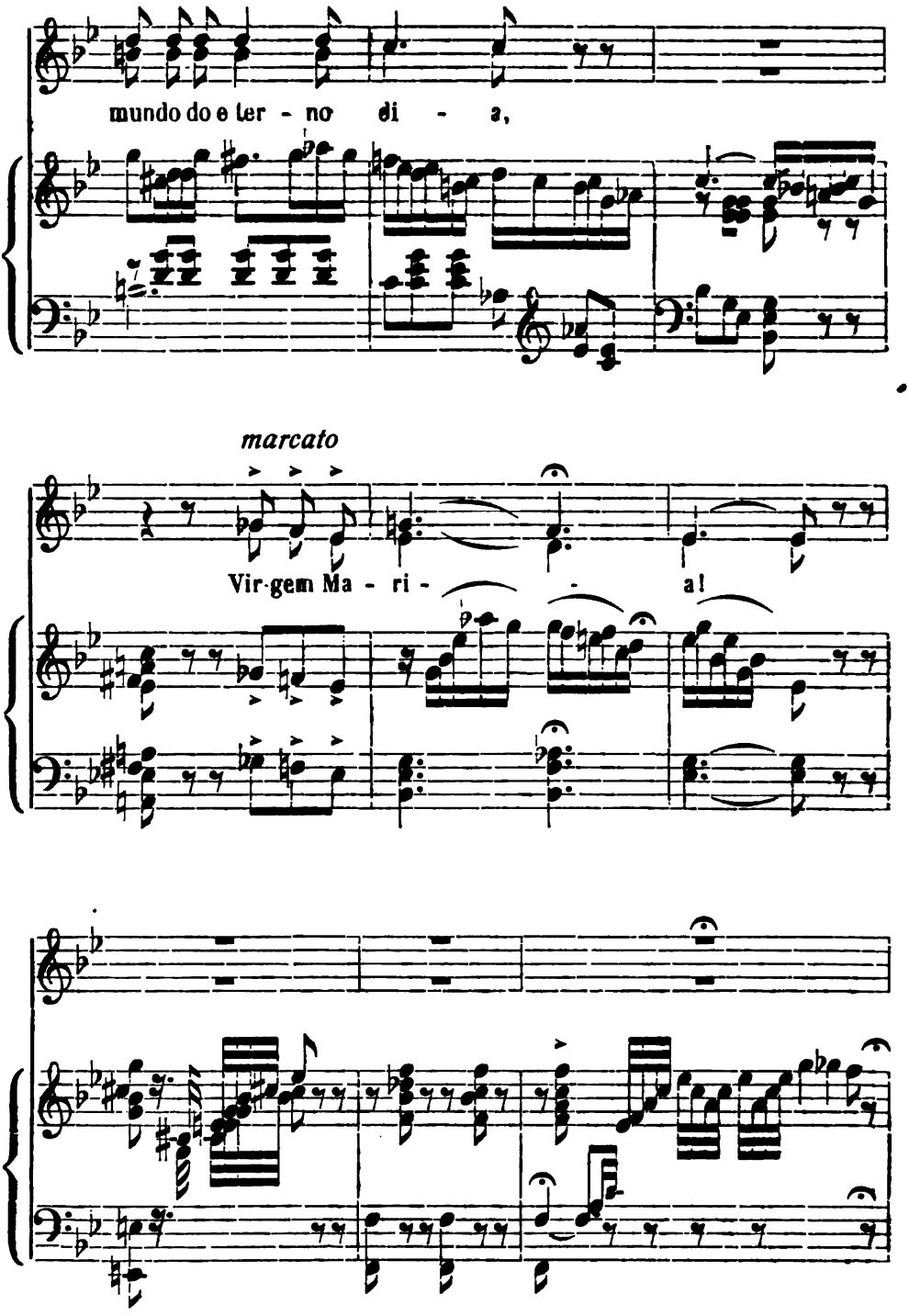

a!
a tempo
a!
Ao
a tempo
rit.
tri - ste man-da a - le - gri - a, ao que tem fo - me dá
a tempo
pão, a quem teu Nome in ju - ri - a dá sin-

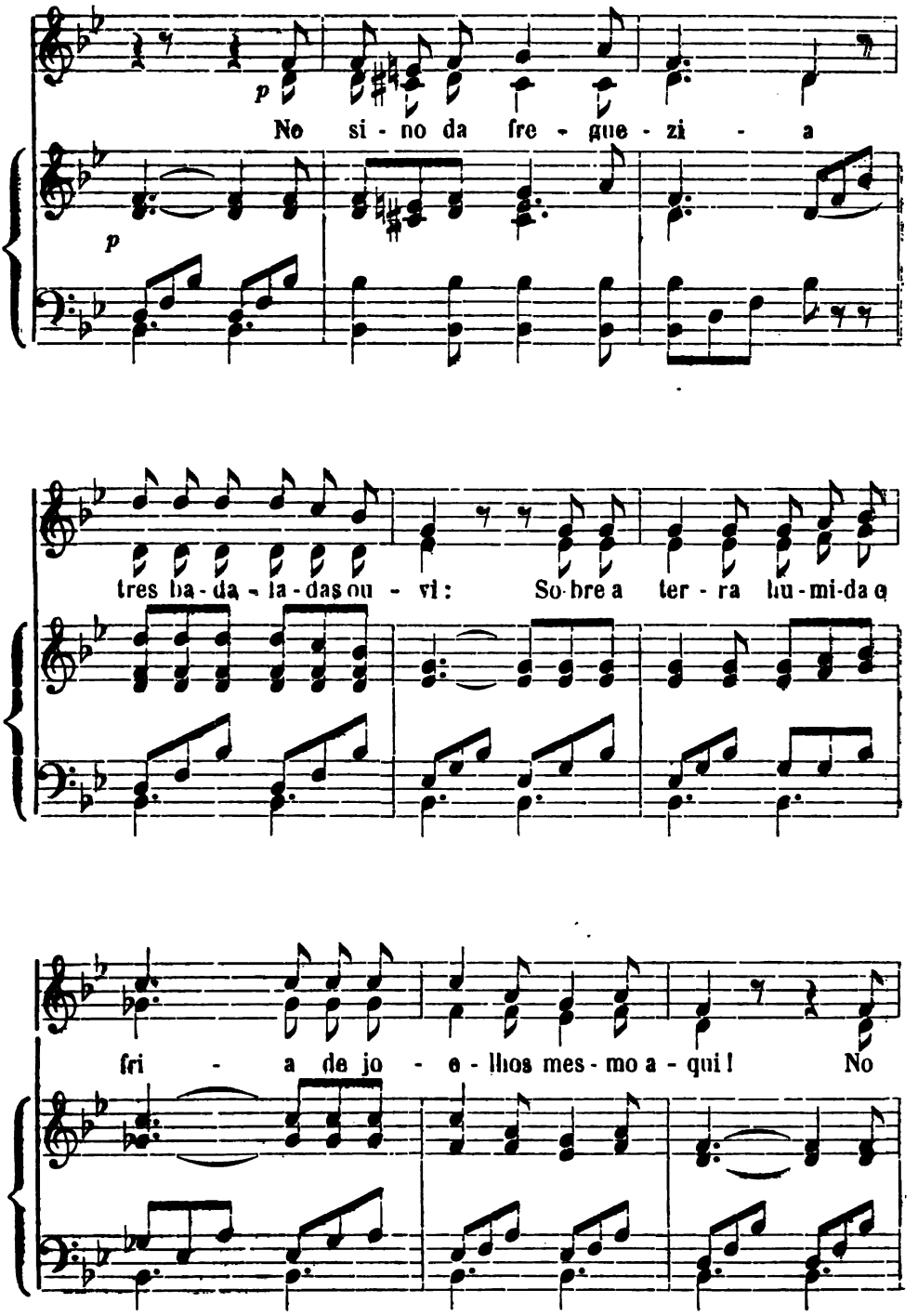

dá sin-ce-ra contri-ção
an-tes do ex-tre - mo
ce - ra contri-ção
di - a
an-tes do ex-tre - mo
an-tes do ex-tre - mo
di - a,
Vir-gem Vir gem Ma - ri - a,
Ma - ri -

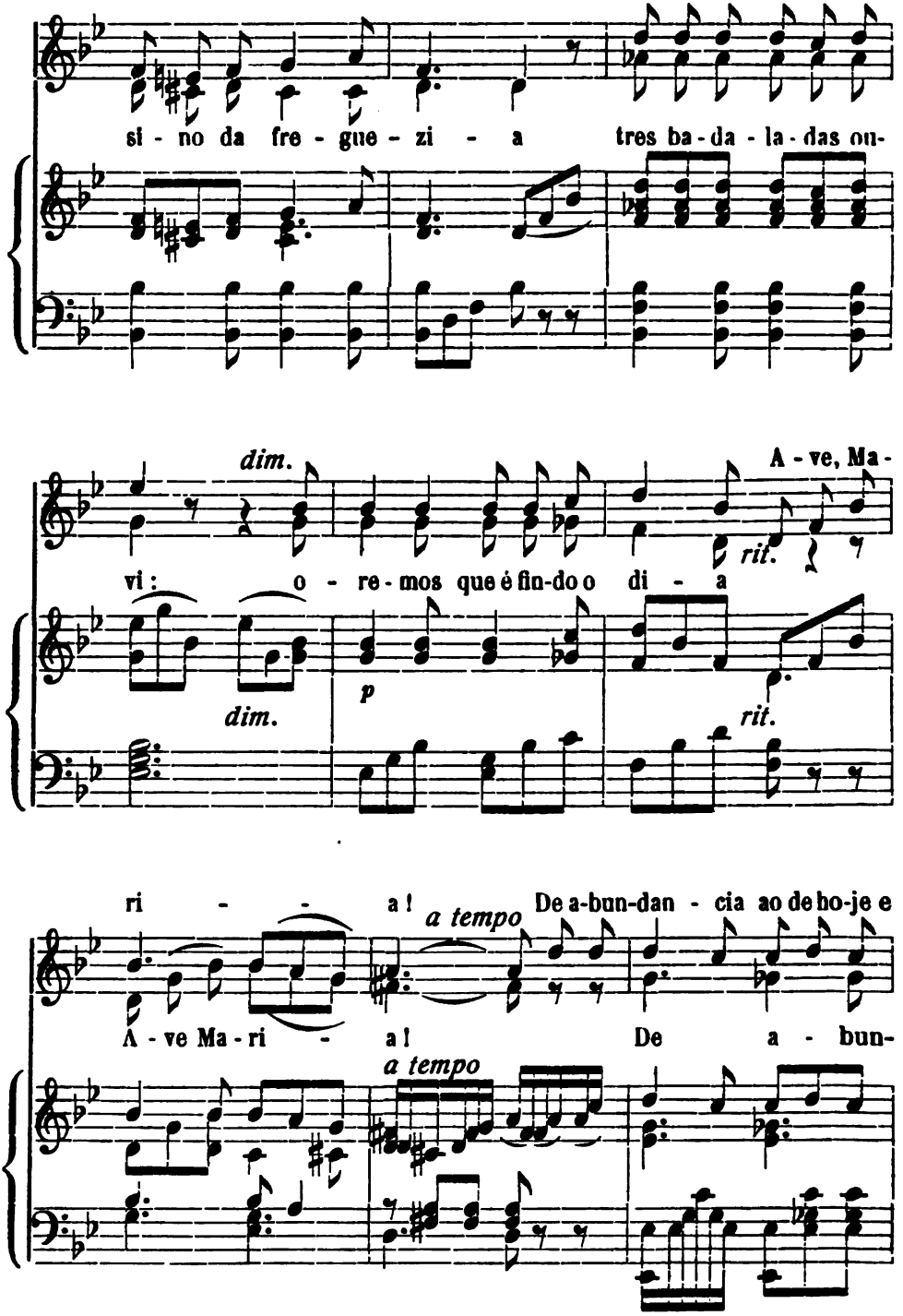

a!
Ao mo - ri-bun-do a-bre - vi - a as
ho - ras do pa-de-cer,
Li-vra-o de gran-de a-go-
ni - a,
le - va-o de-pois de mor-rer
ao

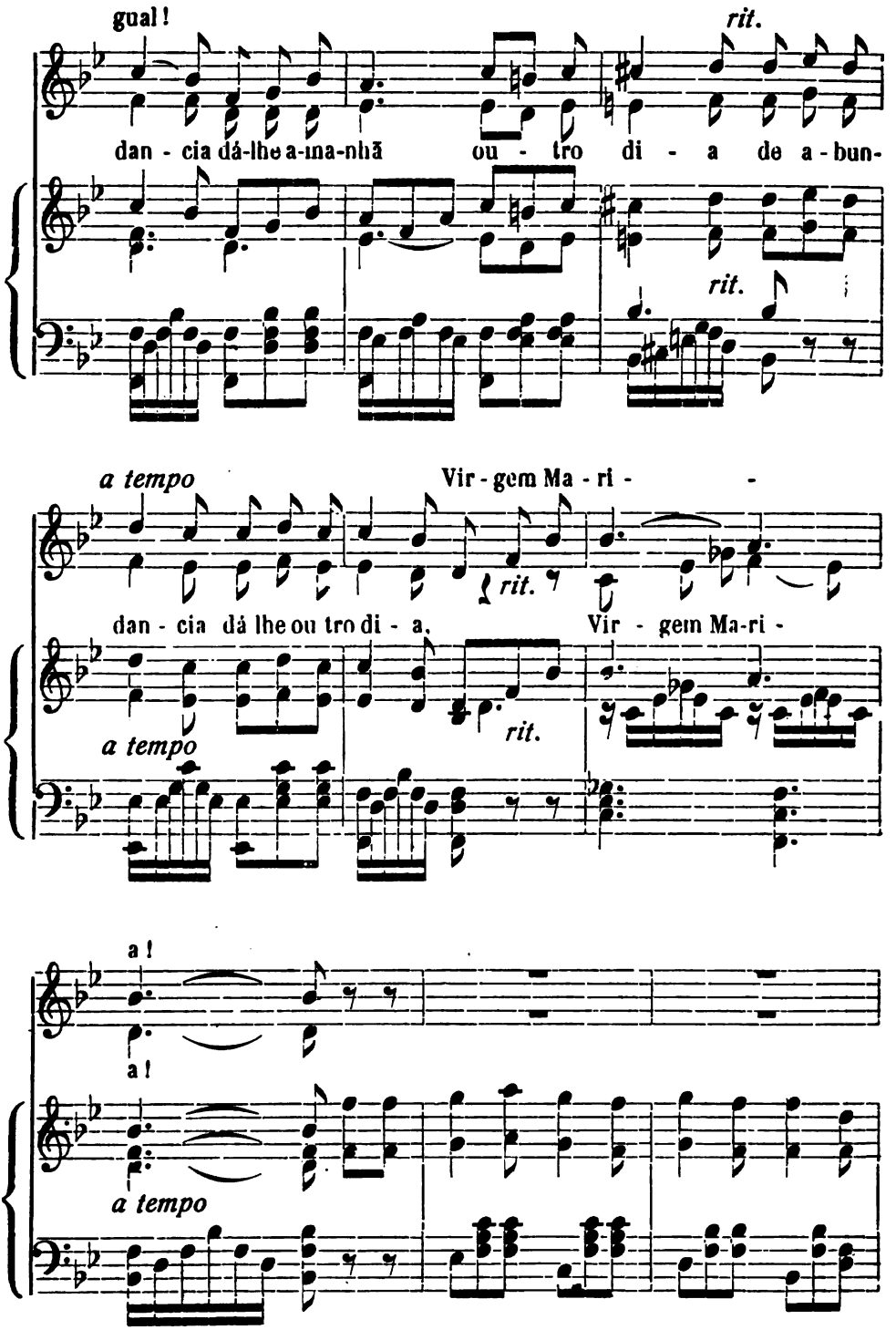

mundo do e ter - no di - a,
marcato
Vir-gem Ma - ri - - a!

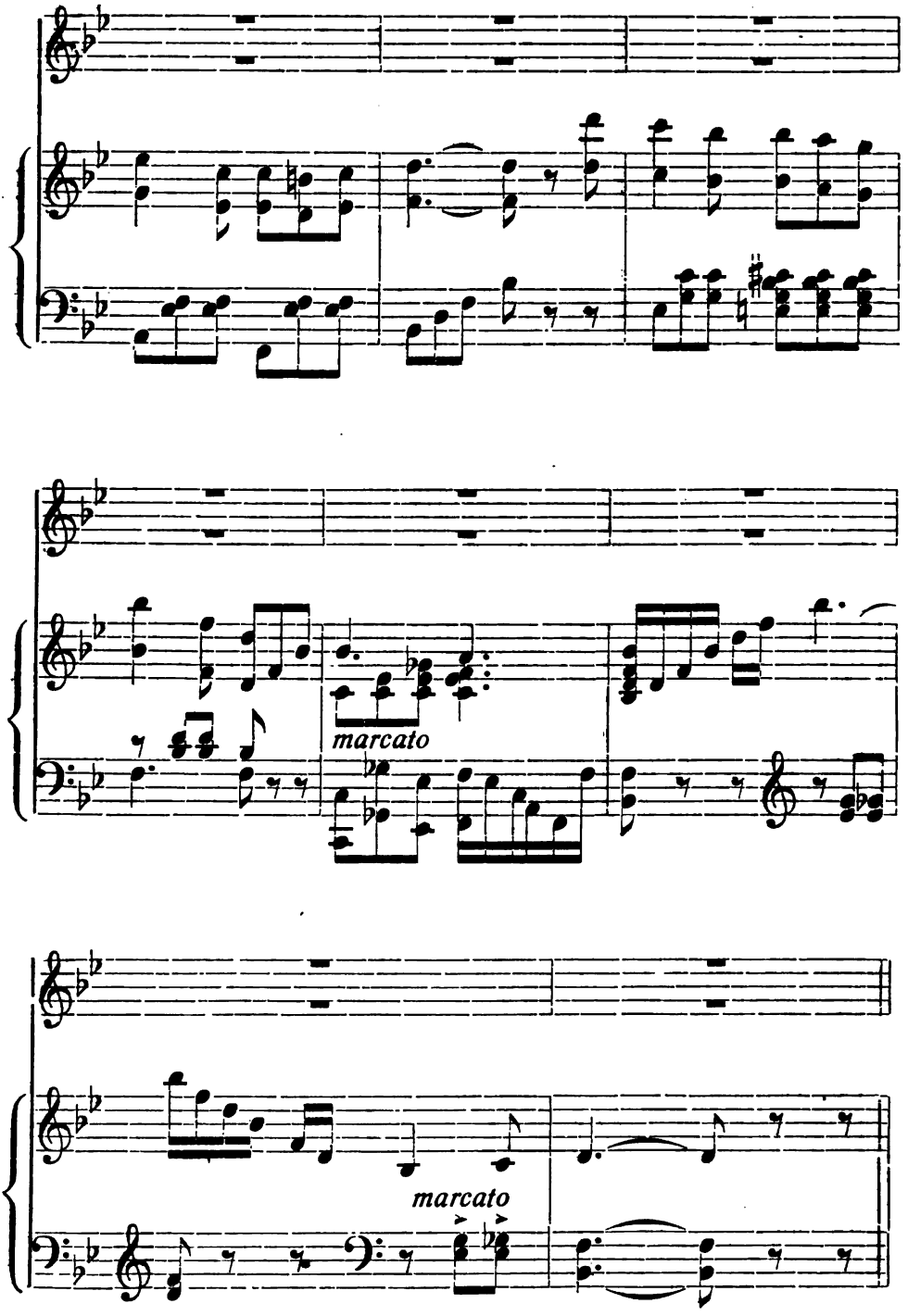

p
No si - no da fre - gue - zi - a
p
tres ba - da - la - das ou - vi: So-bre a ter - ra hu - mi-da e
fri - a de jo - e - lhos mes - mo a - qui! No


mundo do e ter - no di - a,
marcato
Vir-gem Ma - ri - - a!


No si - no da fre - gue - zi - a
tres ba - da - la - das ou - vi: So-bre a ter - ra hu - mi-da e
fri - a de jo - e - lhos mes - mo a - qui! No


si - no da fre - gue - zi - a tres ba - da - la - das ou-
dim.
A - ve, Ma -
vi: o - re - mos que é fin-do o di - a
rit.
dim.
p
rit.
ri - - a! De a-bun-dan - cia ao de ho-je e
a tempo
A - ve Ma - ri - a! De a - bun-
a tempo


gual!
rit.
dan - cia dá-lhe a-ma-nhã ou - tro di - a de a - bun-
rit.
a tempo
Vir - gem Ma - ri -
dan - cia dá lhe ou tro di - a. Vir - gem Ma-ri -
rit.
a tempo
a!
a!
a tempo


marcato
marcato

Ave, Maria!

No sino da freguezia
tres badaladas ouvi:
Sobre a terra humida e fria,
de joelhos, mesmo aqui,
oremos, que é findo o dia:
Ave, Maria!

Descendo da serrania
já o pastor ao curral
os fartos rebanhos guia;
de abundancia ao de hoje egual
dá-lhe ámanhã outro dia,
Virgem Maria!

A mãe que o filho cria
já no berço o vai deitar:
um somno tranquillo envia
sobre o seu tecto poisar
até ao romper do dia,
Virgem Maria!

Não deixes a ventania
as negras azas abrir:
do p'rigo o nauta desvia:
dá-lhe uma estrella a luzir,
como luz o sol do dia,
Virgem Maria!

Ao triste manda alegria:
ao que tem fome dá pão:
a quem Teu nome injuria
dá sincera contrição
antes do extremo dia,
Virgem Maria!

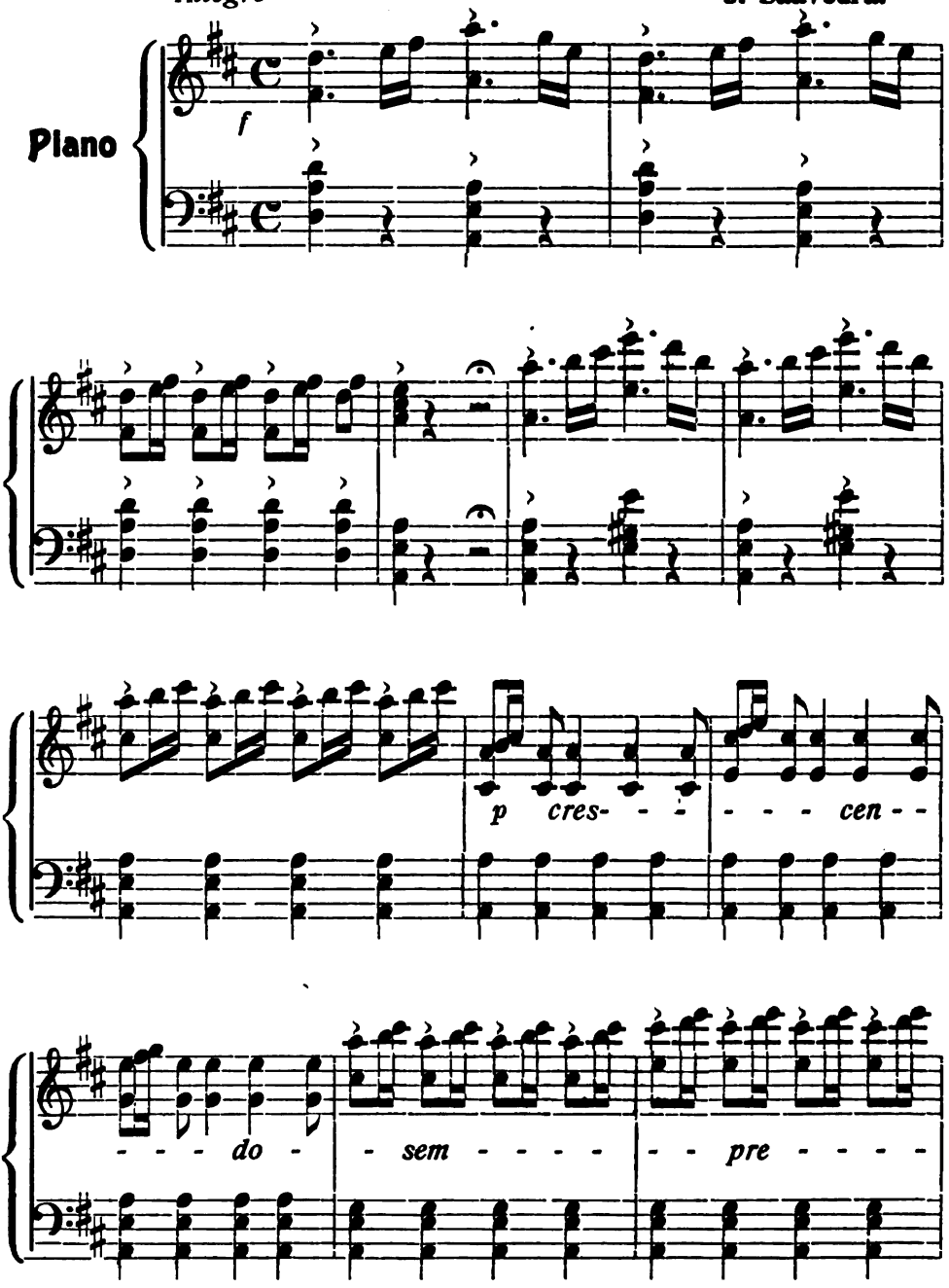
Ao moribundo abrevia
as horas do padecer:
livra-o de grande agonia:
leva-o depois de morrer
ao mundo do eterno dia,
Virgem Maria!

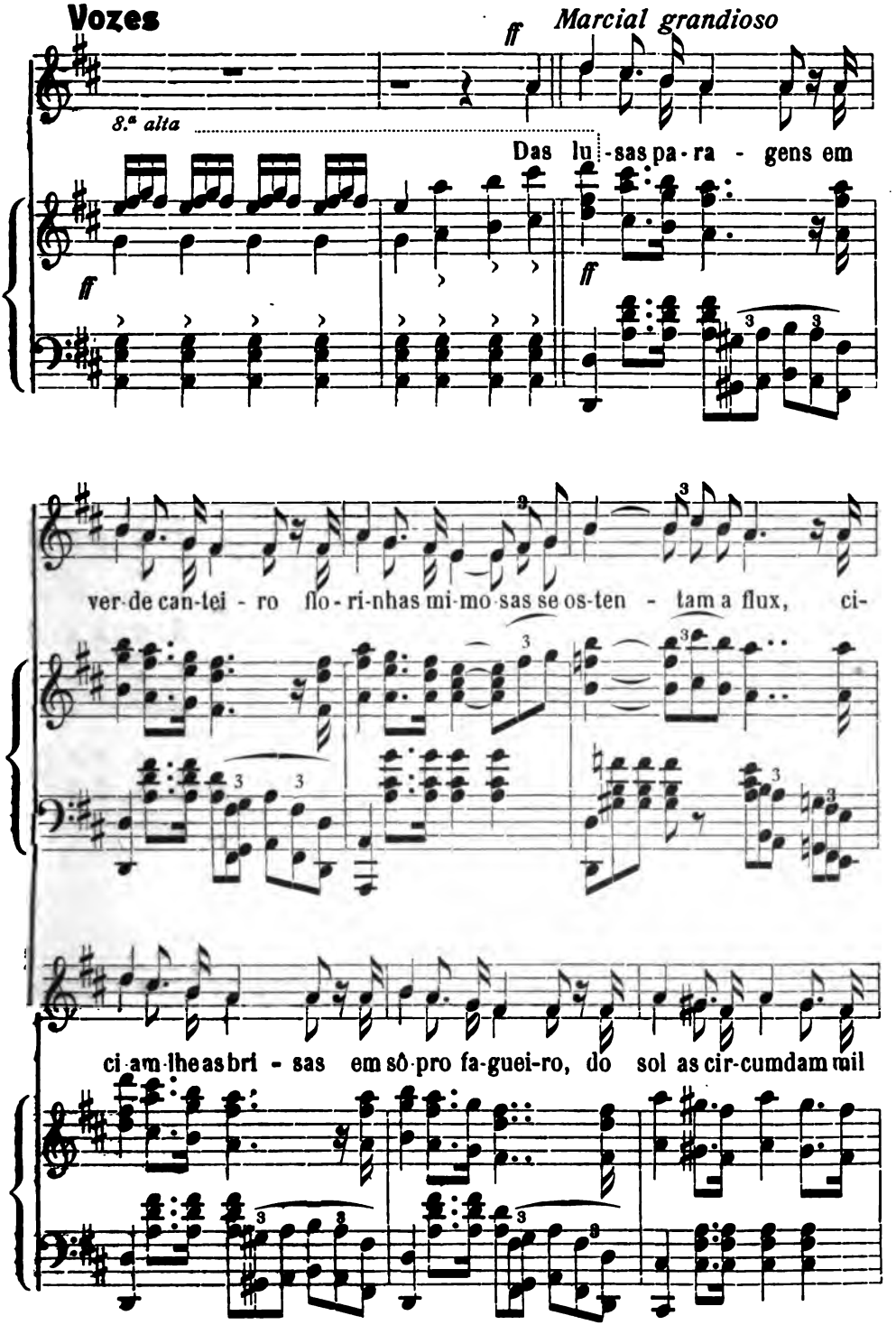
F. Palha.

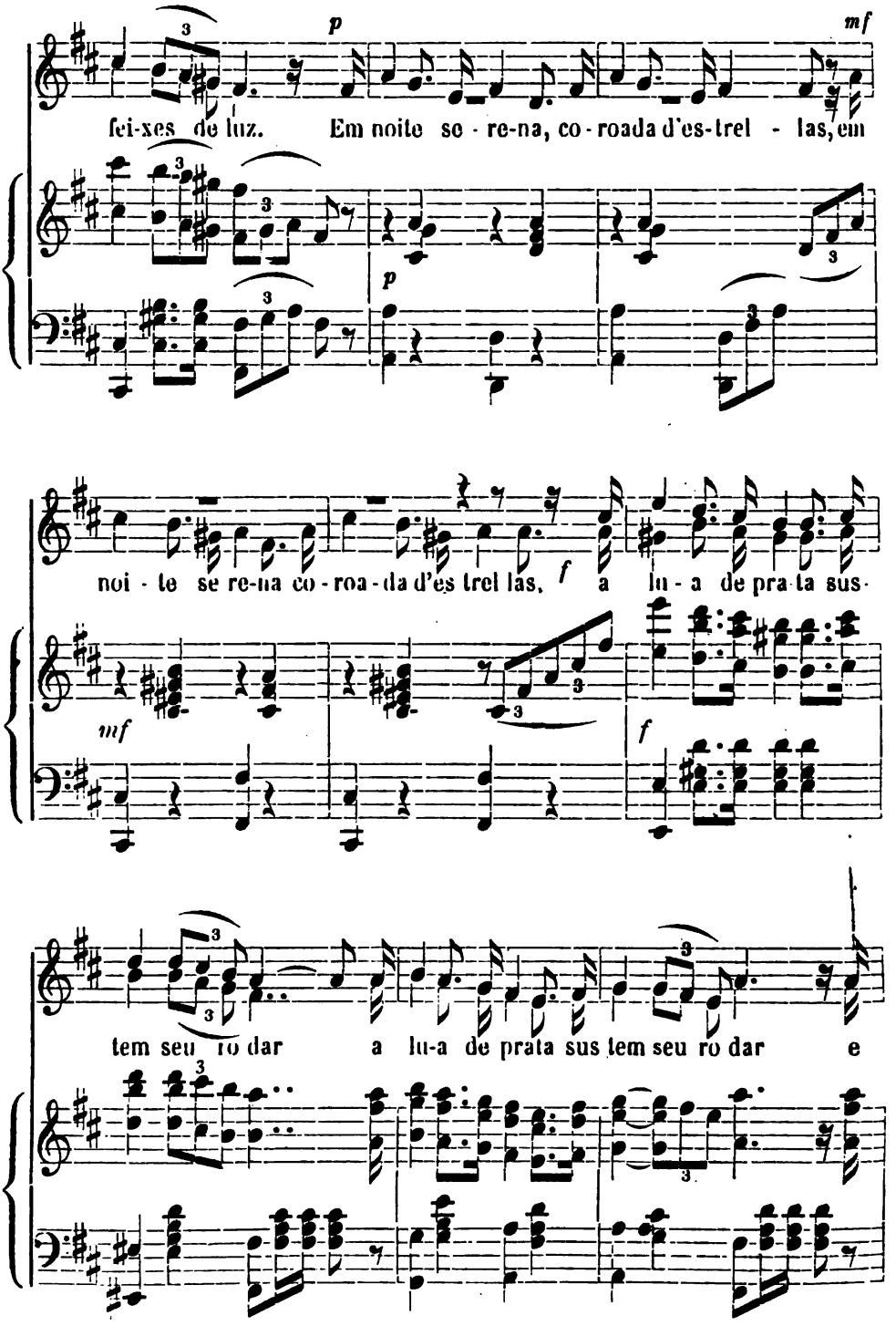
7. HYMNO-CANTATA

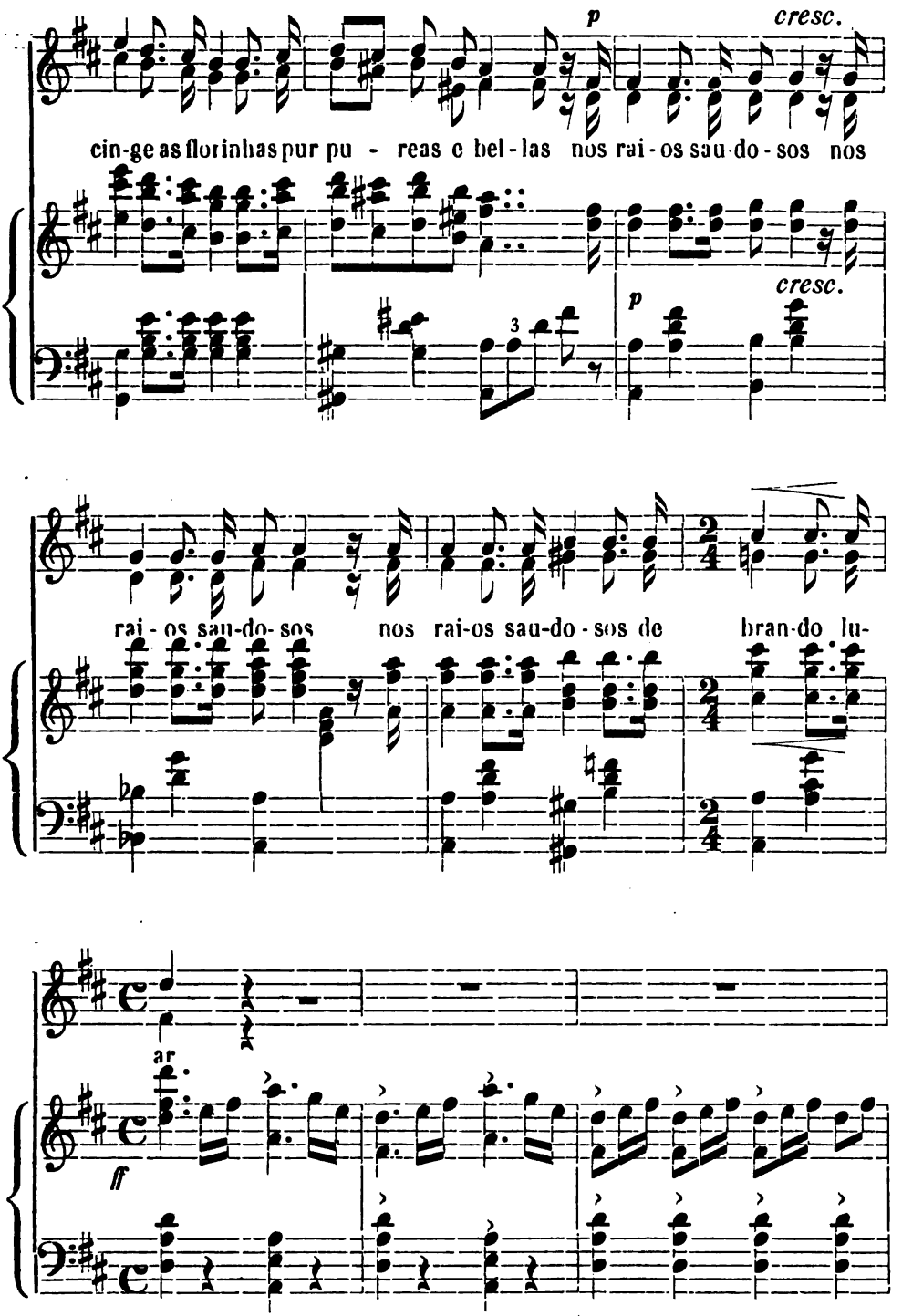
(COLLEGIO DE S. FIEL)

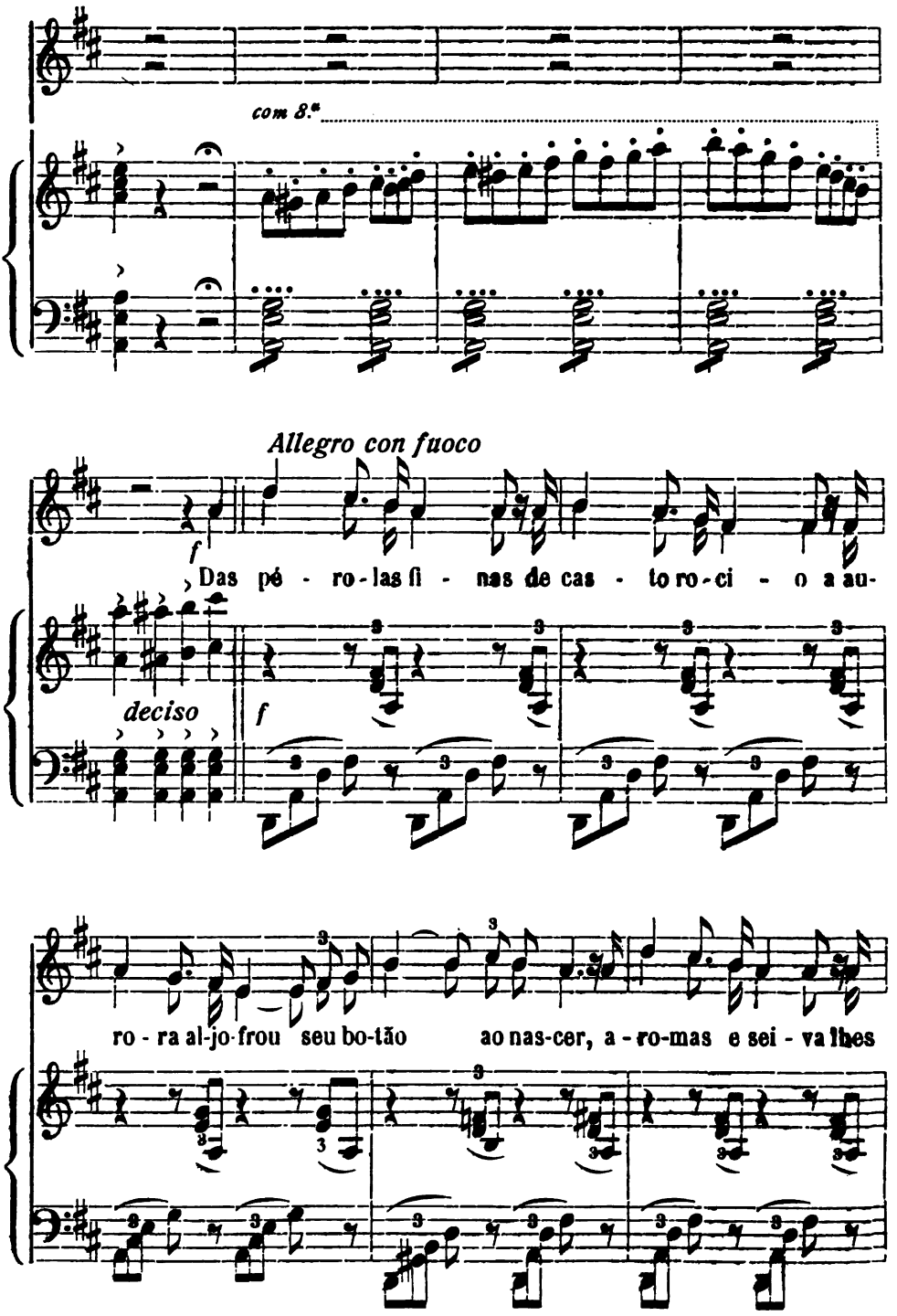
Allegro **J. Saavedra.**

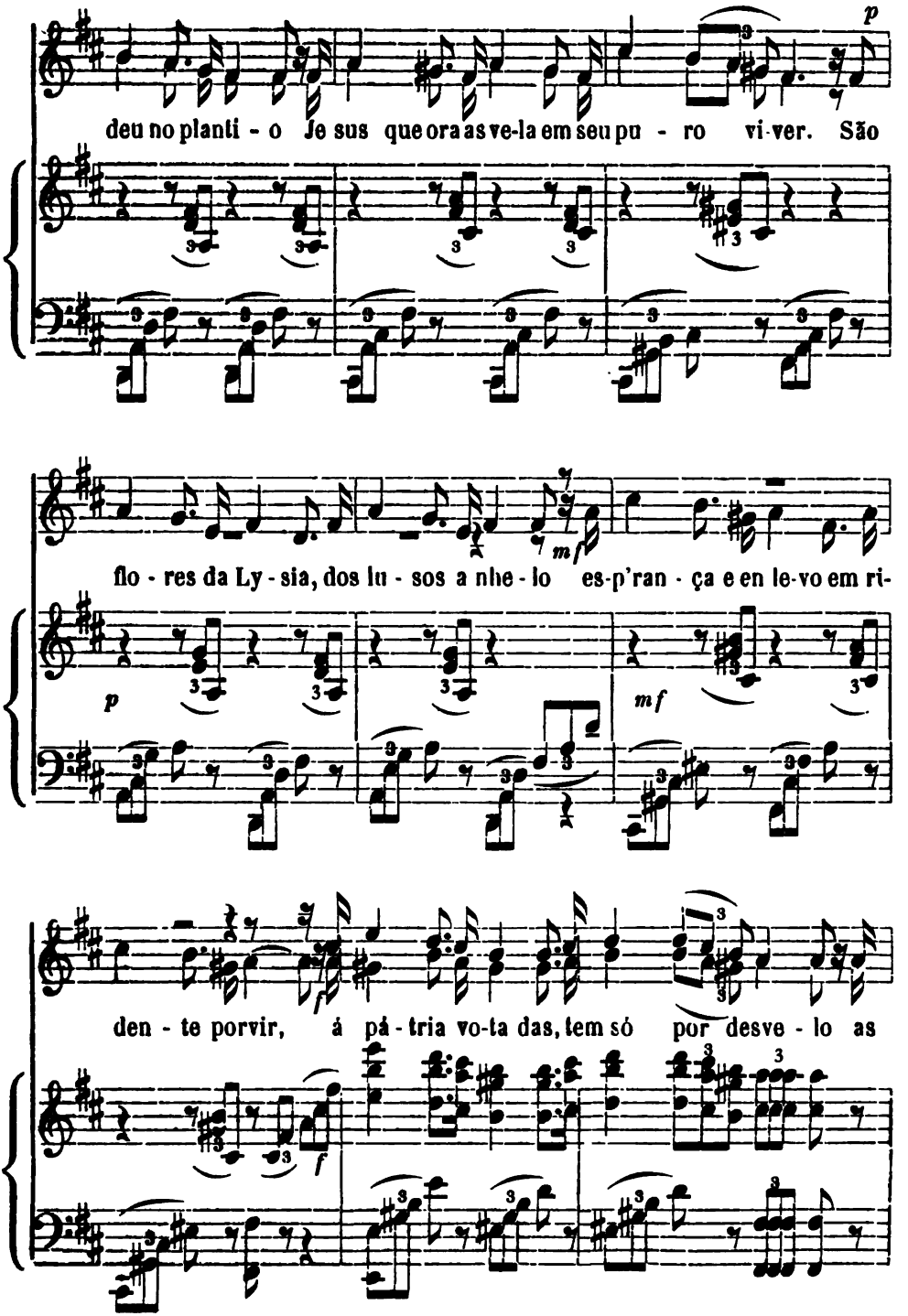


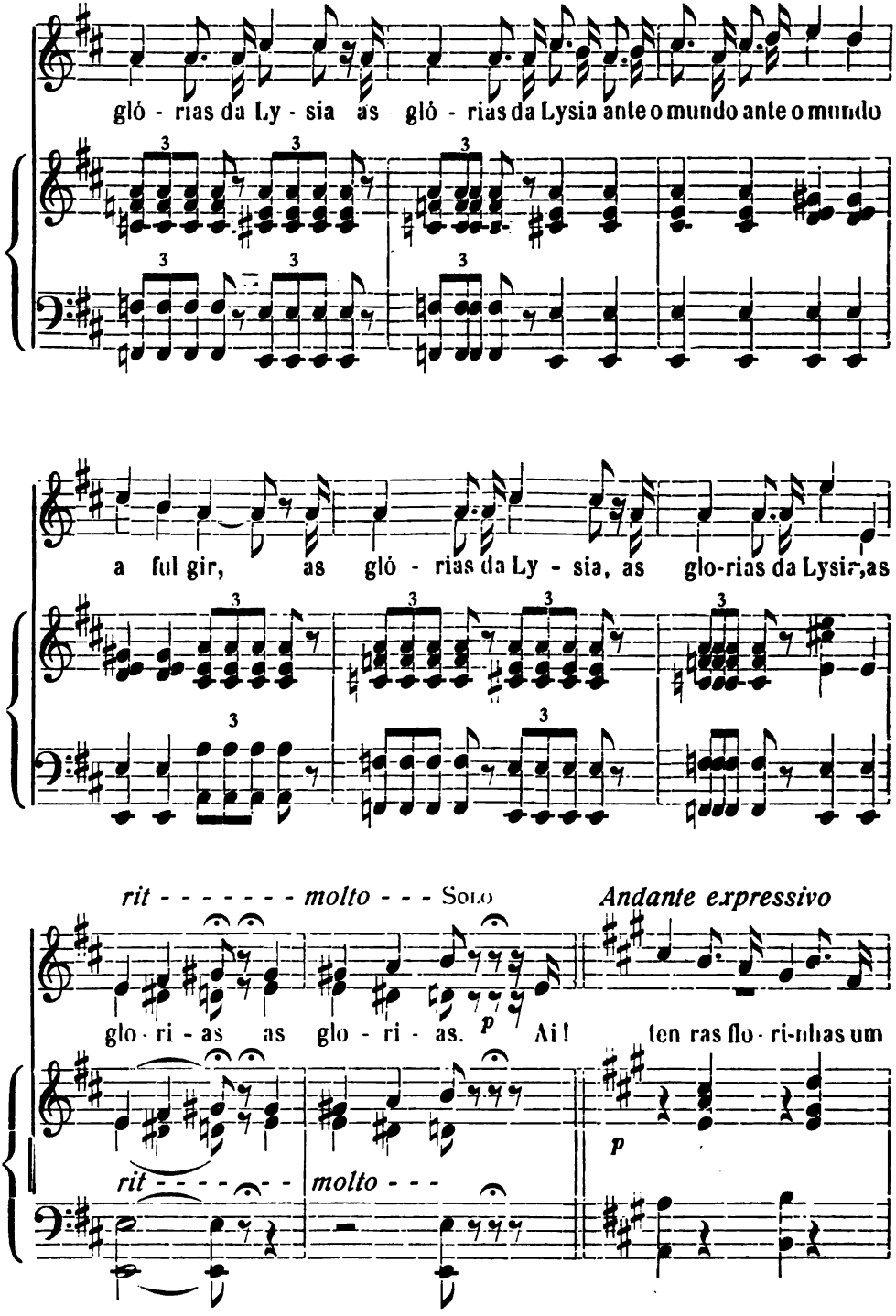

Vozes
Marcial grandioso
ff
8.ª alta
Das lu - sas pa - ra - gens em
ver - de can - tei - ro flo - ri - nhas mi - mo - sas se os - ten - tam a flux, ci -
ci - am - lhe as bri - sas em sô - pro fa - guei - ro, do sol as cir - cumdam mil

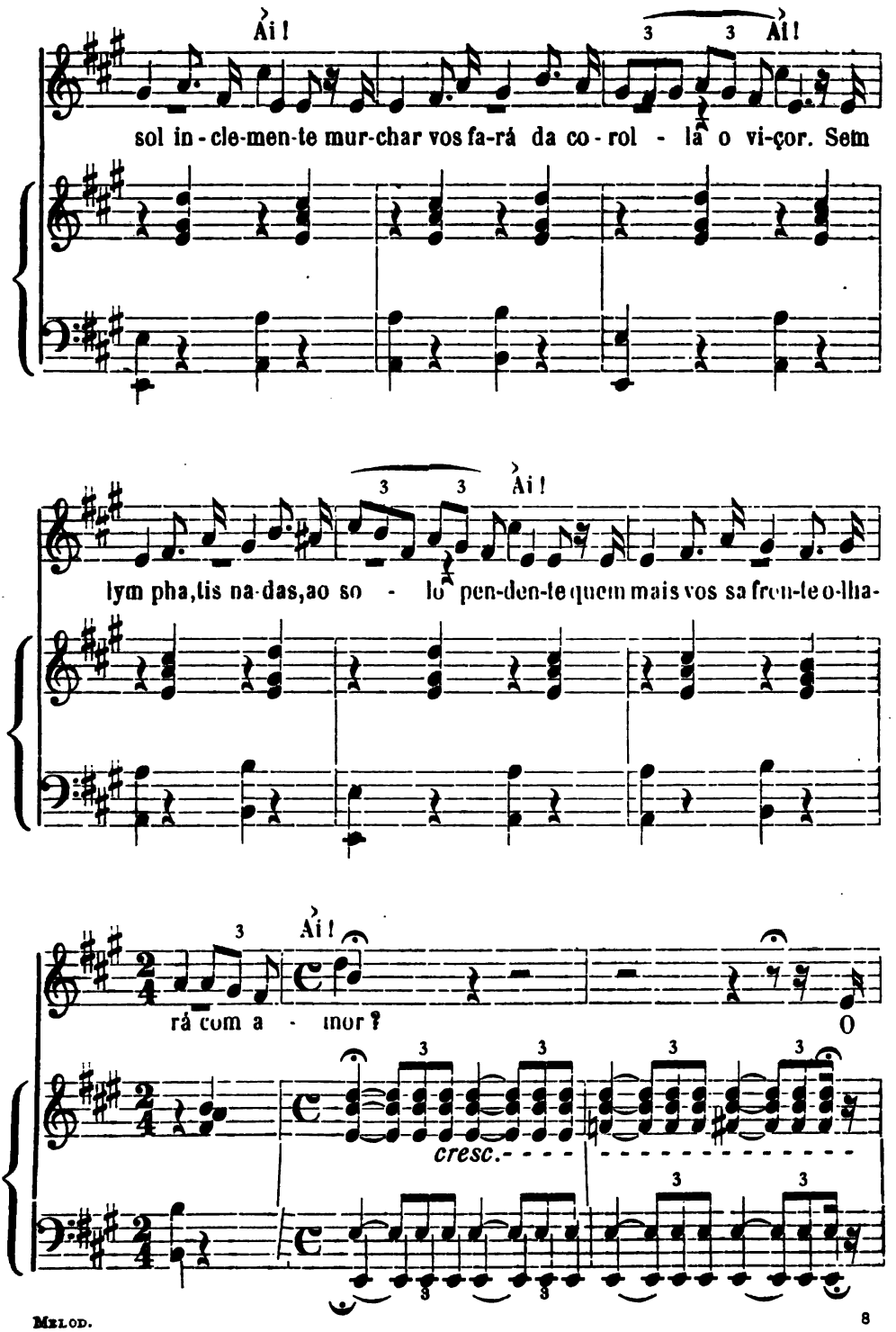

p
mf
fei-xes de luz. Em noite se - re-na, co - roada d'es-trel - las, em
p
noi - te se re-na co - roa - da d'es trel las, f a lu - a de pra ta sus -
mf
f
tem seu ro dar a lu-a de prata sus tem seu ro dar e

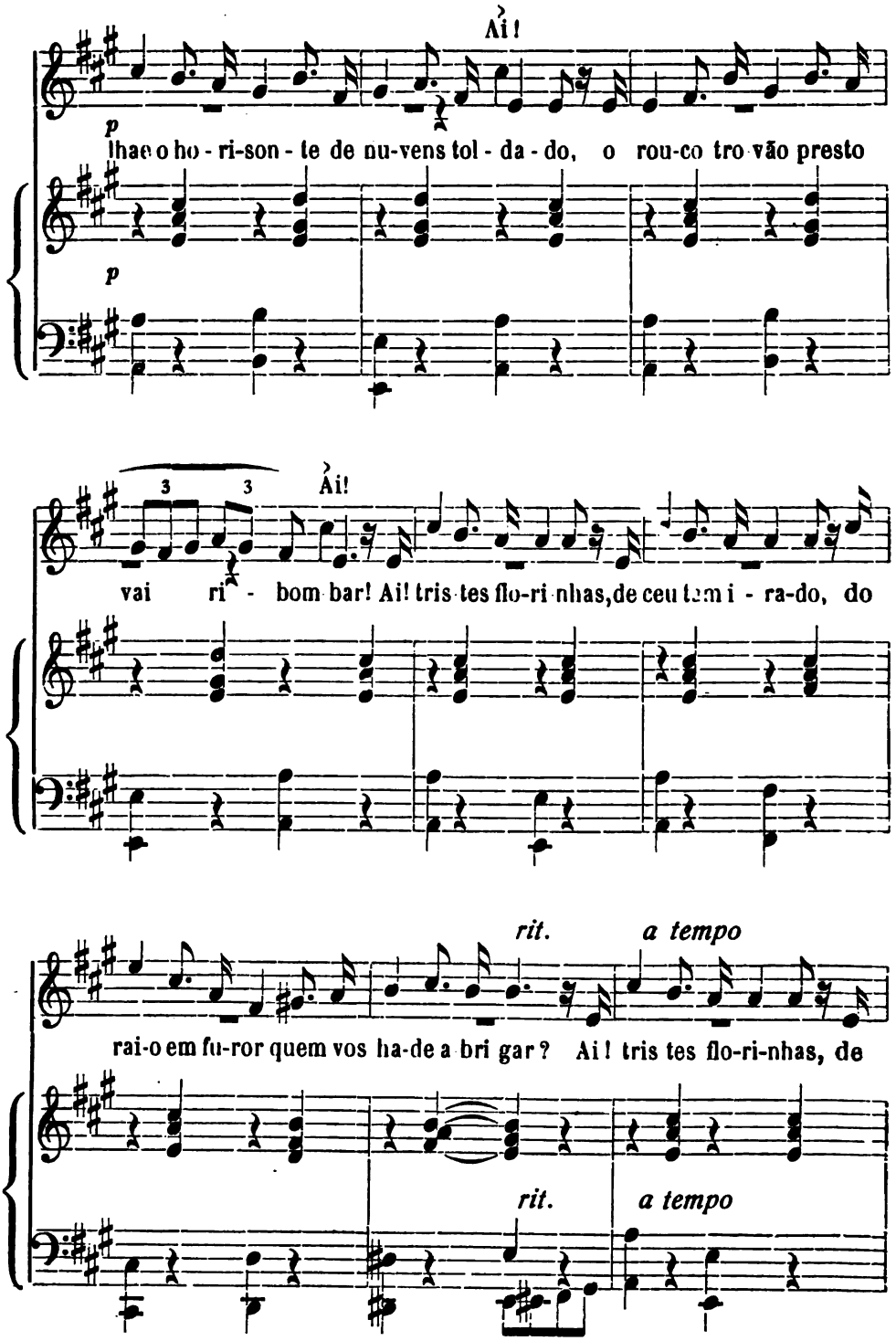

p
cresc.
cin-ge as florinhas pur pu - reas e bel-las nos rai-os sau-do-sos nos
p
cresc.
rai-os sau-do-sos nos rai-os sau-do-sos de bran-do lu-
ar
ff

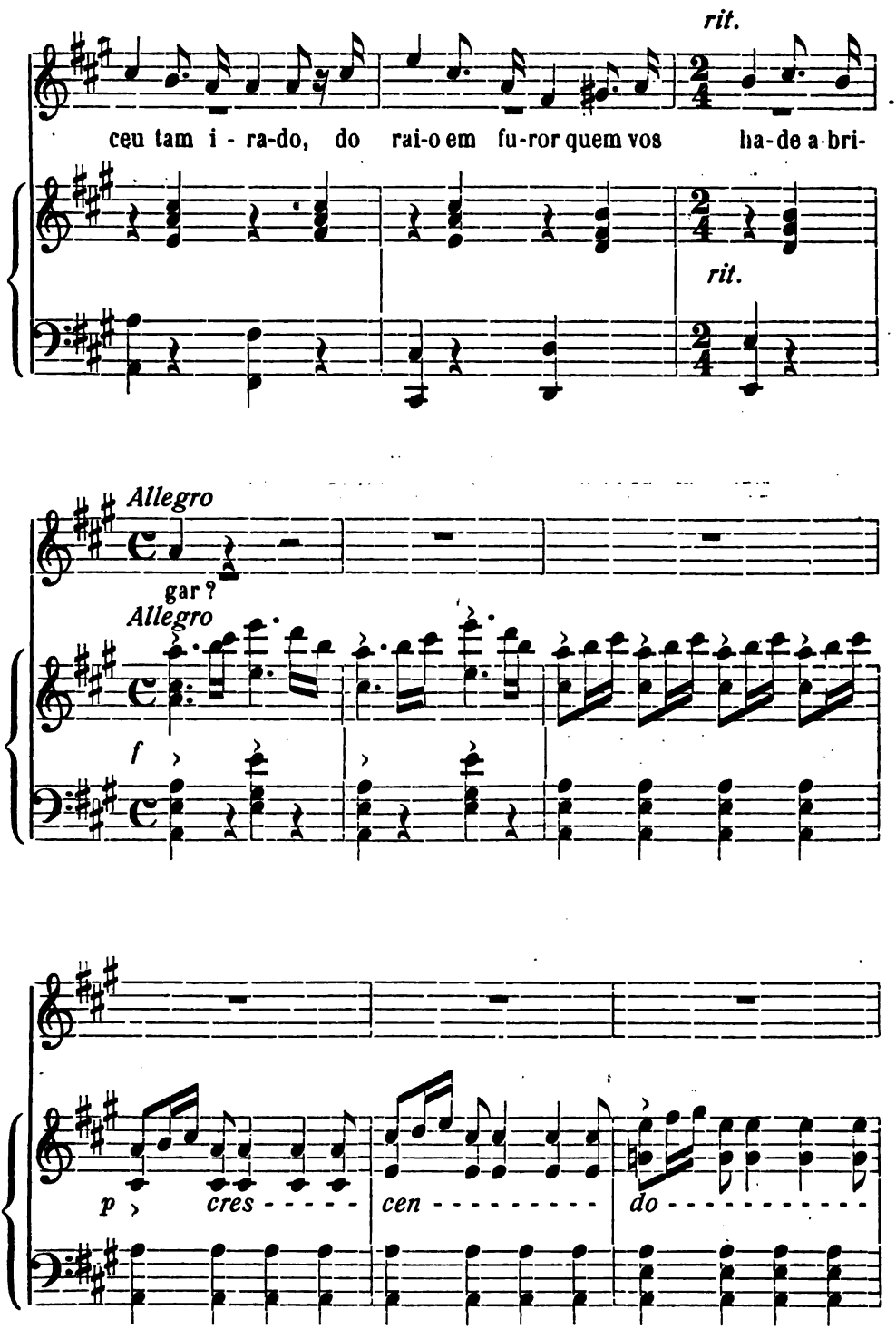

com 8.ª
Allegro con fuoco
f
Das pé - ro - las fi - nas de cas - to ro - ci - o a au-
deciso
f
ro - ra al - jo - frou seu bo - tão ao nas - cer, a - ro - mas e sei - va lhes

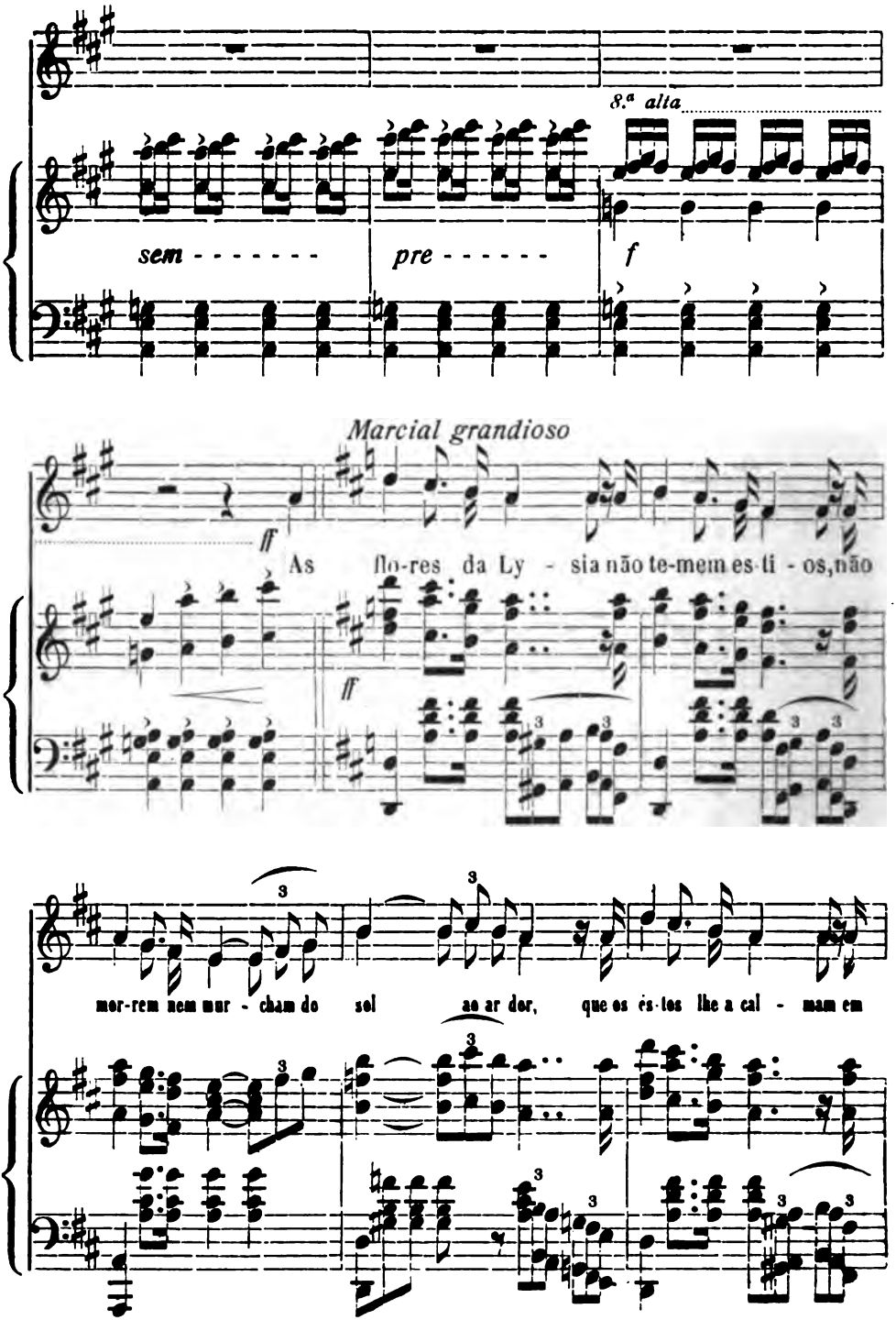

p
deu no planti - o Je sus que ora as ve-la em seu pu - ro vi-ver. São
mf
flo - res da Ly - sia, dos lu - sos a nhe - lo es-p'ran - ça e en le-vo em ri-
p
mf
den - te porvir, á pá - tria vo-ta das, tem só por desve - lo as
f

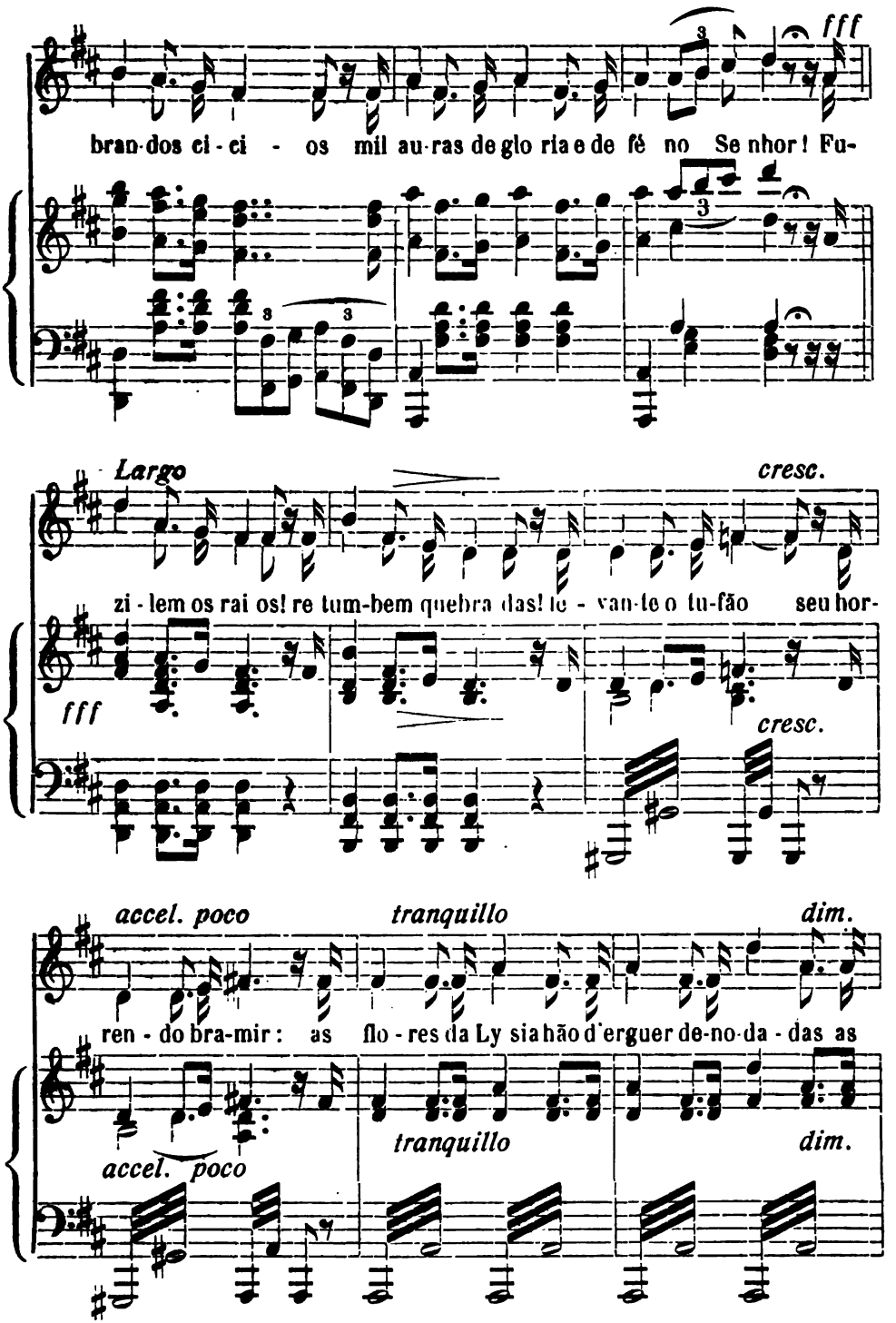

gló - rias da Ly - sia as gló - rias da Lysia ante o mundo ante o mundo
a ful gir, as gló - rias da Ly - sia, as glo-rias da Lysia, as
rit - - - - - - - molto - - - Solo
Andante expressivo
glo - ri - as as glo - ri - as.
p
Ai! ten ras flo - ri-nhas um
p
rit - - - - - - molto - - -

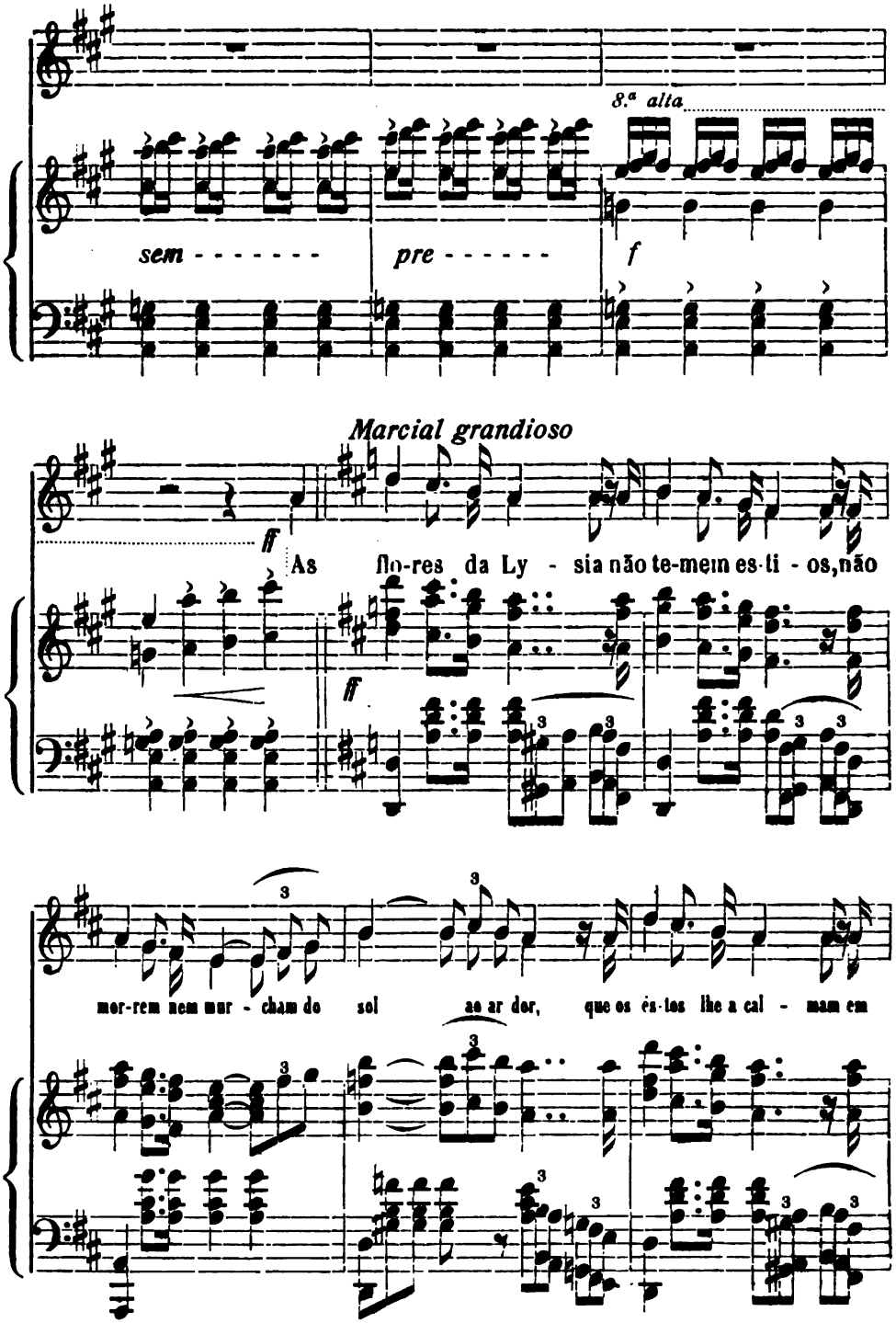

Ai!
3 3 Ai!
sol in-cle-men-te mur-char vos fa-rá da co-rol - lá o vi-çor. Sem
3 3 Ai!
lym pha,tis na-das,ao so - lo pen-den-te quem mais vos sa fren-te o-lha-
3 Ai!
rá com a - mor?
O
3 3 3 3
cresc.
3 3
3 3

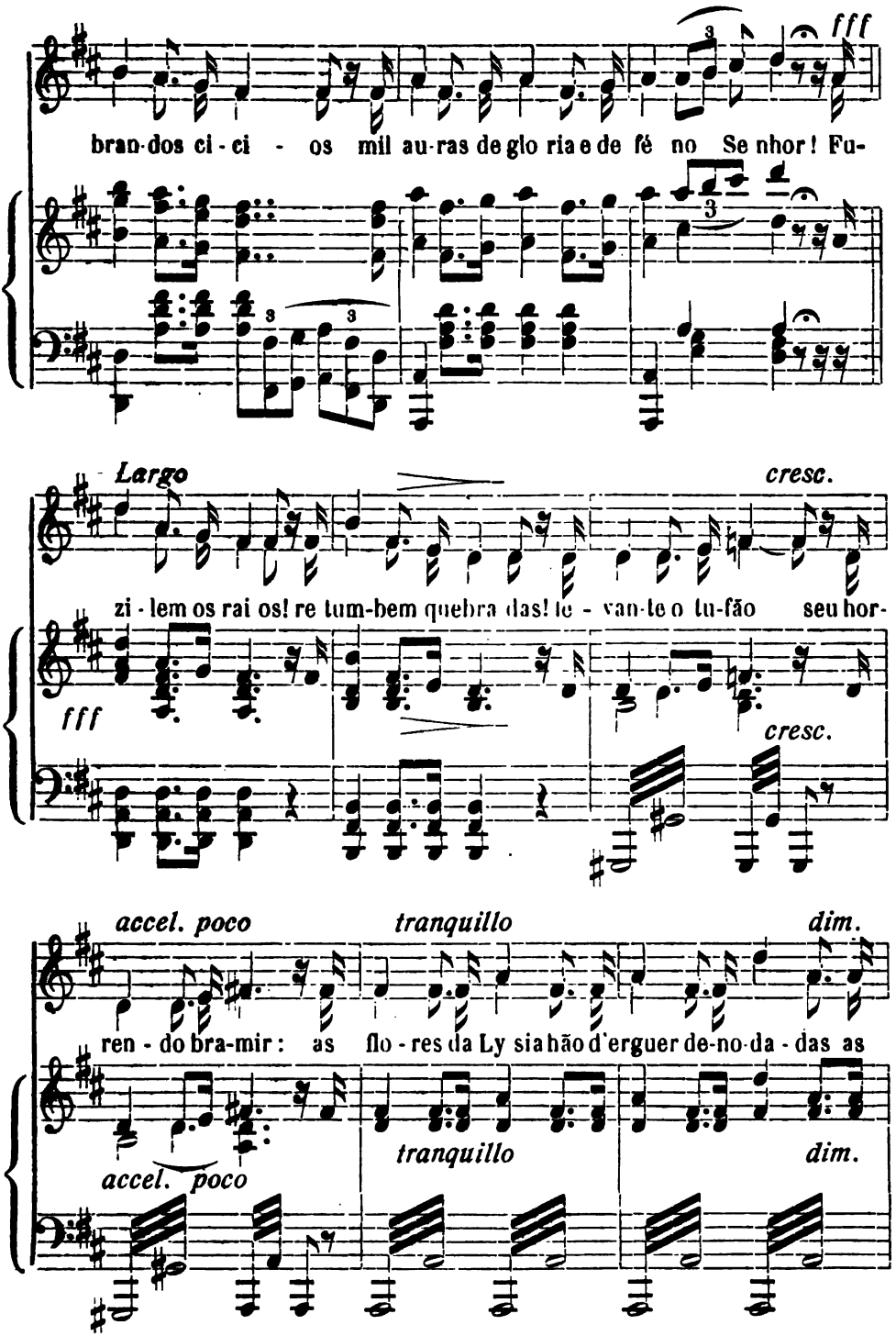

Ai!
p
lhae o ho - ri-son - te de nu-vens tol - da - do, o rou-co tro-vão presto
p
3 3
Ai!
vai ri - bom bar! Ai! tris tes flo-ri nhas, de ceu tem i - ra-do, do
rit. a tempo
rai-o em fu-ror quem vos ha-de a bri gar? Ai! tris tes flo-ri-nhas, de
rit. a tempo

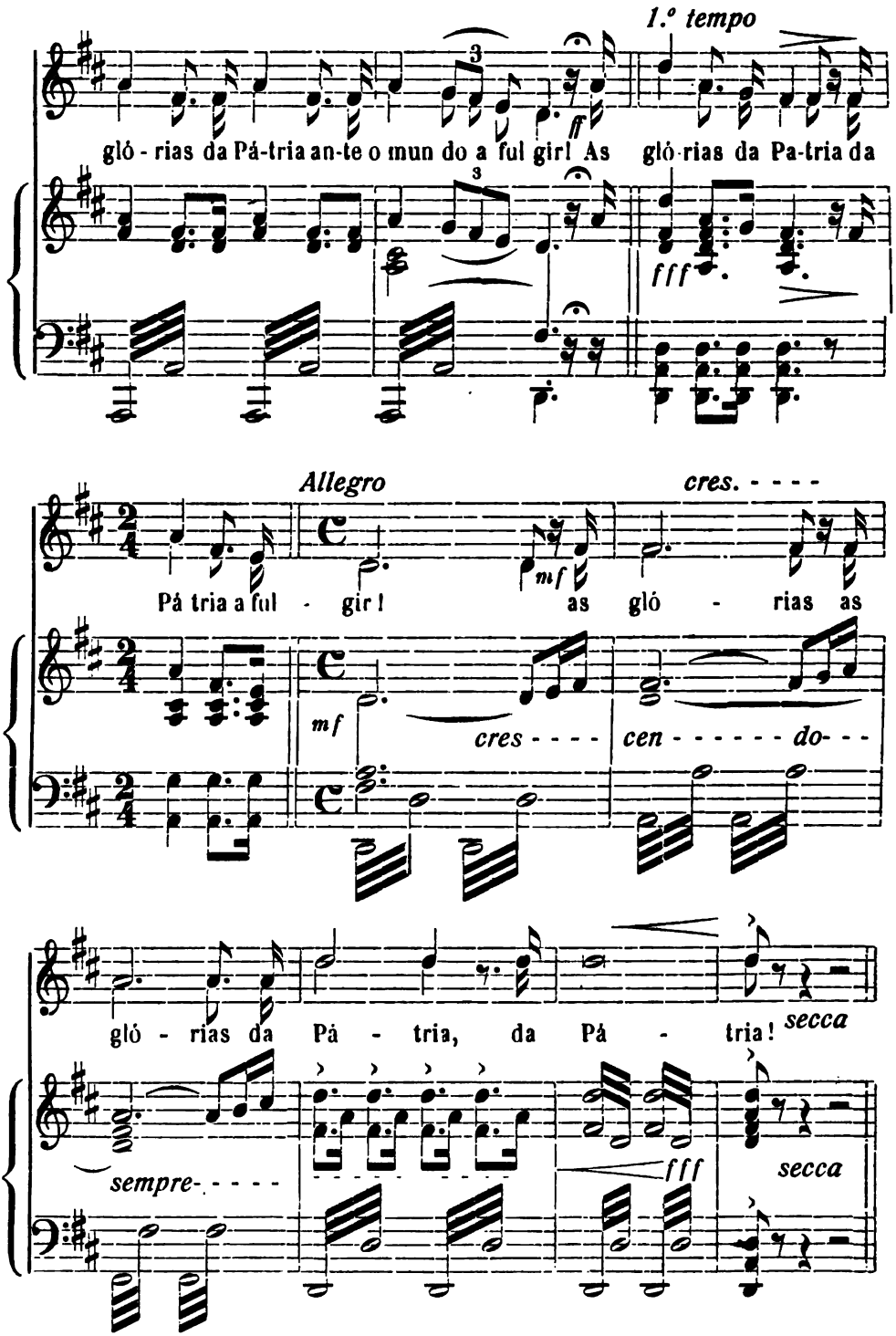

rit.
ceu tam i - ra-do, do rai-o em fu-ror quem vos ha-de a-bri-
rit.
Allegro
gar?
Allegro
f
p
cres - - - - -
cen - - - - - - - - -
do - - - - - - - - - -


8.ª alta
sem - - - - - - -
pre - - - - - -
f
Marcial grandioso
ff
As flo-res da Ly - sia não te-mem es-ti - os, não
ff
mor-rem nem mur - cham do sol ao ar dor, que os és-tes lhe a cal - mam em


fff
bran-dos ci-ci - os mil au-ras de glo ria e de fé no Se nhor! Fu-
Largo
cresc.
zi-lem os rai os! re tum-bem quebra das! le - van-te o tu-fão seu hor-
fff
cresc.
accel. poco
tranquillo
dim.
ren-do bra-mir: as flo-res da Ly sia hão d'erguer de-no-da-das as
accel. poco
tranquillo
dim.


8.ª alta
sem - - - - - - -
pre - - - - - -
f
Marcial grandioso
ff
As flo-res da Ly - sia não te-mem es-ti - os, não
ff
mor-rem nem mur - cham do sol ao ar dor, que os és-tes lhe a cal - mam em


fff
bran-dos ci-ci - os mil au-ras de glo ria e de fé no Se nhor! Fu-
Largo
cresc.
zi-lem os rai os! re tum-bem quebra das! le - van-te o tu-fão seu hor-
fff
cresc.
accel. poco
tranquillo
dim.
ren-do bra-mir: as flo-res da Ly sia hão d'erguer de-no-da-das as
tranquillo
dim.
accel. poco


1.º tempo
ff
gló - rias da Pá-tria an-te o mun do a ful gir! As gló-rias da Pa-tria da
fff
Allegro
cres. - - - -
mf
Pá tria a ful - gir! as gló - rias as
mf
cres - - - - cen - - - - - - do- - -
gló - rias da Pá - tria, da Pá - tria!
secca
sempre- - - - -
fff
secca

Hymno

Das lusas paragens em verde canteiro
florinhas mimosas se ostentam a flux.
Ciciam-lhe as auras em sôpro fagueiro,
do sol as circumdam mil feixes de luz.

Em noite serena, coroada de estrellas,
a lua de prata sustem seu rodar,
e cinge as florinhas purpúreas e bellas
nos raios saudosos de brando luar.

Das pérolas finas de casto rocio
a aurora aljofrou seu botão ao nascer;
aromas e seiva lhes deu no plantio
Jesus, que ora as vela em seu puro viver.

São flores da Lysia, dos lusos anhelo,
esp'rança e enlevo em ridente porvir.
A' Pátria votadas, têm só por desvelo
as glórias da Lysia ante o mundo a fulgir.

— «Ai ! tenras florinhas ! Um sol inclemente
murchar vos fará da corolla o viçôr !
Sem lympha, tisnadas, ao solo pendente
quem mais vossa fronte olhará com amor ?

Olhae o horisonte de nuvens toldado !
O rouco trovão presto vai ribombar !
Ai ! tristes florinhas ! de ceu tam irado,
do raio em furor quem vos ha de abrigar ?»

— «As flores da Lysia não temem estios,
não morrem nem murcham do sol ao ardor,
que os éstos lhe acalmam em brandos cicios
mil auras de glória e de fé no Senhor !

Fuzilem os raios ! retumbem quebradas !
levante o tufão seu horrendo bramir !...
As flores da Lysia hão de erguer, denodadas,
as gfórias da Pátria ante o mundo a fulgir !»

Julho de 1897.

A. de Menezes.

A S. António

(7.º CENTENÁRIO)

Em hymnos accordes cantemos a aurora
que enflora de loiros um berço de heroe!
De séculos sete que passem as glórias:
memórias de Sancto o porvir não destroe!

Refuljam, ó Pátria, das glórias os brilhos
nos filhos que, a honrar-te, souberam vencer!
Do Sancto nas aras são frouxos desmaios,
são raios morrendo de um sol ao nascer!

Talvez que seus feitos nas azas da fama
proclama o renome de fortes sem par:
o mundo a taes echos se volve indiff'rente,
a frente prosterna de Antonio no altar.

Aos brios heróicos em fera batalha
metralha flamante lhes deu ovação:
virtudes de António de Deus ante as aras,
préclaras victorias mais palmas lhe dão.

Murcharam-se os loiros de ardentes soldados,
trocados em cinzas de ephémera flor:
feliz thaumaturgo nos mostra do Empyreo
o lirio que aromas rescende de amor.

Se os séculos passam, não ha quem demude
virtude sublime que a Deus se sagrou.
E' flor que, virente, não murcha, floresce,
e tece grinaldas que o tempo guardou.

Sobejam-te as glórias, ó Patria adorada,
cantada princeza dos mares alem!
Porém, se tu contas por mil as victórias,
mais glórias de filhos como este te vêm.

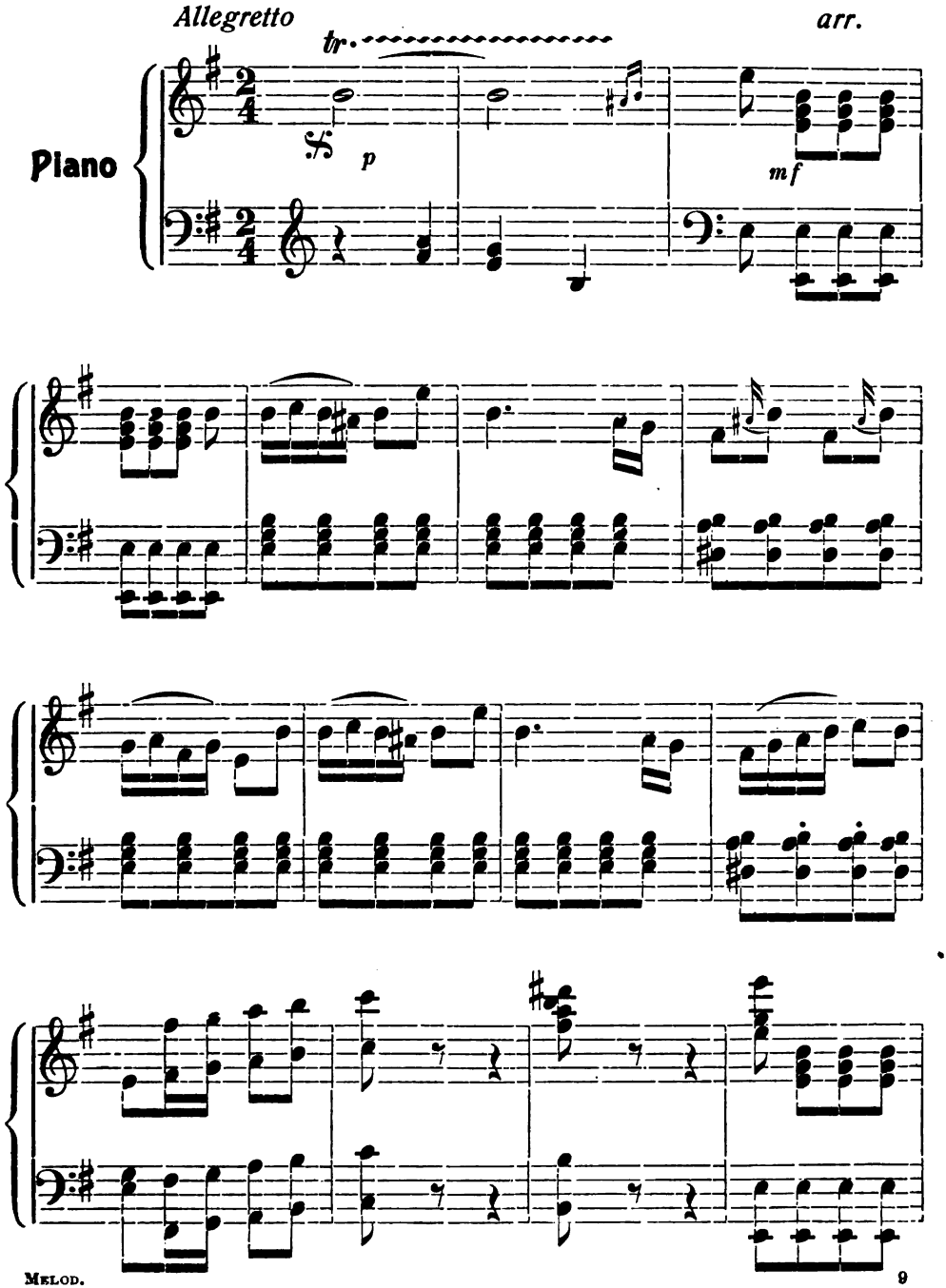
Das ditas sob'ranas, que o mundo apregoa,
Lisboa se ufana de o berço lhe dar.
Resurjam, ó Pátria, de novo teus filhos
aos brilhos d'este astro de luz singular!

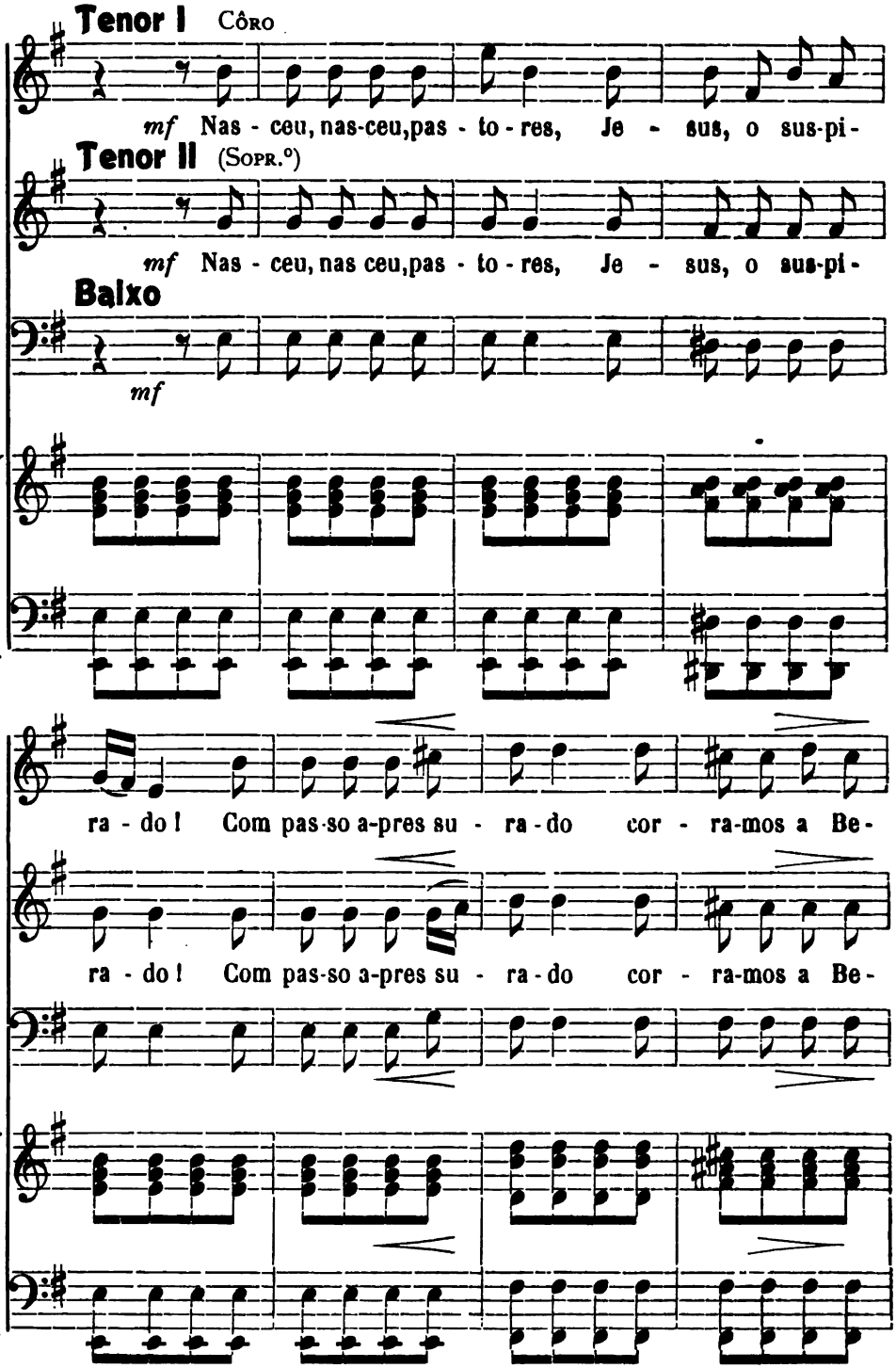
A. Pinto.

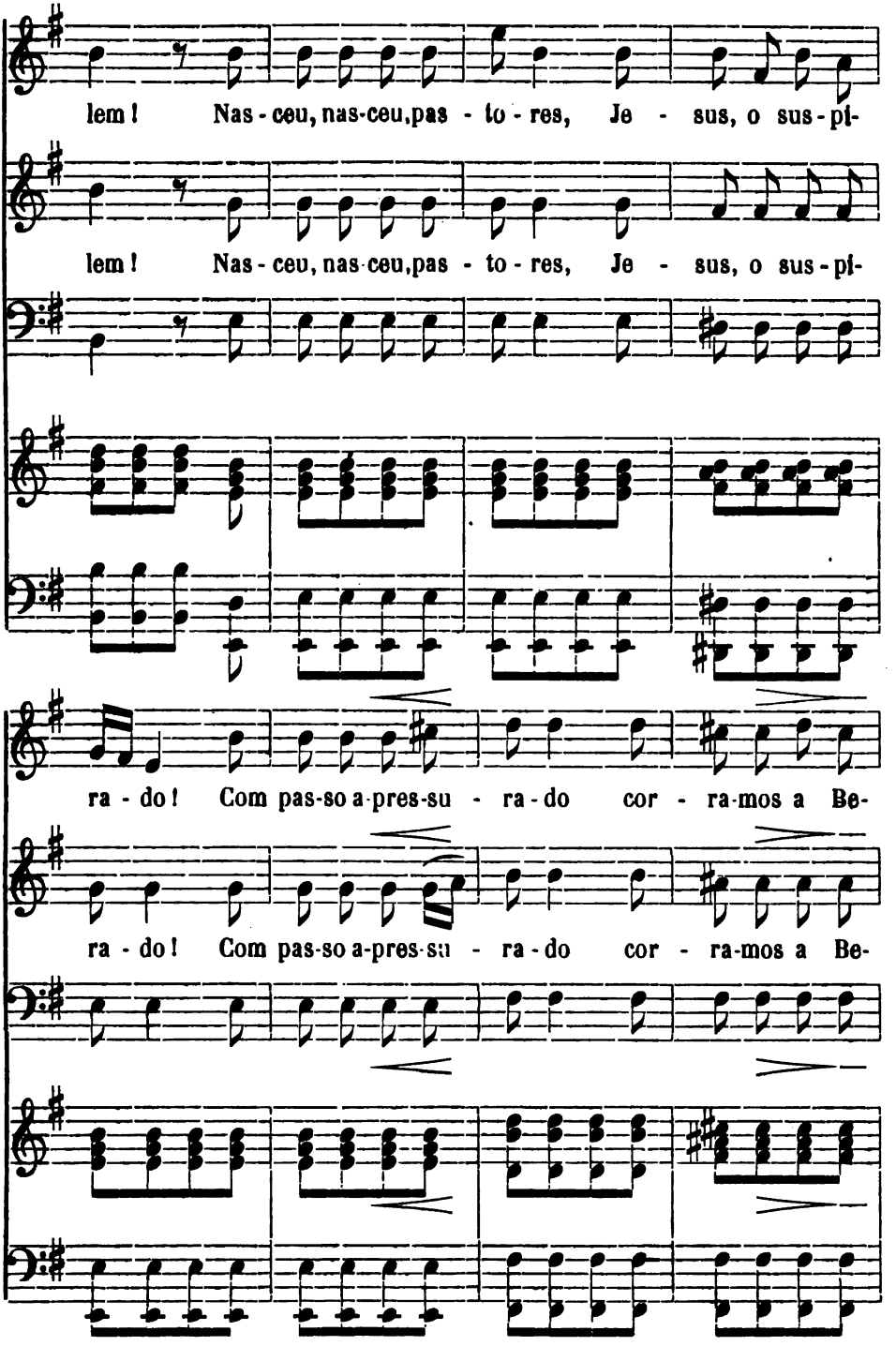
Foi com esta lêtra que o hymno precedente se cantou pela primeira vez em S. Fiel, no 7.º centenário do grande thaumaturgo português (1896.

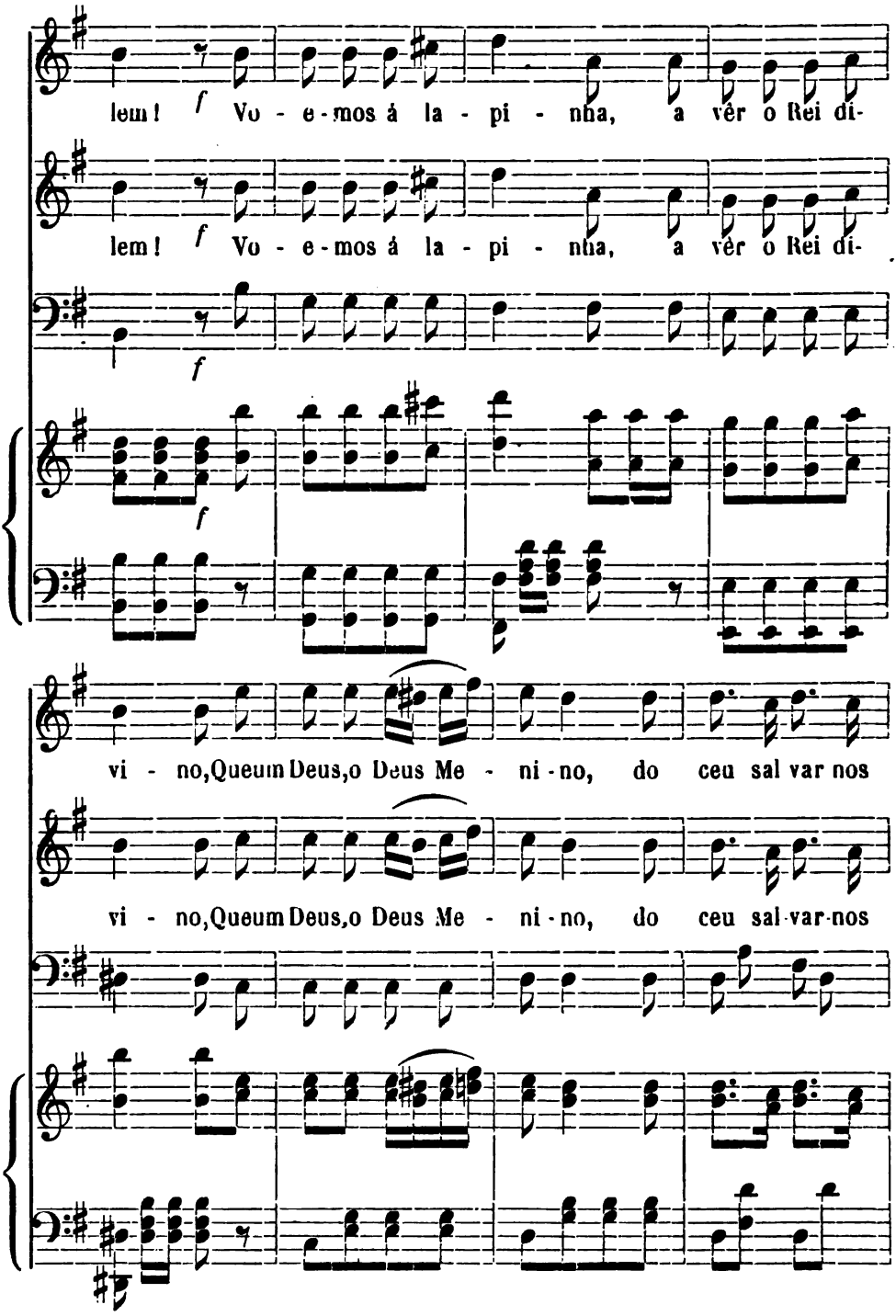
8. A BELEM!

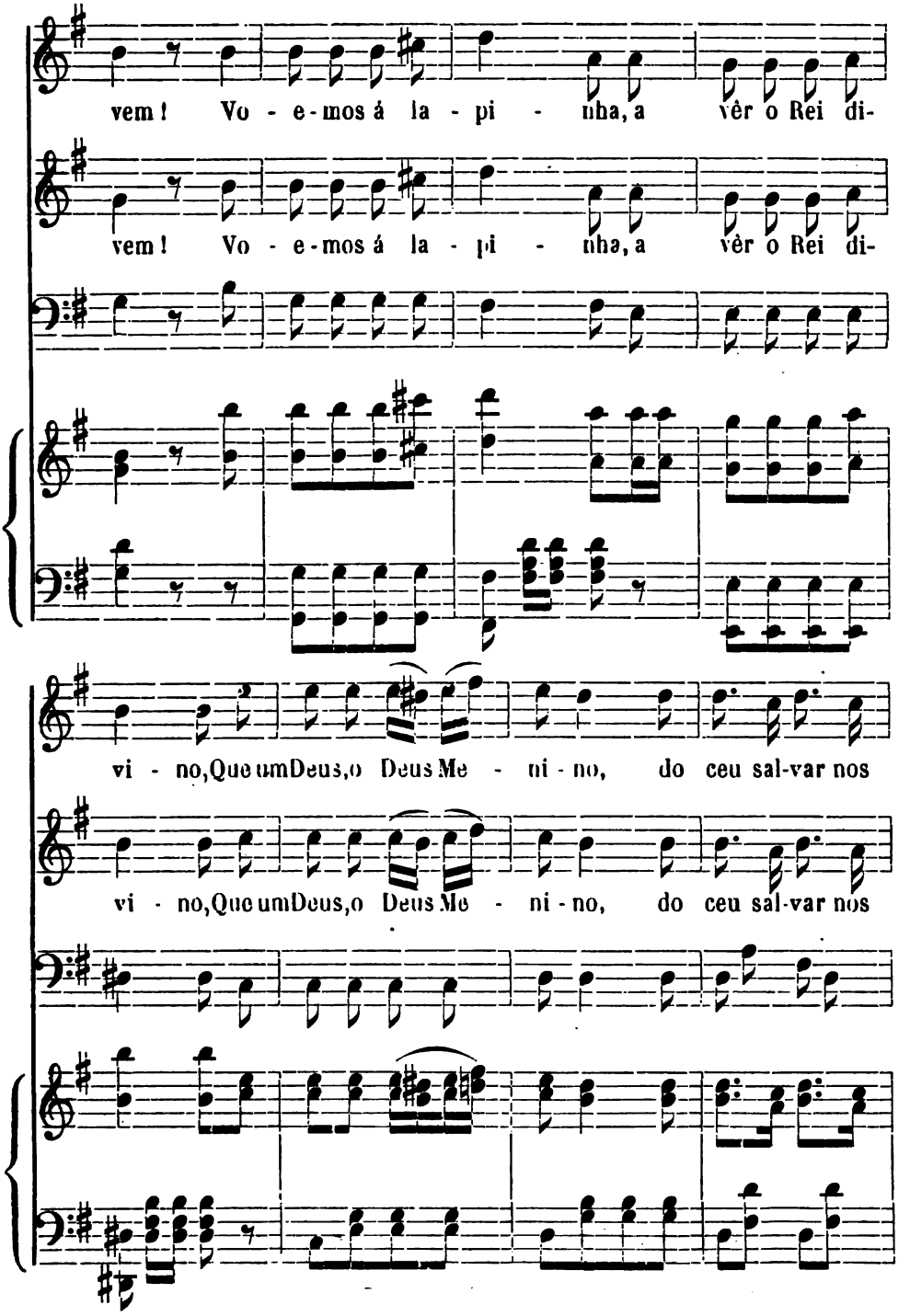
(VILANCETE)

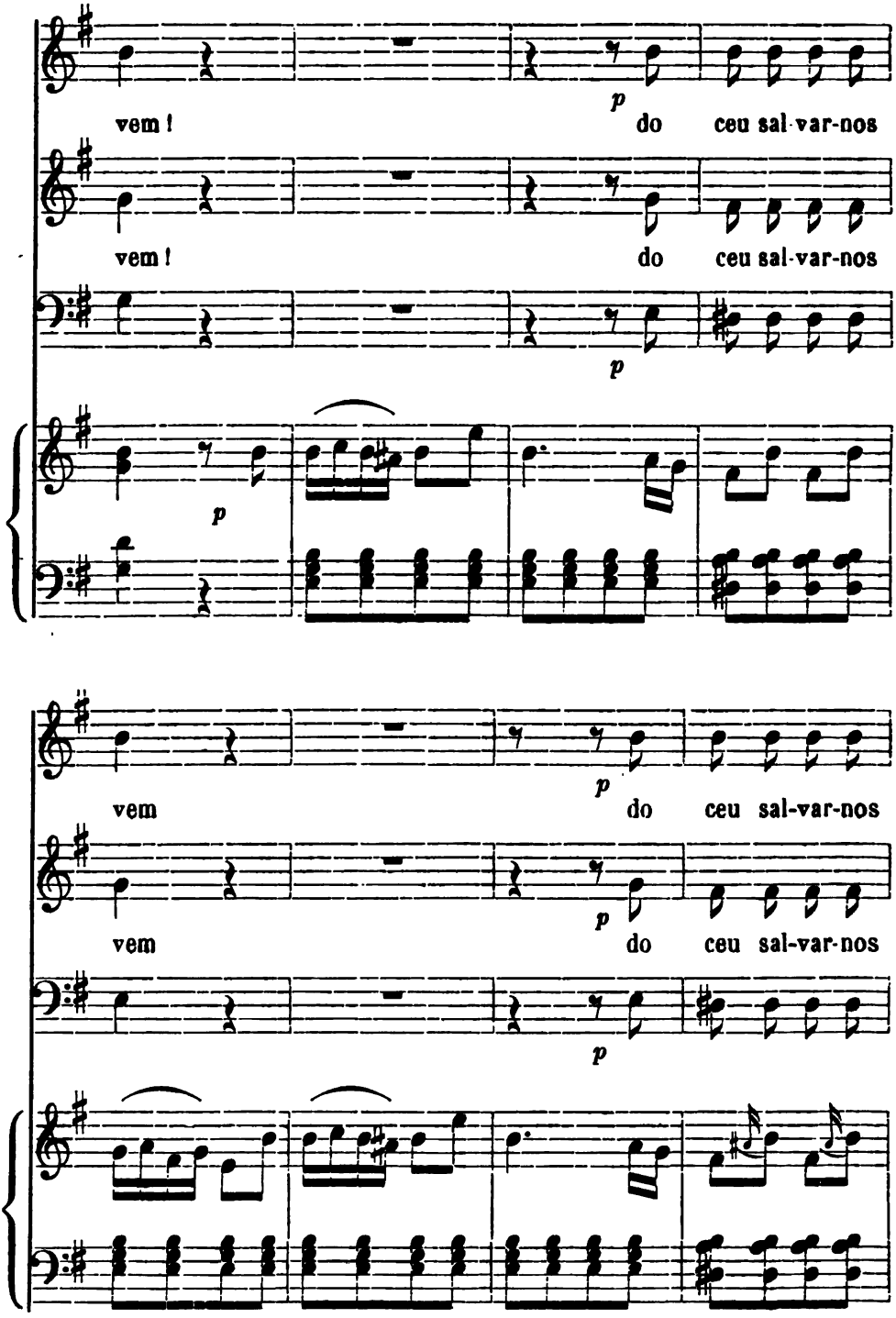


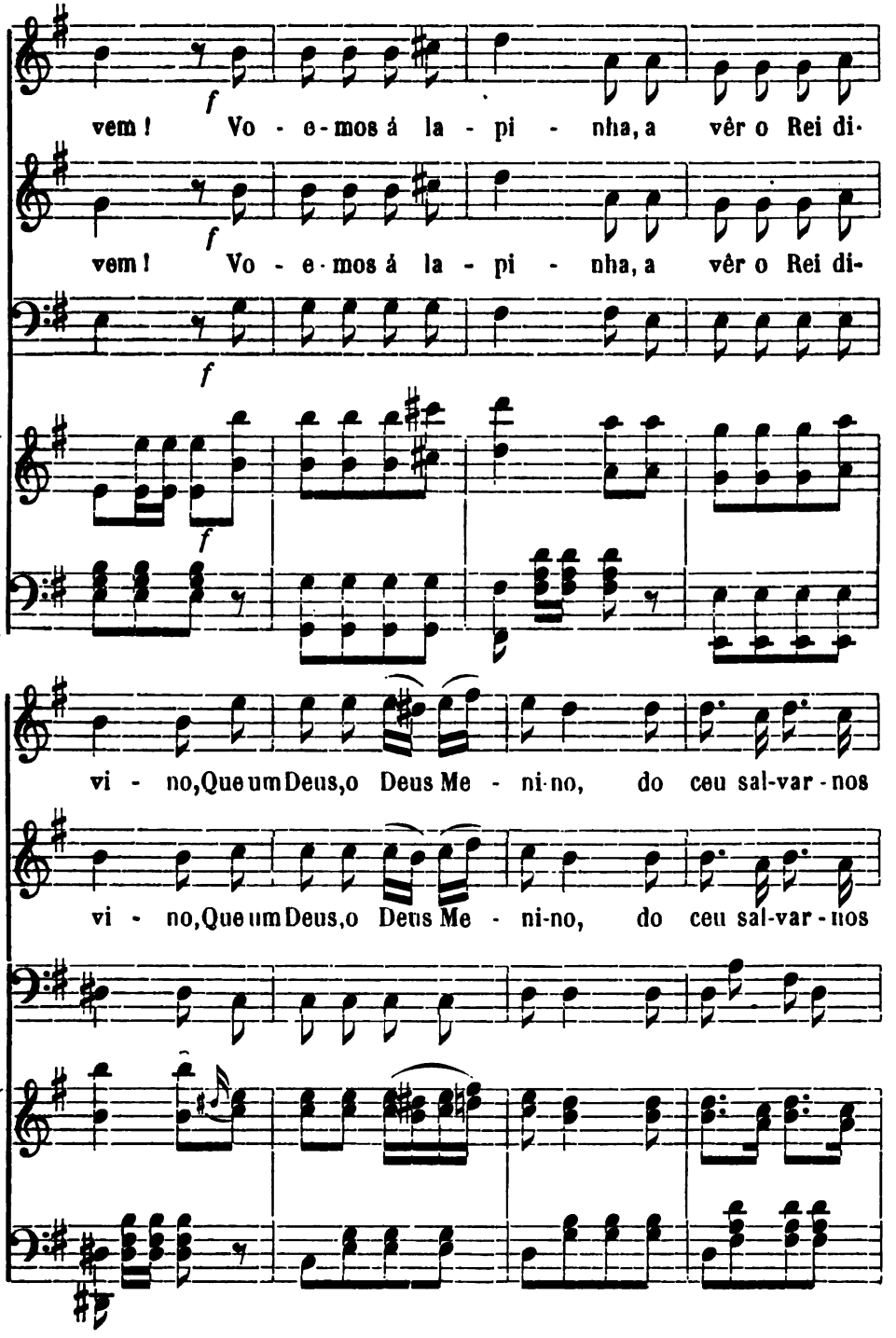

Tenor I Côro
mf Nas - ceu, nas-ceu,pas - to - res, Je - sus, o sus-pi-
Tenor II (Sopr.º)
mf Nas - ceu, nas ceu,pas - to - res, Je - sus, o sus-pi-
Baixo
mf
ra - do ! Com pas-so a-pres su - ra - do cor - ra-mos a Be-
ra - do ! Com pas-so a-pres su - ra - do cor - ra-mos a Be-

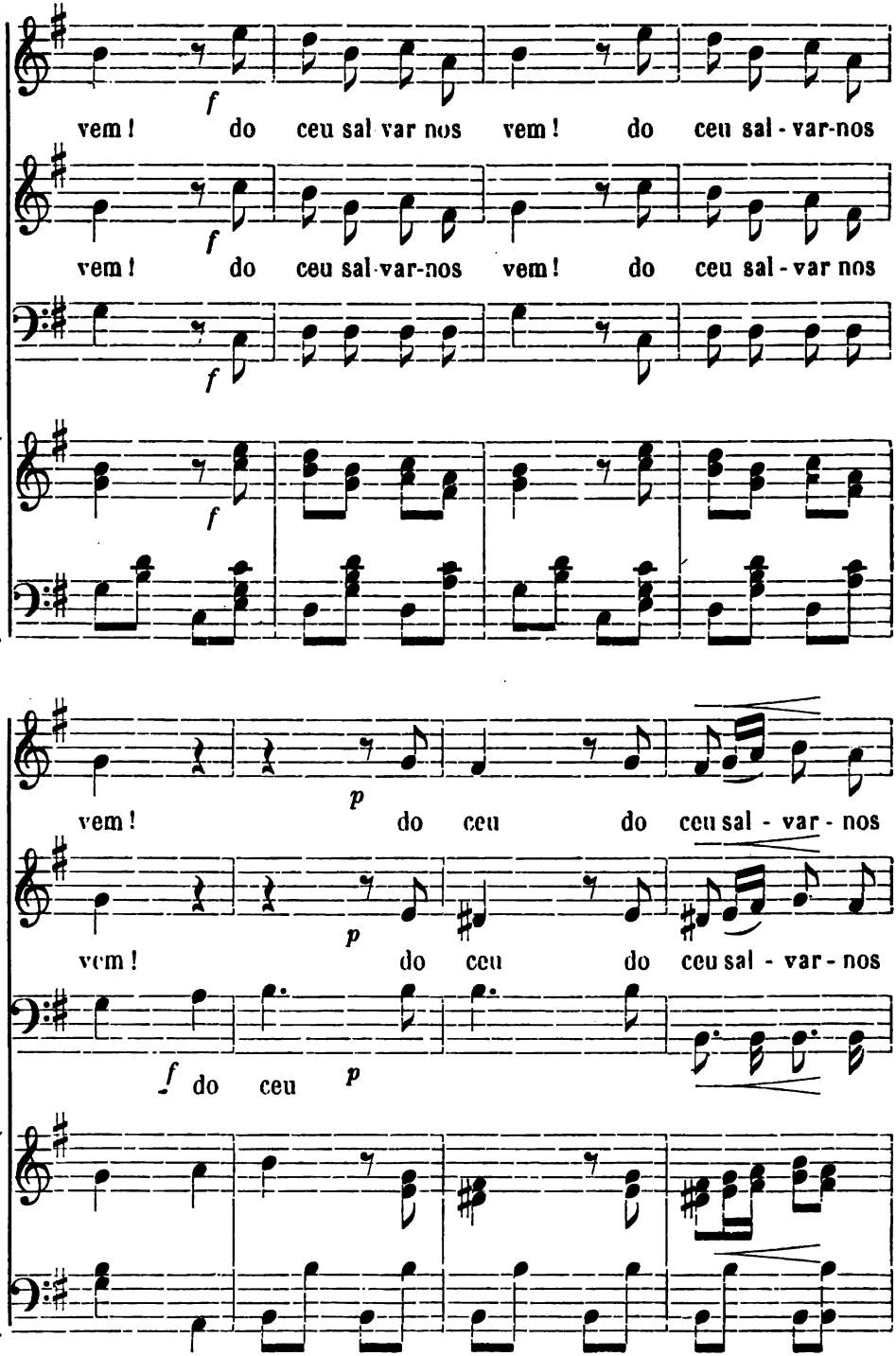

lem! Nas - ceu, nas-ceu, pas - to - res, Je - sus, o sus - pi-
lem! Nas - ceu, nas-ceu, pas - to - res, Je - sus, o sus - pi-
ra - do! Com pas-so a-pres-su - ra - do cor - ra-mos a Be-
ra - do! Com pas-so a-pres-su - ra - do cor - ra-mos a Be-

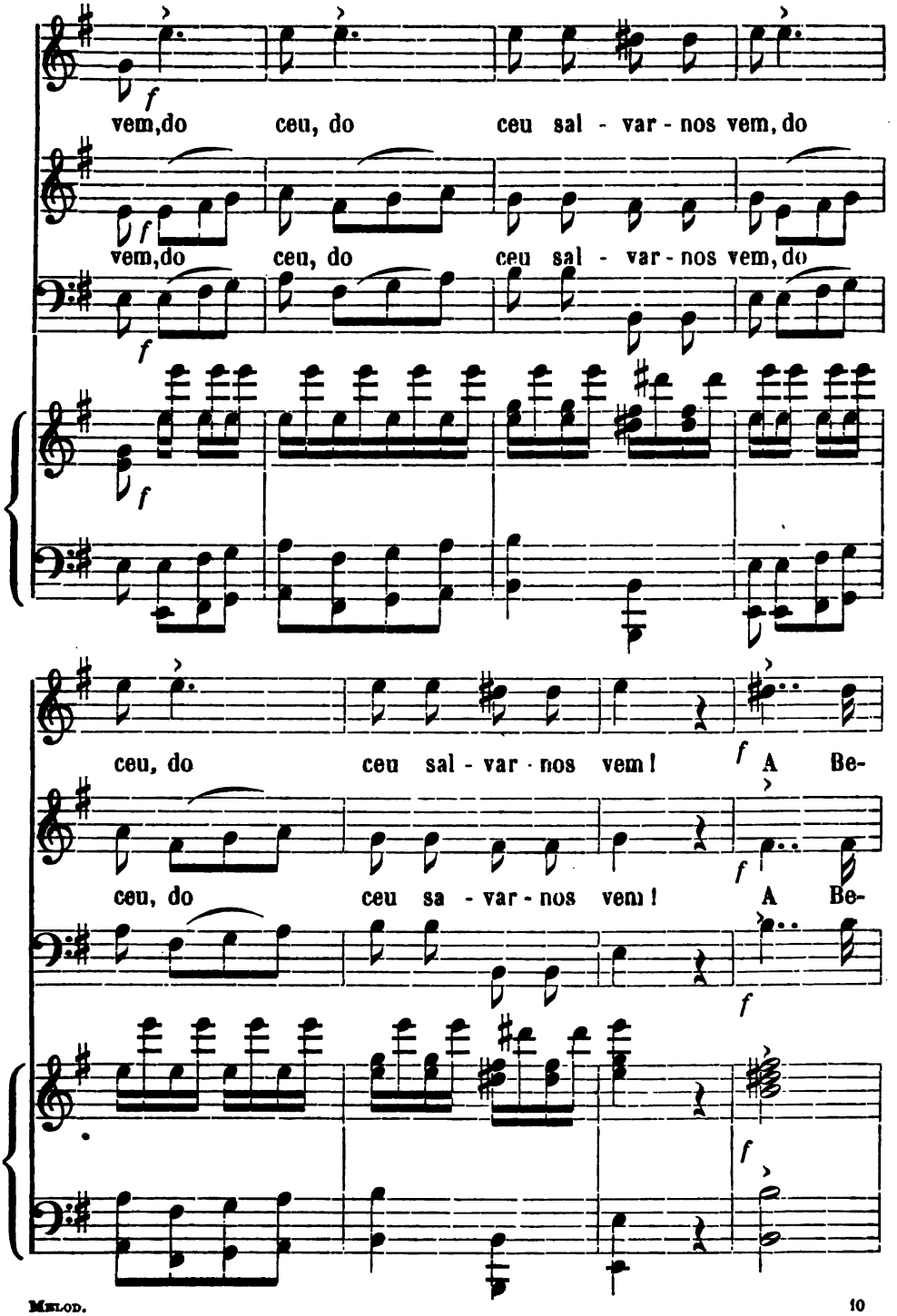

lem! f Vo - e - mos á la - pi - nha, a vêr o Rei di-
lem! f Vo - e - mos á la - pi - nha, a vêr o Rei di-
f
f
vi - no, Queum Deus, o Deus Me - ni - no, do ceu sal var nos
vi - no, Queum Deus, o Deus Me - ni - no, do ceu sal-var-nos

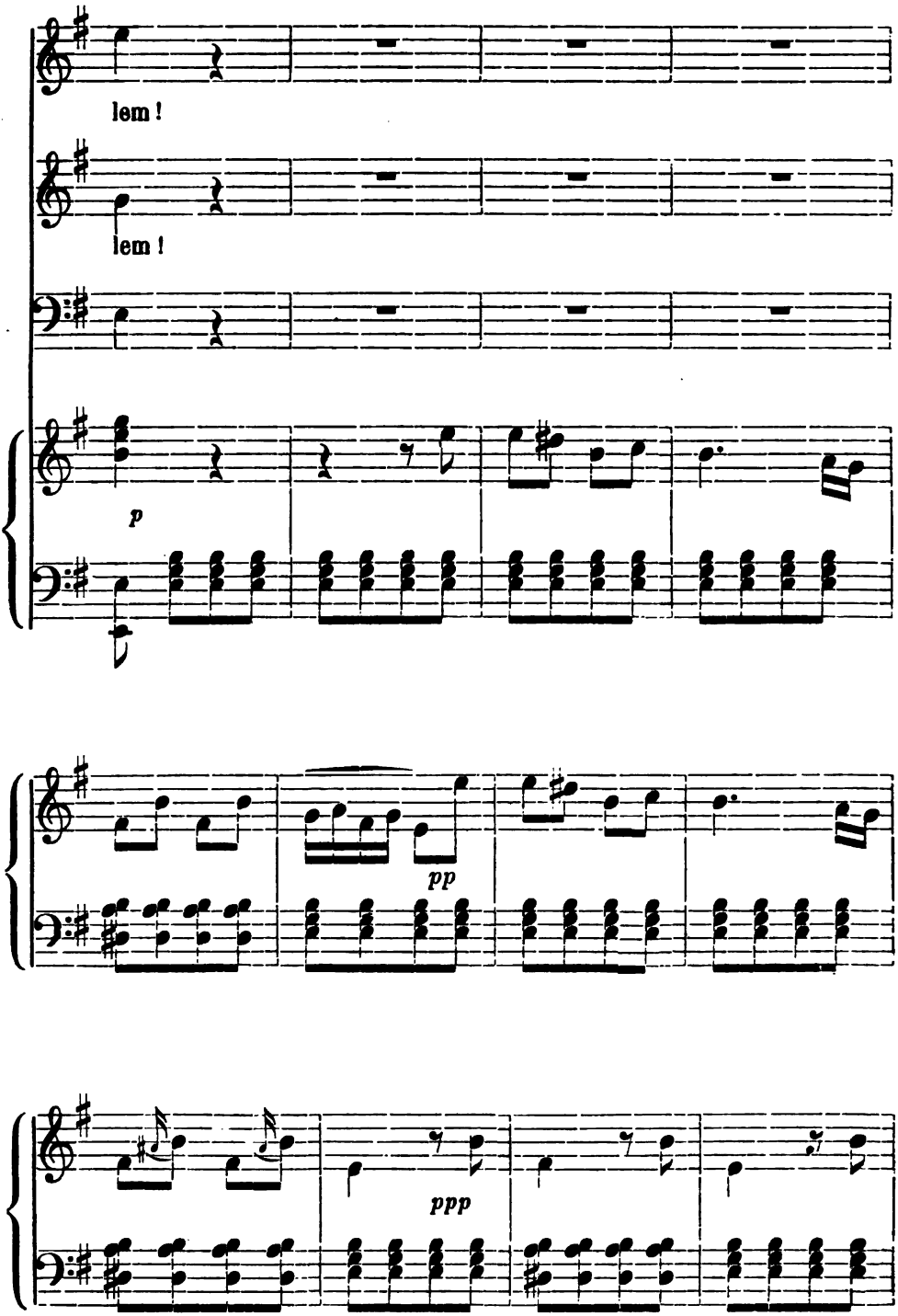

vem! Vo - e - mos á la - pi - nha, a vêr o Rei di-
vem! Vo - e - mos á la - pi - nha, a vêr o Rei di-
vi - no, Que um Deus, o Deus Me - ni - no, do ceu sal-var nos
vi - no, Que um Deus, o Deus Me - ni - no, do ceu sal-var nos

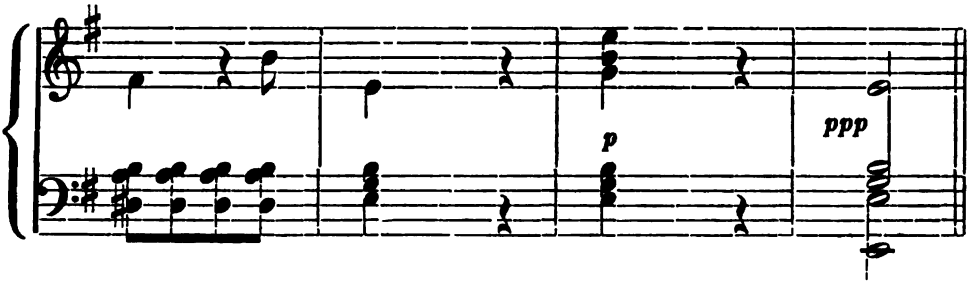

vem ! do ceu sal-var-nos
vem ! do ceu sal-var-nos
p
vem do ceu sal-var-nos
vem do ceu sal-var-nos

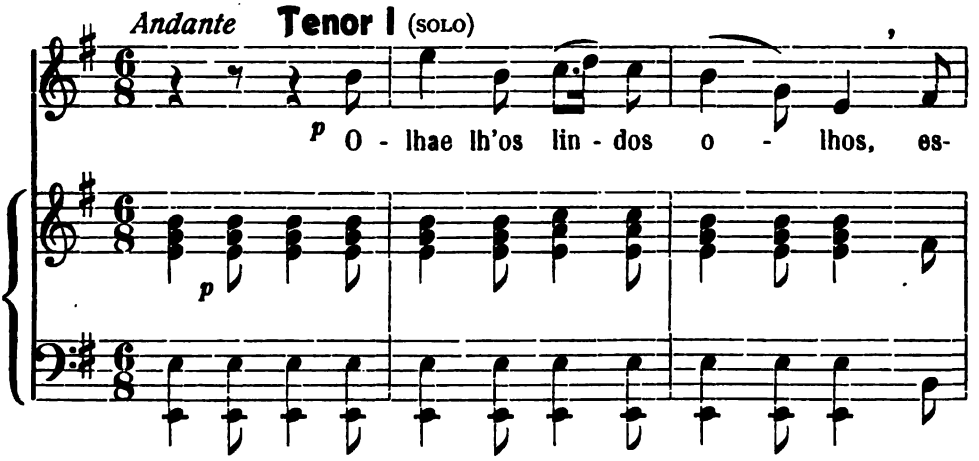

vem! Vo - e - mos á la - pi - nha, a vêr o Rei di-
vem! Vo - e - mos á la - pi - nha, a vêr o Rei di-
vi - no, Que um Deus, o Deus Me - ni - no, do ceu sal-var - nos
vi - no, Que um Deus, o Deus Me - ni - no, do ceu sal-var - nos

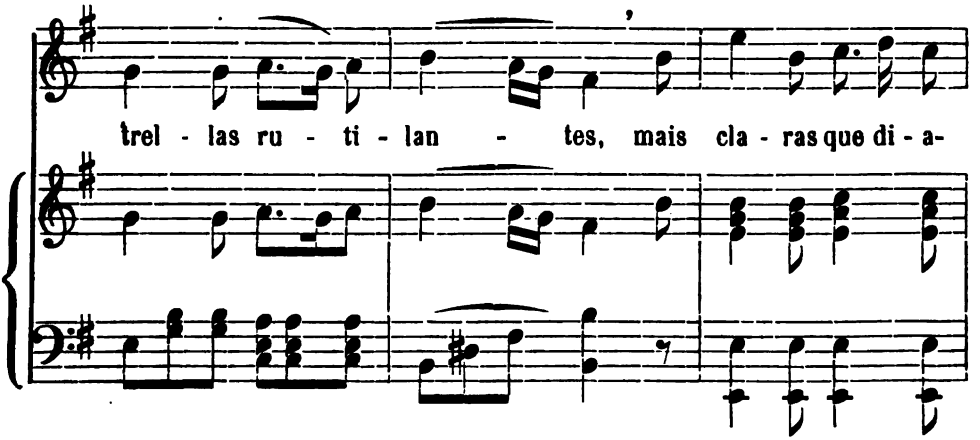

f
vem! do ceu sal var nos vem! do ceu sal - var-nos
f
vem! do ceu sal-var-nos vem! do ceu sal - var nos
f
f
p
vem! do ceu do ceu sal - var - nos
p
vem! do ceu do ceu sal - var - nos
f do ceu p

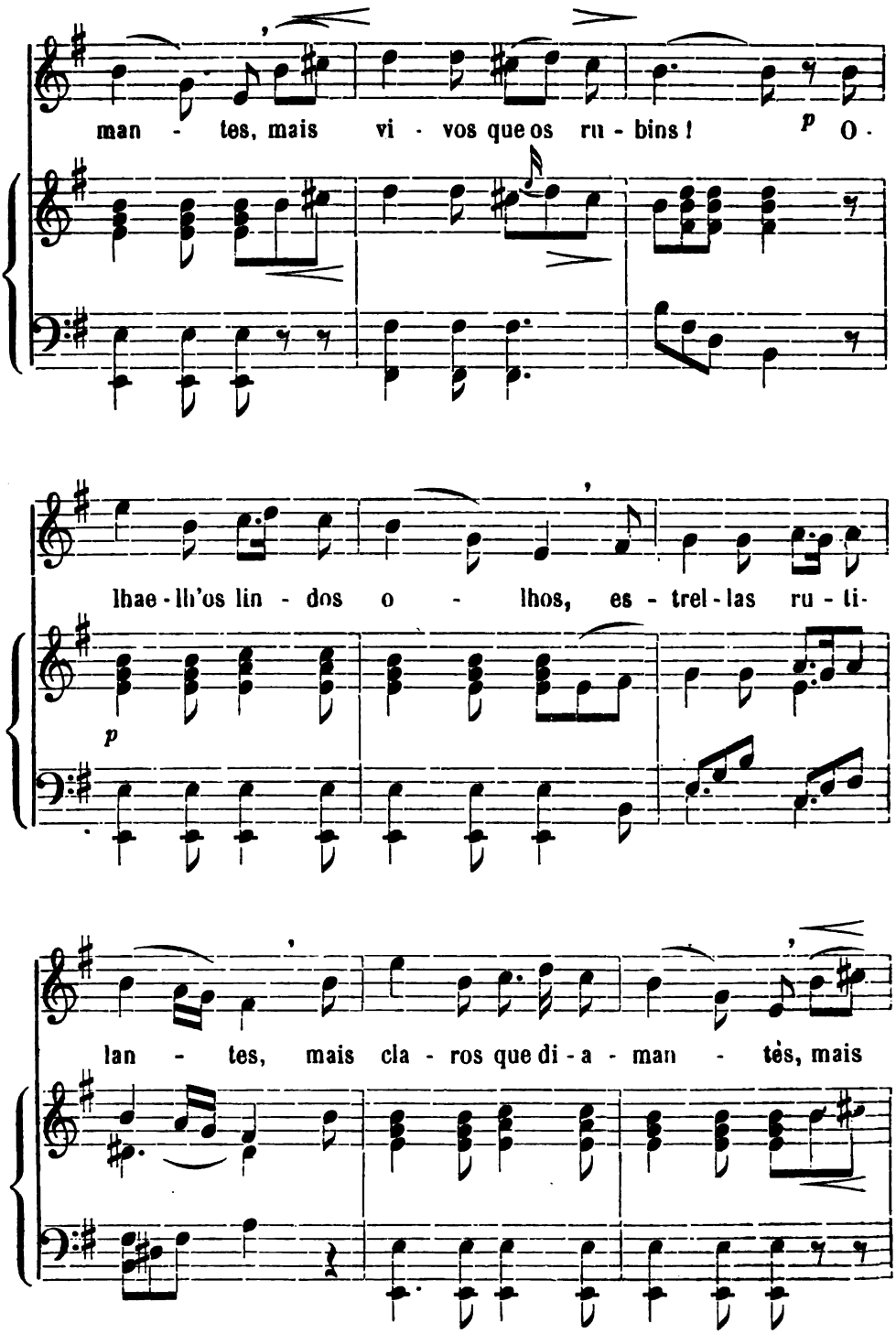

vem,do ceu, do ceu sal - var - nos vem, do
vem,do ceu, do ceu sal - var - nos vem, do
ceu, do ceu sal - var - nos vem!
A Be-
ceu, do ceu sa - var - nos vem!
A Be-

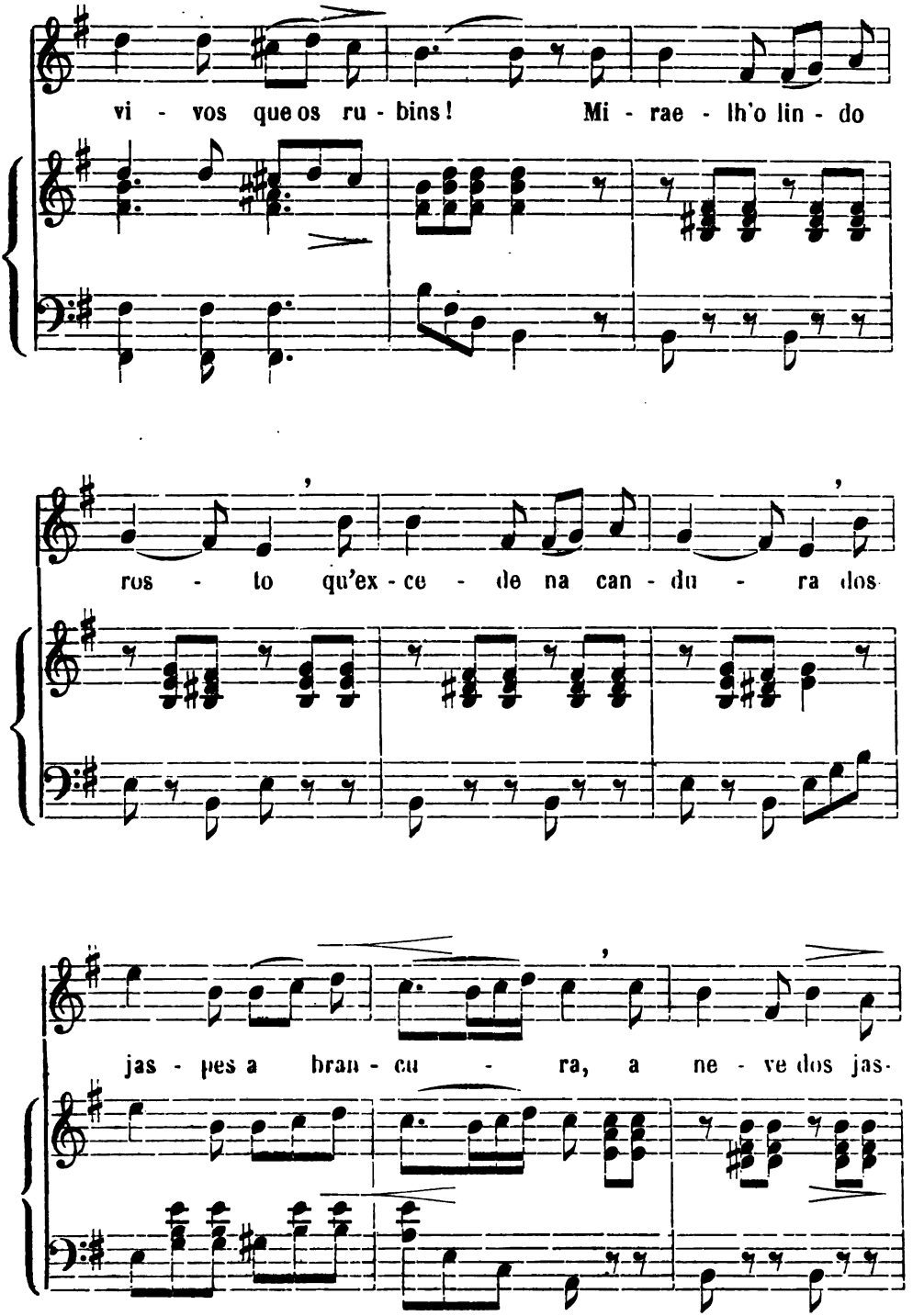

lem !
lem !
p
pp
ppp

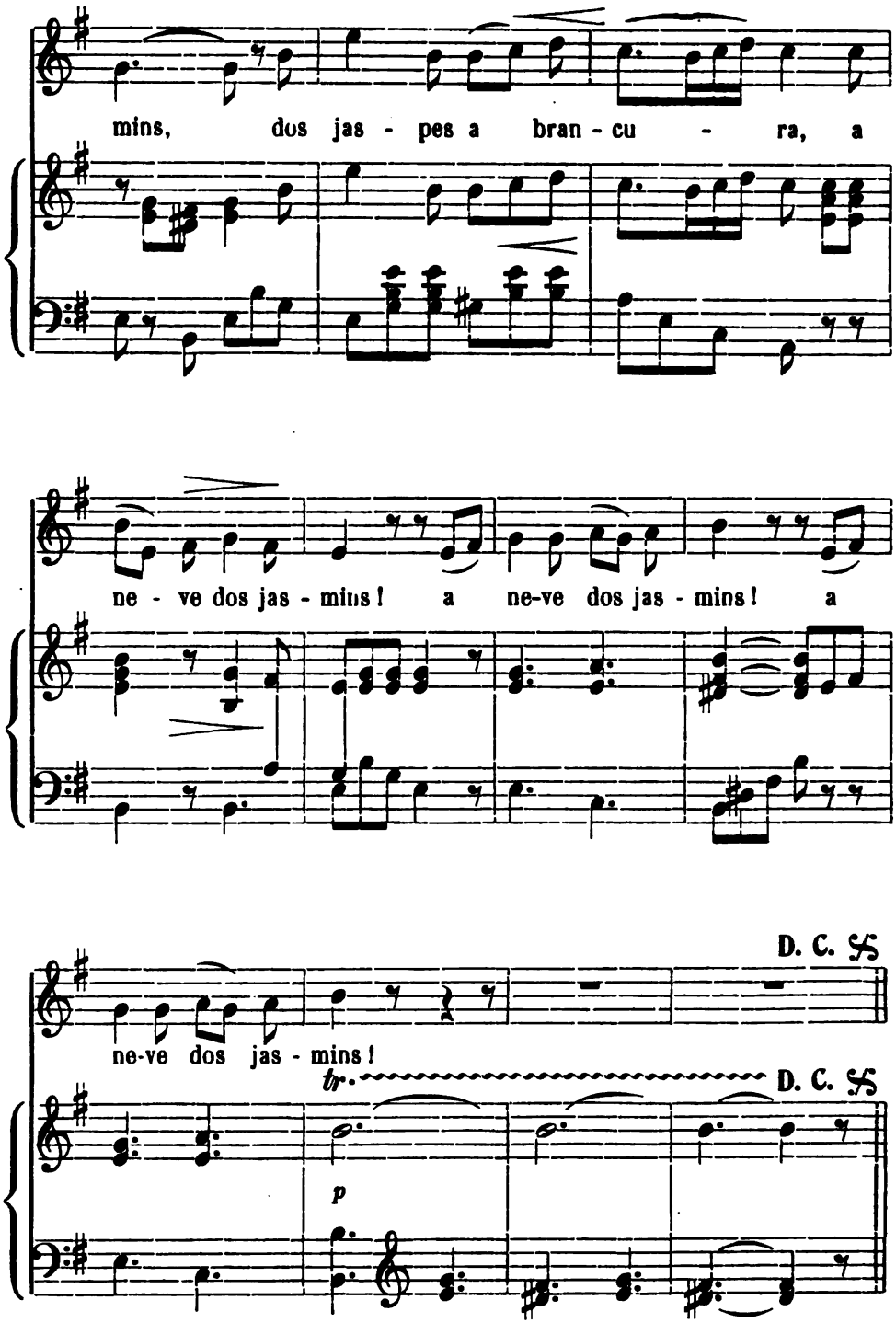

p
ppp


Andante
Tenor I (SOLO)
p O - lhae lh'os lin - dos o - lhos, es-
p


trel - las ru - ti - lan - tes, mais cla - ras que di - a-


man - tes, mais vi - vos que os ru - bins ! p O -
lhae - lh'os lin - dos o - lhos, es - trel - las ru - ti -
p
lan - tes, mais cla - ros que di - a - man - tes, mais


vi - vos que os ru - bins! Mi - rae - lh'o lin - do
ros - to qu'ex - ce - de na can - du - ra dos
jas - pes a bran - cu - ra, a ne - ve dos jas-


mins, dos jas - pes a bran - cu - ra, a
ne - ve dos jas - mins! a ne-ve dos jas - mins! a
ne-ve dos jas - mins!
D. C.
tr.
D. C.
p

A Belem!

(VERSÃO)

Nasceu, nasceu, pastores,
Jesus, o suspirado!
Com passo apressurado
Corramos a Belem!
Voemos á lapinha,
A ver o Rei divino,
Que um Deus, o Deus Menino,
Do ceu salvar-nos vem!

Olhae-lhe os lindos olhos,
Estrellas rutilantes.
Mais claros que diamantes,
Mais vivos que os rubins!
Mirae-lhe o lindo rosto,
Que excede na candura
Dos jaspes a brancura,
A neve dos jasmins!

Fitae d'aquellas faces
As flores tam mimosas,
Mais lindas do que as rosas,
Os cravos, o arrebol!
Fitae-lhe o seu cabello,
Mais loiro, mais doirado,
Do que oiro acrysolado,
Mais loiro do que o sol!

Mirae-lhe o terso collo,
Aquelles seus bracinhos,
Mais brancos que de arminhos
A nivea branquidão!
Que dita, se nos soffre
Alli, nos pobres paços,
A dar-lhe mil abraços,
Beijando aquella mão!

Que dita, pastorinhos!
Que extremos de ventura,
Chorarmos com ternura
Ao ver nascido a Deus!
Ao ve-lo na lapinha,
Ao vel-o tamanino,
Ao ver um Deus Menino
Descido lá dos ceus!

José, seu pae, ao ve-lo
Dos anjos cortejado,
Parece arrebatado
Em extasis de amor!
Da Virgem-Mãe nos braços,
Parece que assemelha
A mais doirada abelha
No calix de uma flor.

Que gôso, se aós pastores
Nos dér um só sorriso!
Será o Paraiso,
Será morrer de amor!
Mas, se Elle acaso chora
Em noite tam nevada,
A dôr será dobrada:
Será morrer de dôr!

Senhor: se fossem ricos
Os pobres dos pastores,
Nem tu soffreras dores,
Nem pena, ao ver-Te, nós.
Tam pobres, só podemos
Prendar-te co'a pobreza,
Co'a rústica lhaneza
Do amor dos nossos dós.

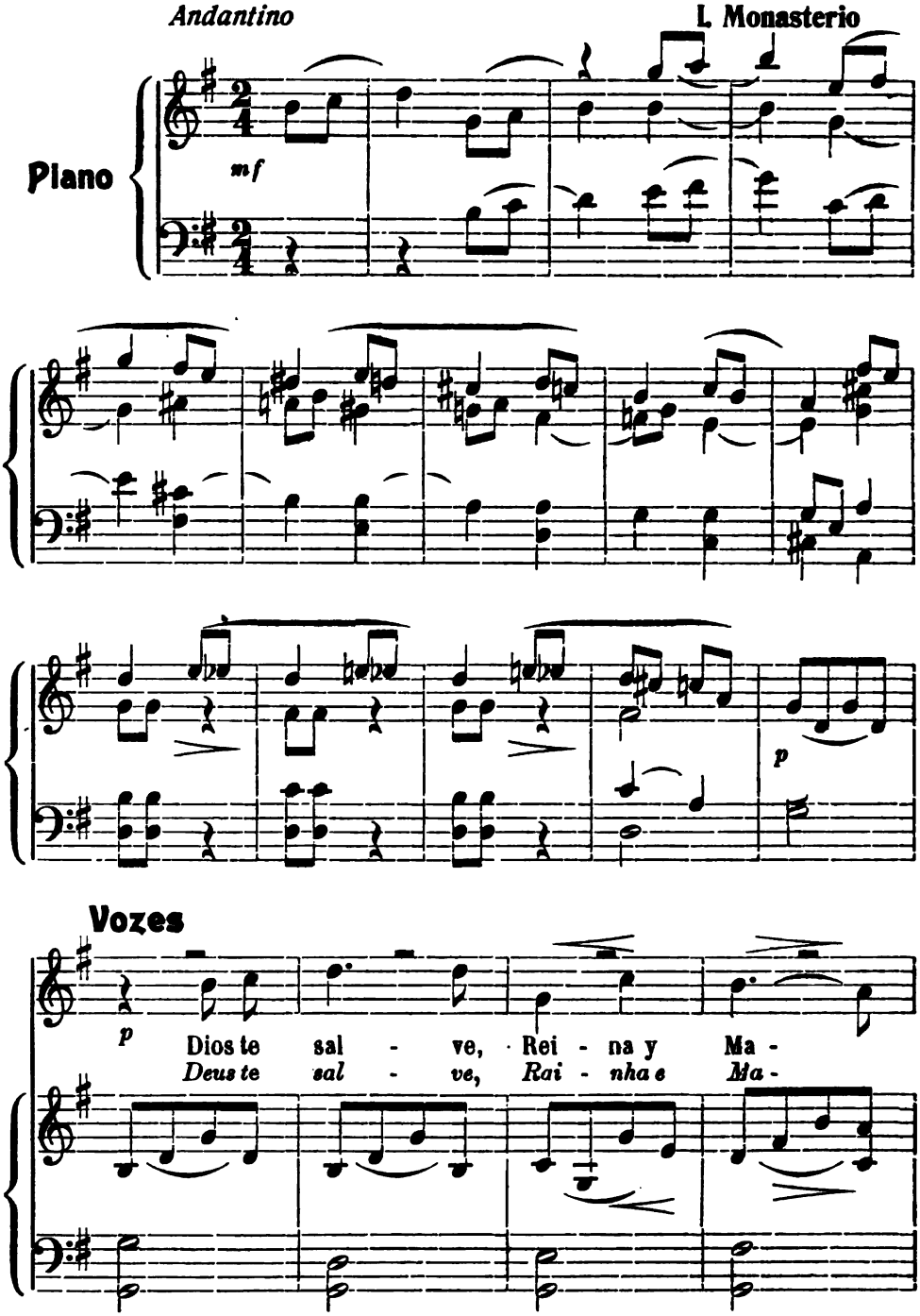
P. Joaquim Dias Silvares.

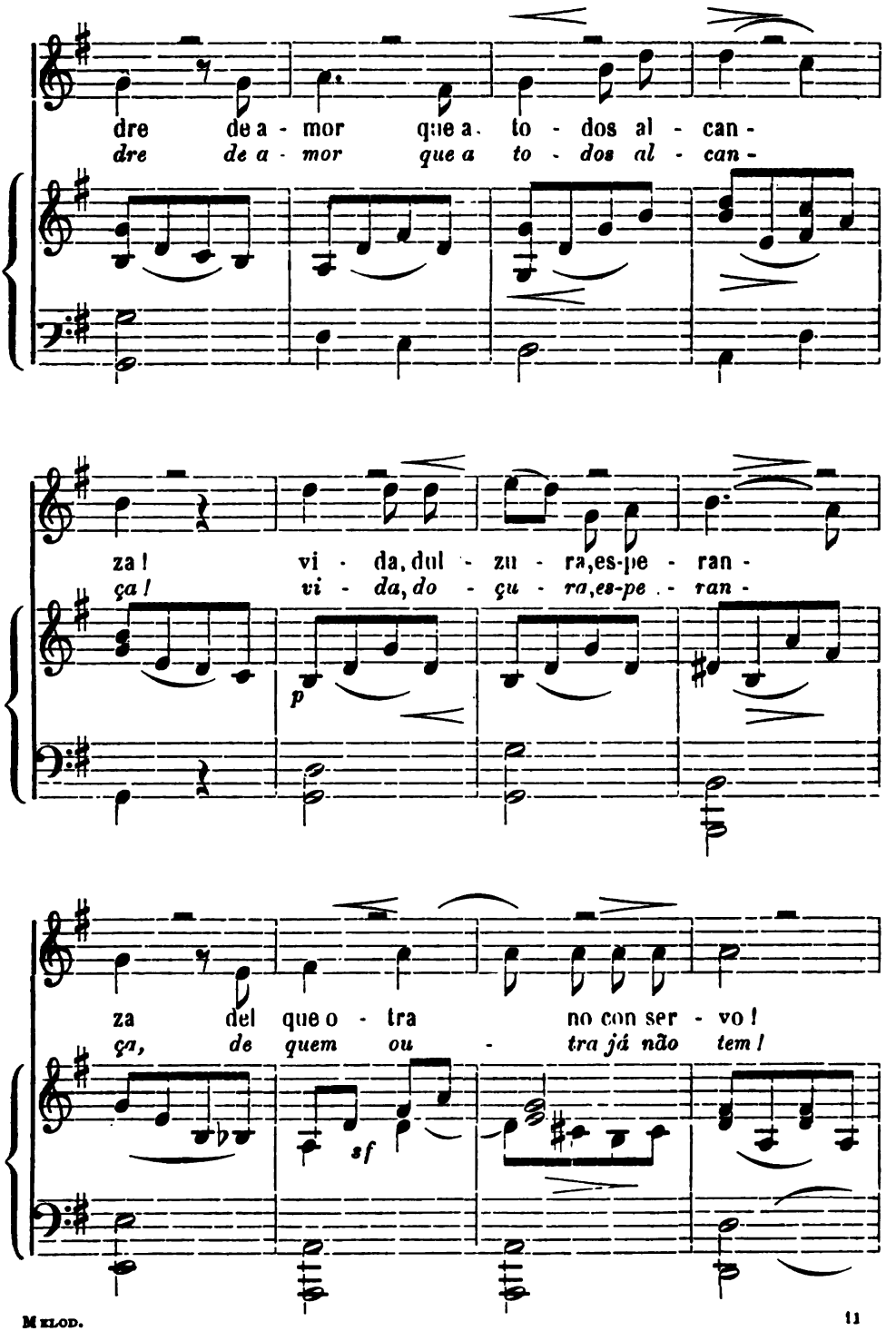
A melodia é de origem hespanhola; mas canta-se em varios pontos de Portugal ha perto de 30 annos.

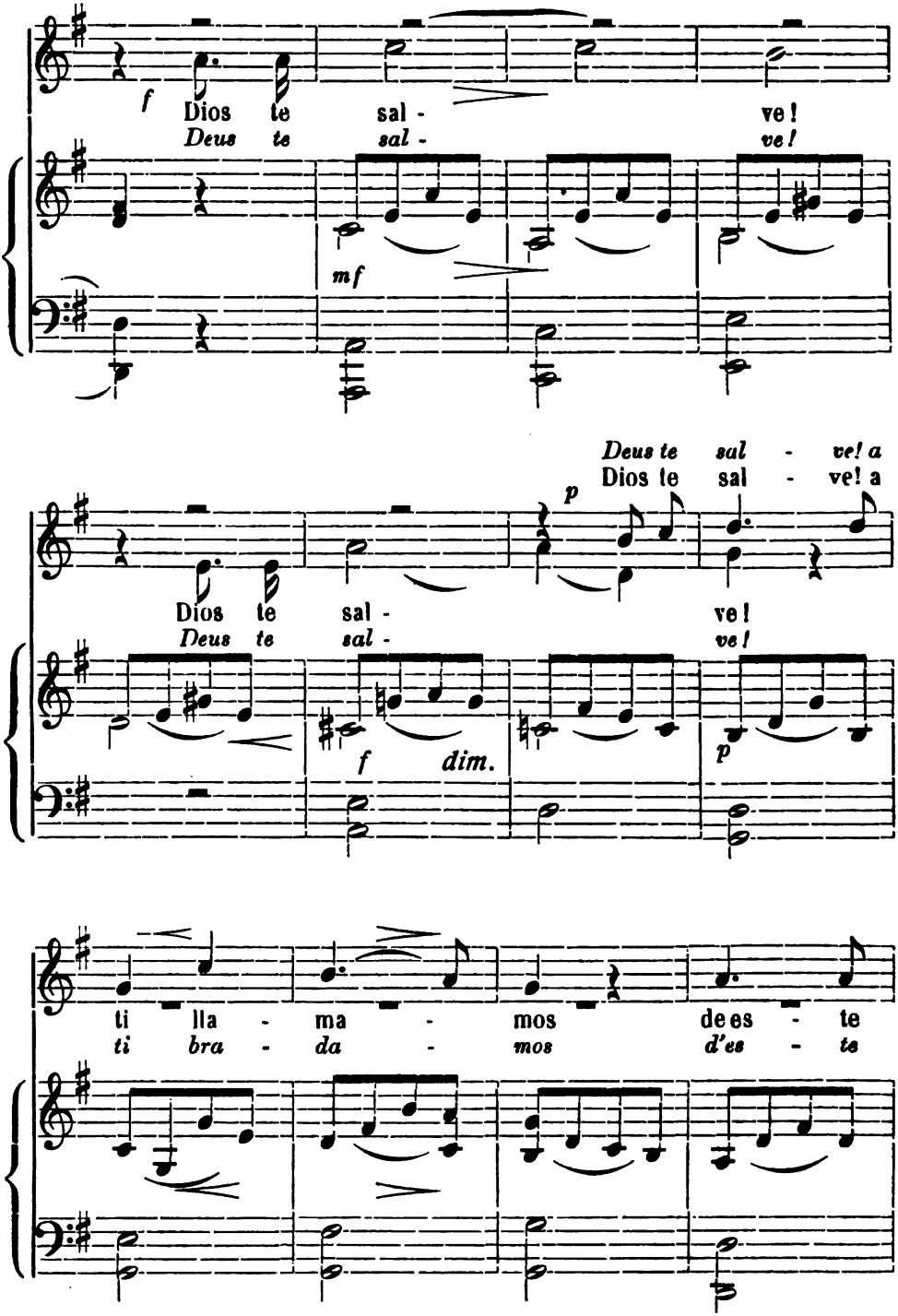
O arranjo é, com leves modificações, o da charanga e côro de S. Fiel.

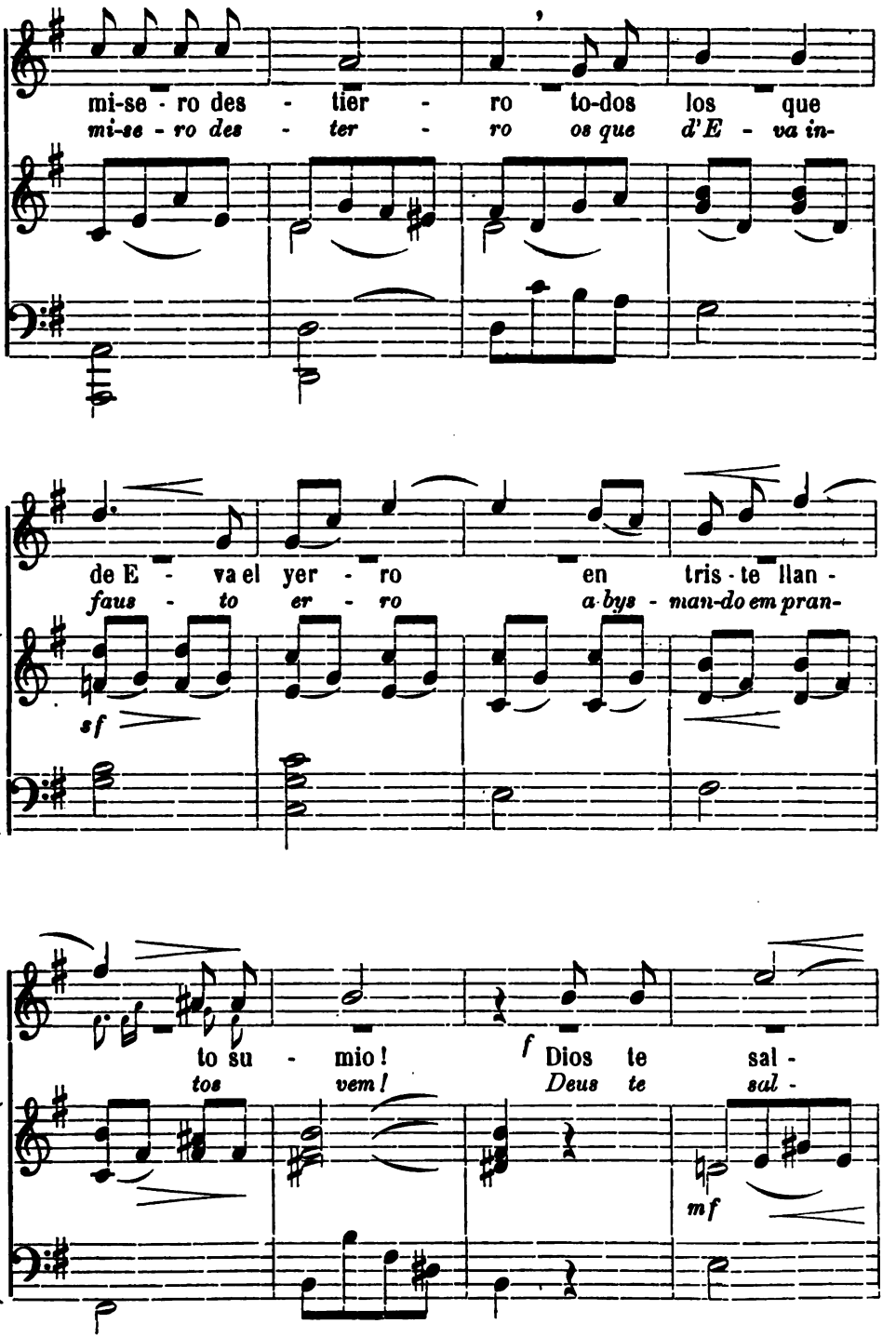
9. DIOS TE SALVE!

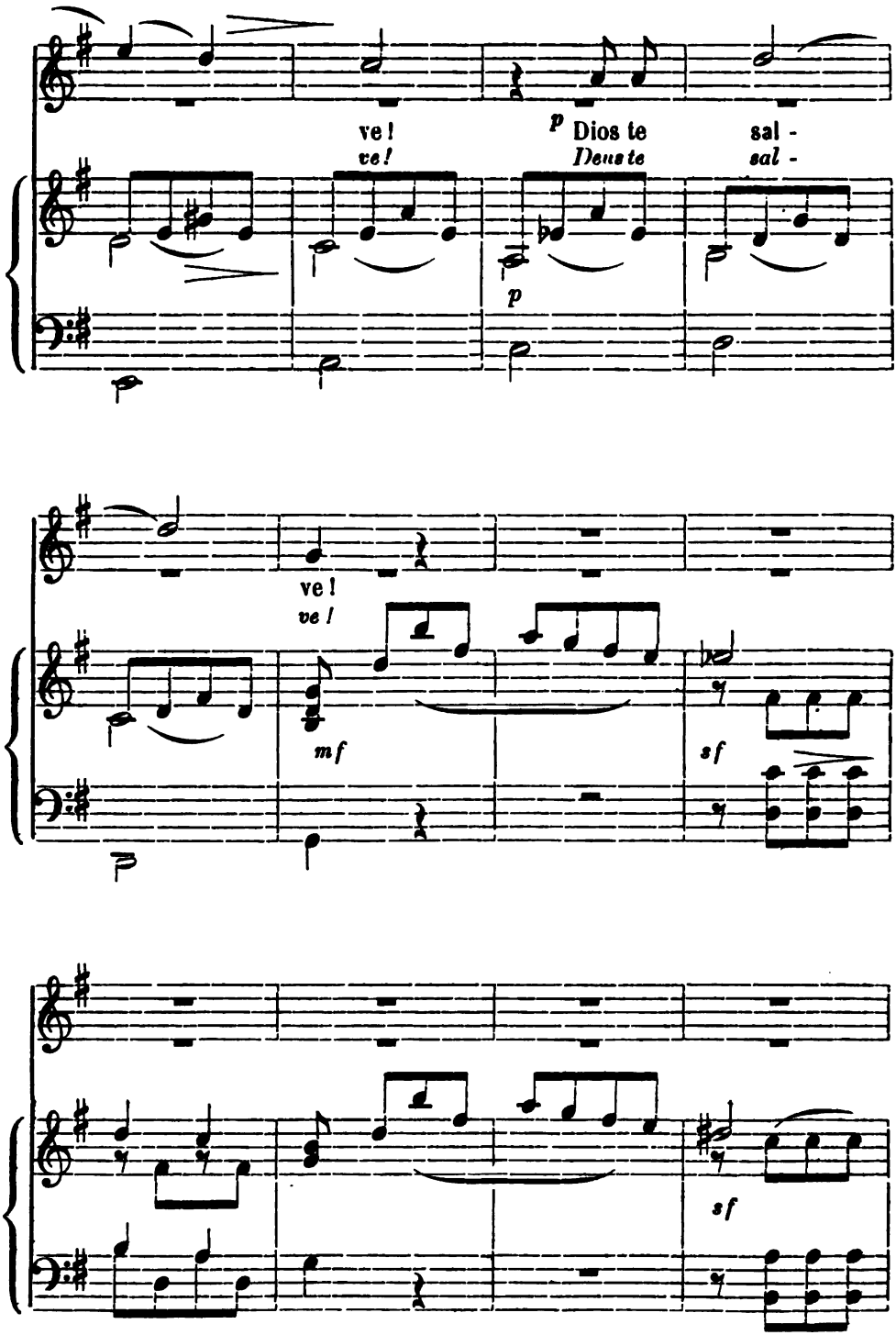
Andantino — I. Monasterio

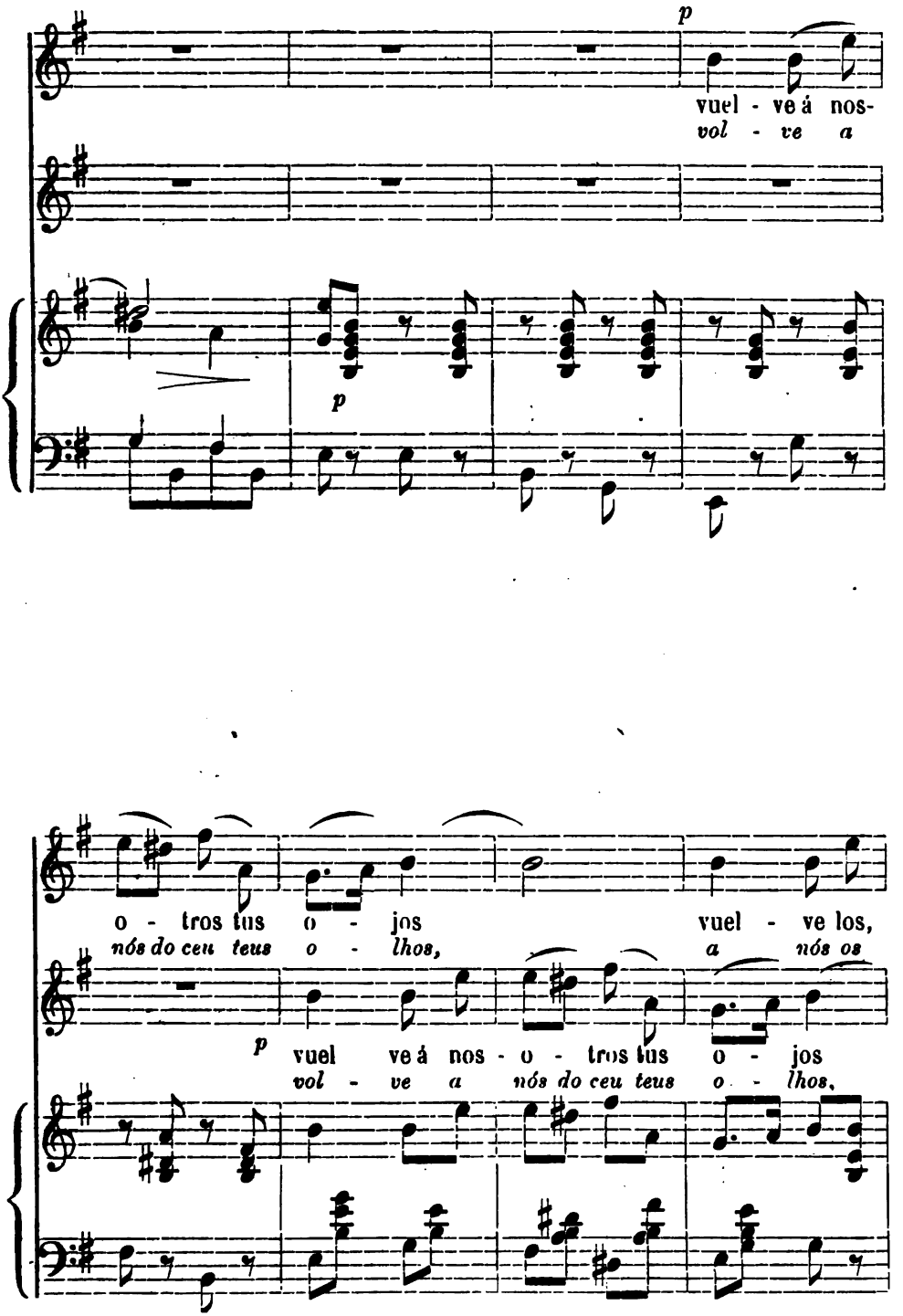


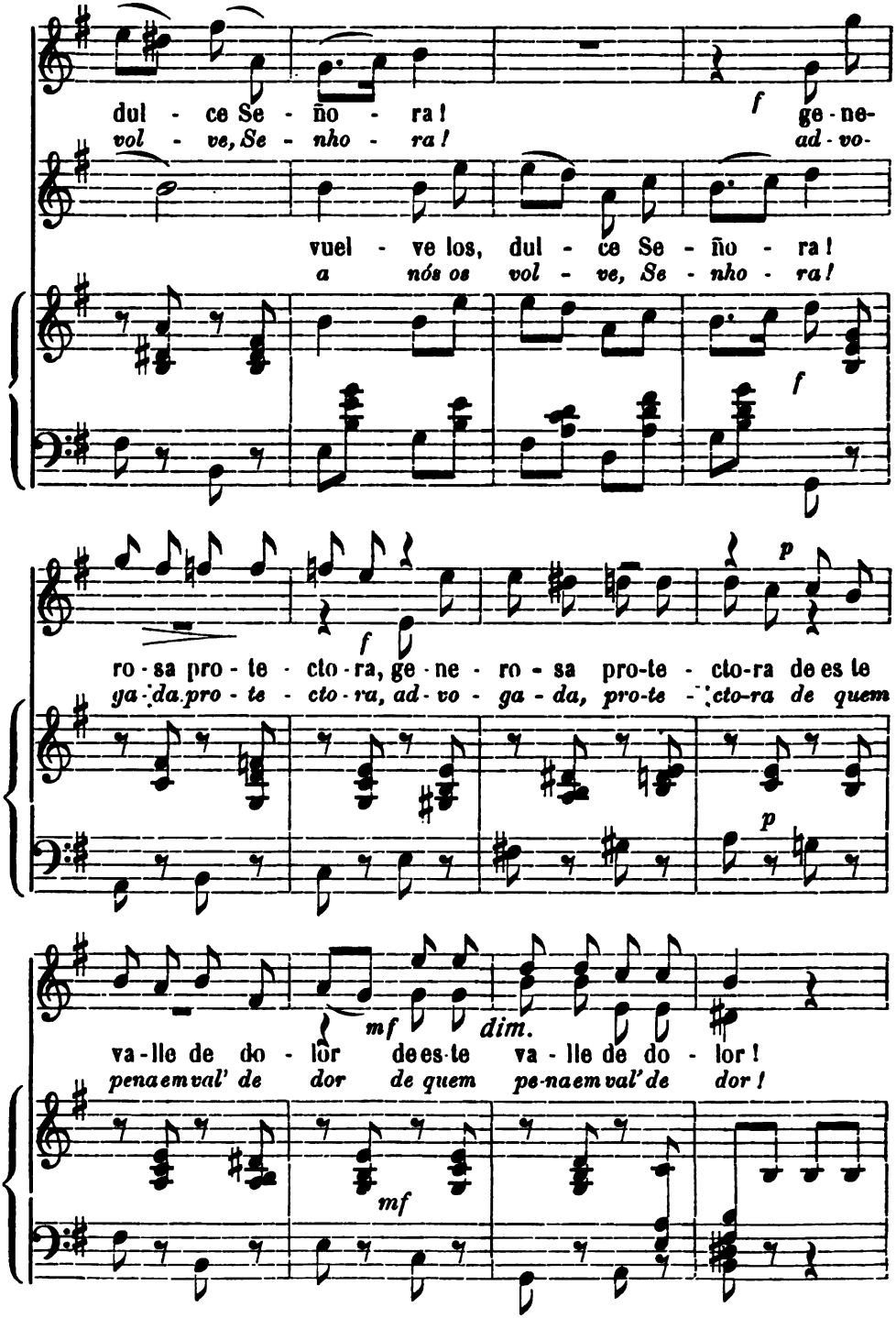

dre de a - mor que a - to - dos al - can -
dre de a - mor que a to - dos al - can -
za! vi - da, dul - zu - ra, es-pe - ran -
ça! vi - da, do - çu - ra, es-pe - ran -
p
za del que o - tra no con ser - vo!
ça, de quem ou - tra já não tem!
sf

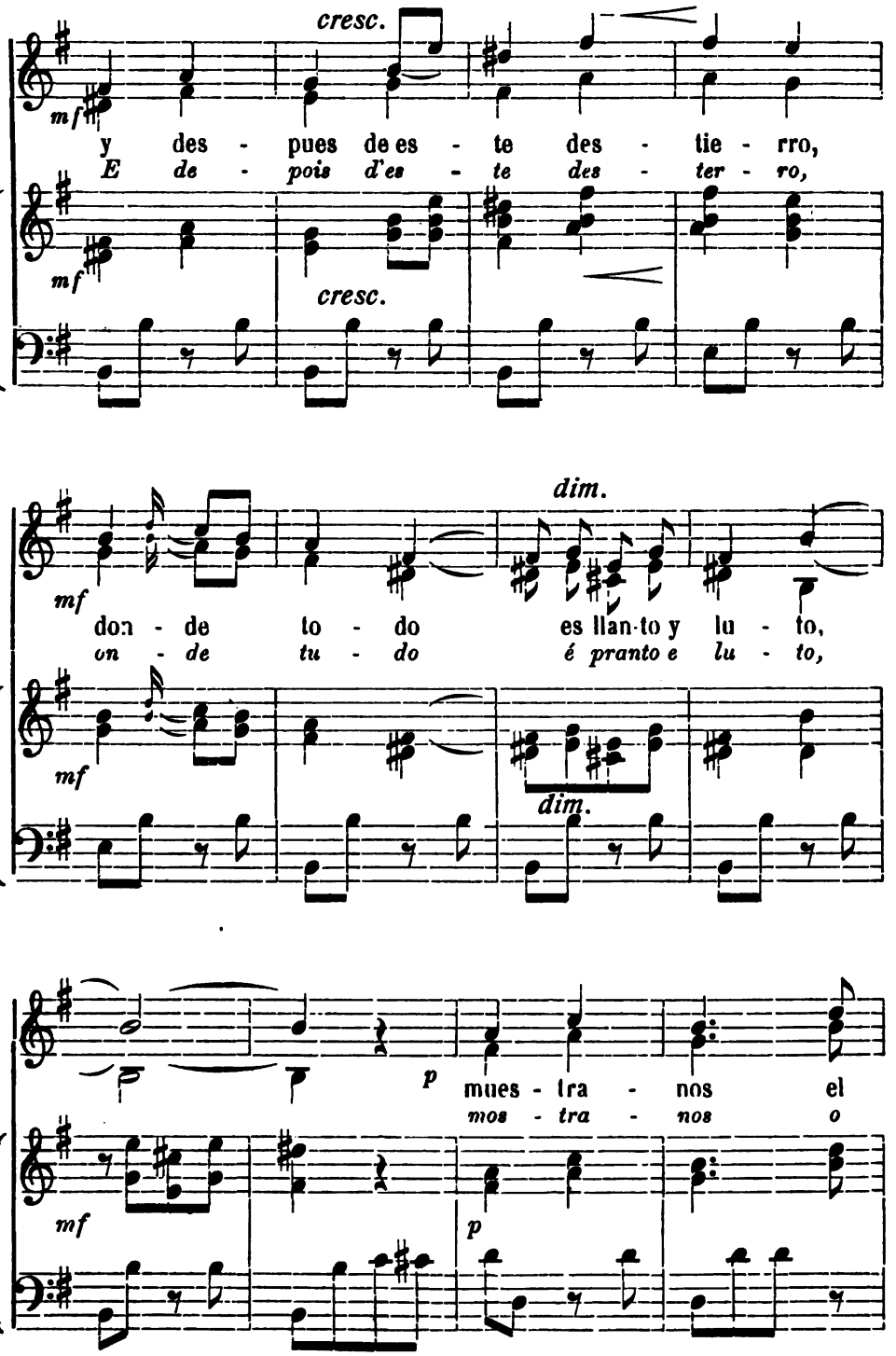

f
Dios te sal - ve!
Deus te sal - ve!
mf
Deus te sal - ve! a
Dios te sal - ve! a
p
Dios te sal - ve!
Deus te sal - ve!
f dim.
p
ti lla - ma - mos de es - te
ti bra - da - mos d'es - te

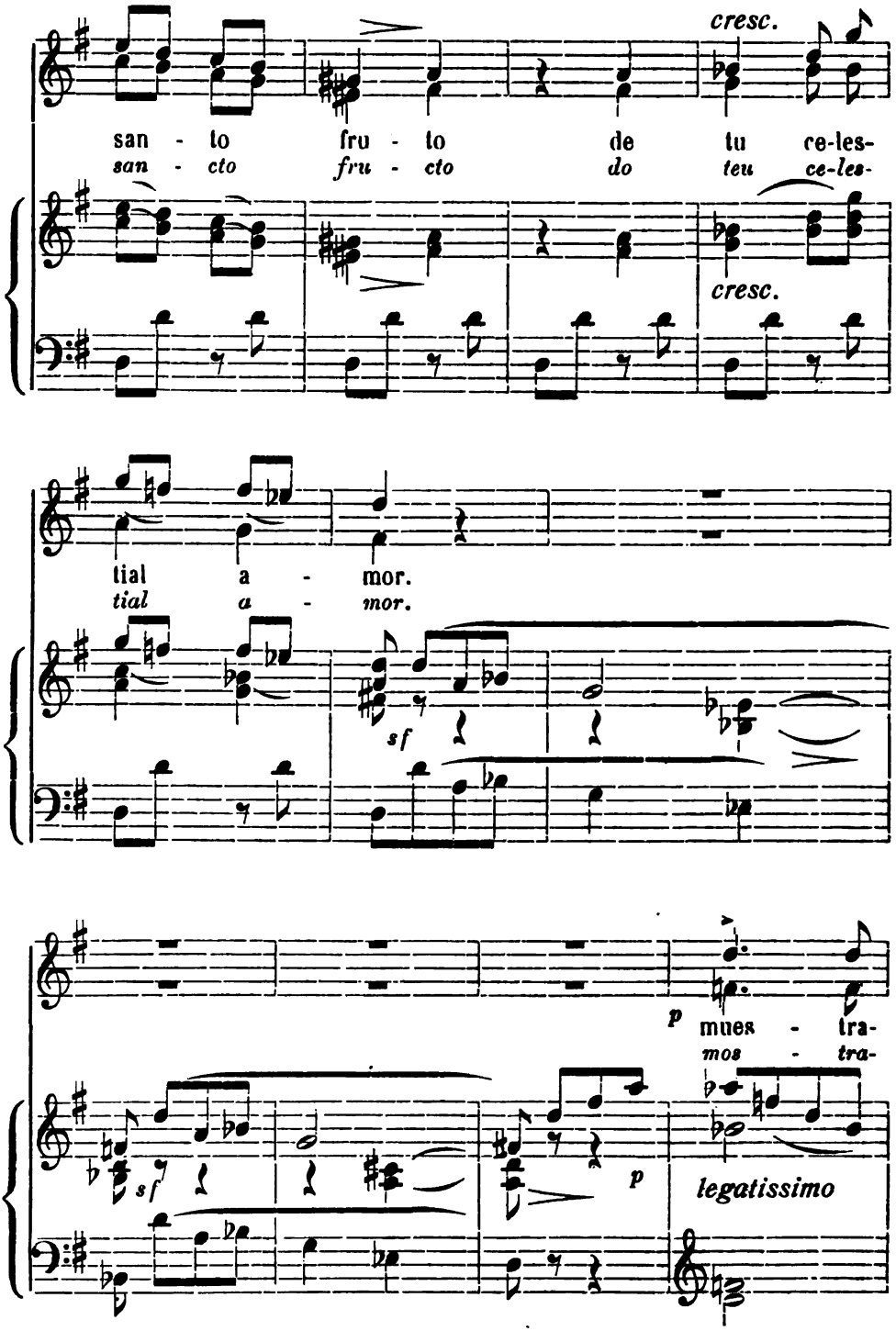

mi-se - ro des - tier - ro to-dos los que
mi-se - ro des - ter - ro os que d'E - va in-
de E - va el yer - ro en tris - te llan -
faus - to er - ro a-bys - man-do em pran-
sf
to su - mio!
f
Dios te sal -
tos vem!
Deus te sal -
mf

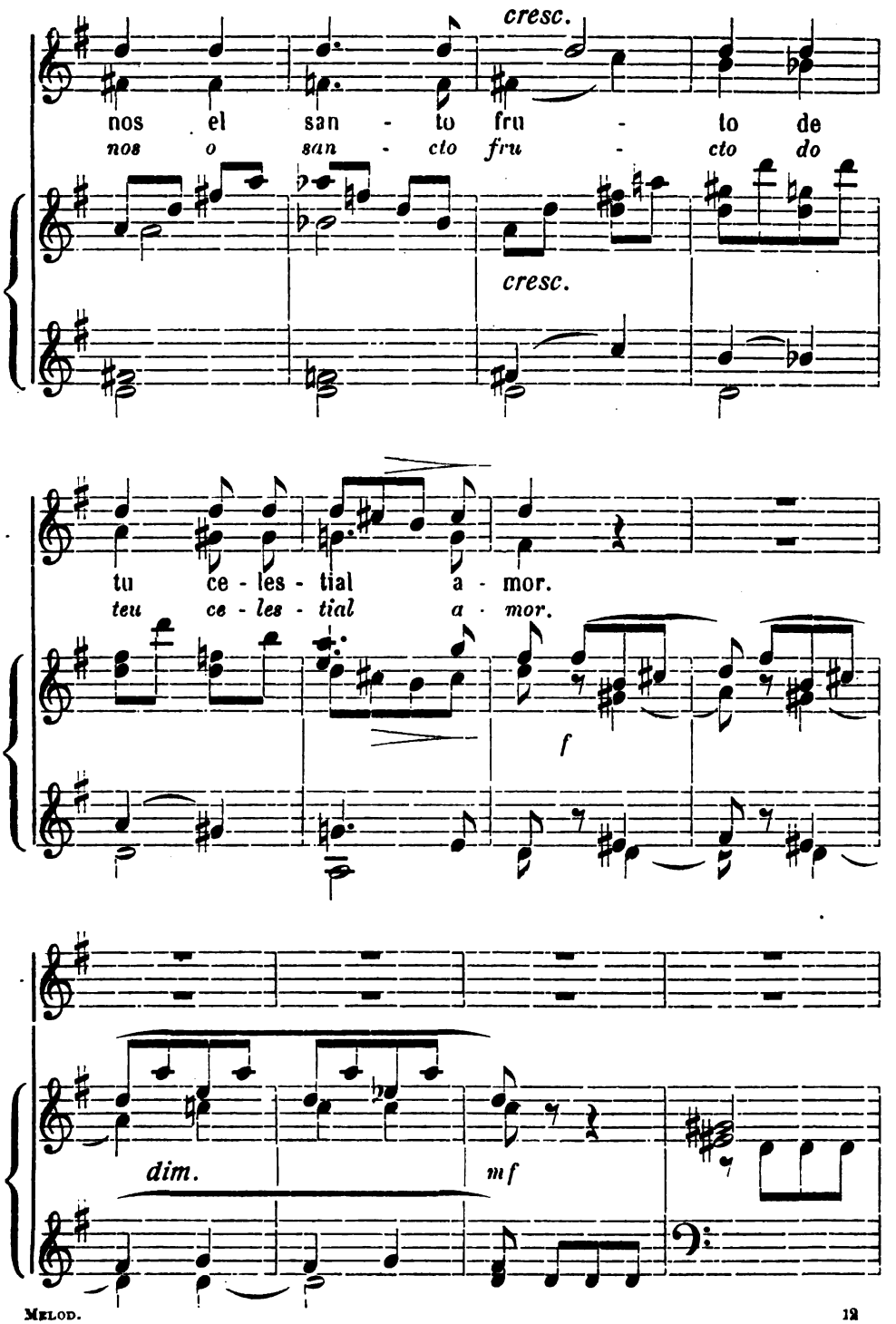

ve!
ve!
p
Dios te
Deus te
sal -
sal -
p
ve!
ve!
mf
sf
sf

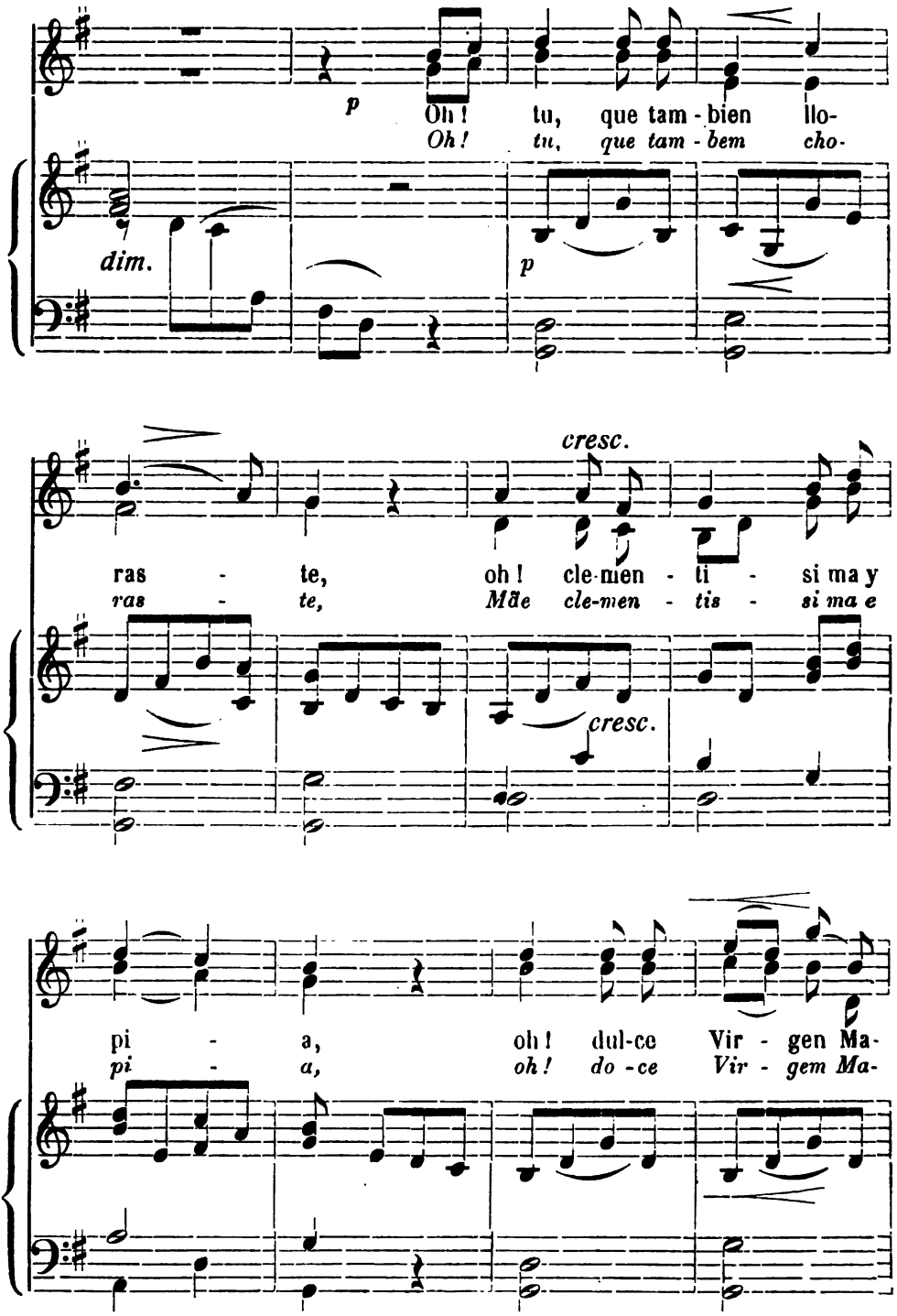

p
vuel - ve á nos-
vol - ve a
p
o - tros tus o - jos vuel - ve los,
nós do ceu teus o - lhos, a nós os
p
vuel ve á nos - o - tros tus o - jos
vol - ve a nós do ceu teus o - lhos,

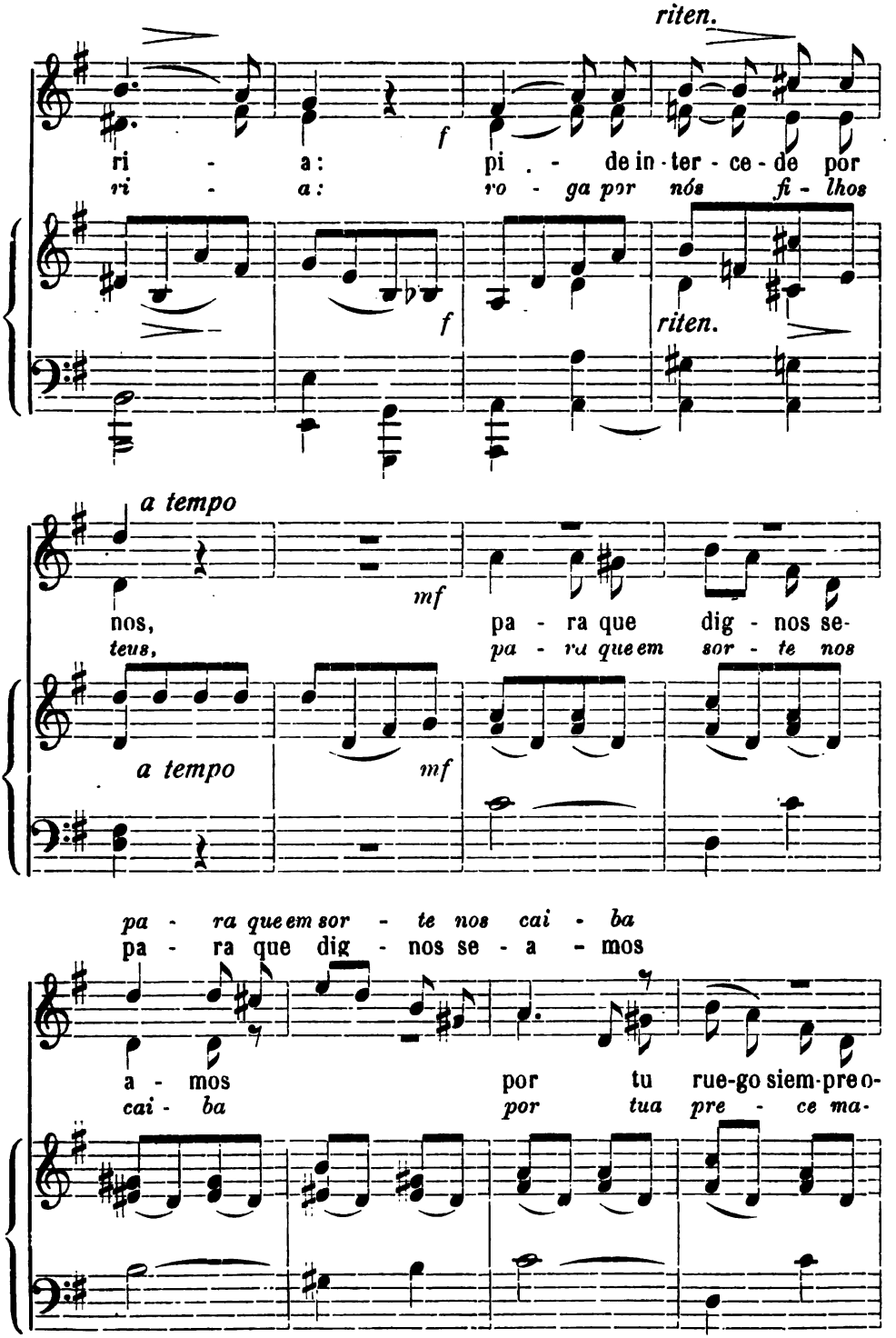

dul - ce Se - ñō - ra!
vol - ve, Se - nho - ra!
f
ge - ne-
ad - vo-
vuel - ve los, dul - ce Se - ñō - ra!
a nós os vol - ve, Se - nho - ra!
f
ro - sa pro - te - cto - ra, ge - ne - ro - sa pro-te - cto-ra de es te
ya - da pro - te - cto - ra, ad - vo - ga - da, pro-te - cto-ra de quem
p
p
mf
dim.
va - lle de do - lor de es te va - lle de do - lor!
pena em val' de dor de quem pe-na em val' de dor!
mf

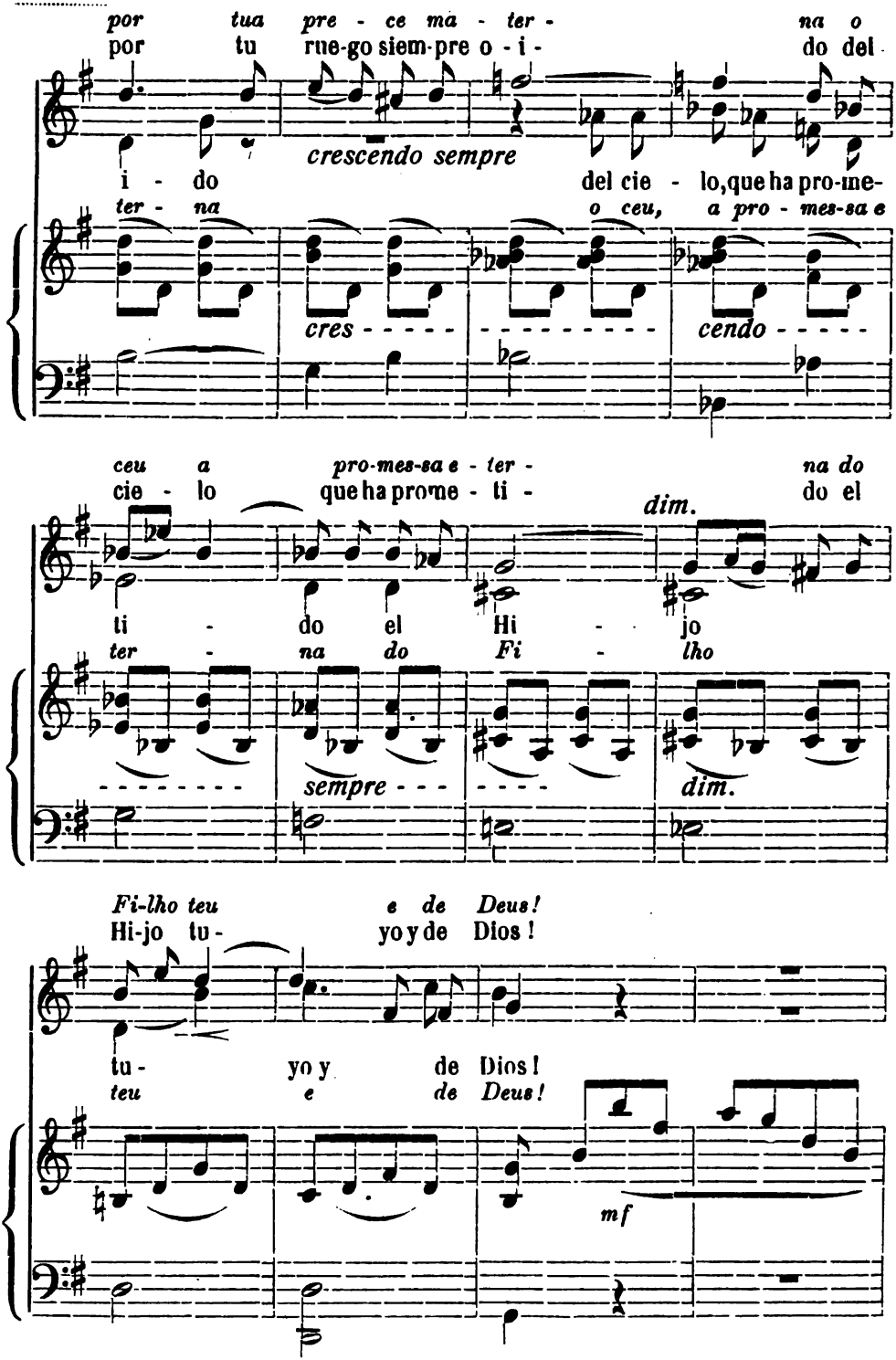

cresc.
mf
y des - pues de es - te des - tie - rro,
E de - pois d'es - te des - ter - ro,
mf
cresc.
dim.
mf
don - de to - do es llan-to y lu - to,
on - de tu - do é pranto e lu - to,
mf
dim.
p
mues - tra - nos el
mos - tra - nos o
mf
p

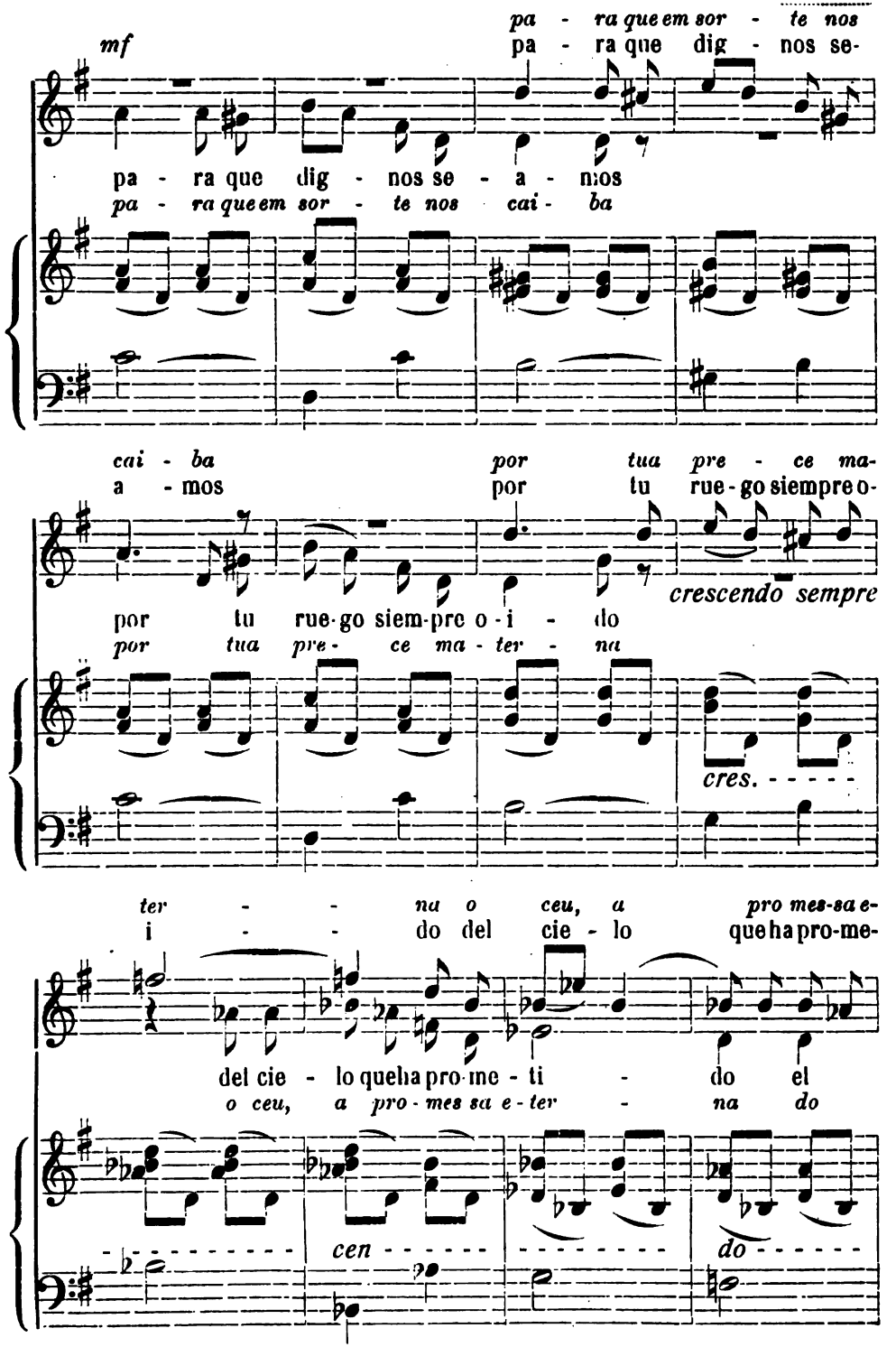

cresc.
san - to fru - to de tu ce-les-
san - cto fru - cto do teu ce-les-
cresc.
tial a - mor.
tial a - mor.
sf
p
mues - tra-
mos - tra-
sf
p
legatissimo

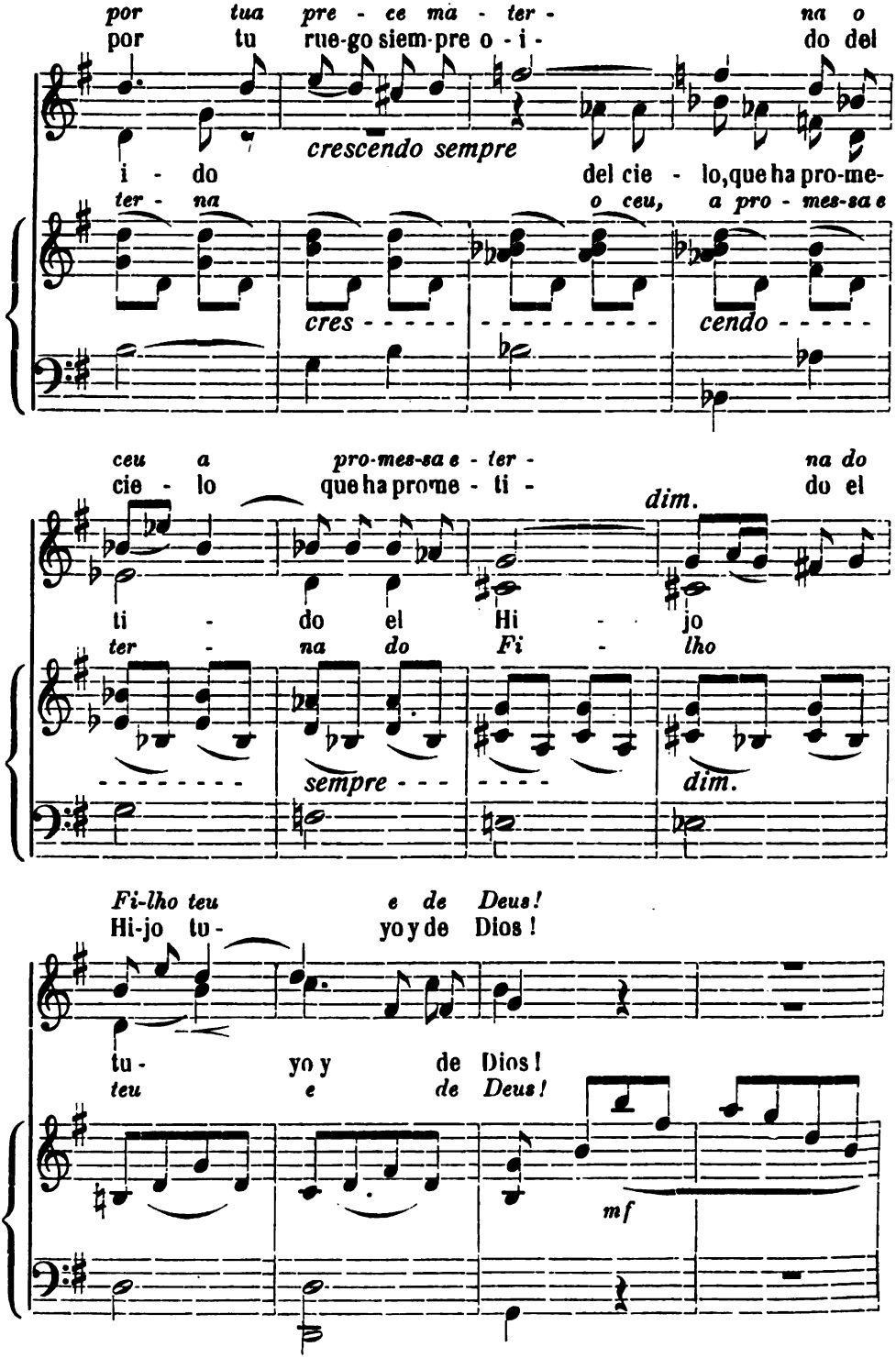

cresc.
nos el san - to fru - to de
nos o san - cto fru - cto do
cresc.
tu ce - les - tial a - mor.
teu ce - les - tial a - mor.
f
dim.
mf


p
Oh! tu, que tam - bien llo-
Oh! tu, que tam - bem cho-
dim.
p
cresc.
ras - te, oh! cle-men - ti - si ma y
ras - te, Mãe cle-men - tis - si ma e
cresc.
pi - a, oh! dul-ce Vir - gen Ma-
pi - a, oh! do - ce Vir - gem Ma-


riten.
ri - a: pi . - de in - ter - ce - de por
ri - a: ro - ga por nós fi - lhos
f
f
riten.
a tempo
mf
nos, pa - ra que dig - nos se-
teus, pa - ra que em sor - te nos
a tempo
mf
pa - ra que em sor - te nos cai - ba
pa - ra que dig - nos se - a - mos
a - mos por tu rue-go siem-pre o-
cai - ba por tua pre - ce ma-


por tua pre - ce ma - ter - na o
por tu rue-go siem-pre o - i - do del
i - do del cie - lo, que ha pro-me-
ter - na o ceu, a pro - mes-sa e
cres - - - - - cendo - - - - -
ceu a pro-mes-sa e - ter - na do
cie - lo que ha prome - ti - do el
dim.
ti - do el Hi - jo
ter - na do Fi - lho
sempre - - - dim.
Fi-lho teu e de Deus!
Hi-jo tu - yo y de Dios!
tu - yo y de Dios!
teu e de Deus!
mf


pa - ra que em sor - te nos
mf
pa - ra que dig - nos se-
pa - ra que dig - nos se - a - nos
pa - ra que em sor - te nos cai - ba
cai - ba por tua pre - ce ma-
a - mos por tu rue - go siempre o-
crescendo sempre
por tu rue - go siem - pre o - i - do
por tua pre - ce ma - ter - na
cres.
ter - - na o ceu, a pro mes-sa e-
i - - do del cie - lo que ha pro-me-
del cie - lo que ha pro-me - ti - do el
o ceu, a pro - mes sa e - ter - na do
cen - - - - - do


por tua pre - ce ma - ter - na o
por tu rue-go siem-pre o - i - do del
crescendo sempre
i - do del cie - lo, que ha pro-me-
ter - na o ceu, a pro - mes-sa e
cres - - - - - cendo - - - - -
ceu a pro-mes-sa e - ter - na do
cie - lo que ha prome - ti - do el
dim.
ti - do el Hi - jo
ter - na do Fi - lho
sempre - - - - dim.
Fi-lho teu e de Deus!
Hi-jo tu - yo y de Dios!
tu - yo y de Dios!
teu e de Deus!
mf

mf

pa - ra que em sor - te nos
pa - ra que dig - nos se-

pa - ra que dig - nos se - a - mos
pa - ra que em sor - te nos cai - ba

cai - ba *por tua pre - ce ma-*
a - mos por tu rue - go siempre o-

crescendo sempre

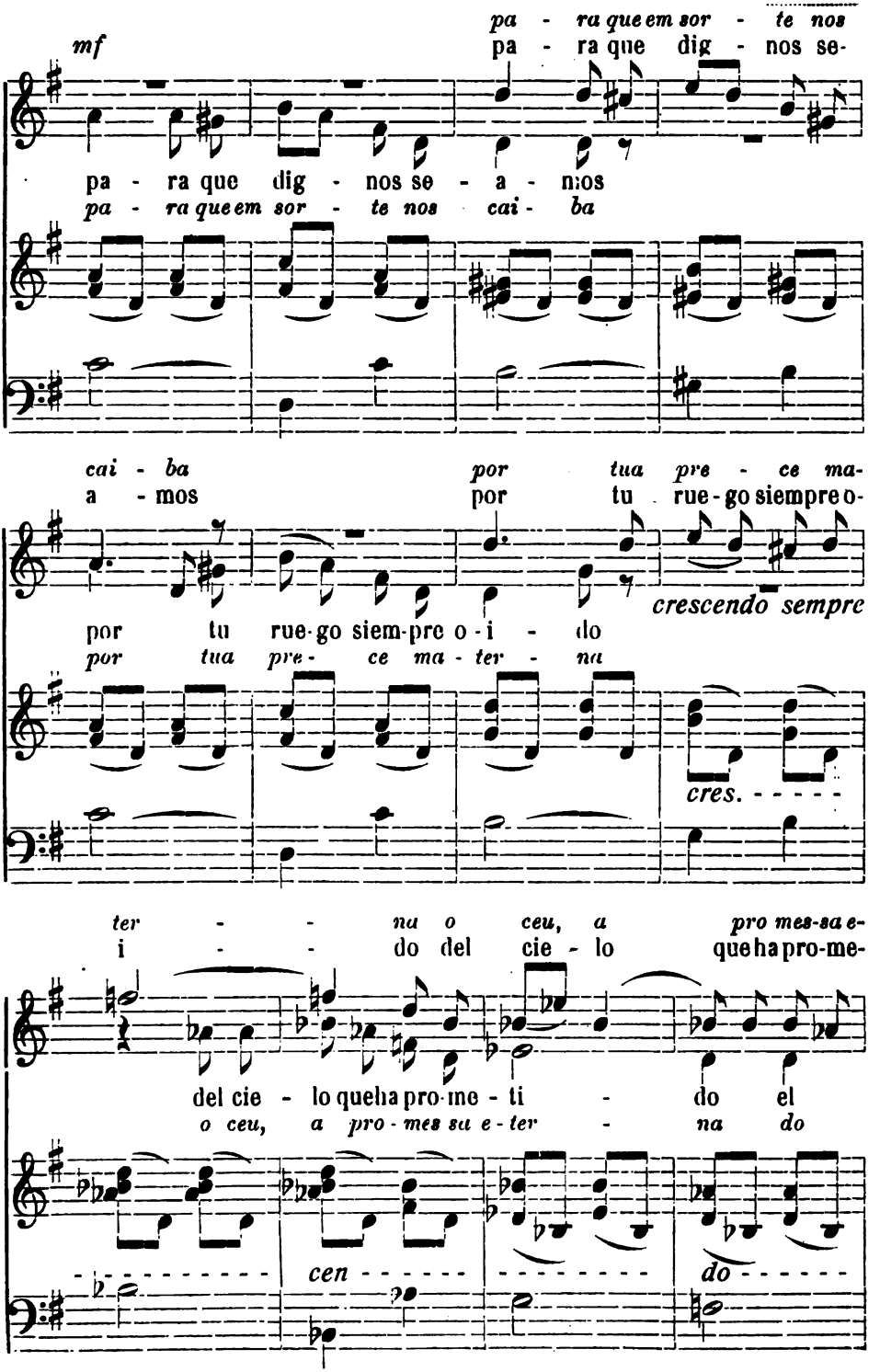
por tu rue - go siem - pre o - i - do
por tua pre - ce ma - ter - na

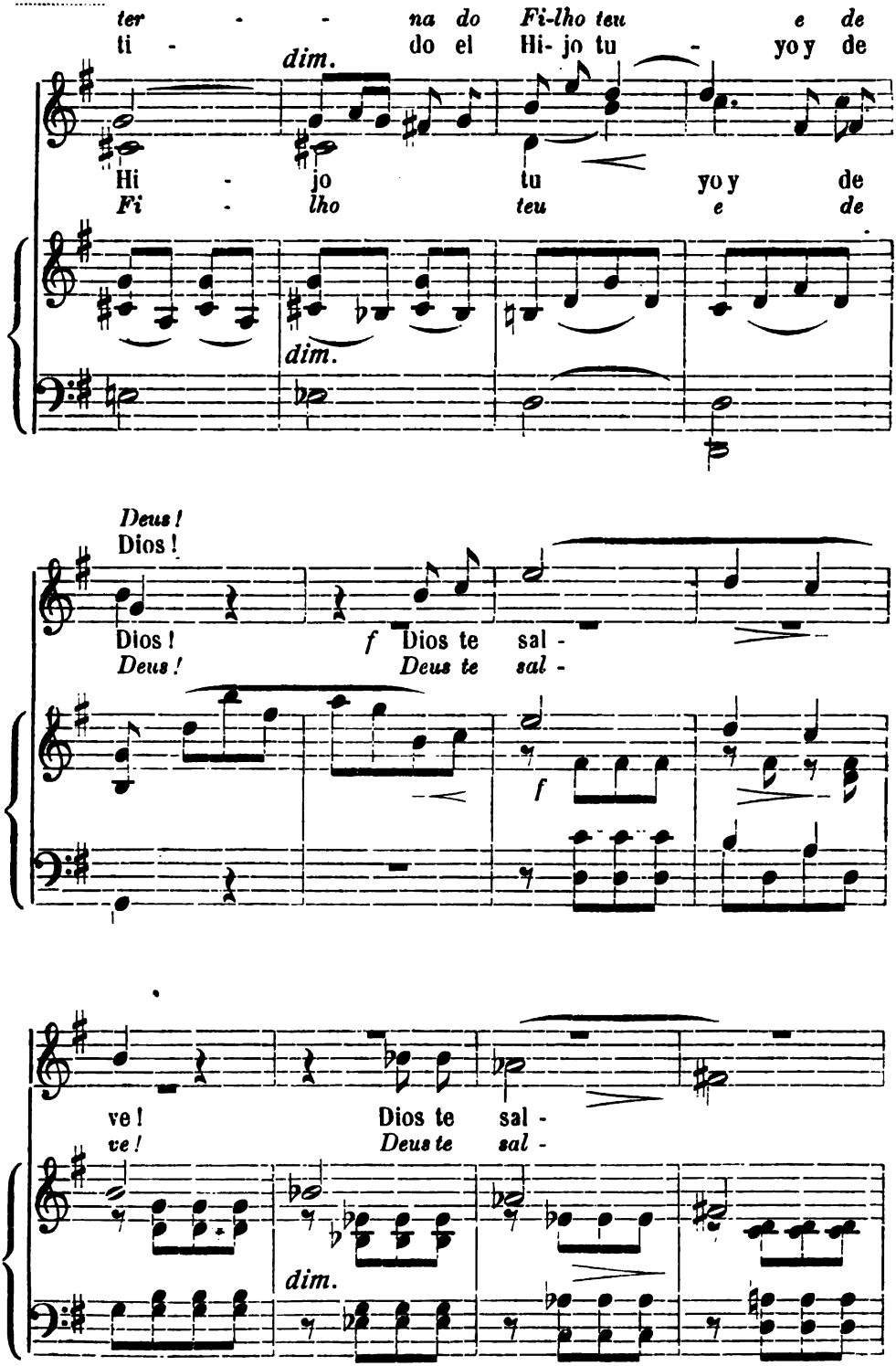
cres. - - - - -

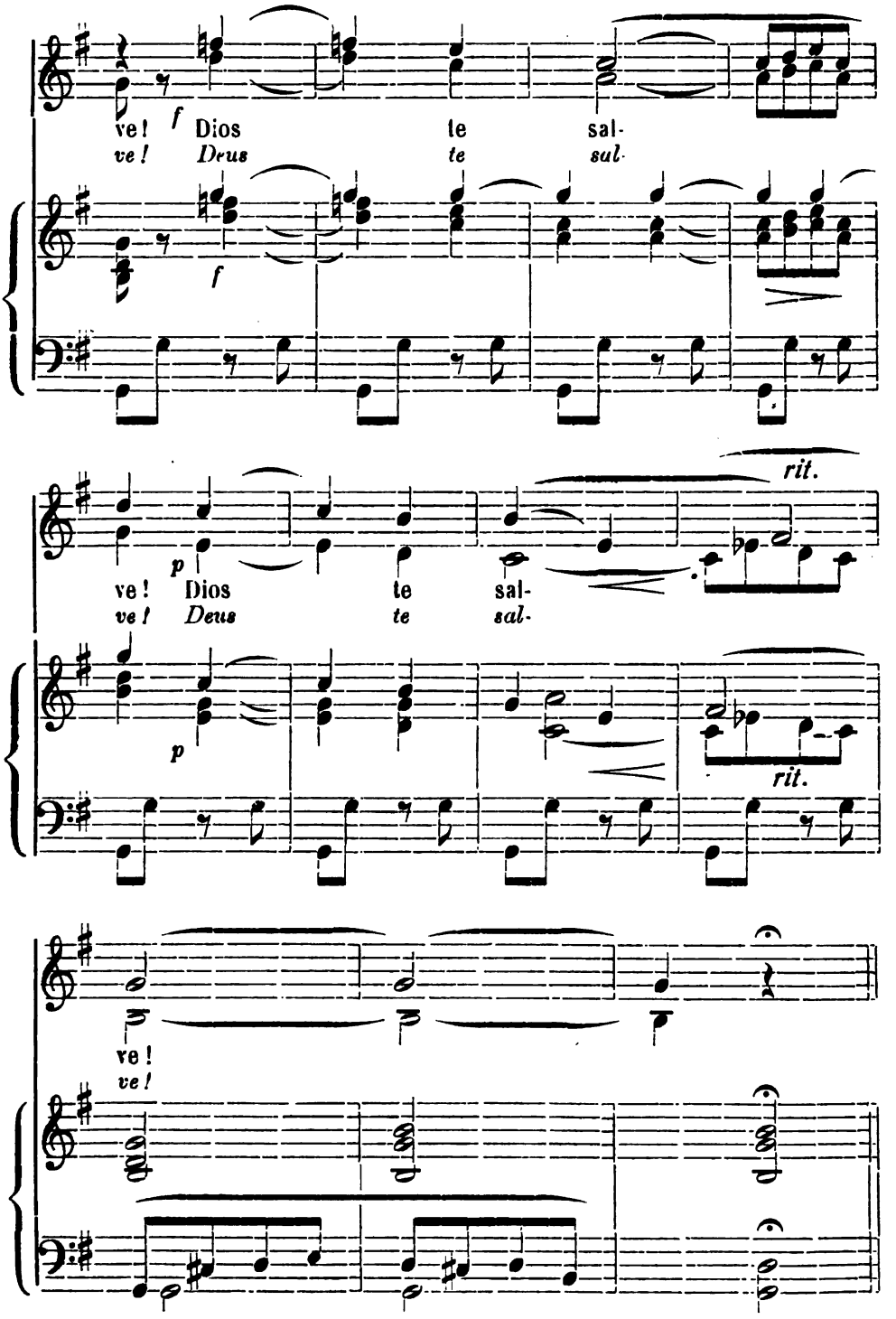
ter - - na o ceu, a pro mes-sa e-
i - - do del cie - lo que ha pro-me-

del cie - lo que ha pro - me - ti - do el
o ceu, a pro - mes sa e - ter - na do

- - - - - - - - - - *cen* - - - - - - - - - - - - - - *do* - - - - - -




ter - - na do Fi-lho teu e de
ti - do el Hi- jo tu - yo y de
dim.
Hi - jo tu yo y de
Fi - lho teu e de
dim.
Deus!
Dios!
Dios! f Dios te sal -
Deus! Deus te sal -
f
ve! Dios te sal -
ve! Deus te sal -
dim.


ve! Dios te sal-
ve! Deus te sal-
f
f
rit.
p
ve! Dios te sal-
ve! Deus te sal-
p
rit.
ve!
ve!

Dios te salve!

Dios te salve, Reina y Madre
De amor, que á todos alcanza!
Vida, dulzura, esperanza,
Del que otra no conservó!
Dios te salve! A ti llamamos
De este misero destierro
Todos los que de Eva el yerro
En triste llanto sumió!

Vuelve a nosotros tus ojos,
Vuelve-los, dulce Señora,
Generosa protectora
De este valle de dolor.
Y despues de este destierro,
Donde todo és llanto y luto,
Muestra-nos el santo fruto
De tu celestial amor.

Oh! tu que tambien lloraste
Oh! clementisima y pia,
Oh! dulce Virgen Maria:
Pide, intercede por nós,
Para que dignos seamos
Por tu ruego siempre oido
Del cielo, que ha prometido
El Hijo tuyo y di Dios!

D. Concepcion del Arenal

Deus te salve, Rainha e Madre
de amor, que a todos alcança!
Vida, doçura, esperança,
de quem outra já não tem!
Deus te salve! A ti bradamos
d'este misero desterro
os que de Eva infausto erro
abysmando em prantos vem!

Volve a nós do ceu teus olhos,
a nós os volve Senhora,
advogada, protectora,
de quem pena em val' de dor!
E, depois d'este desterro,
onde tudo é pranto e lucto,
mostra-nos o sancto fructo
do teu celestial amor.

Oh! tu, que tambem choraste,
Mãe clementissima e pia,
oh! doce Virgem Maria:
roga por nós, filhos teus,
para que em sorte nos caiba
por tua prece materna
o ceu, a promessa eterna
do Filho teu e de Deus!

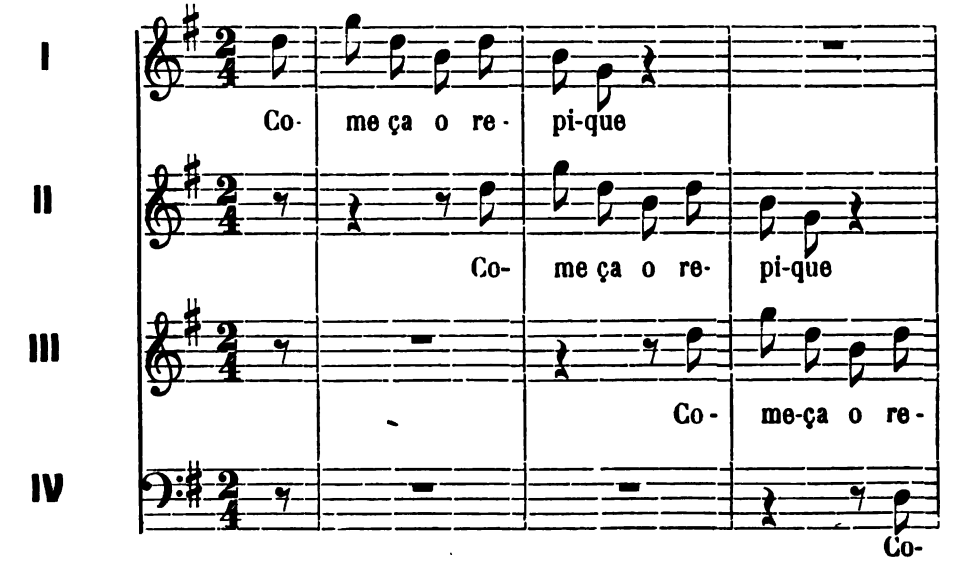
A. de Menezes

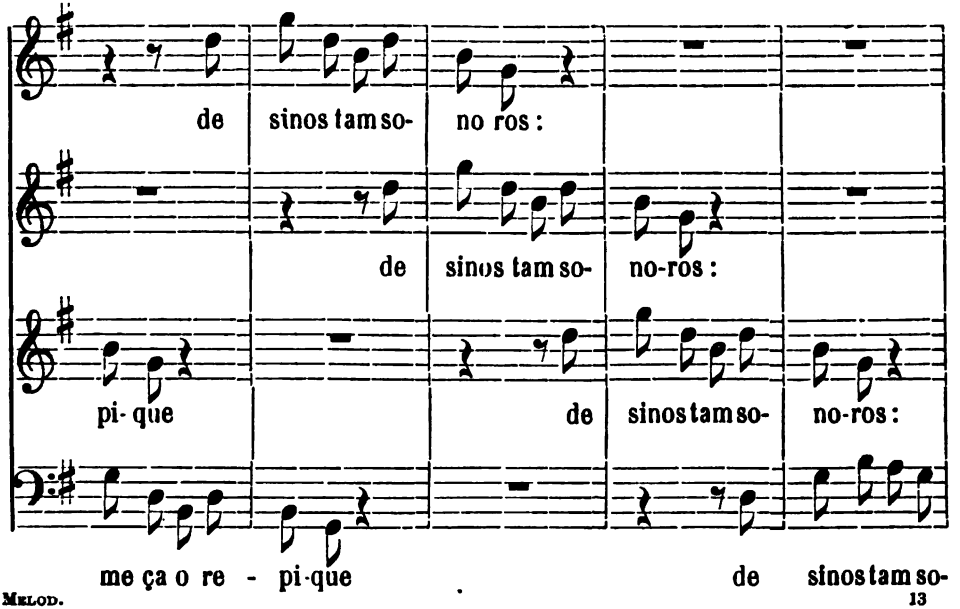
Esta mimosa composição foi-me offerecida para as *Melodias* pelo Rev.º Dr. José Rodrigues Cosgaya y Noriega. — Bem haja elle, o meu bom e inolvidavel amigo!

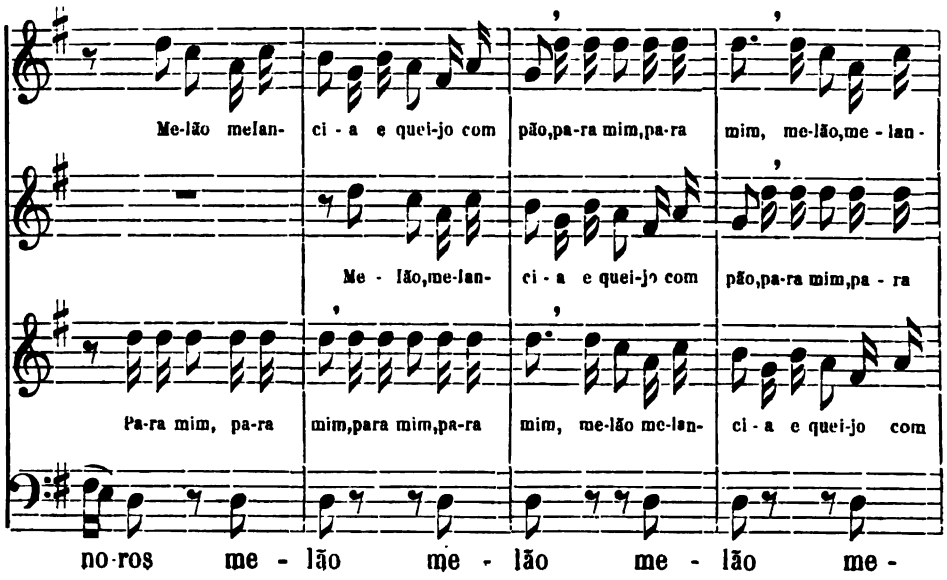
10. OS SINOS DE MAFRA

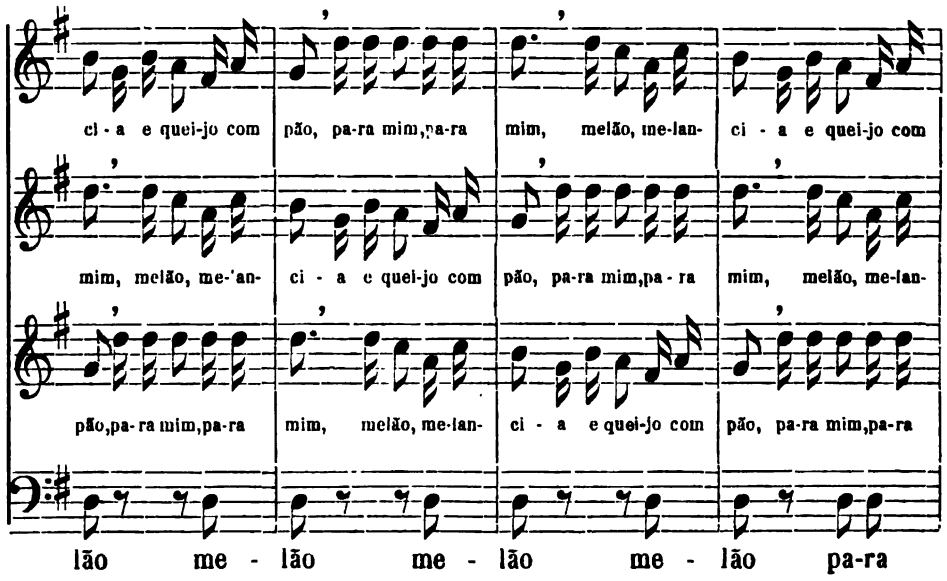
(VOZES EGUAES)

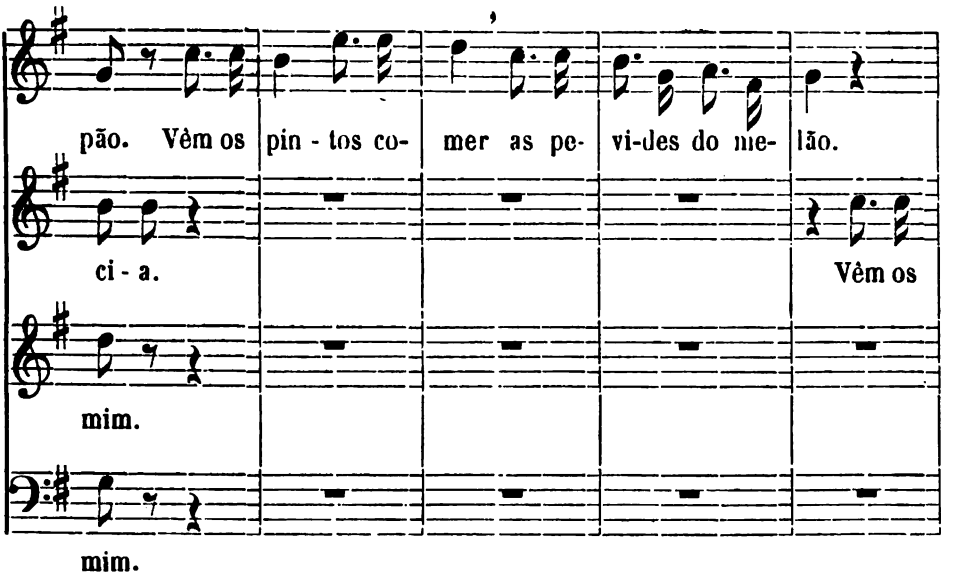
Andante

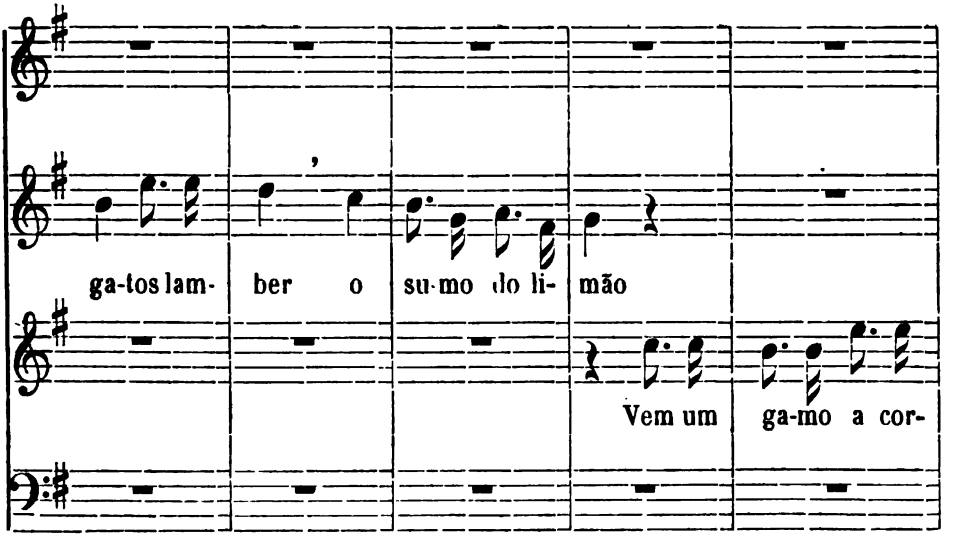


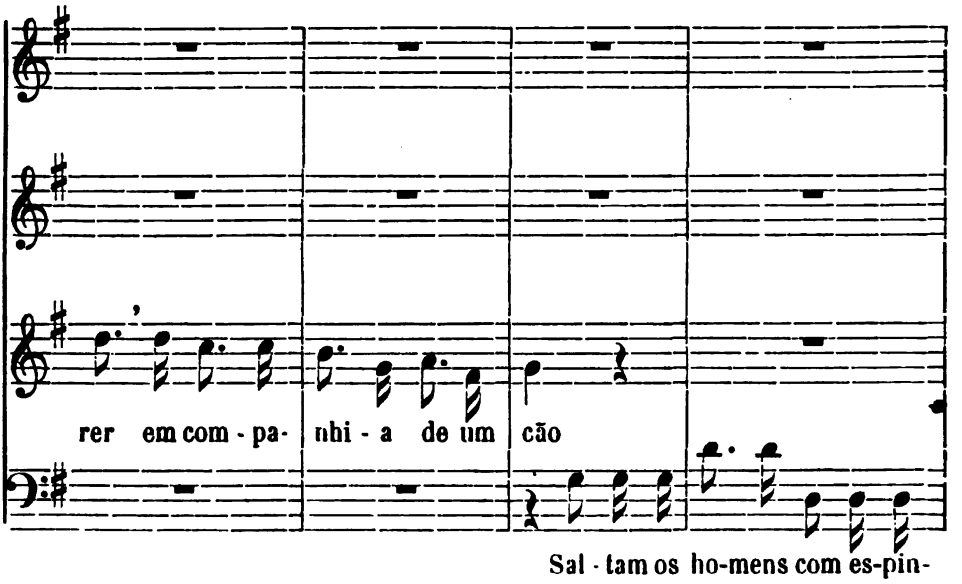


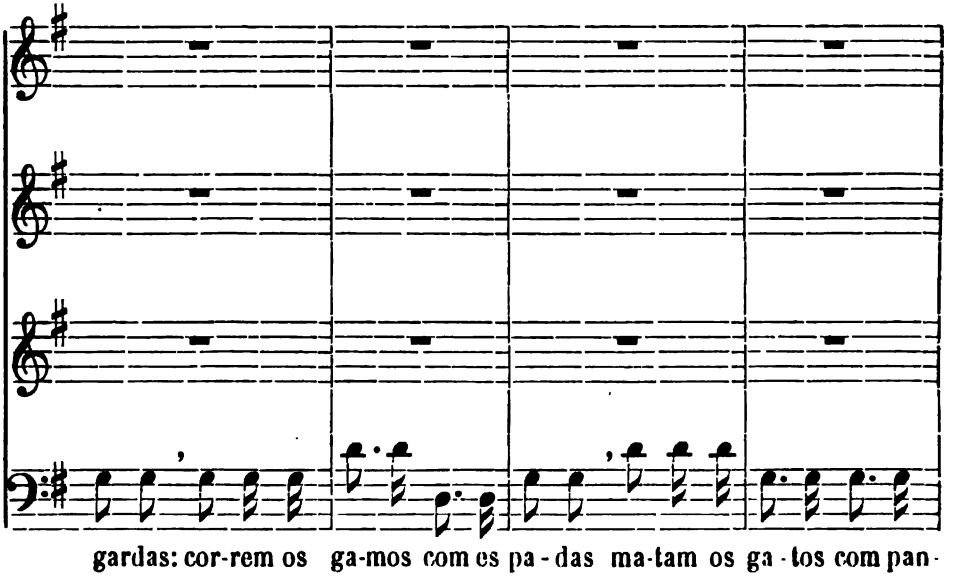

Me-lão melan- ci - a e quei-jo com pão,pa-ra mim,pa-ra mim, me-lão,me - lan-
Me - lão,me-lan- ci - a e quei-jo com pão,pa-ra mim,pa - ra
Pa-ra mim, pa-ra mim,para mim,pa-ra mim, me-lão me-lan- ci - a e quei-jo com
no-ros me - lão me - lão me - lão me -

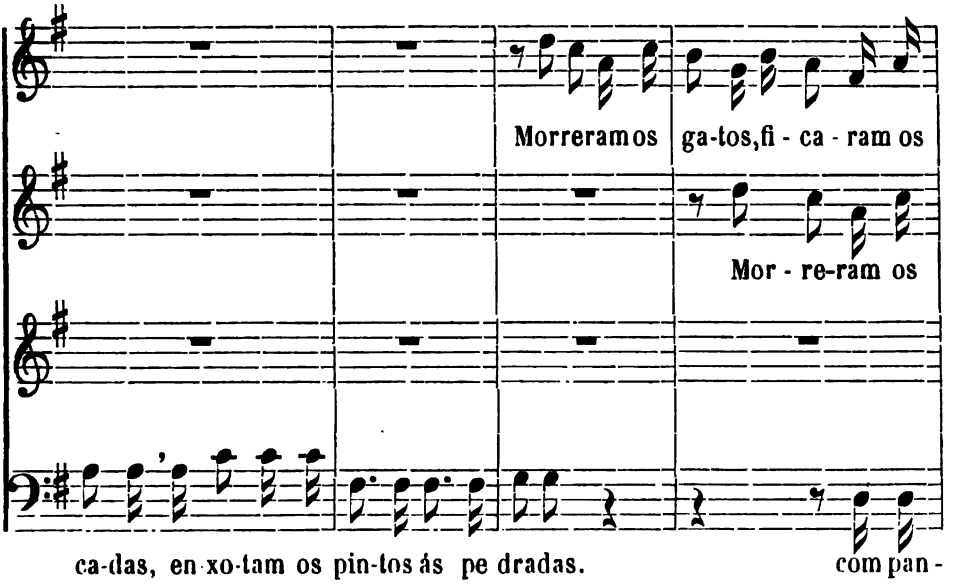

ci - a e quei-jo com pão, pa-ra mim,pa-ra mim, melão, me-lan- ci - a e quei-jo com
mim, melão, me-'an- ci - a e quei-jo com pão, pa-ra mim,pa - ra mim, melão, me-lan-
pão,pa-ra mim,pa-ra mim, melão, me-lan- ci - a e quei-jo com pão, pa-ra mim,pa-ra
lão me - lão me - lão me - lão pa-ra

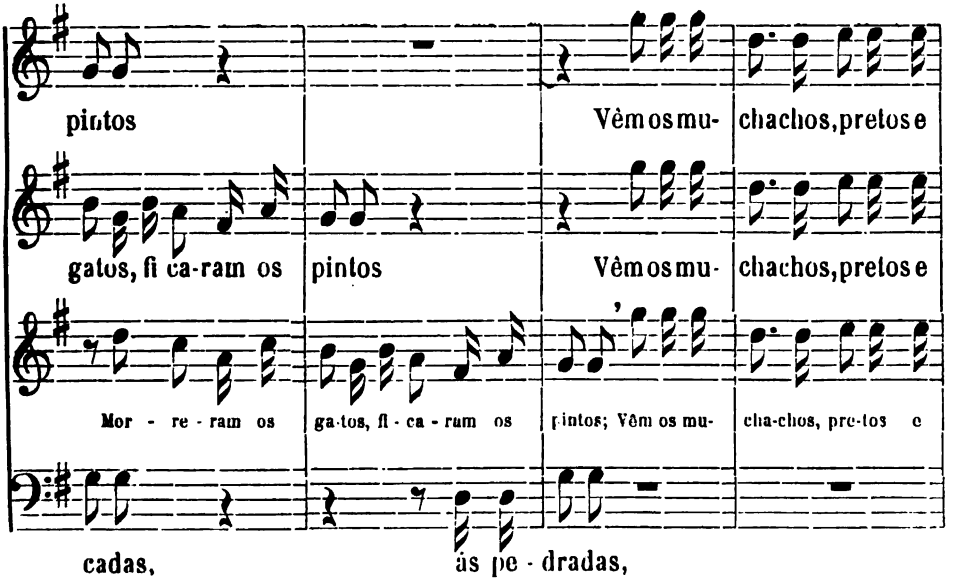

pão. Vêm os pin - tos co- mer as pe- vi-des do me- lão.
ci - a.
Vêm os
mim.
mim.

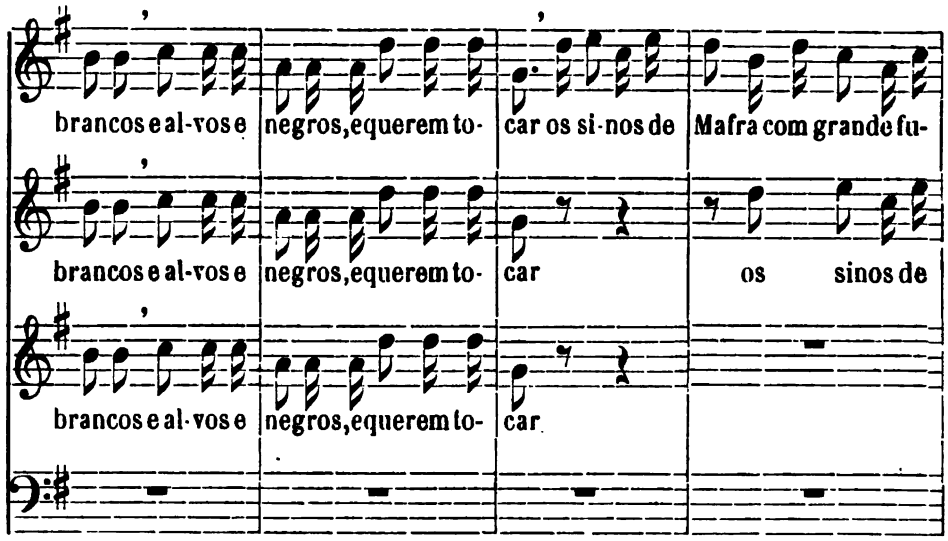

ga-tos lam- ber o su-mo do li- mão
Vem um ga-mo a cor-

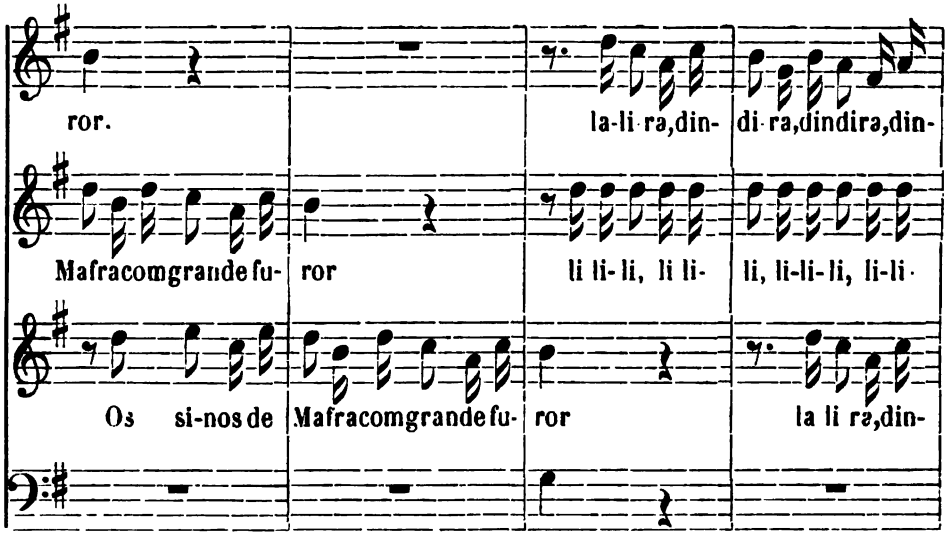

rer em com - pa- nhi - a de um cão
Sal - tam os ho-mens com es-pin-

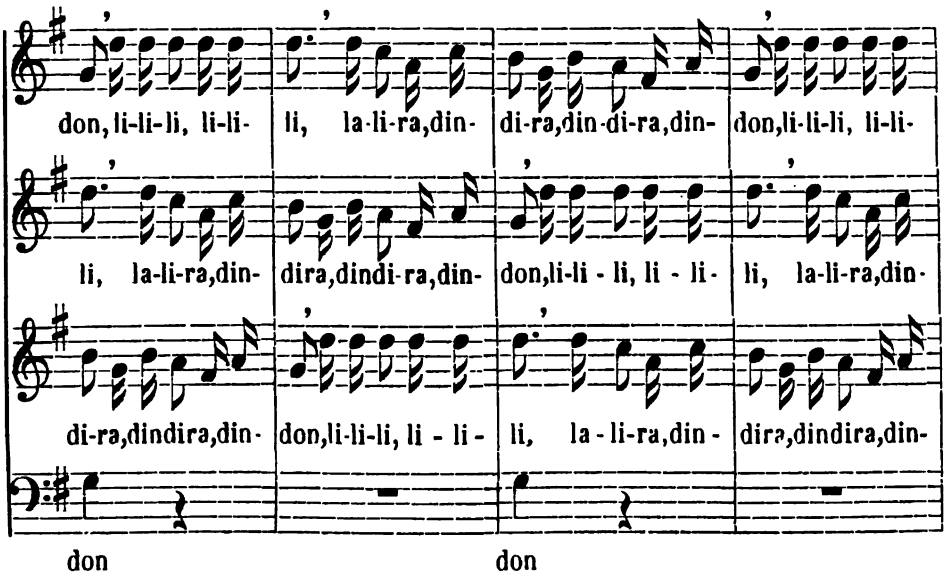

gardas: cor-rem os ga-mos com es pa - das ma-tam os ga - tos com pan-

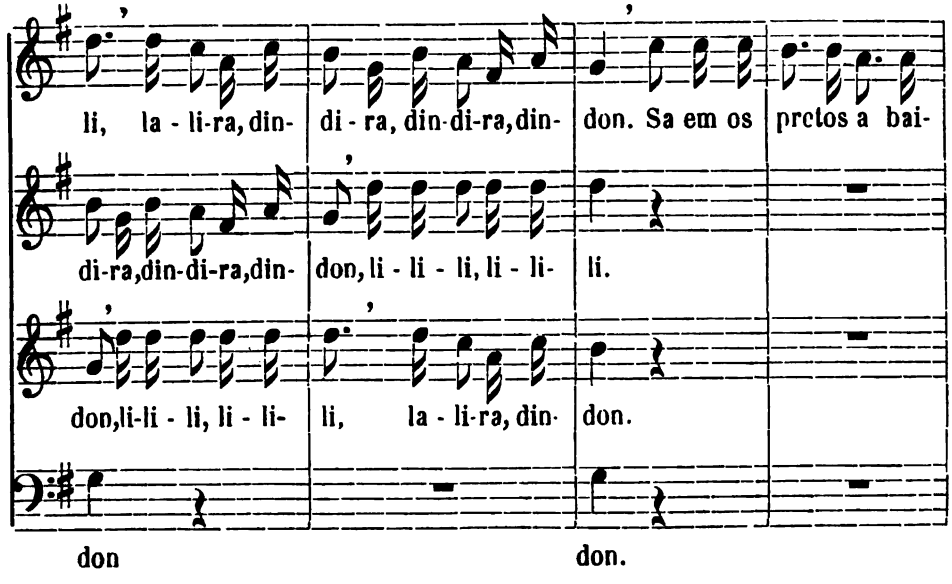

Morreramos ga-tos,fi - ca - ram os
Mor - re-ram os
ca-das, en-xo-tam os pin-tos ás pe dradas. com pan -

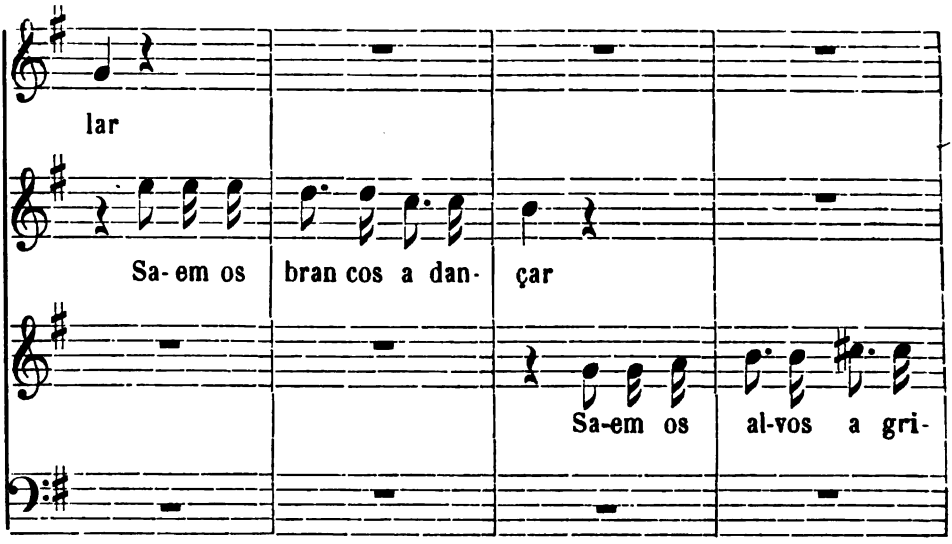

pintos
Vêmos mu- chachos,pretos e
gatos, fi ca-ram os pintos
Vêmos mu- chachos,pretos e
Mor - re - ram os ga-tos, fi - ca - ram os pintos; Vêm os mu- cha-chos, pre-tos e
cadas, ás pe - dradas,

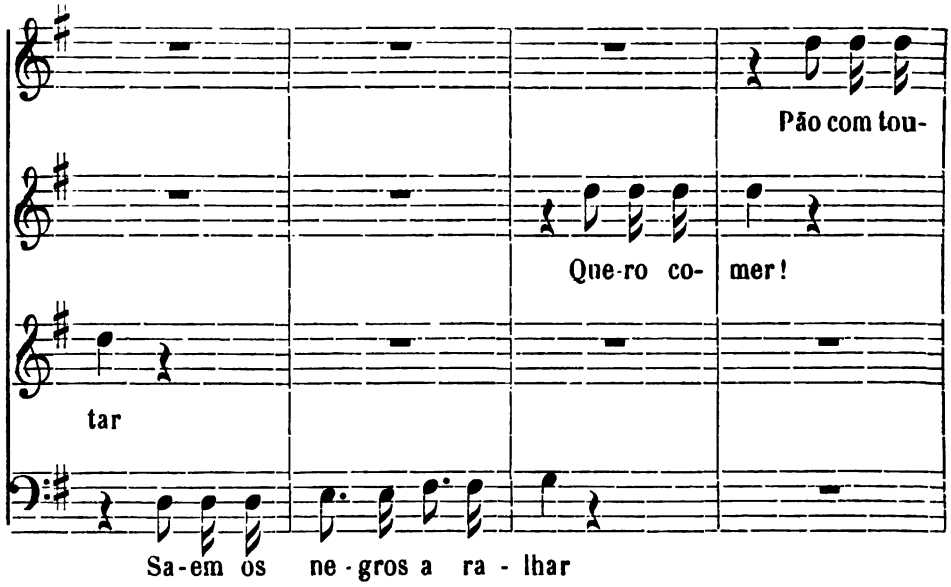

brancos e al-vos e negros, querem to- car os si-nos de Mafra com grande fu-
brancos e al-vos e negros, querem to- car os sinos de
brancos e al-vos e negros, querem to- car

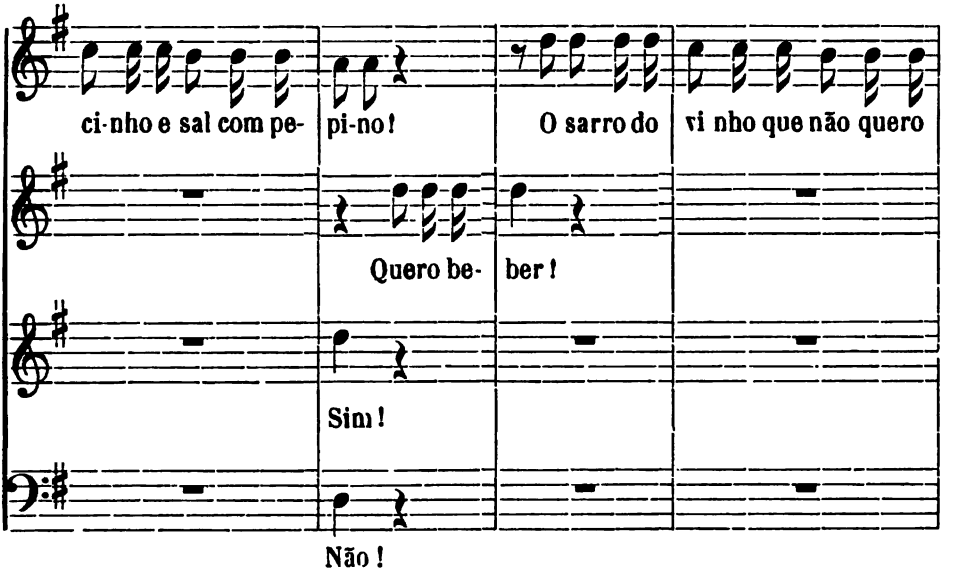

ror. la-li-ra, din- di-ra, dindira, din-
Mafra com grande fu- ror li li-li, li li- li, li-li-li, li-li
Os si-nos de Mafra com grande fu- ror la li ra, din-

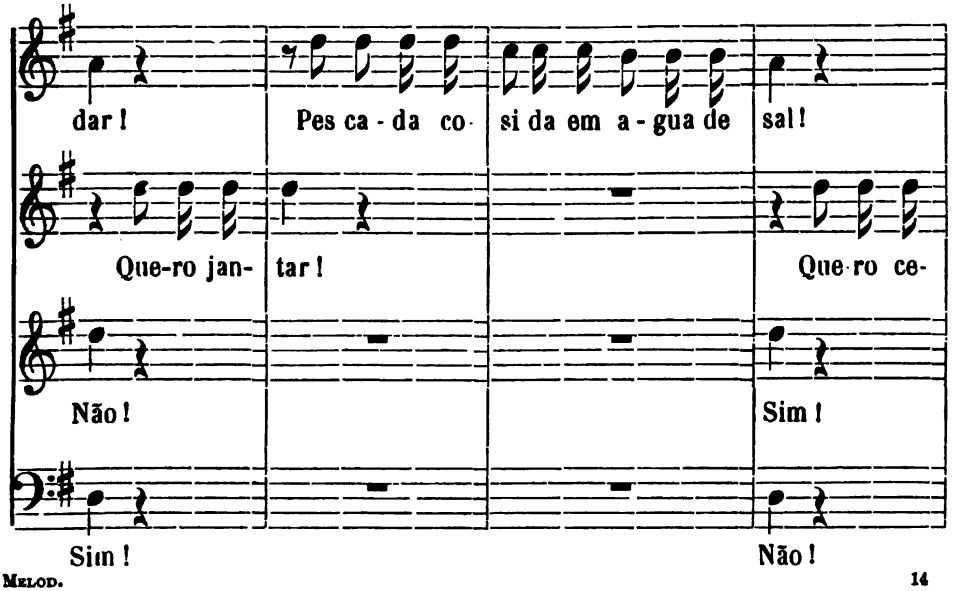

don,li-li-li, li-li-
li, la-li-ra,din-
di-ra,din-di-ra,din-
don,li-li-li, li-li-
li, la-li-ra,din-
dira,dindi-ra,din-
don,li-li - li, li - li-
li, la-li-ra,din-
di-ra,dindira,din-
don,li-li-li, li - li -
li, la - li-ra,din -
dira,dindira,din-
don
don

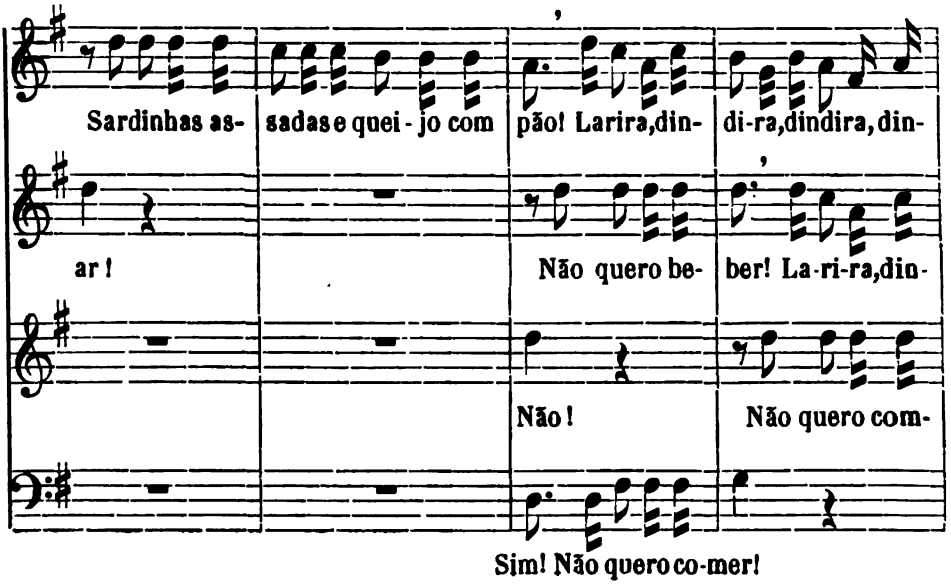

li, la - li-ra,din-
di - ra, din-di-ra,din-
don. Sa em os
pretos a bai-
di-ra,din-di-ra,din-
don, li - li - li, li - li-
li.
don,li-li - li, li - li-
li, la - li-ra, din-
don.
don
don.

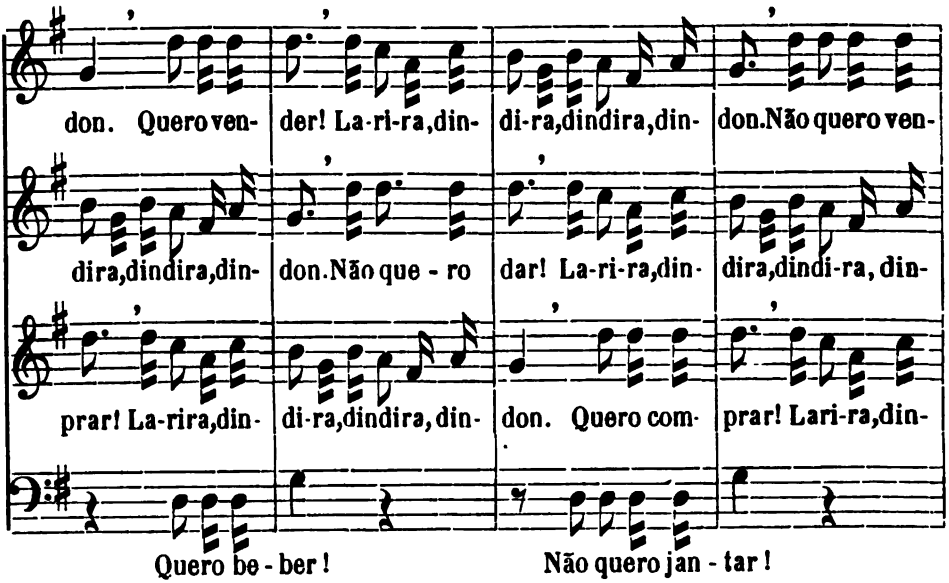

lar
Sa-em os bran cos a dan- çar
Sa-em os al-vos a gri-

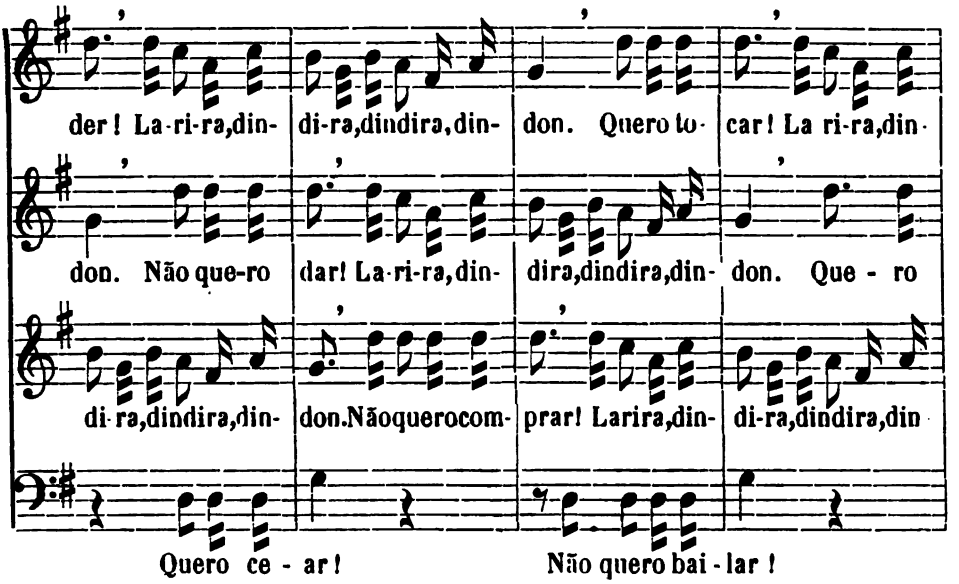

Pão com tou-
Que-ro co- mer!
tar
Sa-em os ne-gros a ra - lhar

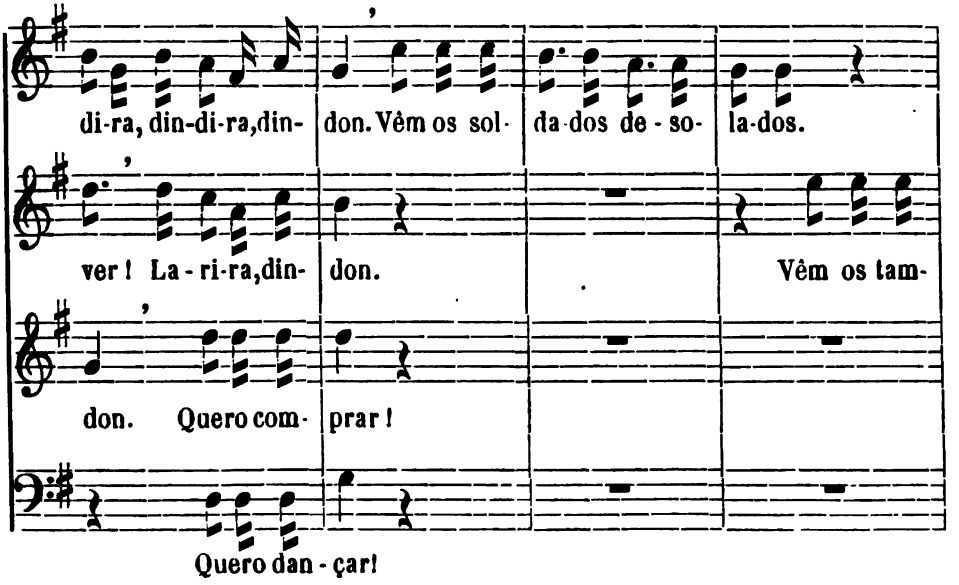

ci-nho e sal com pe-
pi-no!
O sarro do
vi nho que não quero
Quero be-
ber!
Sim!
Não!

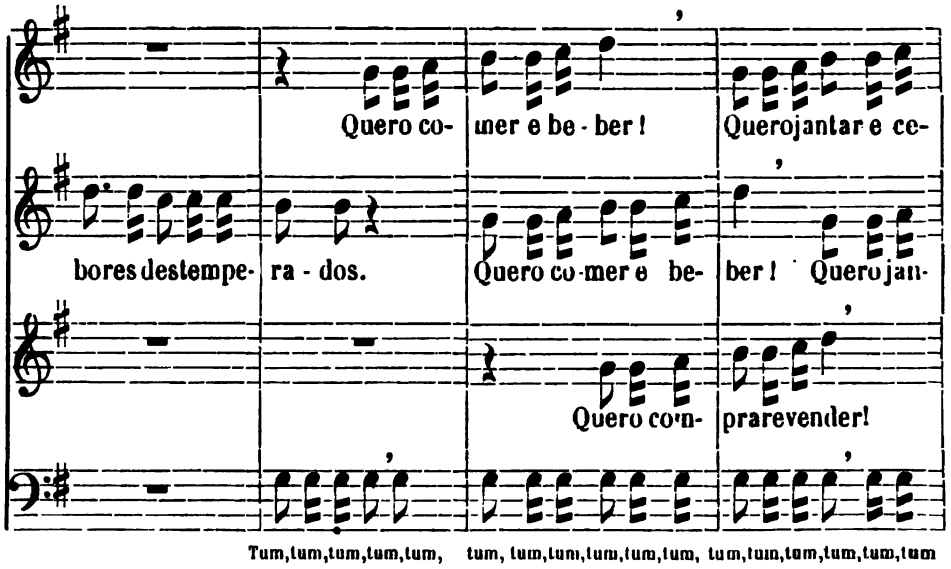

dar!
Pes ca - da co-
si da em a - gua de
sal!
Que-ro jan-
tar!
Que-ro ce-
Não!
Sim!
Sim!
Não!

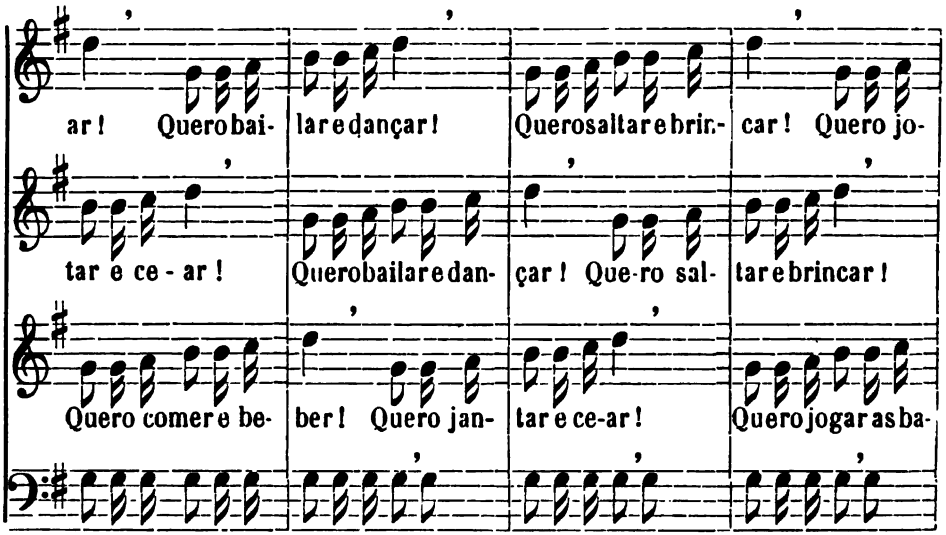

Sardinhas as- sadas e quei - jo com pão! Larira,din- di-ra,dindira,din-
ar! Não quero be- ber! La-ri-ra,din-
Não! Não quero com-
Sim! Não quero co-mer!

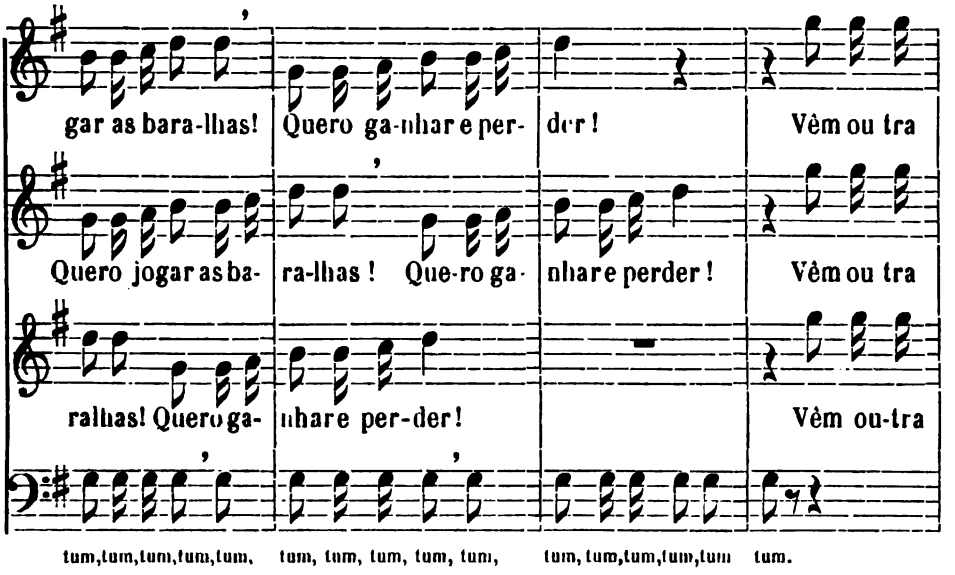

don. Quero ven- der! La-ri-ra,din- di-ra,dindira,din- don.Não quero ven-
dira,dindira,din- don.Não que - ro dar! La-ri-ra,din- dira,dindi-ra, din-
prar! La-rira,din- di-ra,dindira, din- don. Quero com- prar! Lari-ra,din-
Quero be - ber! Não quero jan - tar!

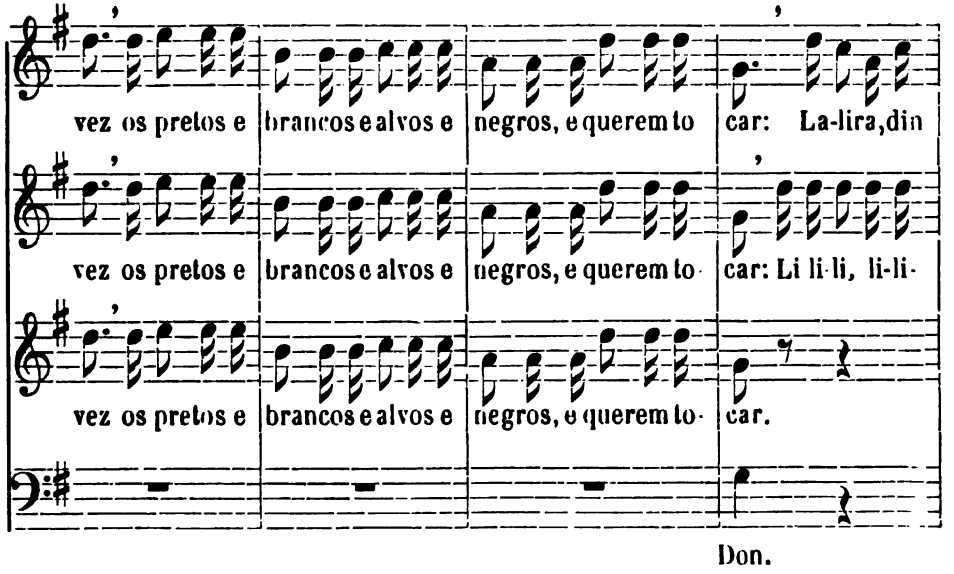

der! La-ri-ra,din- di-ra,dindira,din- don. Quero to- car! La ri-ra,din-
don. Não que-ro dar! La-ri-ra,din- dira,dindira,din- don. Que - ro
di-ra,dindira,din- don.Nãoquerocom- prar! Larira,din- di-ra,dindira,din
Quero ce - ar! Não quero bai - lar!


di-ra, din-di-ra,din- don. Vêm os sol- da-dos de - so- la-dos.
ver! La - ri-ra,din- don. Vêm os tam-
don. Quero com- prar!
Quero dan - çar!

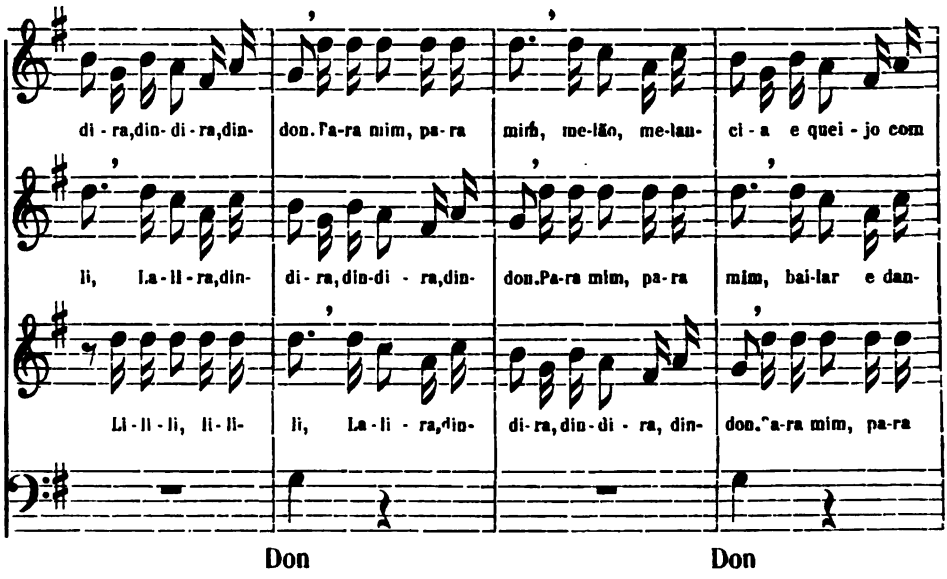

Quero co- mer e be - ber! Querojantar e ce-
bores destempe- ra - dos. Quero co-mer e be- ber! Querojan-
Quero com- prarevender!
Tum,tum,tum,tum,tum, tum, tum,tum,tum,tum,tum, tum,tum,tum,tum,tum,tum

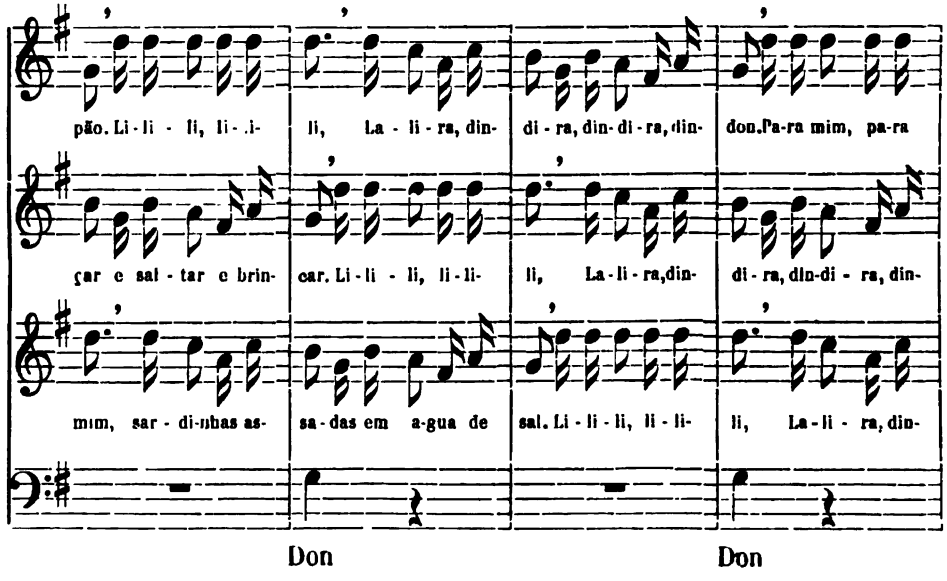

ar! Querobai- lareedançar! Querosaltarebrin- car! Quero jo-
tar e ce - ar! Querobailaredan- çar! Que-ro sal- tarebrincar!
Quero comere be- ber! Quero jan- tar e ce-ar! Querojogar as ba-
tum,tum,tum,tum,tum,tum,tum,tum,tum,tum,tum, tum,tum,tum,tum,tum, tum,tum,tum,tum,tum,

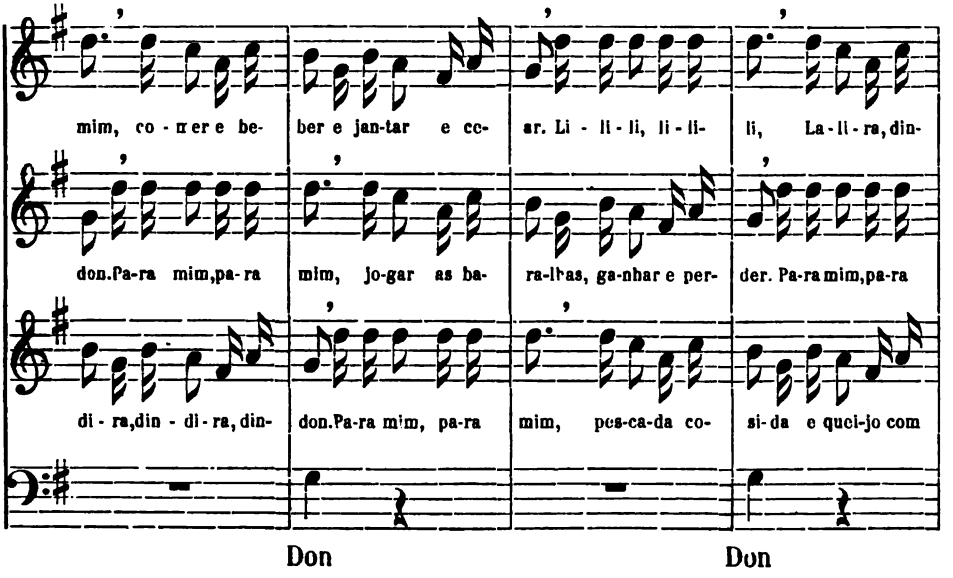

gar as bara-lhas! Quero ga-nhar e per- der! Vêm ou tra
Quero jogar as ba- ra-lhas! Que-ro ga- nhar e perder! Vêm ou tra
ralhas! Quero ga- nhar e per-der! Vêm ou-tra
tum,tum,tum,tum,tum, tum, tum, tum, tum, tum, tum,tum,tum,tum tum.

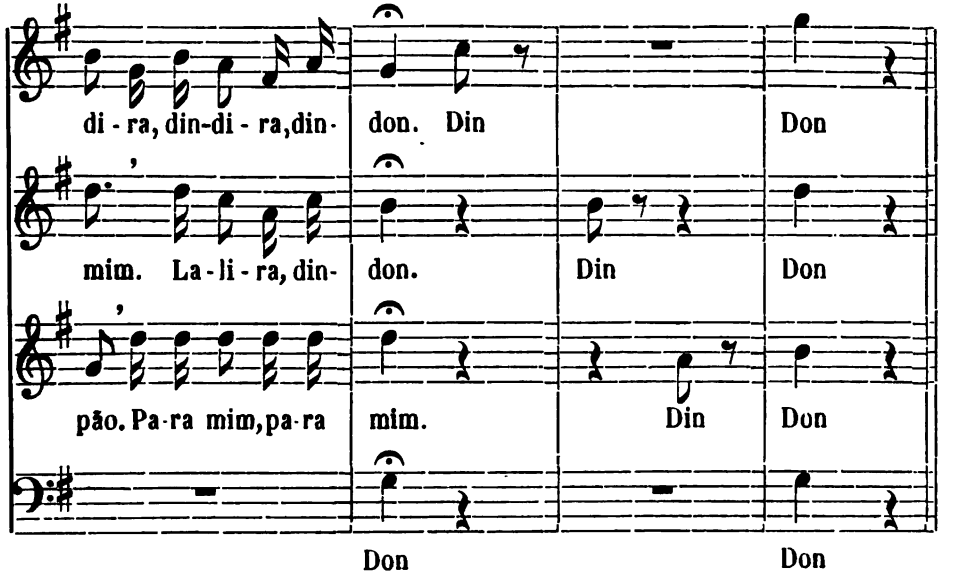

vez os pretos e brancos e alvos e negros, e querem to car: La-lira,din
vez os pretos e brancos e alvos e negros, e querem to car: Li li-li, li-li-
vez os pretos e brancos e alvos e negros, e querem to- car.

Don.


di - ra,din- di - ra,din-
don. Pa-ra mim, pa- ra
mim, me-lão, me-lan-
ci - a e quei - jo com
li, La - li - ra,din-
di - ra,din-di - ra,din-
don.Pa-ra mim, pa- ra
mim, bai-lar e dan-
Li - li - li, li - li-
li, La - li - ra,din-
di-ra,din-di - ra, din-
don.Pa-ra mim, pa-ra
Don
Don


pão. Li - li - li, li - li-
li, La - li - ra, din-
di - ra, din-di - ra, din-
don.Pa-ra mim, pa-ra
çar e sal - tar e brin-
car. Li - li - li, li - li-
li, La - li - ra,din-
di - ra, din-di - ra, din-
mim, sar - di-nhas as-
sa - das em a-gua de
sal. Li - li - li, li - li-
li, La - li - ra, din-
Don
Don

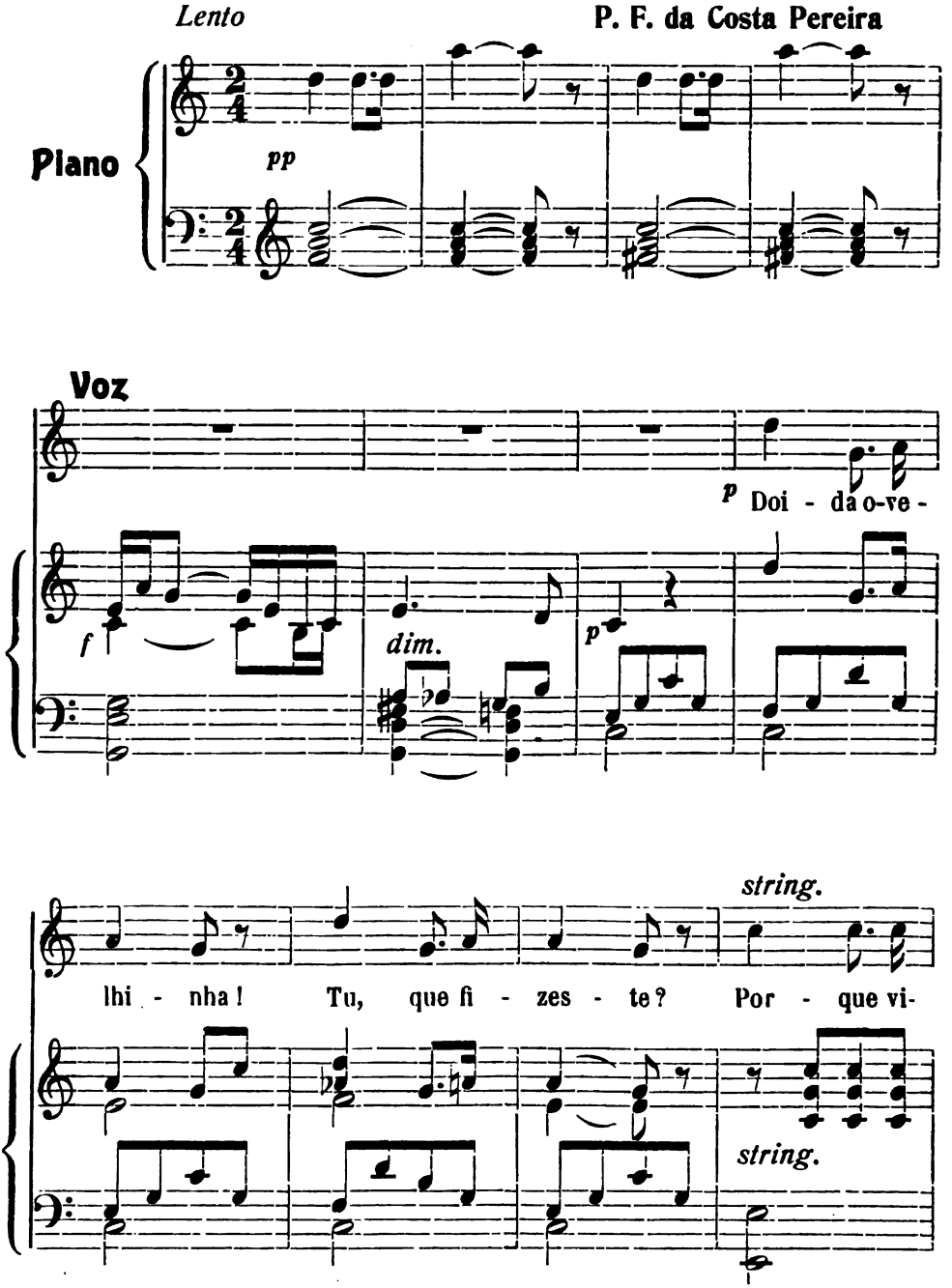


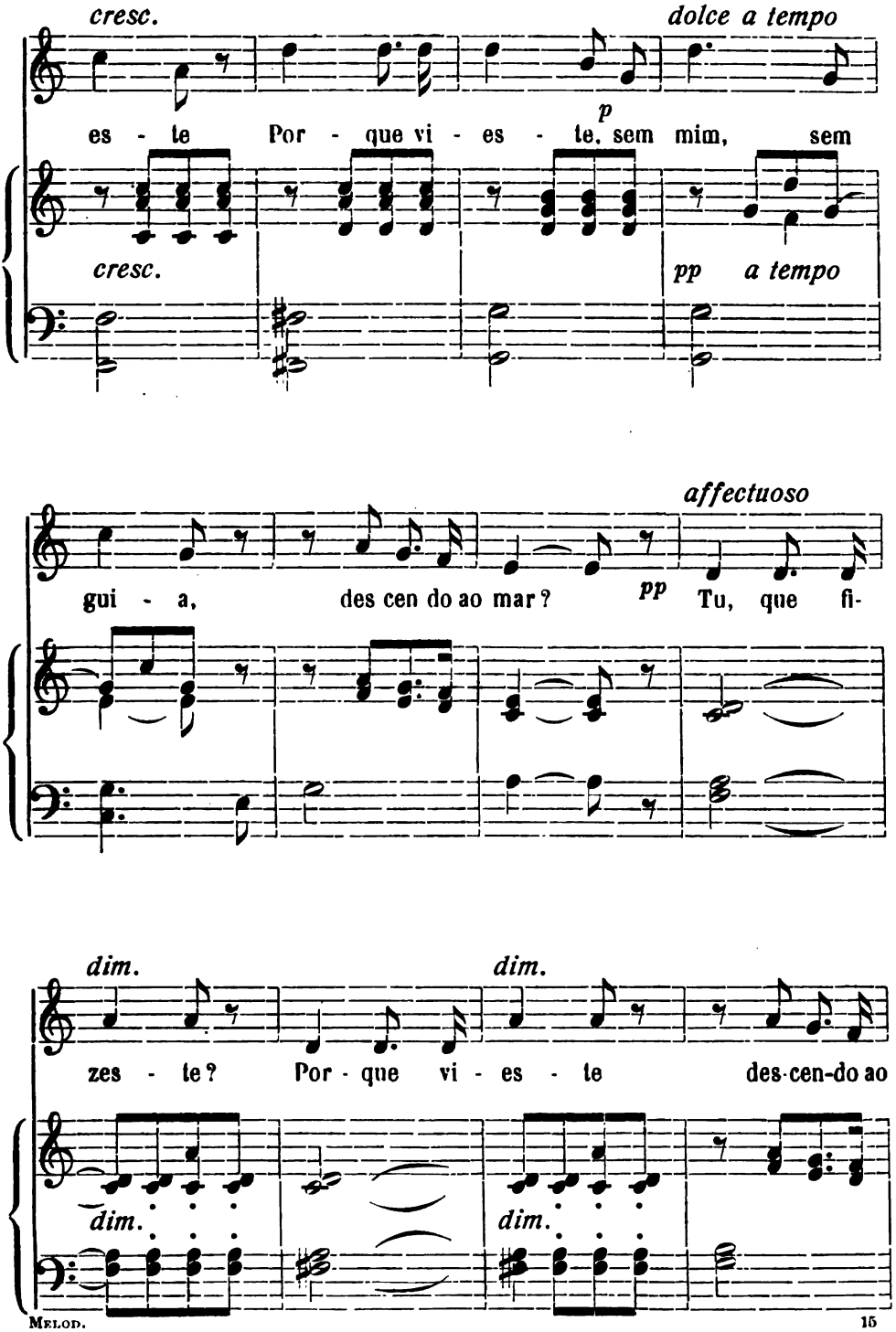


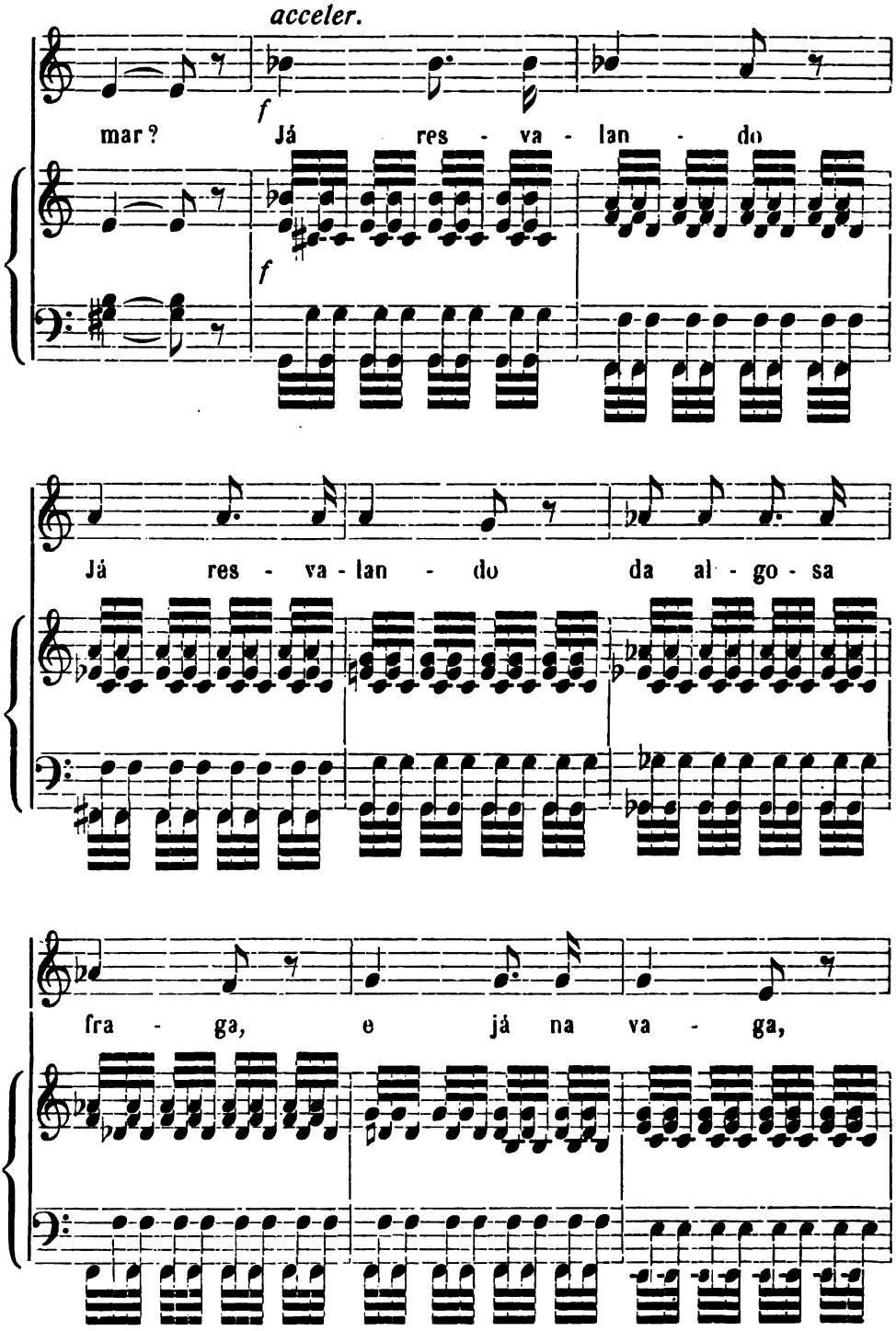
A composição é portuguêsa. Ignoro o auctor.

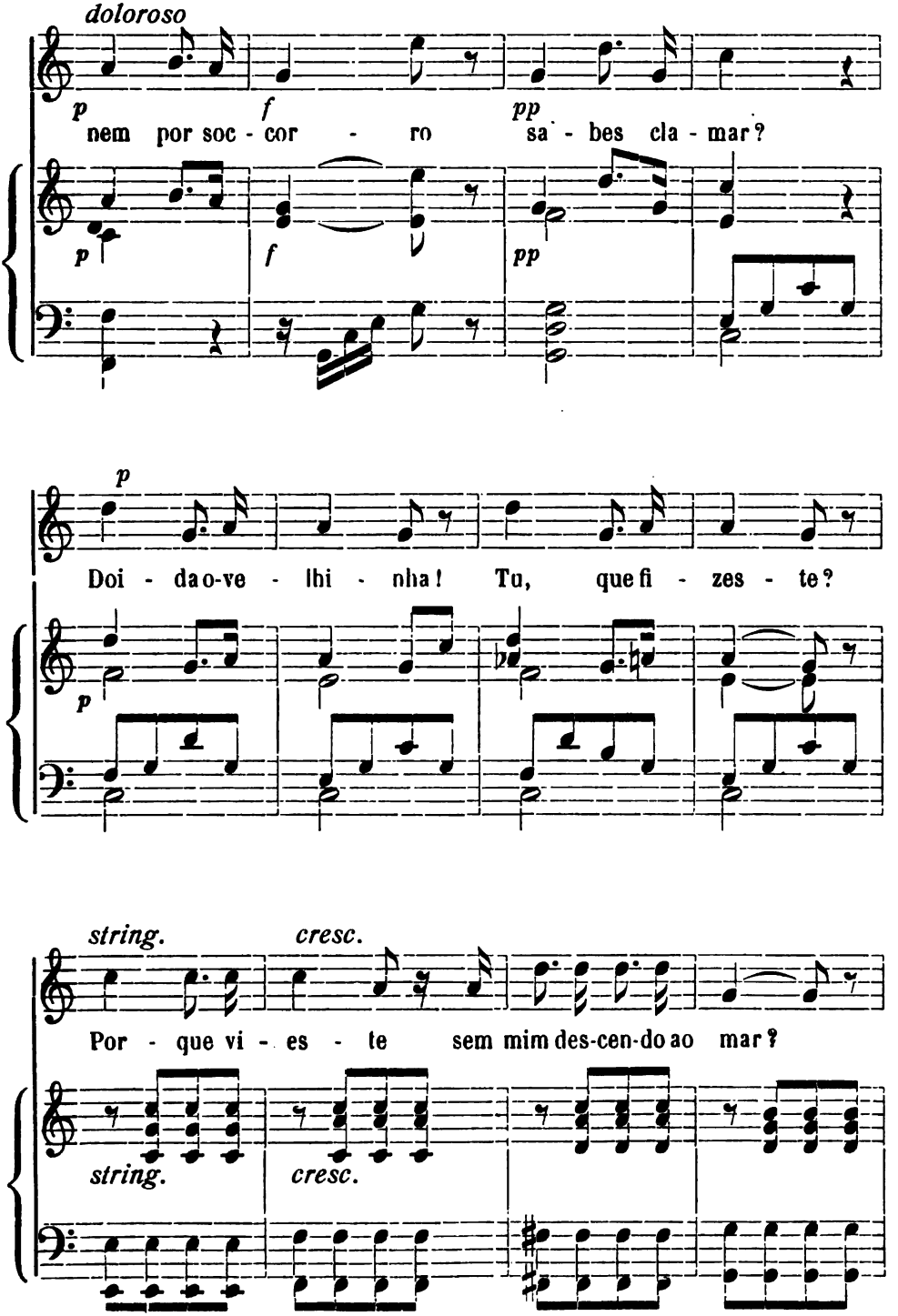
Cantava-se ha bons trinta annos em reuniões de familia. O maior interesse vem-lhe do accionado, com que deve acompanhar-se o canto.

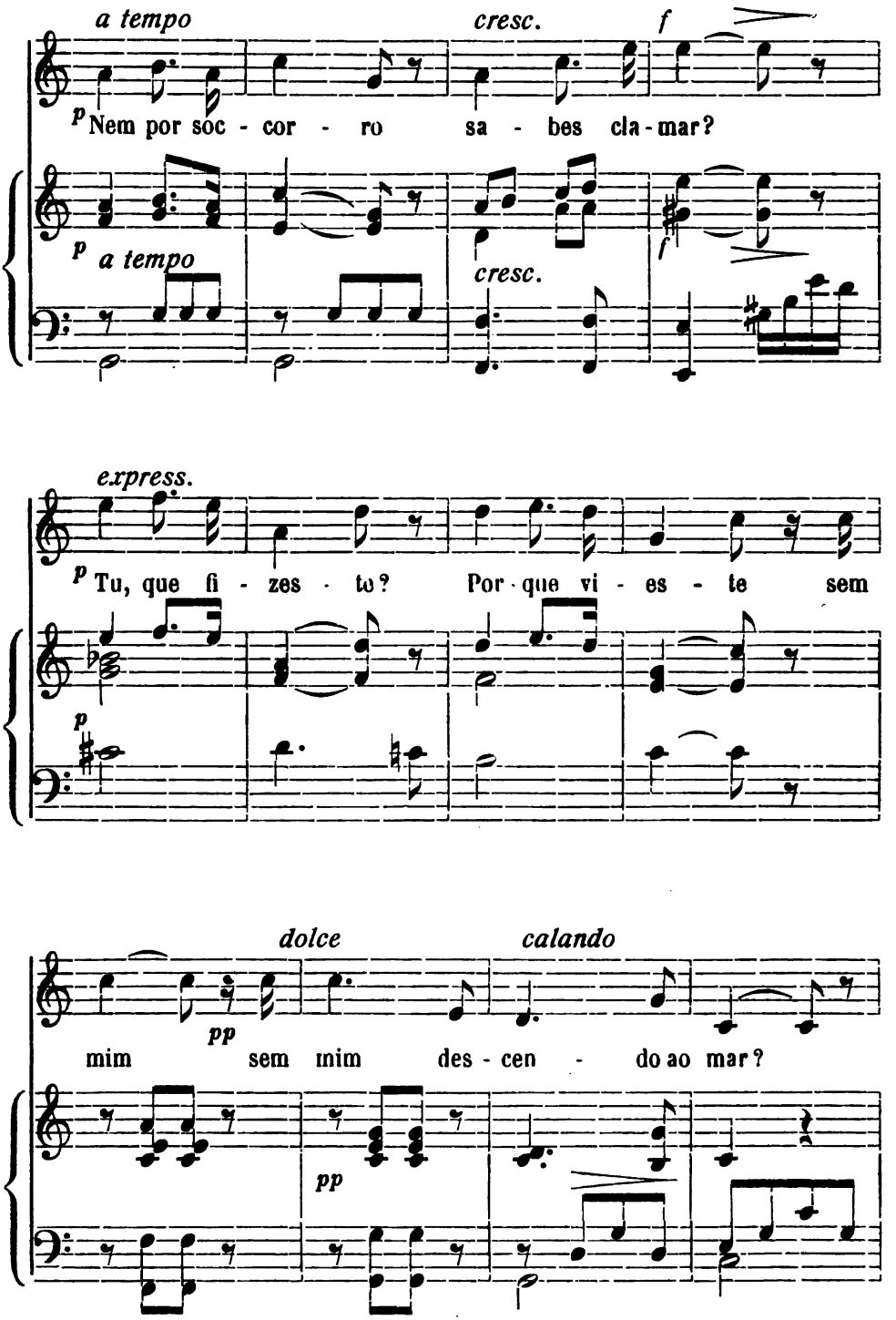
11. SALVEI-TE!

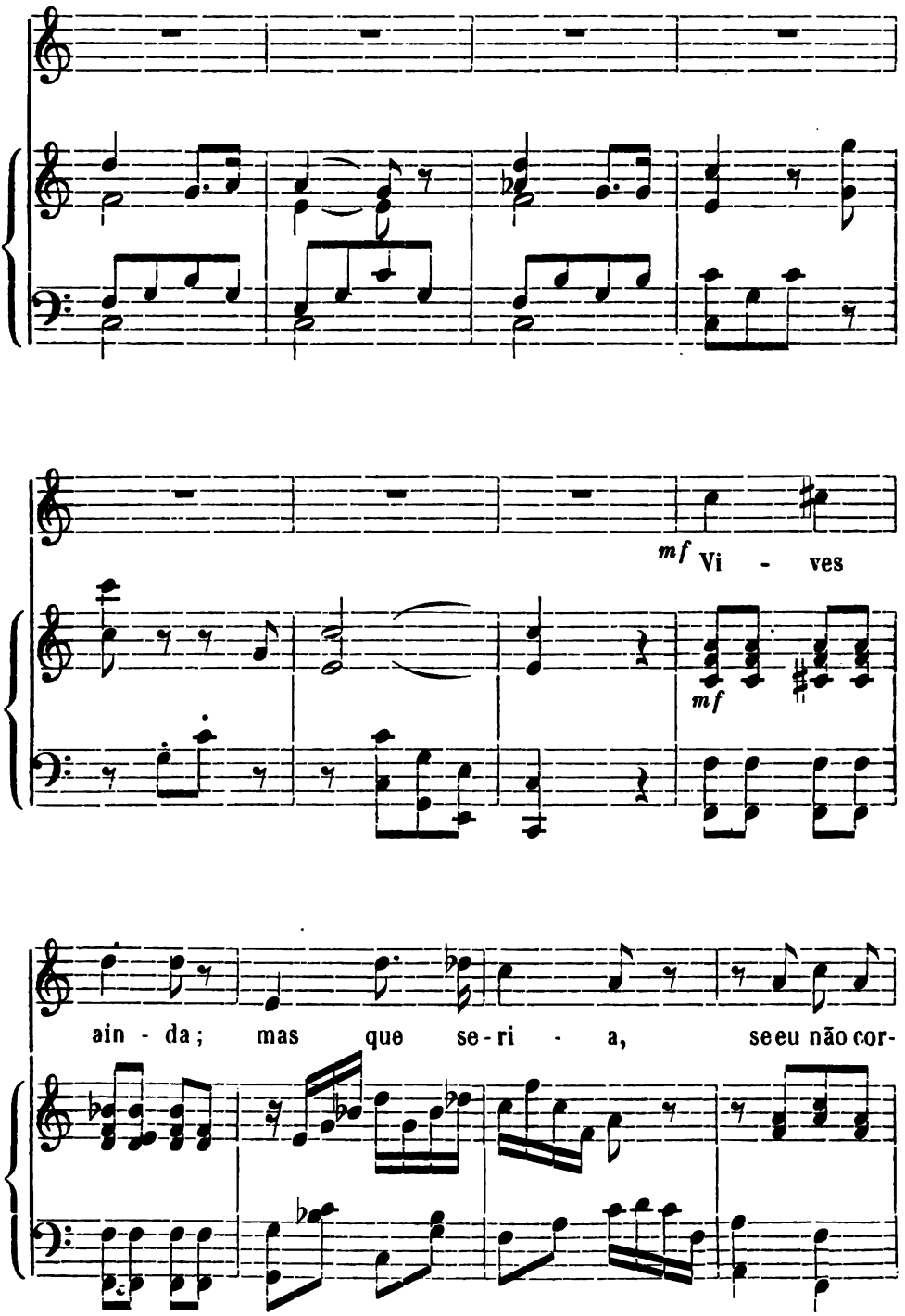

Lento
P. F. da Costa Pereira
Piano
pp
Voz
p
Doi - da o-ve -
f
dim.
p
string.
lhi - nha! Tu, que fi - zes - te? Por - que vi-
string.

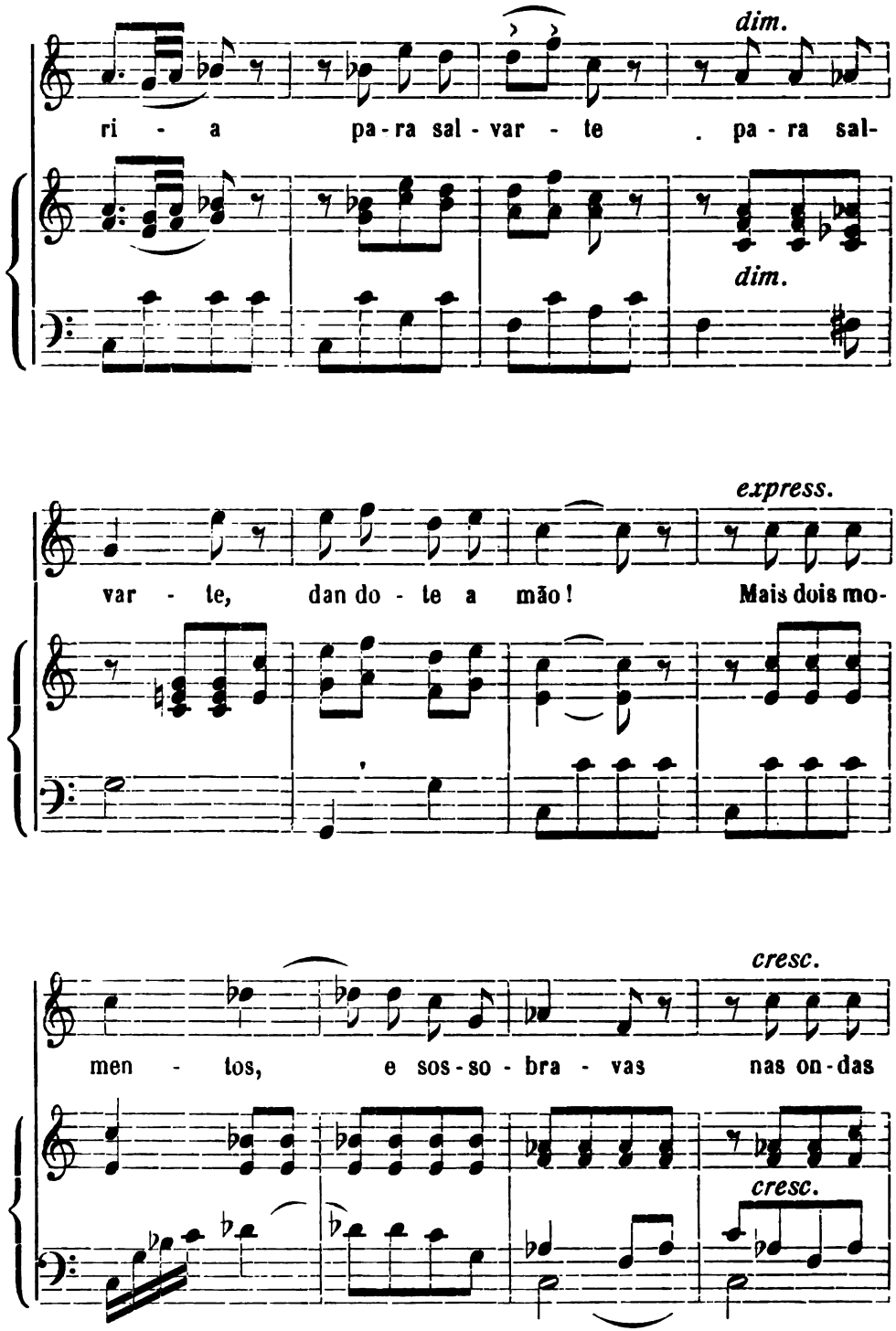

cresc.
dolce a tempo
p
es - te Por - que vi - es - te, sem mim, sem
cresc.
pp a tempo
affectuoso
gui - a, des cen do ao mar? pp Tu, que fi-
dim.
dim.
zes - te? Por - que vi - es - te des-cen-do ao
dim.
dim.

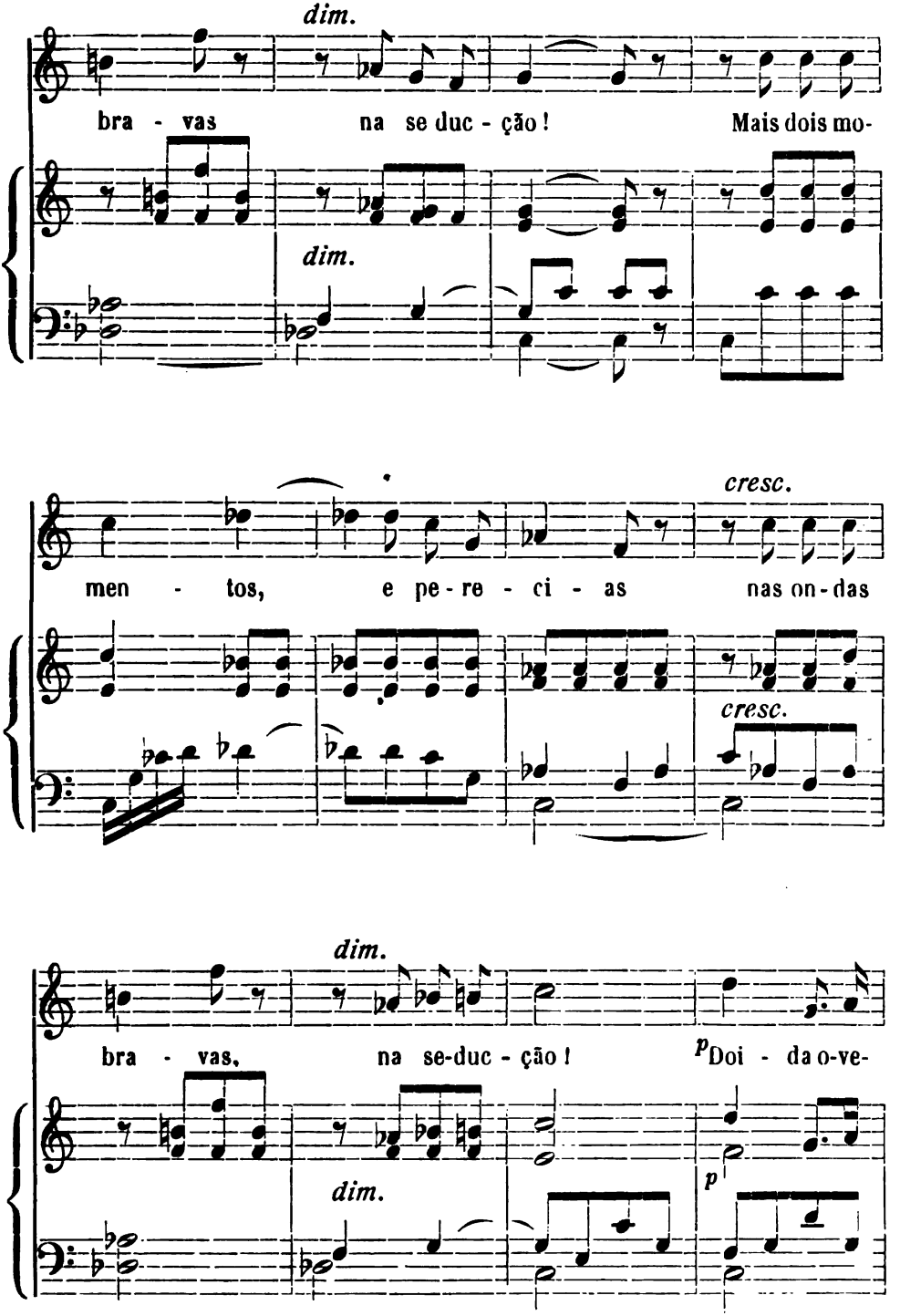

acceler.
f
mar? Já res - va - lan - do
f
Já res - va - lan - do da al - go - sa
fra - ga, e já na va - ga,

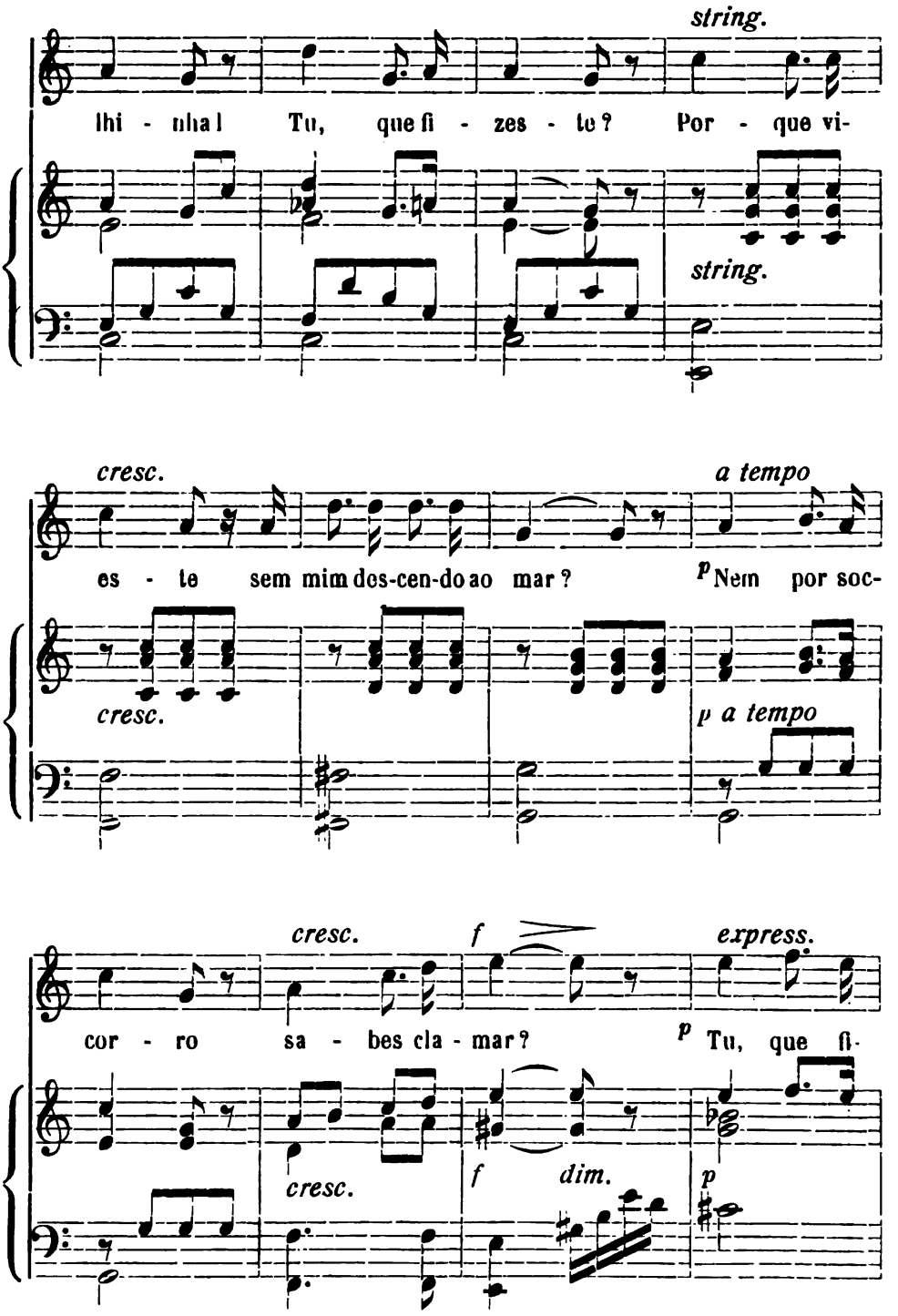

doloroso
p
f
pp
nem por soc - cor - ro sa - bes cla - mar?
p
f
pp
p
Doi - da o-ve - lhi - nha! Tu, que fi - zes - te?
p
string.
cresc.
Por - que vi - es - te sem mim des-cen-do ao mar?
string.
cresc.

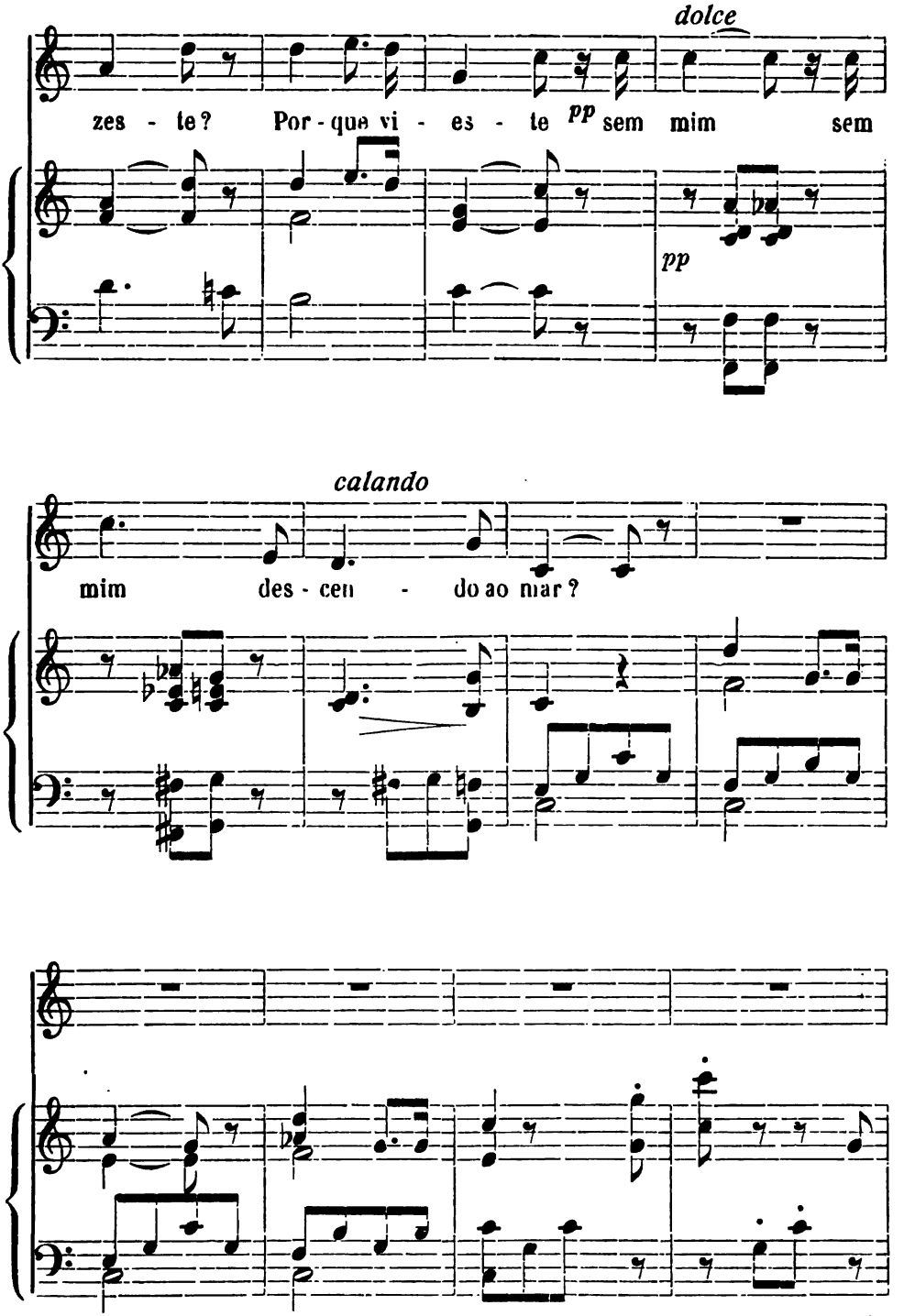

a tempo
cresc.
f
p Nem por soc - cor - ro sa - bes cla - mar?
p a tempo
cresc.
f
expressp.
p Tu, que fi - zes - te? Por - que vi - es - te sem
p
dolce
calando
pp
mim sem mim des - cen - do ao mar?
pp

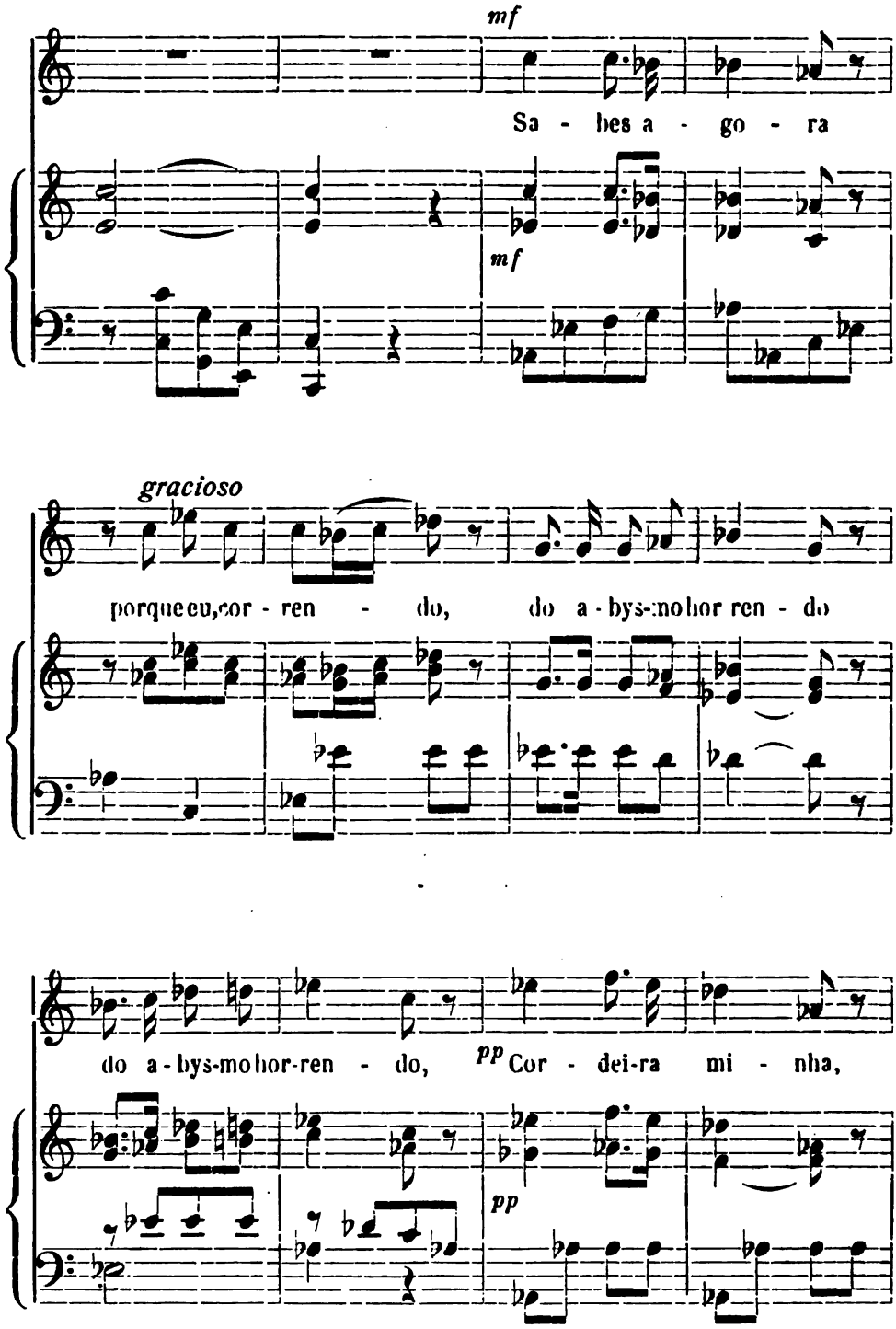

mf Vi - ves
mf
ain - da; mas que se - ri - a, seeu não cor-

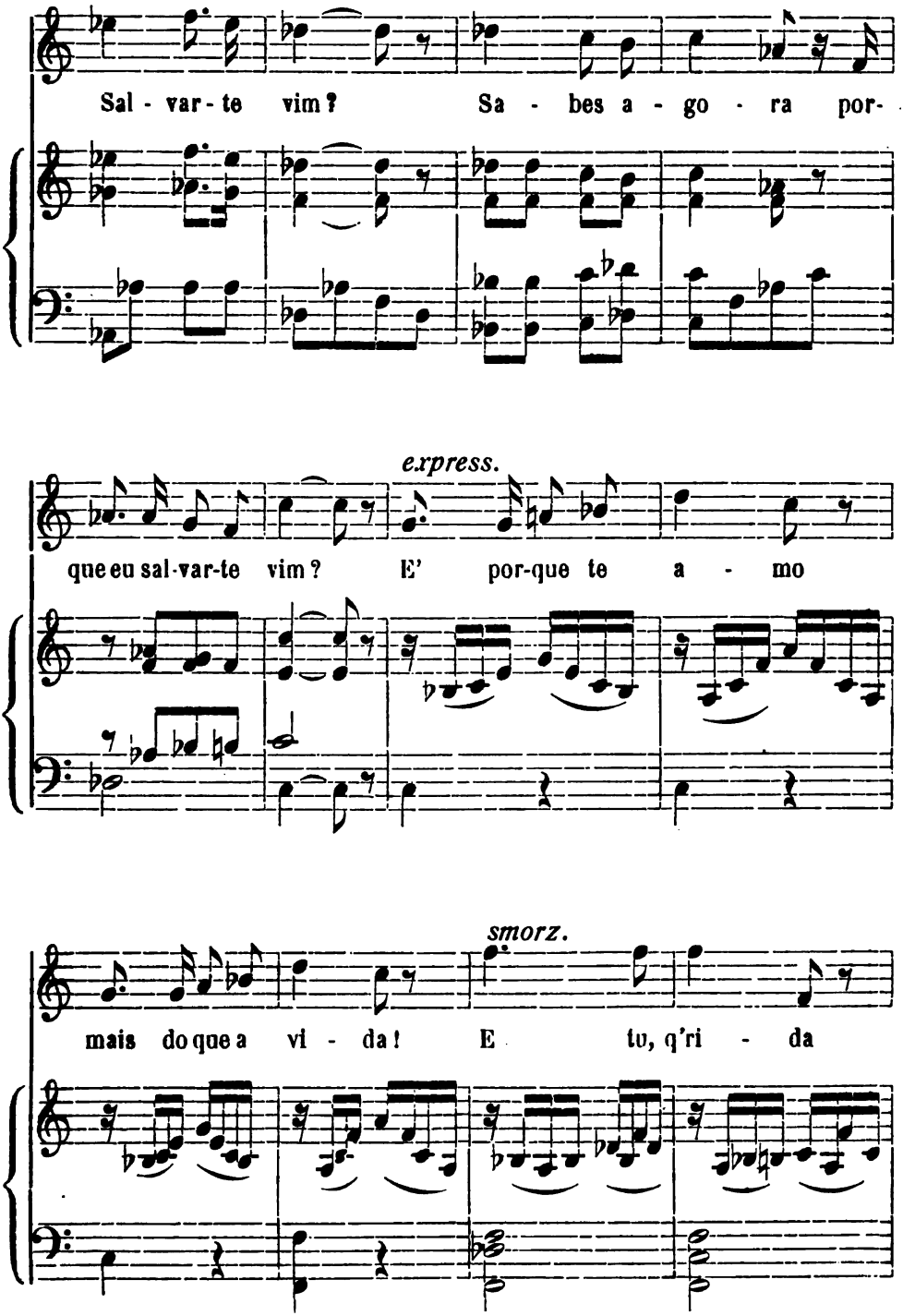

dim.
ri - a pa-ra sal - var - te . pa - ra sal-
dim.
express.
var - te, dan do - te a mão! Mais dois mo-
cresc.
men - tos, e sos - so - bra - vas nas on - das
cresc.

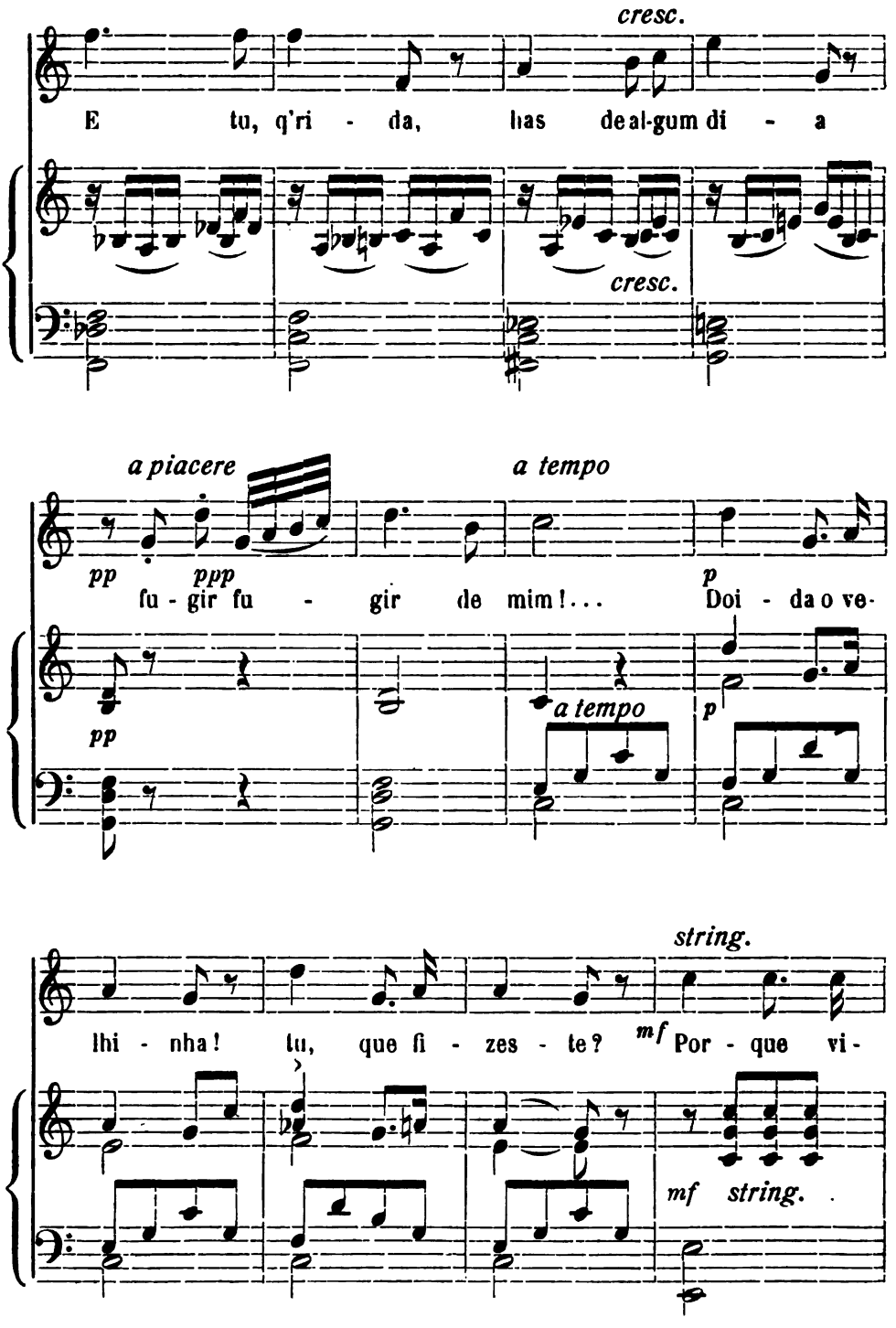

dim.
bra - vas na se duc - ção! Mais dois mo-
dim.
men - tos, e pe - re - ci - as nas on - das
cresc.
cresc.
dim.
bra - vas, na se-duc - ção! p Doi - da o-ve-
dim.
p

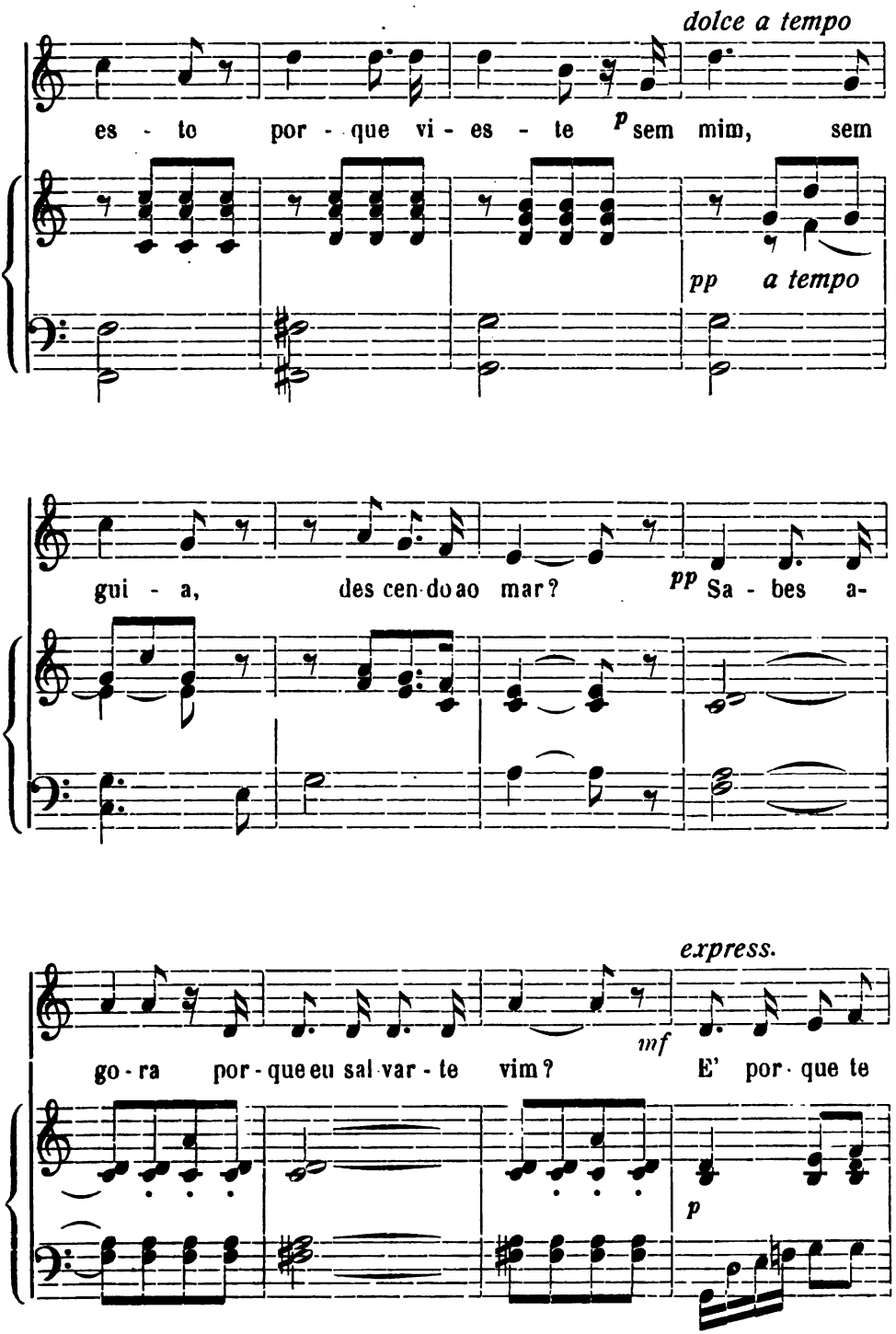

string.
Ihi - nha! Tu, que fi - zes - te? Por - que vi-
string.
cresc.
a tempo
es - te sem mim des-cen-do ao mar? p Nem por soc-
cresc.
p a tempo
cresc.
f
express.
cor - ro sa - bes cla - mar? p Tu, que fi-
cresc.
f
dim.
p

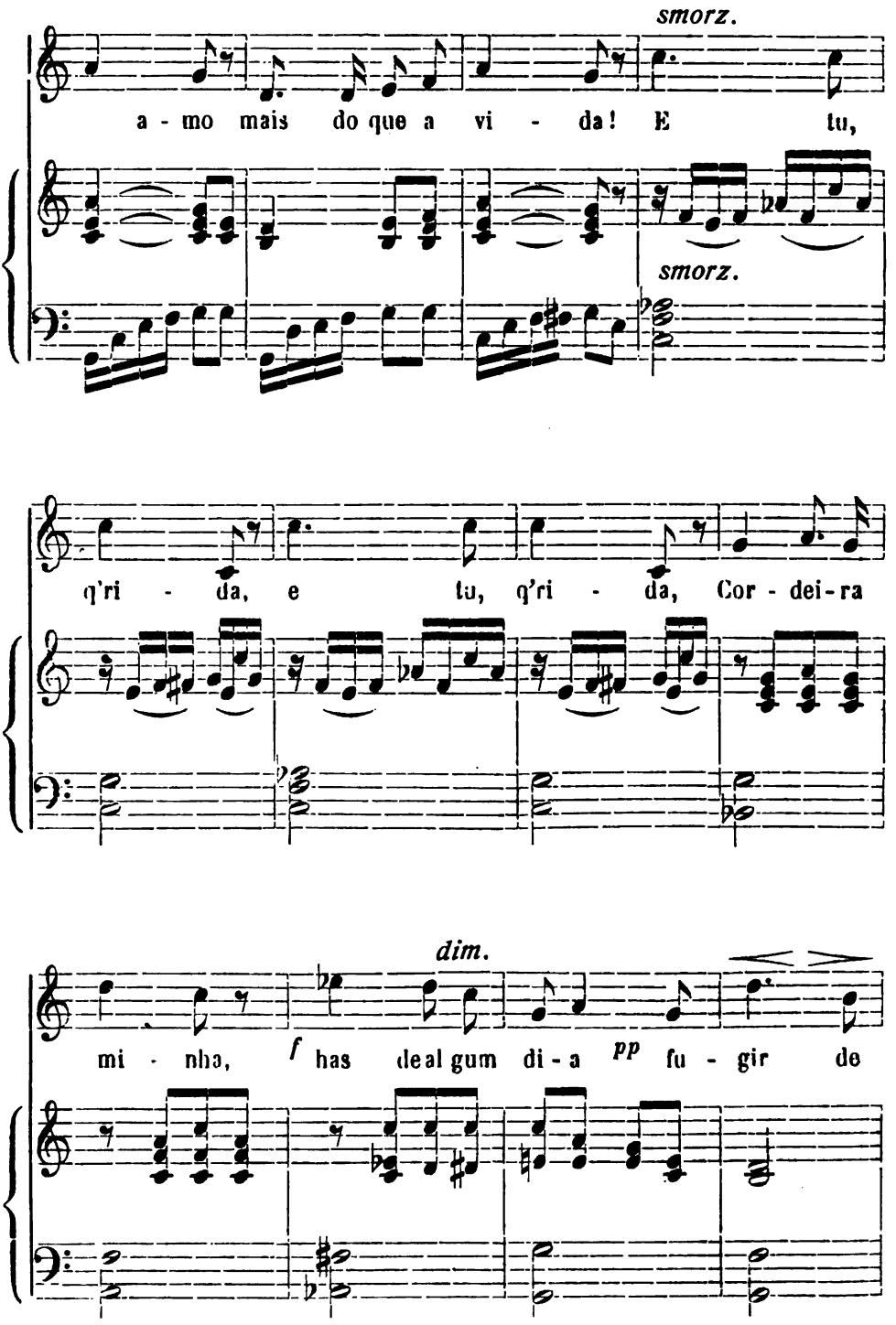

dolce
zes - te? Por - que vi - es - te pp sem mim sem
pp
calando
mim des - cen - do ao mar?

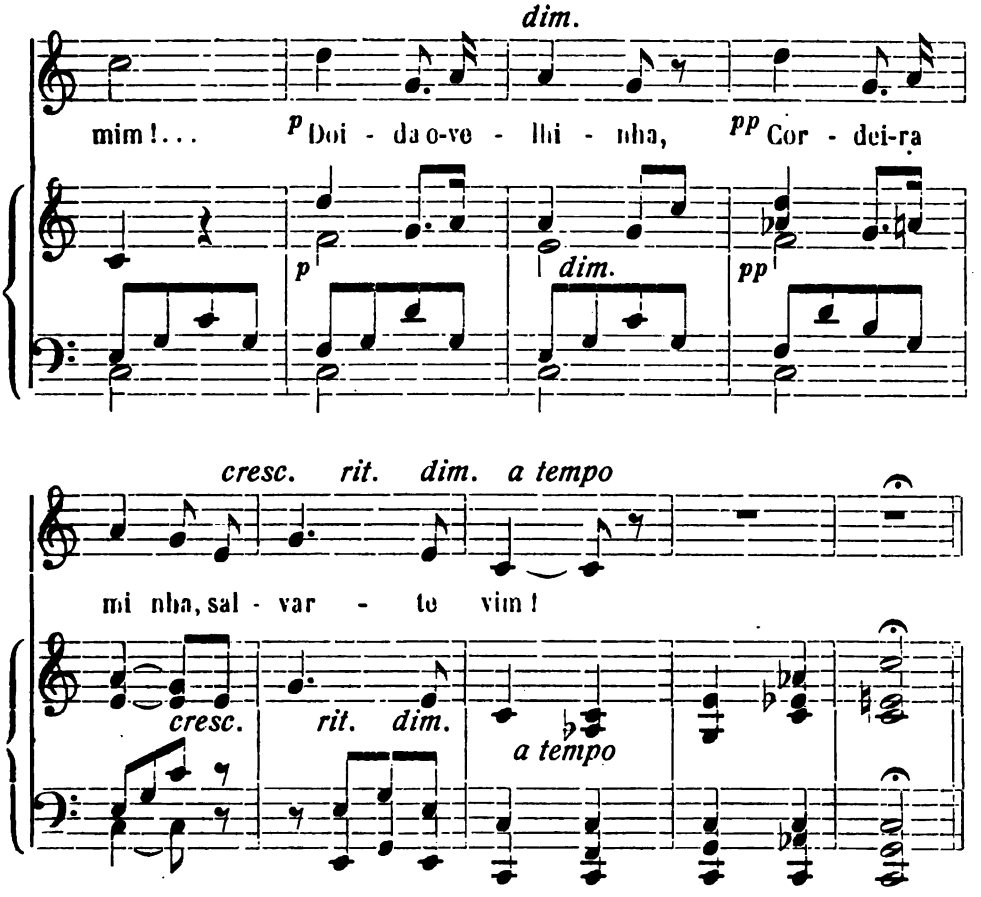

mf
Sa - bes a - go - ra
mf
gracioso
porque eu, cor - ren - do, do a - bys-mo hor ren - do
do a - bys-mo hor-ren - do,
pp
Cor - dei-ra mi - nha,
pp


Sal - var - te vim? Sa - bes a - go - ra por-
express.
que eu sal-var-te vim? E' por-que te a - mo
smorz.
mais do que a vi - da! E tu, q'ri - da


cresc.
E tu, q'ri - da, has de al-gum di - a
cresc.
a piacere
a tempo
pp ppp
fu - gir fu - gir de mim!...
p
Doi - da o ve-
pp
a tempo
p
string.
lhi - nha! tu, que fi - zes - te?
mf
Por - que vi-
mf string.


dolce a tempo
es - te por - que vi - es - te p sem mim, sem
pp a tempo
gui - a, des cen-do ao mar? pp Sa - bes a-
express.
go - ra por - que eu sal-var - te vim? mf E' por-que te
p


smorz.
a - mo mais do que a vi - da! E tu,
smorz.
q'ri - da, e tu, q'ri - da, Cor - dei - ra
dim.
mi - nha, f has de al gum di - a pp fu - gir de



1.

Doida ovèlhinha! Tu, que fizeste?
Porque vieste
sem mim, sem guia, descendo ao mar?
Já resvalando da algosa fraga,
e já na vaga,
nem por soccorro sabes clamar?

2.

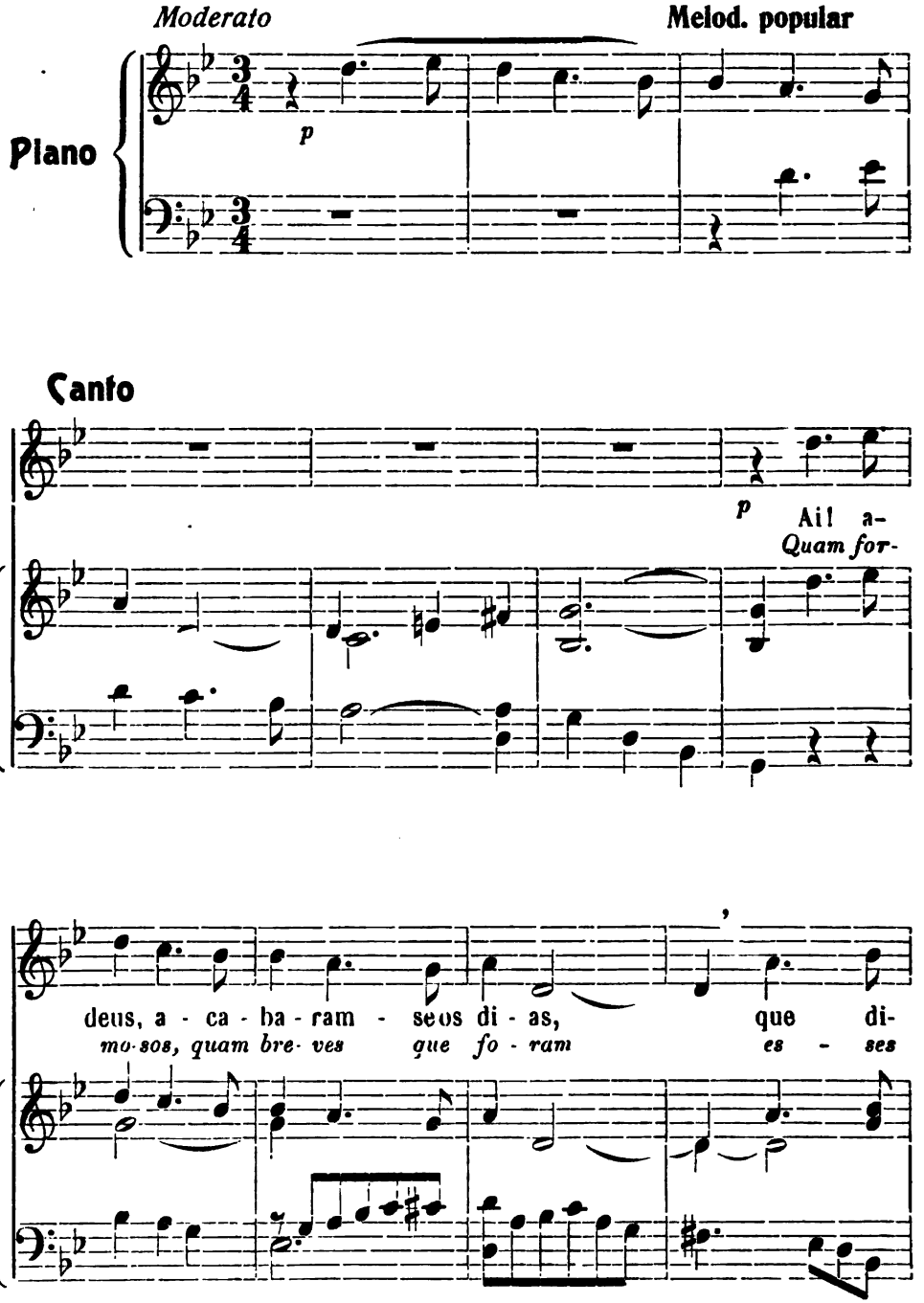
Vives ainda; mas que seria,
se eu não corria
para salvar-te, dando-te a mão?
Mais dois momentos, e sossobravas
nas ondas bravas,
e perecias na seducção!

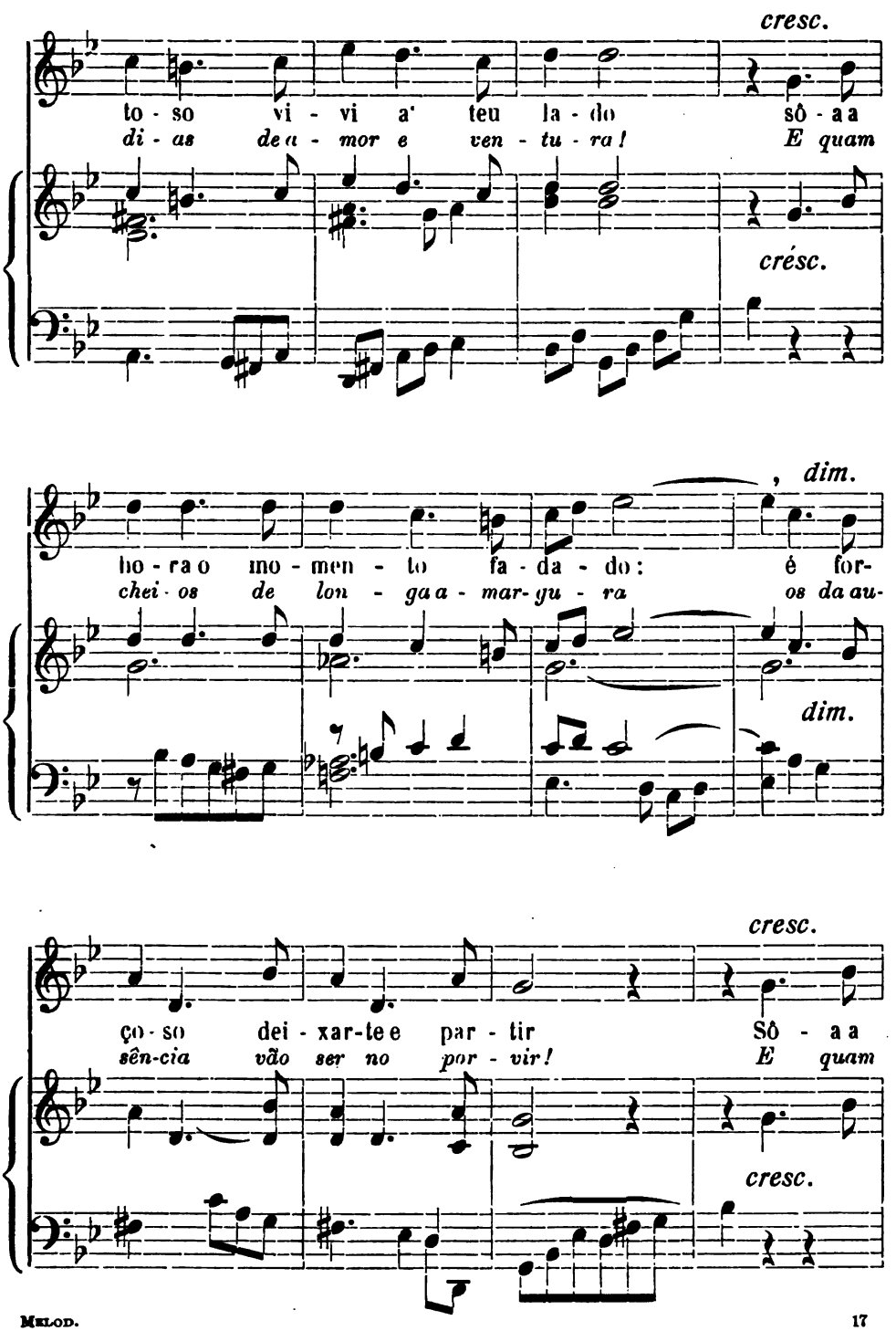
3.

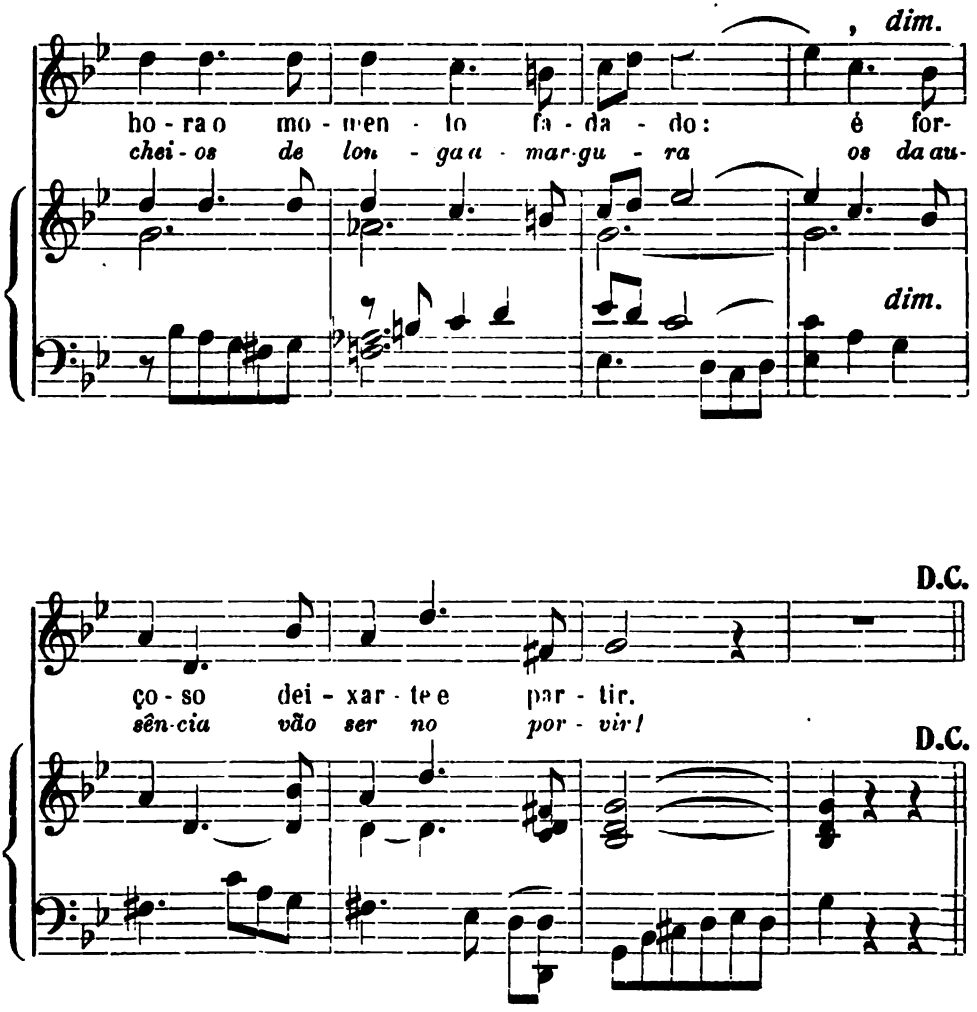
Sabes agora porque eu, correndo,
do abysmo horrendo,
Cordeira minha, salvar-te vim?
— E' porque te amo mais do que a vida!
E tu, querida,
has de algum dia fugir de mim!...

J. Seraphim Gomes.

12. AI! ADEUS!


Moderato
Melod. popular
Piano
p
Canto
p
Ai! a-
Quam for-
deus, a - ca - ba - ram - seus di - as, que di-
mo-sos, quam bre-ves que fo - ram es - ses


cresc.
to - so vi - vi a' teu la - do sô - a a
di - as de a - mor e ven - tu - ra! E quam
crésc.
, dim.
ho - ra o mo - men - to fa - da - do: é for-
chei - os de lon - ga a - mar-gu - ra os da au-
dim.
cresc.
ço - so dei - xar-te e par - tir Sô - a a
sên-cia vão ser no por - vir! E quam
cresc.



Ai, adeus! Acabaram-se os dias
que ditoso vivi a teu lado;
sôa a hora, o momento fadado:
é forçoso deixar-te e partir.
Quam formosos, quam breves que foram
esses dias de amôr e ventura!
E quam cheios de longa amargura
os da ausência vão ser no porvir!

Olha em roda estas margens virentes:
já o outomno lhes despe os encantos;
cedo o inverno com gélidos mantos
baixará das montanhas d'além.
Tudo triste, sombrio e gelado,
ficará sem verdura nem flôres:
tal meu seio privado de amores
ficará de ti longe tambem.

Não sei mesmo... não sei se o destino
me dará que te abrace na volta...
Ai! quem sabe onde a vaga revolta
levará meu perdido baixel?!
Sobre as ondas, sem norte e sem rumo,
açoitado por ventos funestos,
sumirá por ventura meus restos
nas voragens de ignoto parcel!

Mas ah! longe esta ideia sombria!
Longe, longe o cruel desalento!
Após dias de amargo tormento
virão dias mais bellos talvez!
Dá-me ainda um sorriso em teus labios,
uma esp'rança que esta alma alimente;
e, na volta da quadra florente,
eu co'as flores virei outra vez.

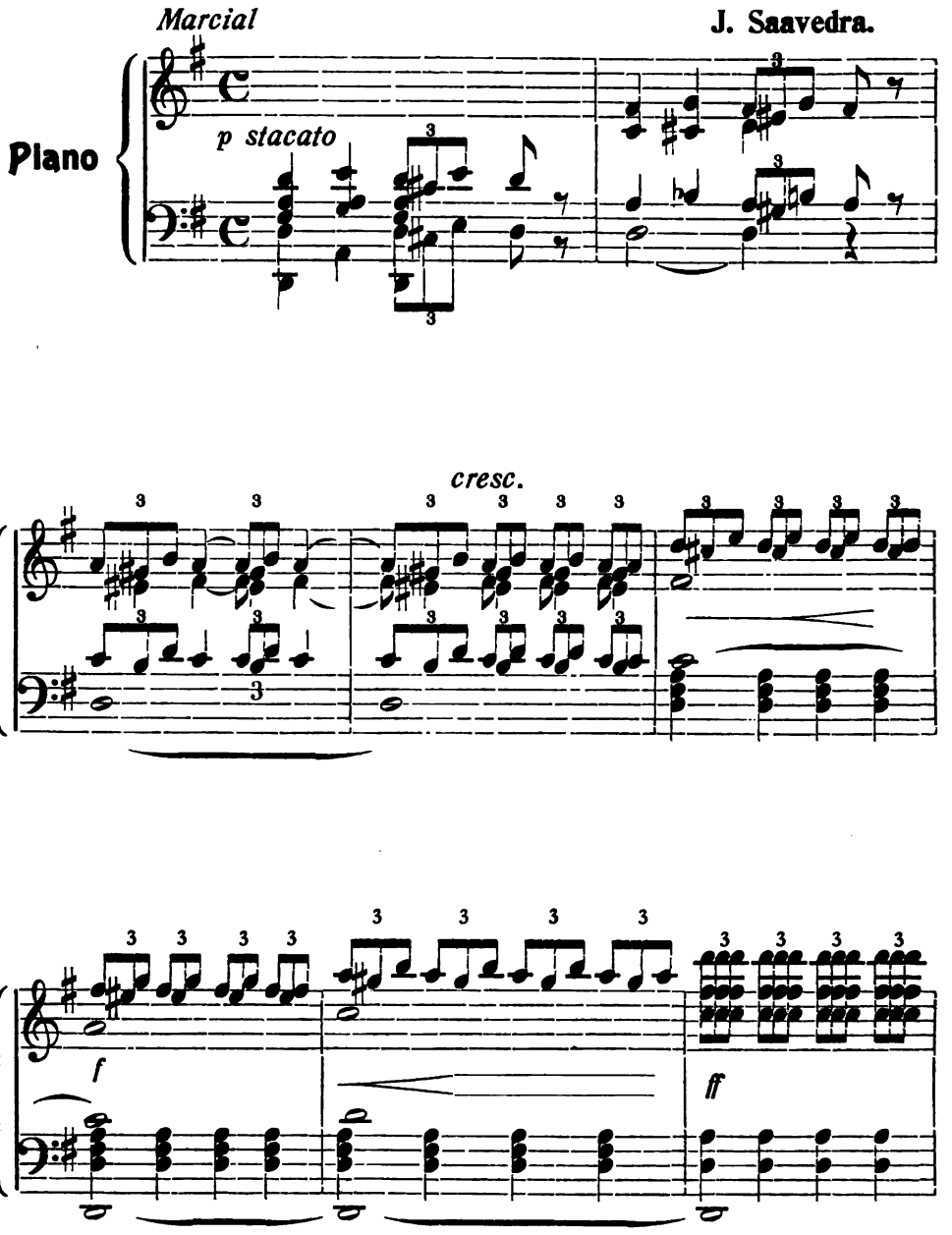
Mas, se as flores do campo voltarem
sem que eu volte co'as flores da vida,
chora aquelle que em tumba esquecida
dorme ao longe seu longo dormir.
E cada anno, que o sopro do outomno
desfolhar a verdura do olmeiro,
lembra-te ainda do adeus derradeiro,
d'este adeus que te disse ao partir!

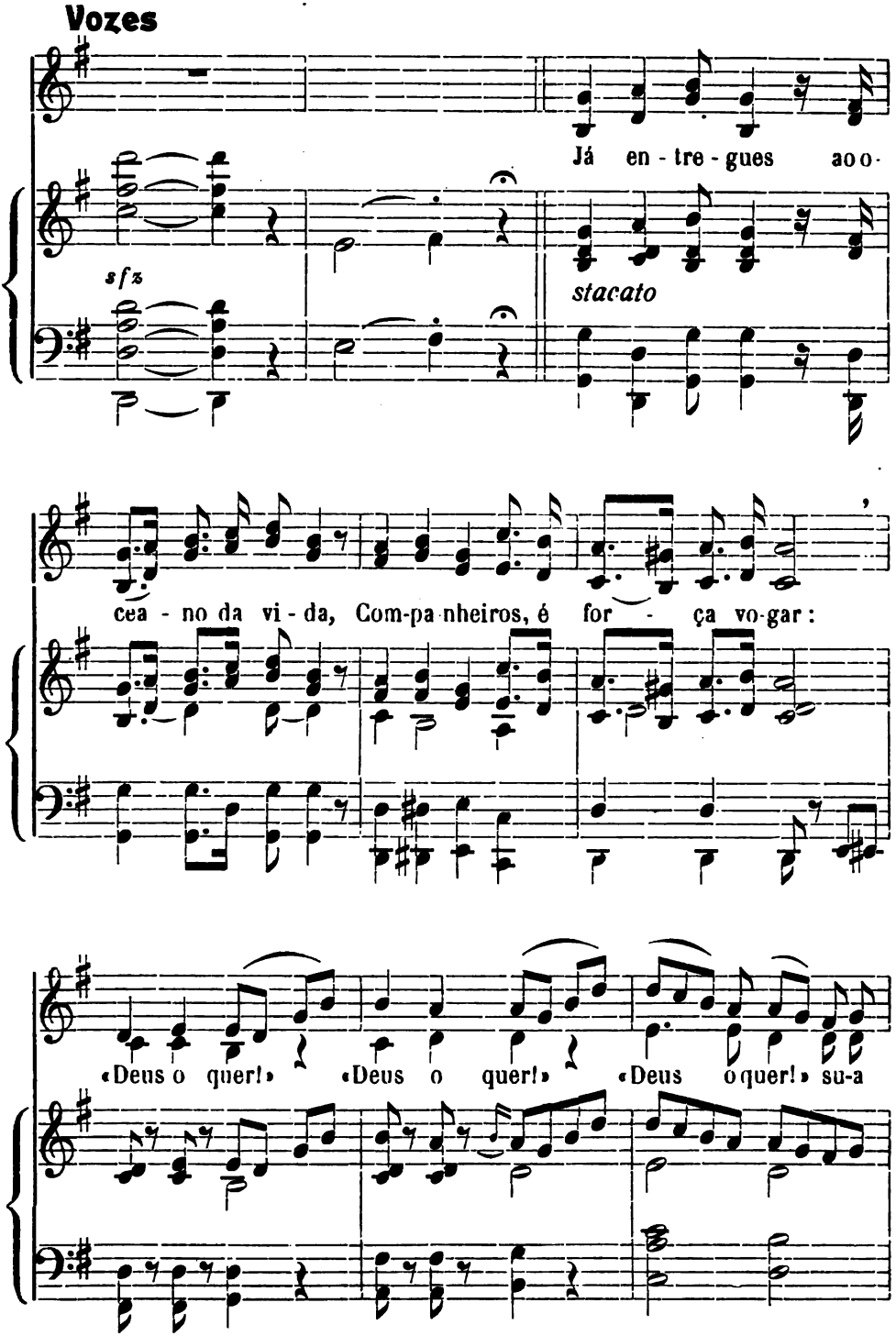
Soares de Passos.

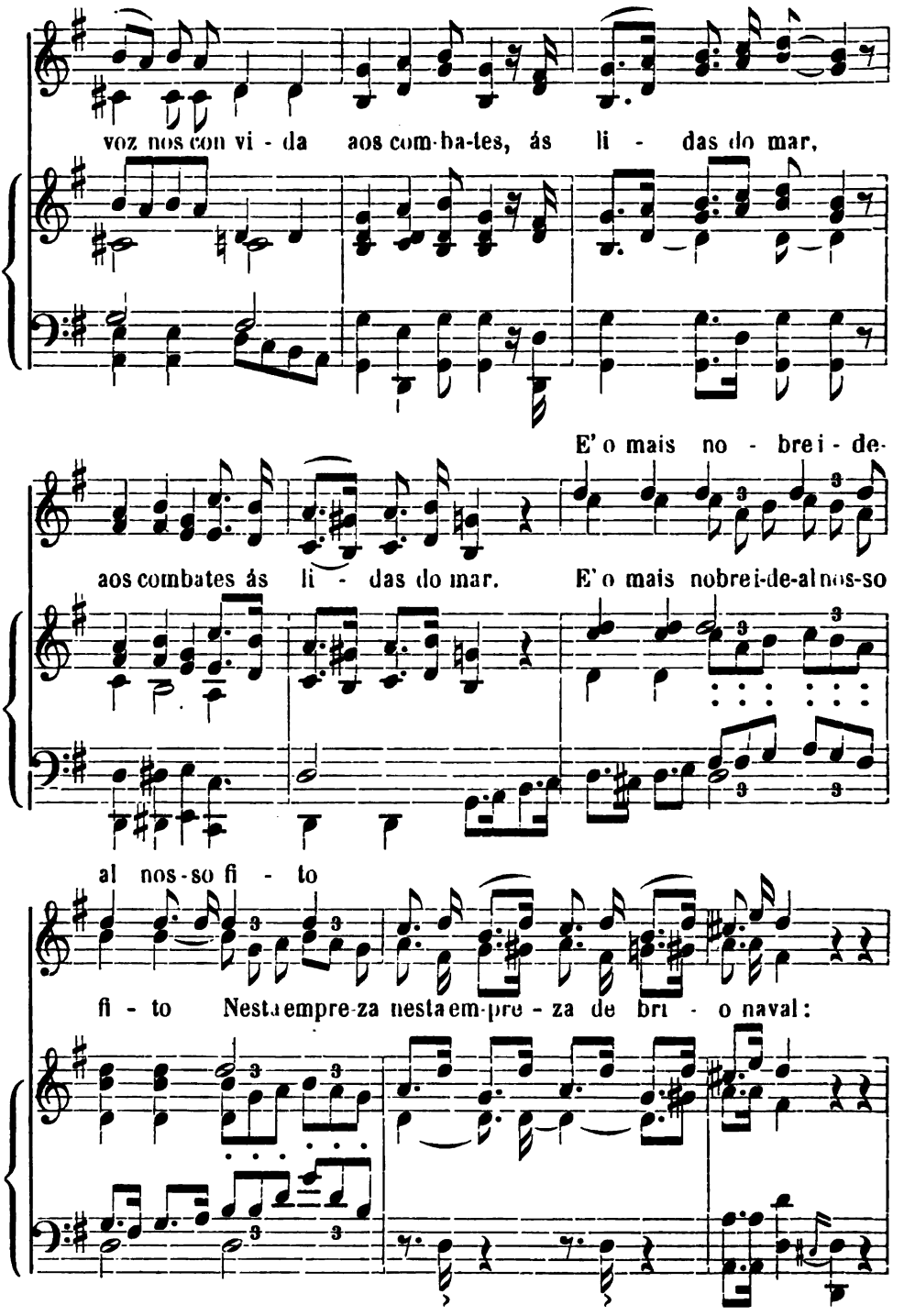
O arranjo da melodia é do Snr. Pedro F. da Costa Pereira.

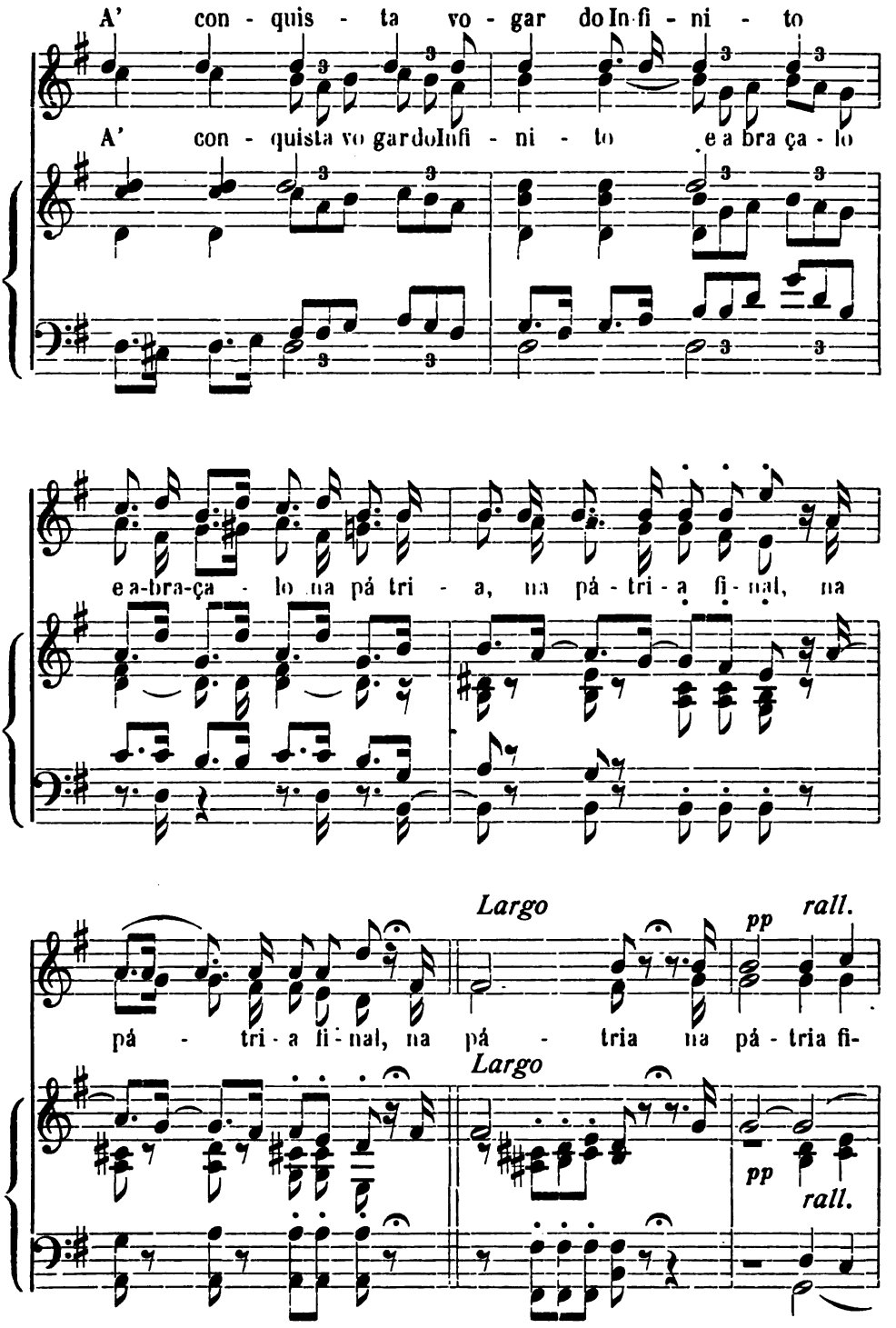
13. HYMNO-CANTATA

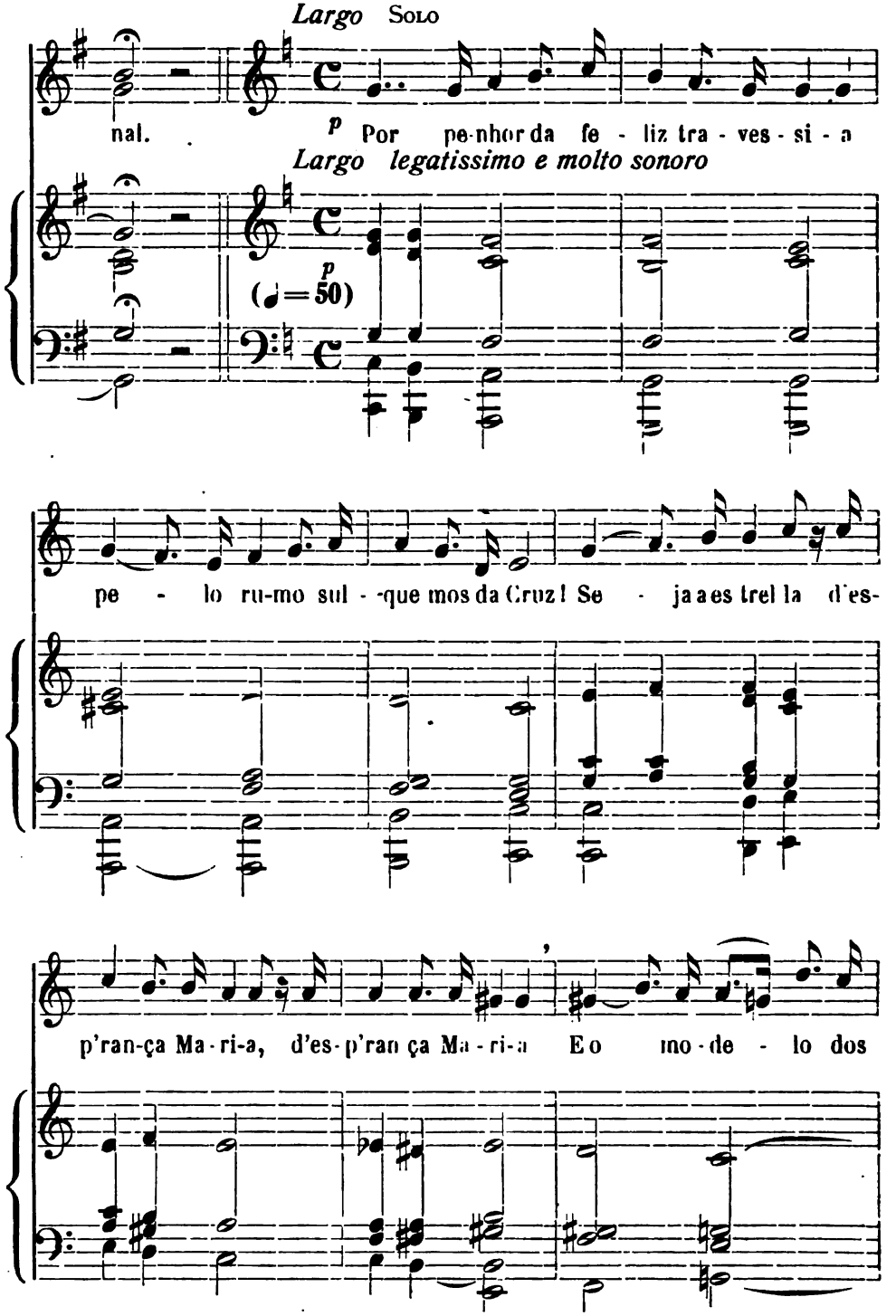
(COLLÉGIO DE CAMPOLIDE)

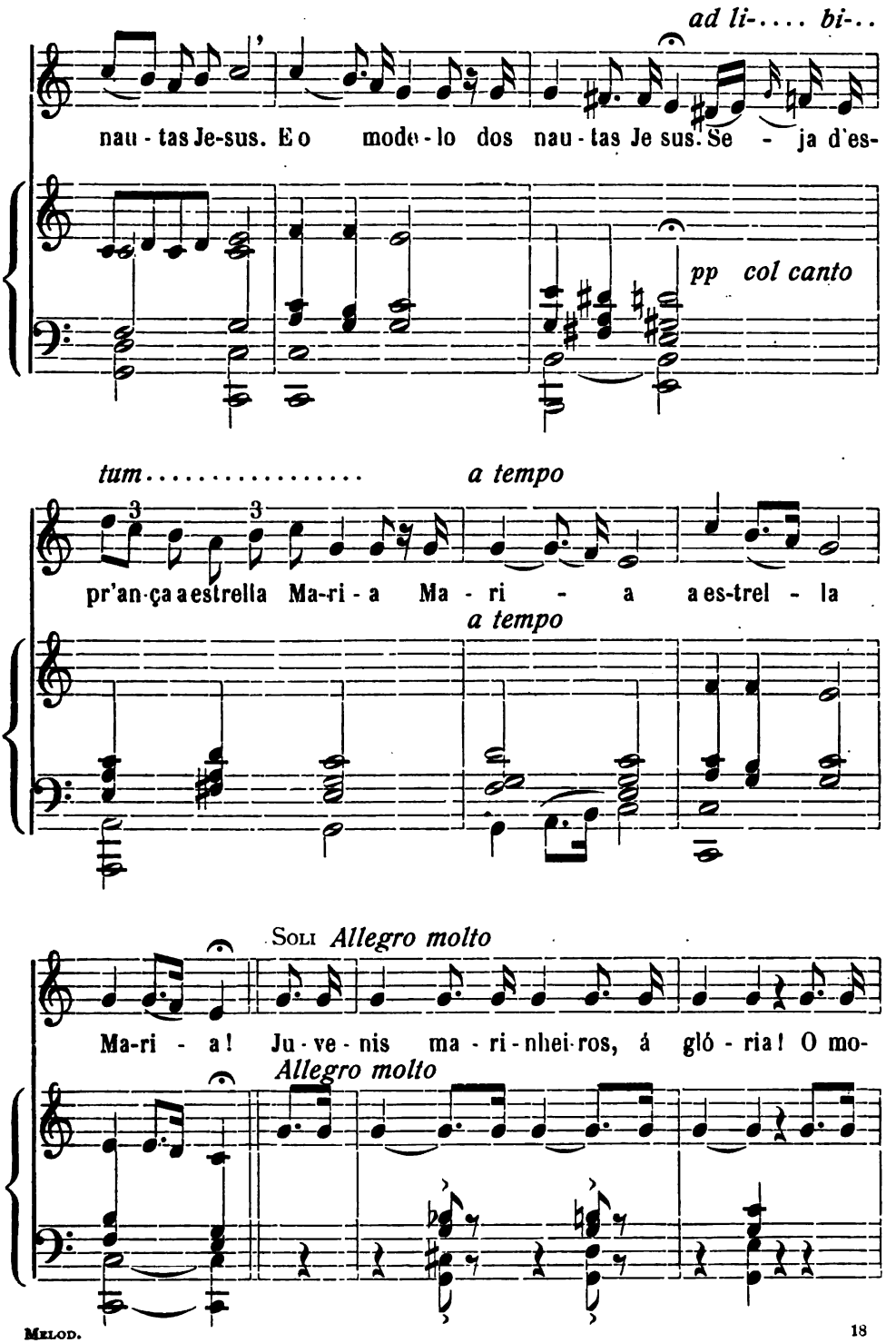



Vozes
Já en - tre - gues ao o-
sfz
stacato
cea - no da vi - da, Com-pa-nheiros, é for - ça vo-gar:
«Deus o quer!» «Deus o quer!» «Deus o quer!» su-a


voz nos con vi - da aos com-ba-tes, ás li - das do mar,
E' o mais no - brei - de-
aos combates ás li - das do mar. E' o mais nobrei-de-al nos-so
al nos-so fi - to
fi - to Nesta empre-za nesta em-pre - za de bri - o naval:


A' con - quis - ta vo - gar do In-fi - ni - to
A' con - quista vo gardoInfi - ni - to e a bra ça - lo
e a-bra-ça - lo na pá tri - a, na pá - tri - a fi - nal, na
Largo
pp
rall.
pá - tri - a fi - nal, na pá - tria na pá - tria fi-
Largo
pp
rall.


Largo Solo
nal.
p Por pe-nhor da fe - liz tra - ves - si - a
Largo legatissimo e molto sonoro
p
(♩=50)
pe - lo ru-mo sul - -que mos da Cruz! Se - ja a es trel la d'es-
p'ran-ça Ma-ri-a, d'es-p'ran ça Ma - ri-a E o mo-de - lo dos

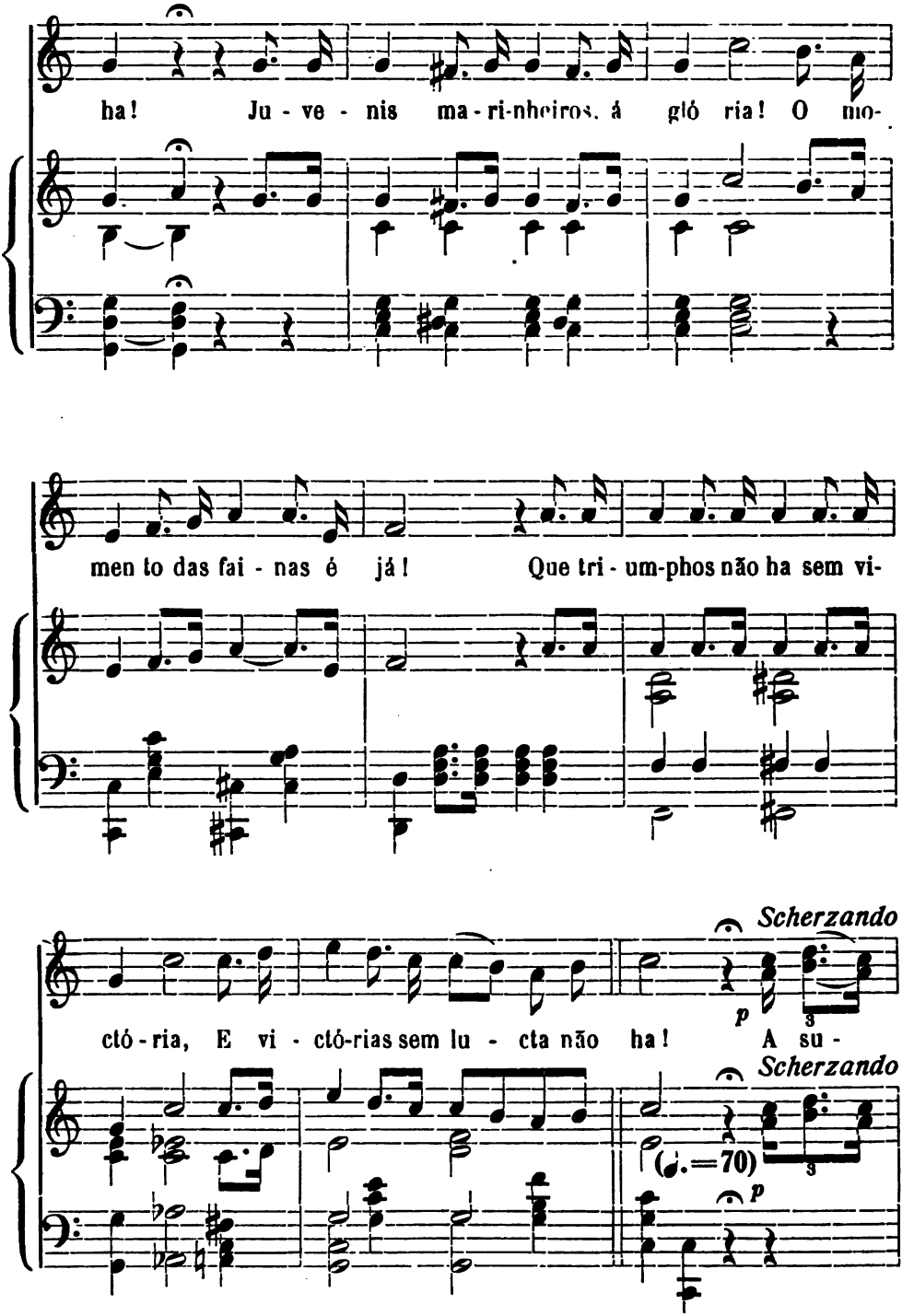

ad li-.... bi-..
nau - tas Je-sus. E o mode - lo dos nau - tas Je sus. Se - ja d'es-
pp col canto
tum.....
a tempo
pr'an-ça a estrella Ma-ri - a Ma - ri - a a es-trel - la
a tempo
Soli Allegro molto
Ma-ri - a! Ju - ve - nis ma - ri - nhei - ros, á gló - ria! O mo-
Allegro molto

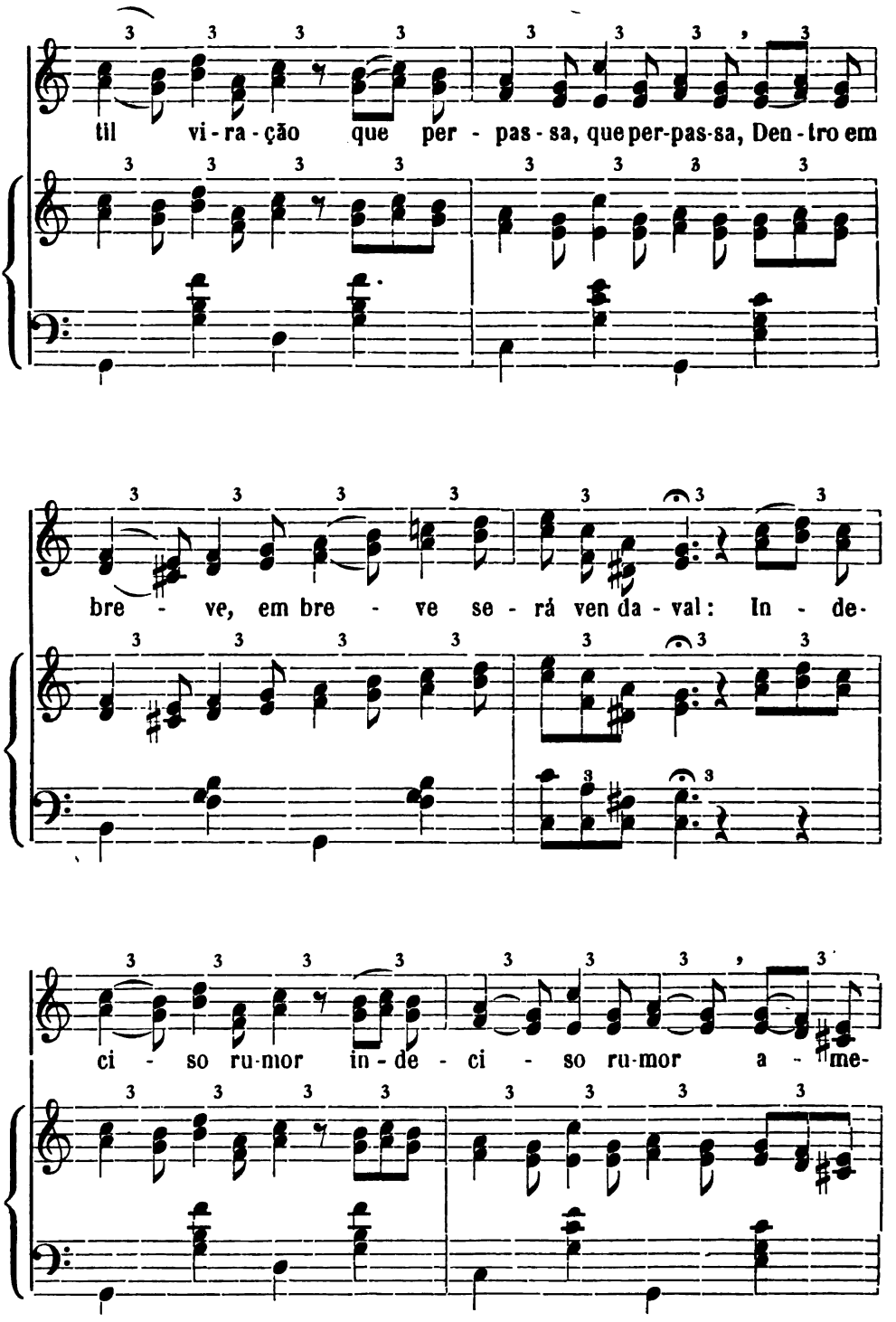
Tutti unisono

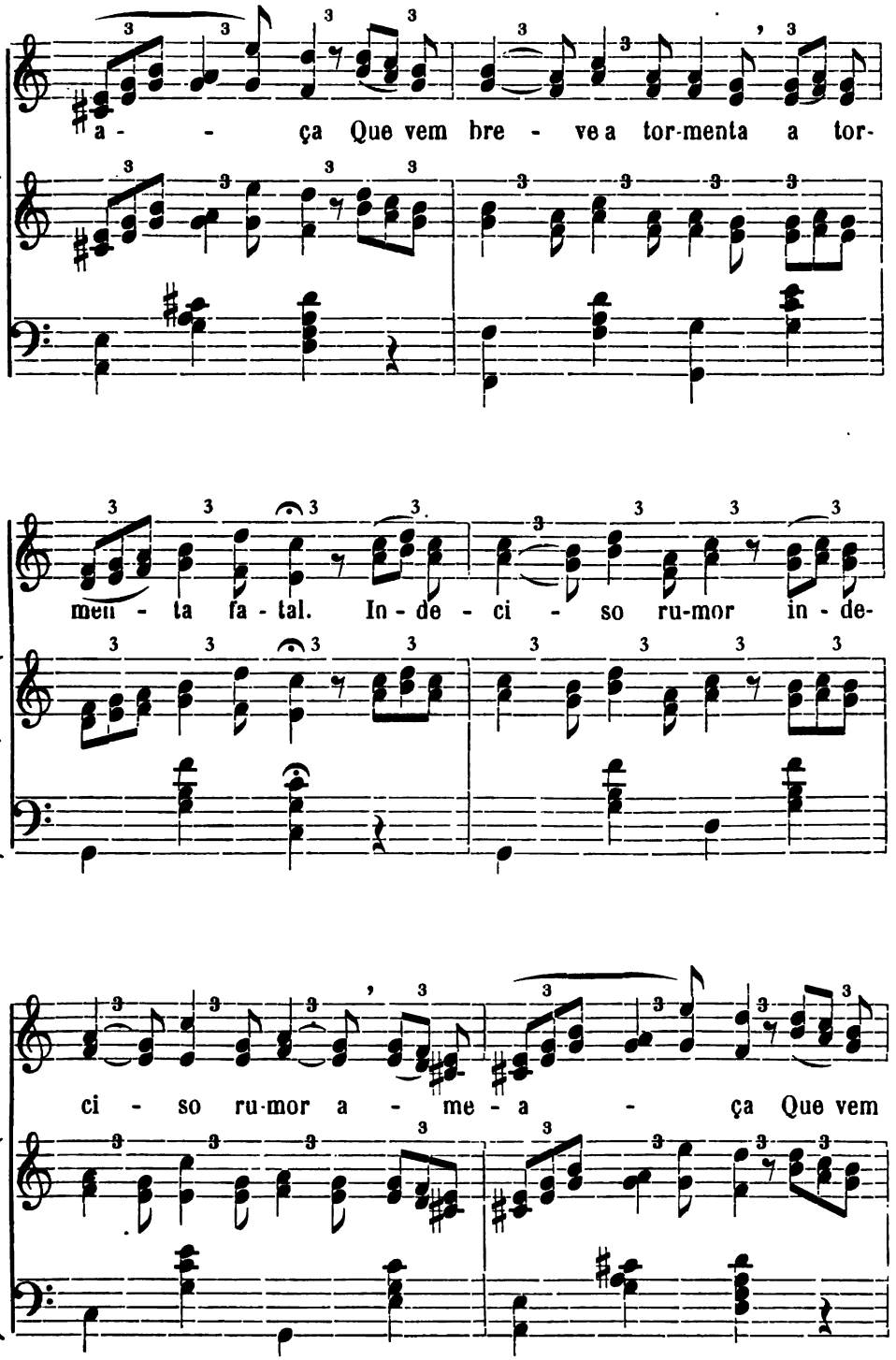
men - to das fai - nas é já! Ju - ve - nis ma-ri - nheiros, á

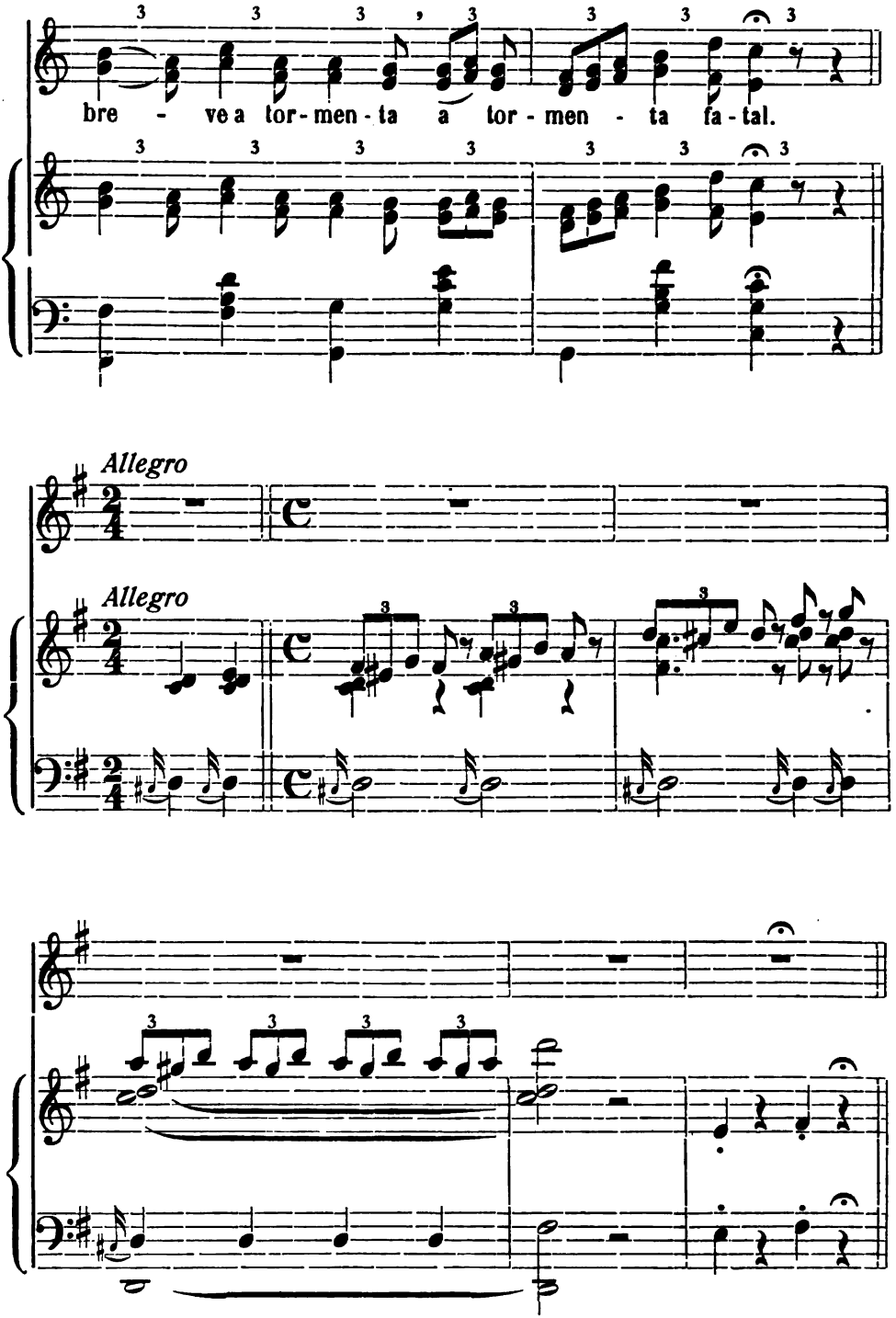
glo ria! O mo - men-to das fai - nas é já! Que tri-

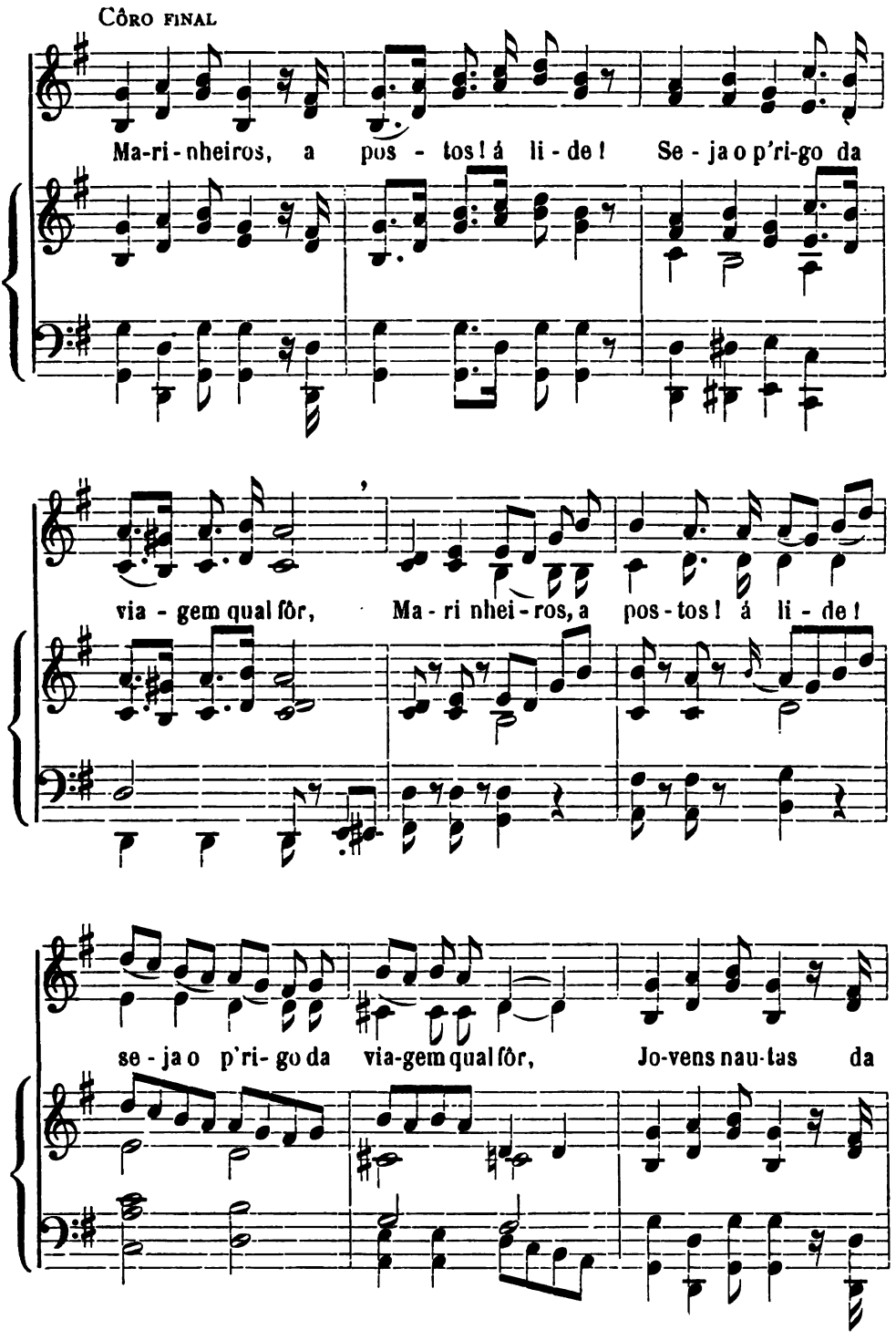
um phos não ha sem vi - ctó-ria; E vi - ctó - rias sem lu - cta não

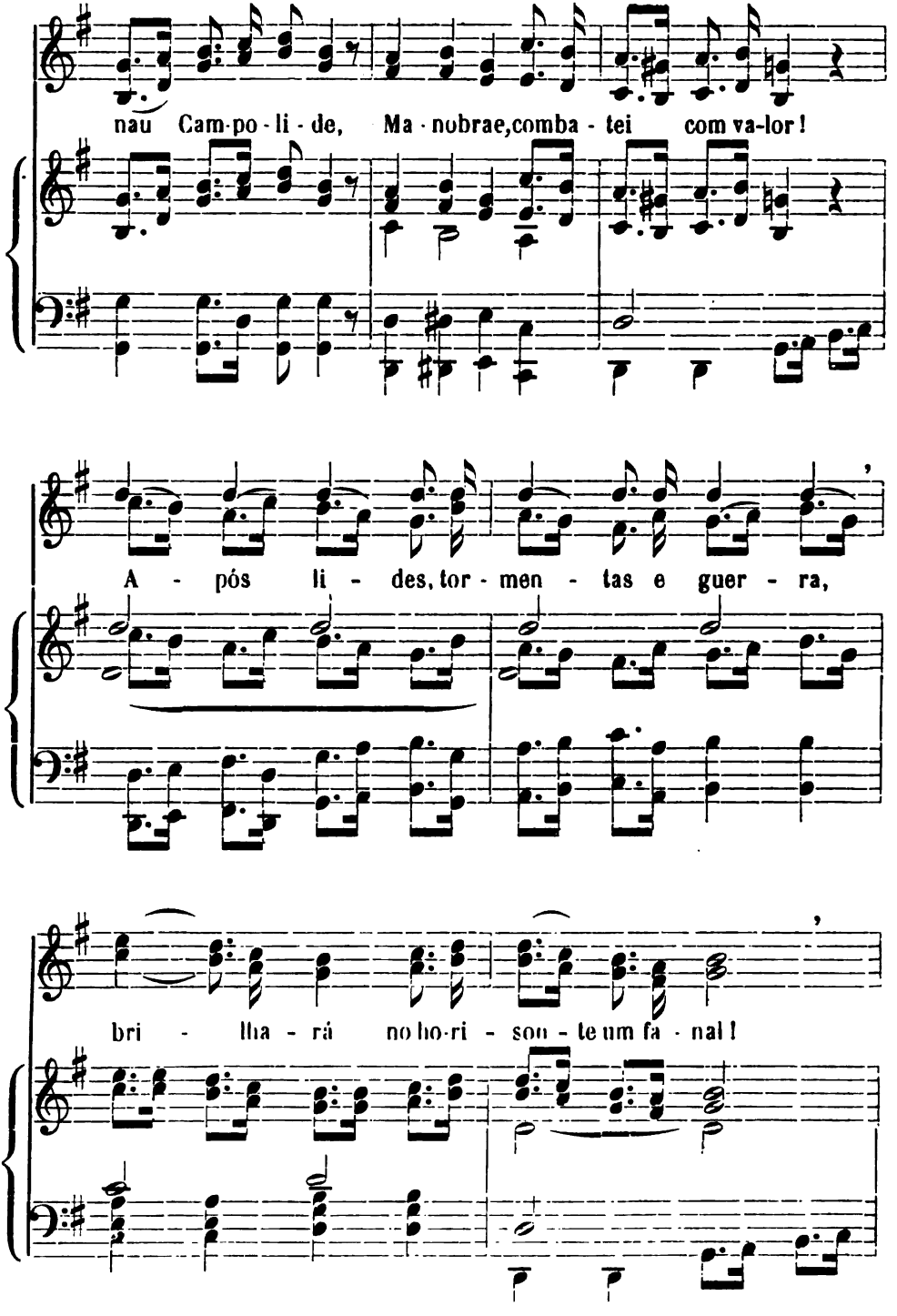

ha! Ju - ve - nis ma - ri-nheiros, á gló ria! O mo-
men to das fai - nas é já! Que tri - um-phos não ha sem vi-
Scherzando
ctó - ria, E vi - ctó-rias sem lu - cta não ha! A su -
Scherzando
(♩.=70)

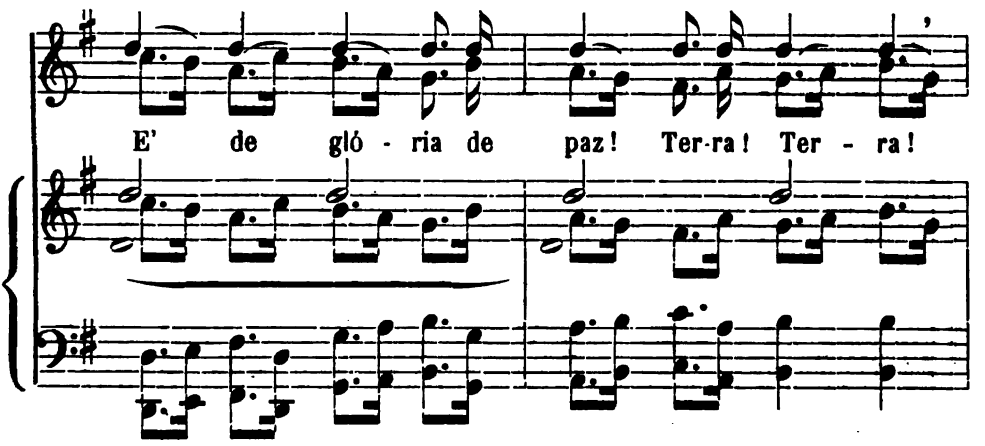

til vi-ra-ção que per-pas-sa, que per-pas-sa, Den-tro em
bre-ve, em bre-ve se-rá ven da-val: In-de-
ci-so ru-mor in-de-ci-so ru-mor a-me-

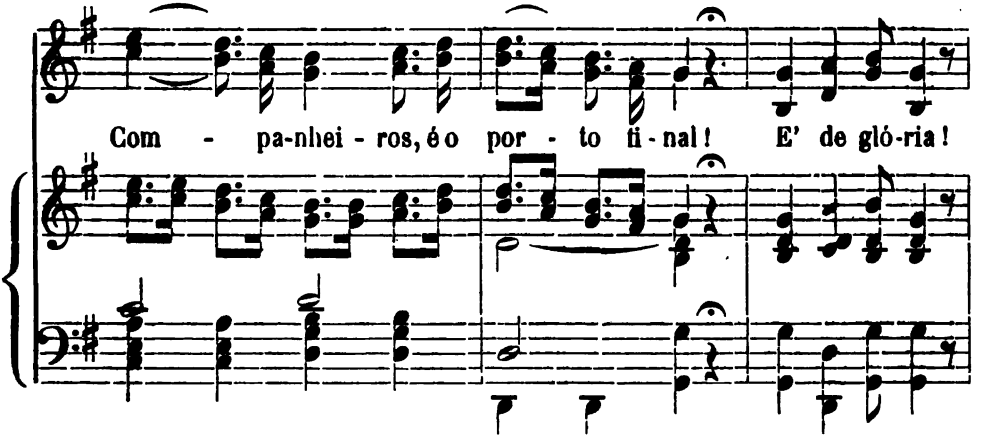

a - - ça Que vem bre - ve a tor-menta a tor-
men - ta fa - tal. In - de - ci - so ru-mor in - de-
ci - so ru-mor a - me - a - ça Que vem

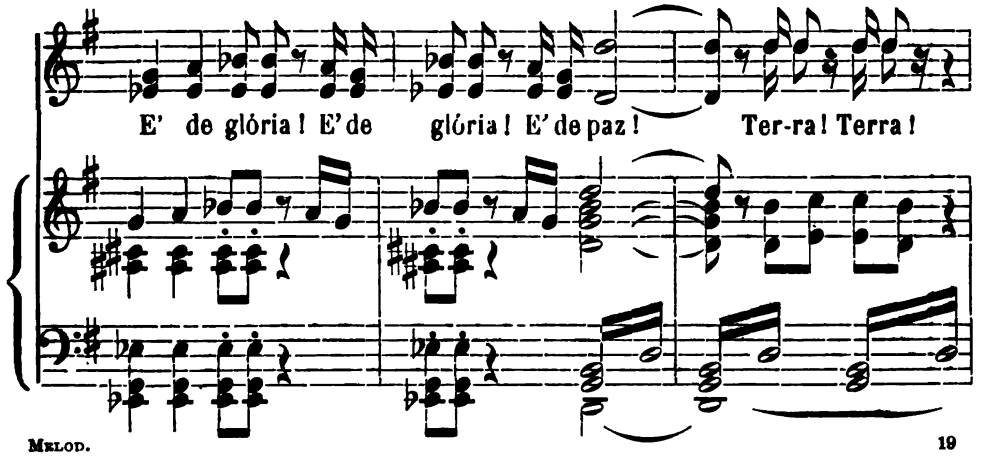

bre - ve a tor - men - ta a tor - men - ta fa - tal.
Allegro
Allegro

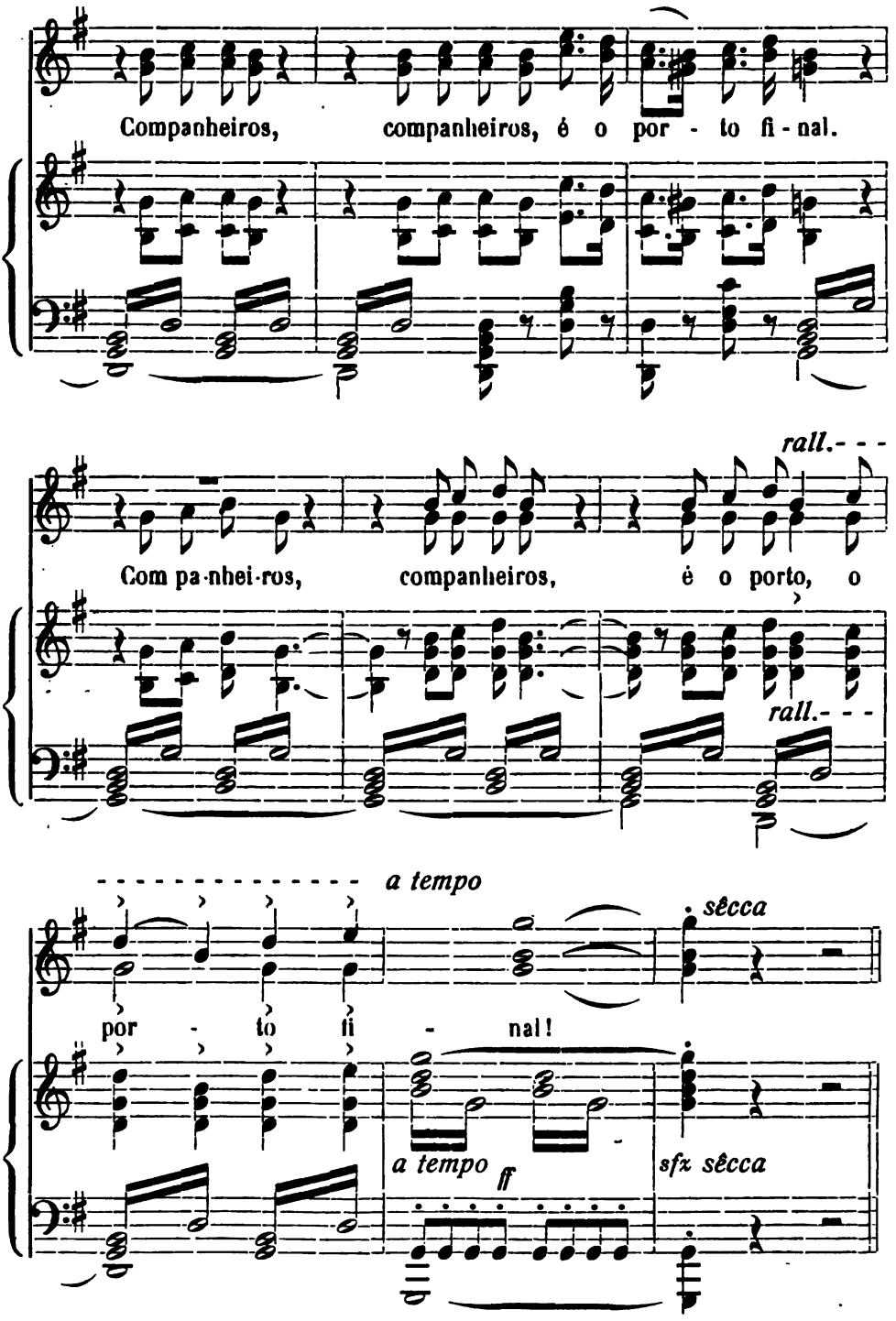

CÔRO FINAL
Ma-ri-nheiros, a pos - tos! á li - de! Se - ja o p'ri-go da
via - gem qual fôr, Ma - ri nhei - ros, a pos - tos! á li - de!
se - ja o p'ri- go da via-gem qual fôr, Jo-vens nau-tas da


nau Cam-po-li-de, Ma-nobrae,comba-tei com va-lor!
A-pós li-des, tor-men-tas e guer-ra,
bri-lha-rá no ho-ri-son-te um fa-nal!


E' de gló - ria de paz! Ter-ra! Ter - ra!


Com - pa-nhei - ros, é o por - to fi - nal! E' de gló-ria!


E' de glória! E' de glória! E' de paz! Ter-ra! Terra!


Companheiros, companheiros, é o por - to fi - nal.
rall.- - -
Com pa-nhei-ros, companheiros, é o porto, o
rall.- - -
a tempo
sêcca
por - to fi - nal!
a tempo
ff
sfx sêcca

Hymno

Já entregues ao oceano da vida,
Companheiros, é força vogar:
«Deus o quer!»—Sua voz nos convida
Aos combates e ás lidas do mar.

E' o mais nobre ideal nosso fito
Nesta empreza de brio naval:
— A' conquista vogar do Infinito,
E abraça-lO na patria final.

Por penhor de feliz travessia
Pelo rumo sulquemos da Cruz!
Seja a estrella d'esp'rança Maria,
E o modelo dos nautas Jesus!

«Sobre o azul do saber a virtude»:
Tal é o timbre dos nossos tropheus.
De tres cordas é nosso alaude:
De familia, de pátria, de Deus!

Juvenis marinheiros: — á glória!
O momento das fainas é já!
Que triumphos não ha sem victória,
E victórias sem lucta não ha.

A subtil viração, que perpassa,
Dentro em breve será vendaval:
Indeciso rumor ameaça
Que vem breve a tormenta fatal.

Mas se acaso a tormenta não vinga,
Se de novo azular mar e ceus:
Eia! Alerta! — Esquivae a restinga!
Inda alerta! — Aprestae os harpeos!

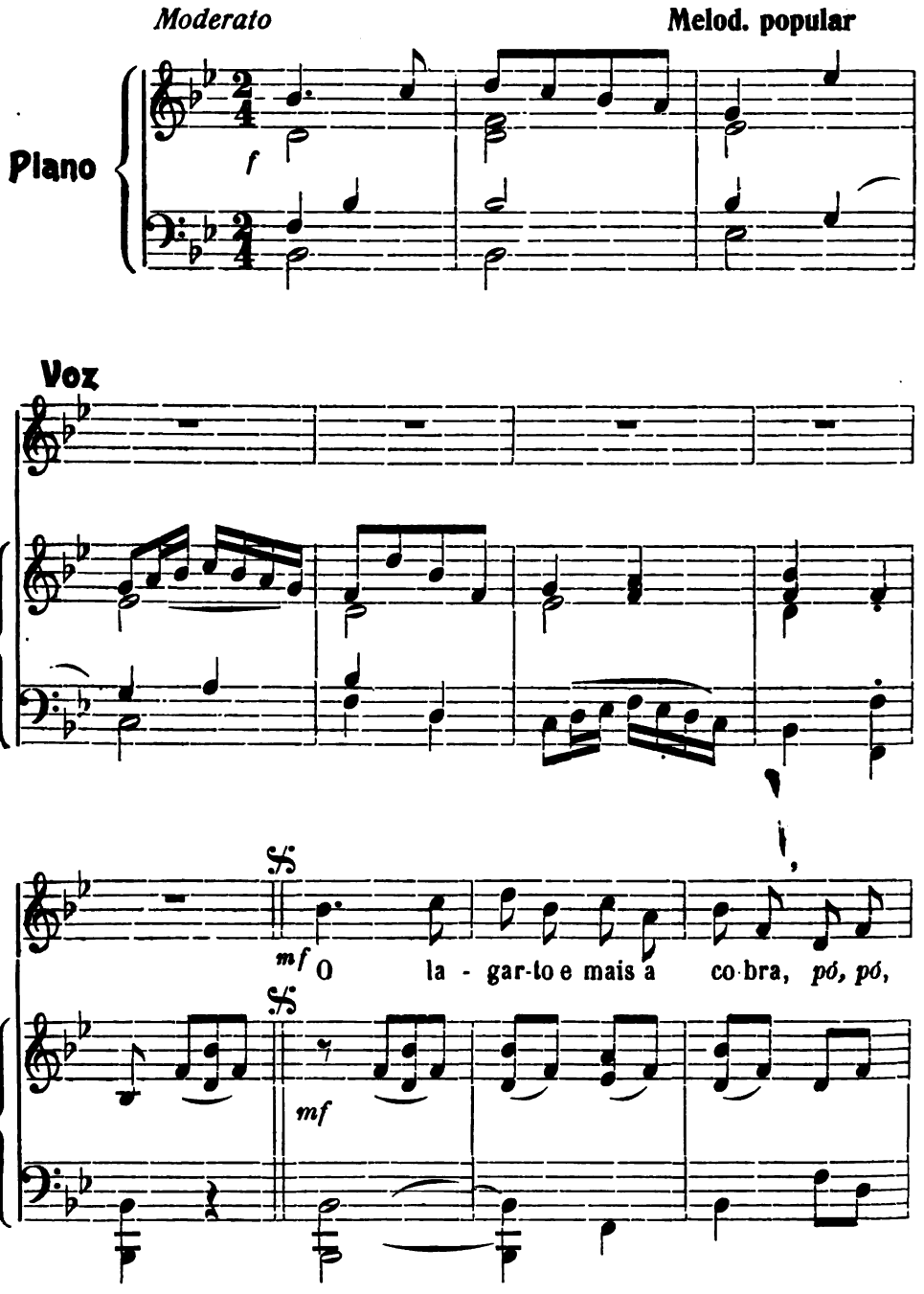
Inda alerta! — da rocha ao abrigo
Nos espreita o corsário d'alem!
Inda alerta! — o pendão inimigo
Alto mar nos espera tambem!

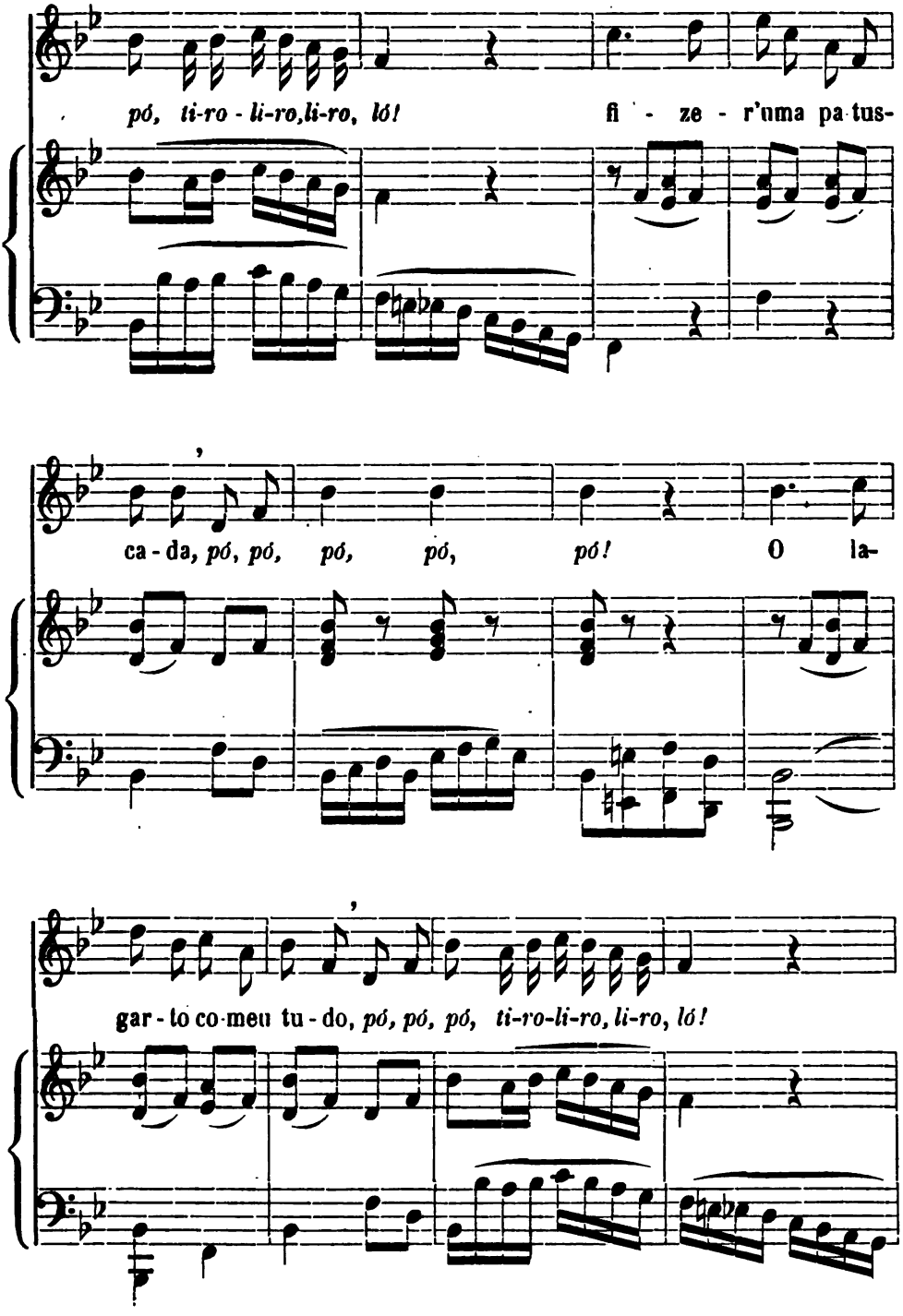
Marinheiros, a postos! á lide!
Seja o p'rigo da viagem qual fôr,
Jovens nautas da nau «Campolide»,
Manobrae, combatei com valor!

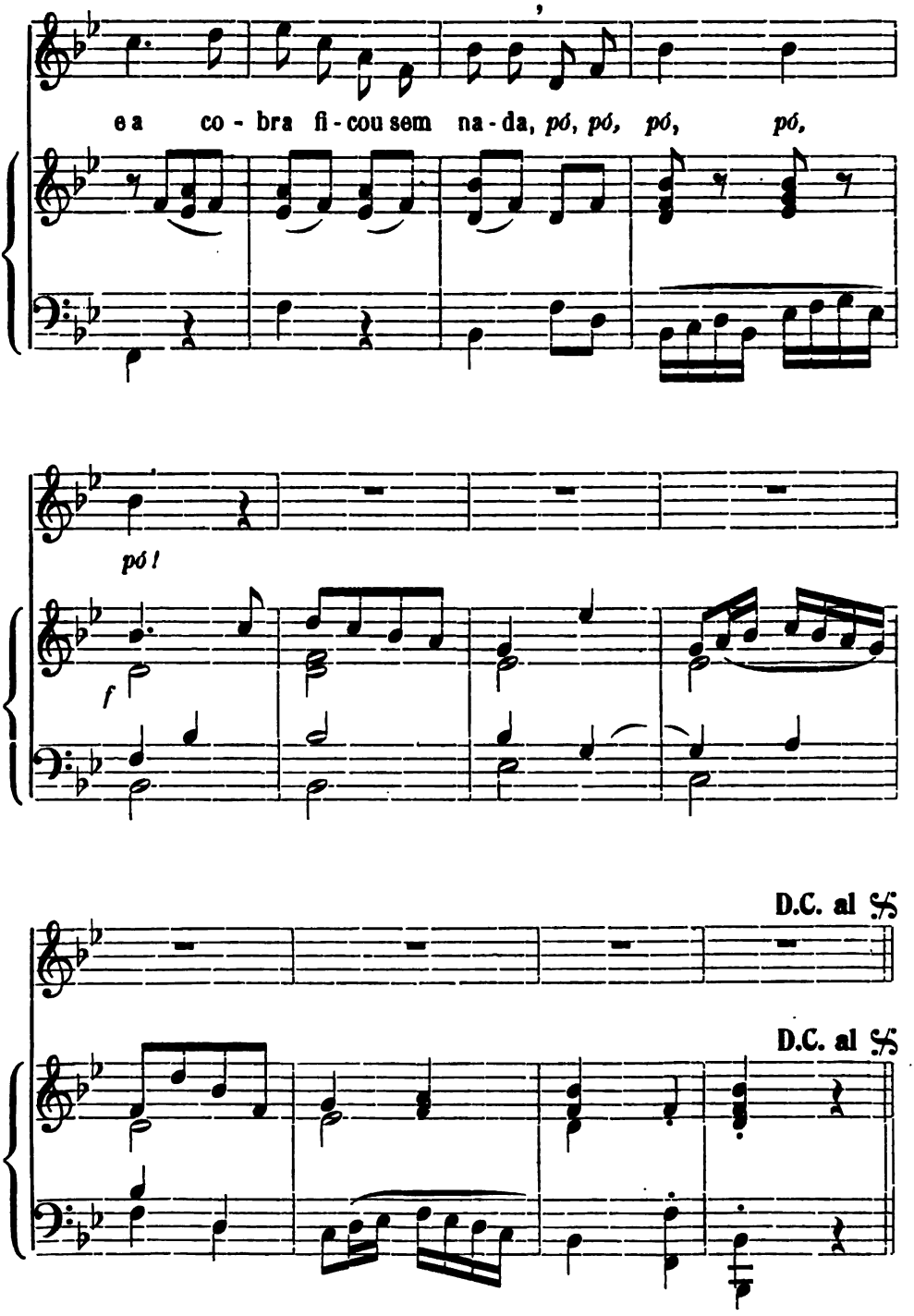
Após lidas, tormentas e guerra,
Brilhará no horisonte um fanal!
E' de gloria, de paz!—«Terra! terra»!
Companheiros, é o porto final!

J. E. G.

14. O LAGARTO E A COBRA




pó, ti-ro - li-ro,li-ro, ló! fi - ze - r'uma pa-tus-
ca - da, pó, pó, pó, pó! O la-
gar - to co-meu tu - do, pó, pó, pó, ti-ro-li-ro, li-ro, ló!


e a co - bra fi - cou sem na - da, pó, pó, pó, pó,
pó!
f
D.C. al 𝄋
D.C. al 𝄋

O lagarto e a cobra

O lagarto e mais a cobra
fizer'uma patuscada:
o lagarto comeu tudo,
e a cobra ficou sem nada.

*

Vai a cobra, ficou fula!
E, para tirar vingança,
convidou mestre lagarto
noutro dia p'r'a pitança.

O guloso do lagarto
não se fez muito rogado,
e partiu e mais a cobra
a caminho d'um eirado.

Lá toparam com dois potes:
um esguio, de bom leite;
outro grande e luzidio,
quasi meio, mas de azeite.

A cobra, que era finória,
enroscou-se ao mais esguio;
o papalvo do lagarto
foi-se ao grande e luzidio.

Ora a cobra muito á farta
teve bôda no primeiro.
O lagarto, no do azeite,
de comer... só tinha o cheiro.

— *E que tal?* — pergunta a cobra.
— *Não lhe chego, que não posso!*
— *Faz' como eu,* — respondeu ella;
Vê se extendes o pescoço. —

Vai o pobre do lagarto,
com as ganas do fartote,
tanto extendeu o pescoço
que tombou dentro do pote.

— *Já lhe chegas, ó compadre?* —
perguntou-lhe a rir a cobra.
O lagarto, atrapalhado:
— *Já lhe chego... e já me sobra!...*

Em comer nem elle cuida:
só lhe tarda saltar fóra!
— *Se te sobra,* — diz a outra, —
anda cá, vamos embora.

— *Eu não posso! vem tirar-me!*
gritou elle á companheira.
— *'spera um nada,*—responde esta,—
que ahi vem o dono á eira. —

Esgueirou-se então a cobra,
arrastando o bojo farto.
Vem o dono, e vê no pote
o tractante do lagarto.

— *Oh! ladrão!*—resmunga bravo;—
Tu no azeite?!... E' forte enguiço!
'spera lá! — E tira-o fóra,
e acachapa-lhe o toitiço.

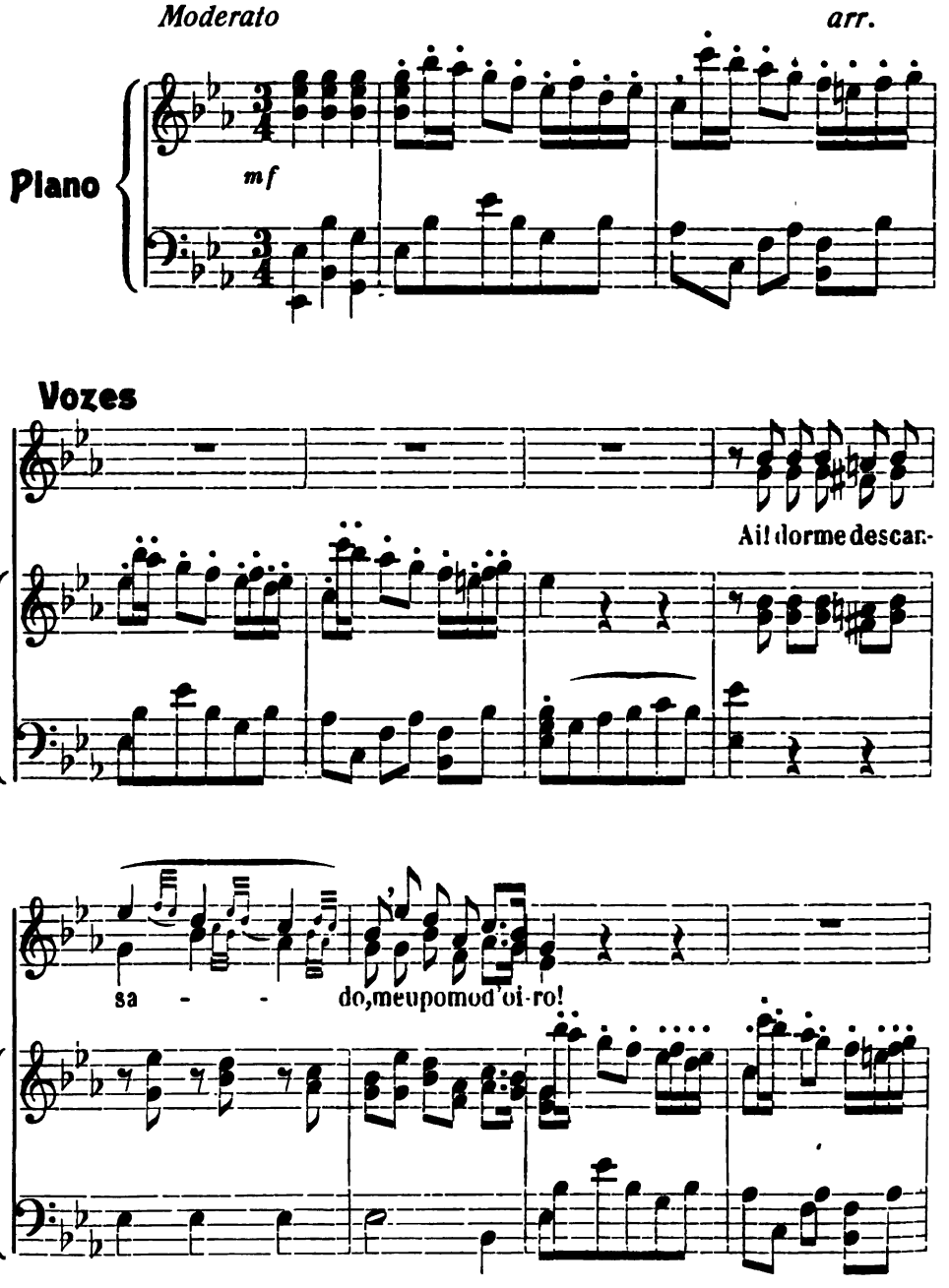
*

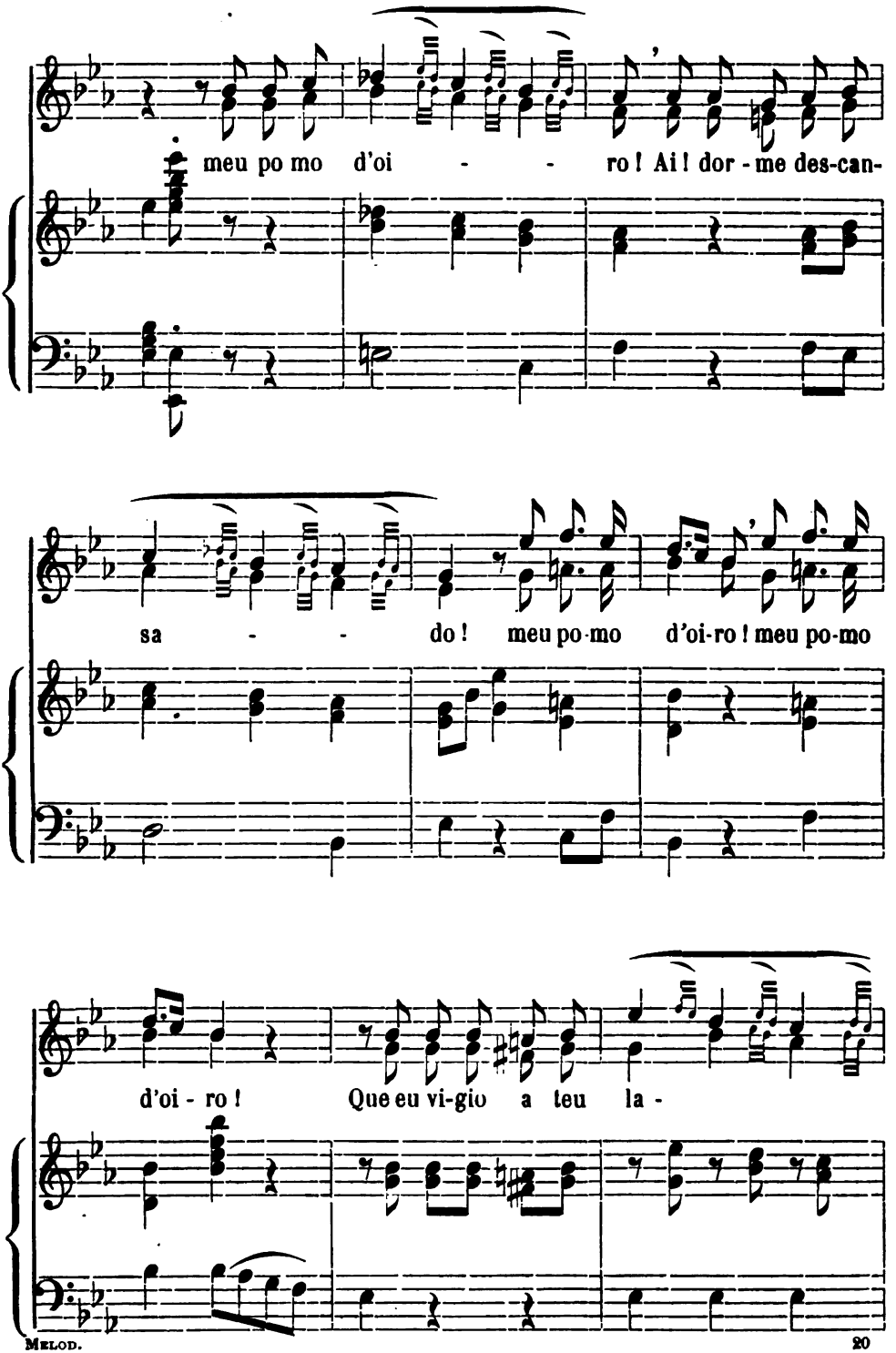
O lagarto, coitadito,
já lá vai para enterrar.
Quatro cães e sete gatos
vão atrás, a acompanhar.

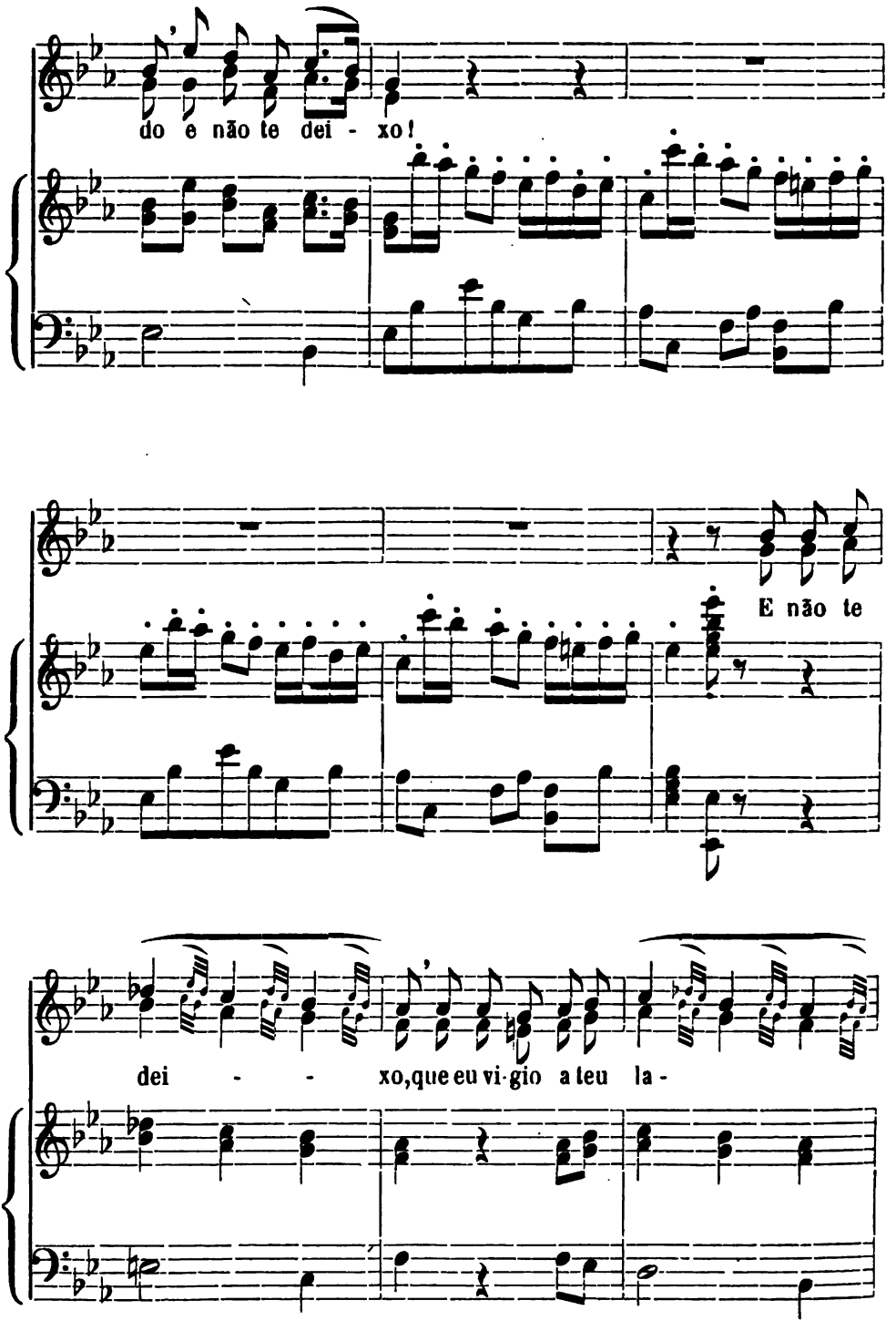
O lagarto, coitadito,
'stá enterrado na areia.
Quem o fôr desenterrar
tem cem annos de cadeia.

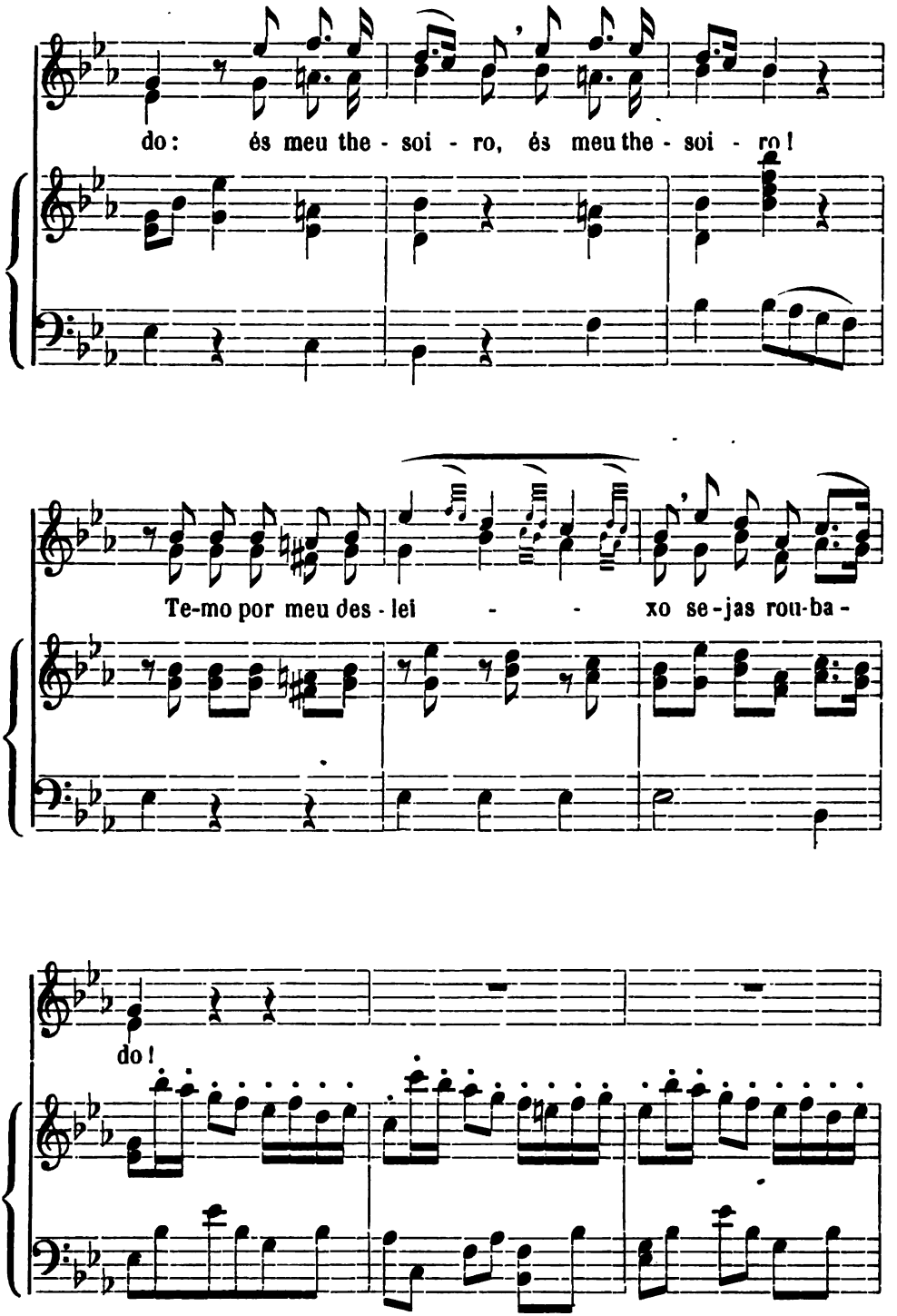
15. AI! DORME!

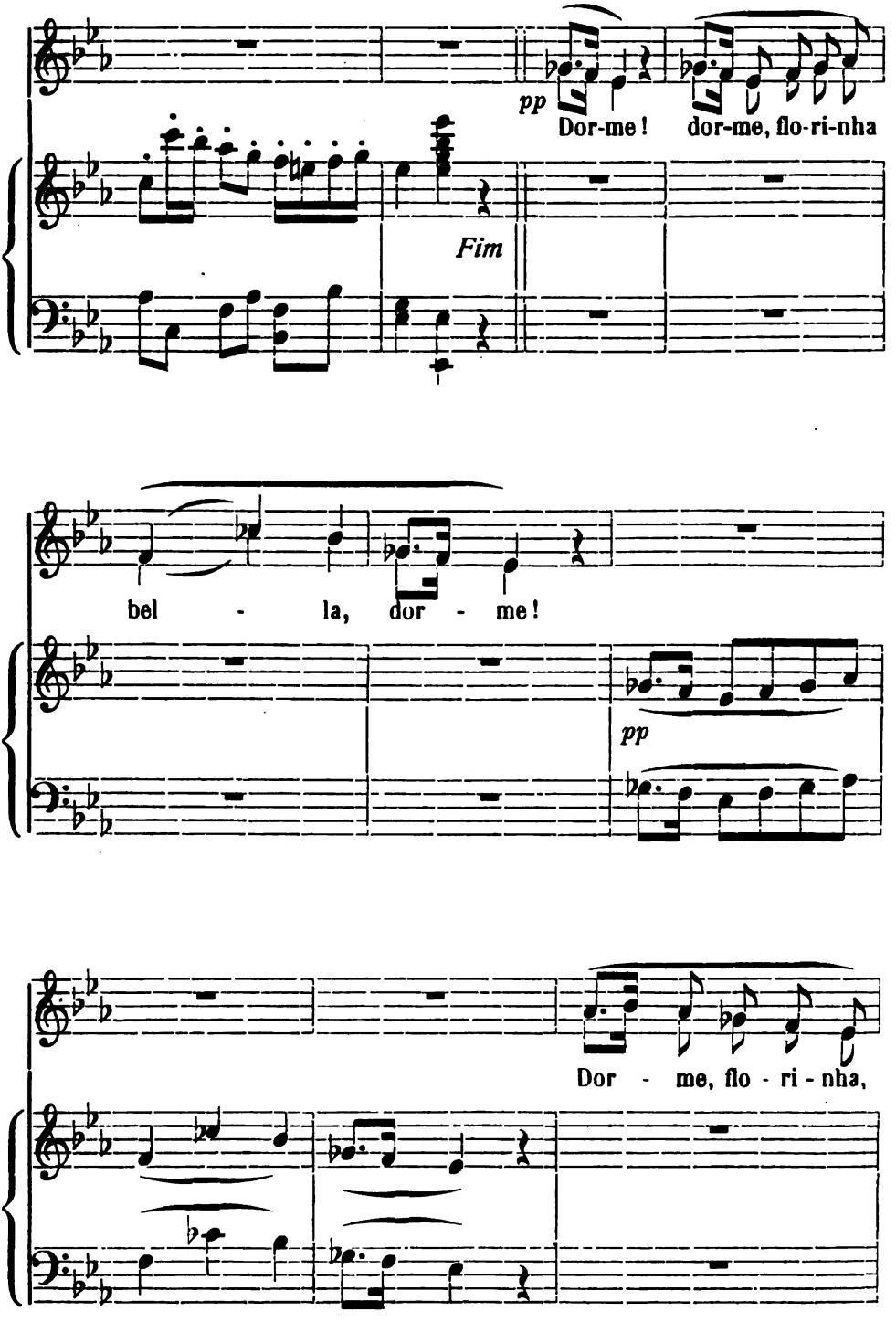
(SEGUIDILHA)

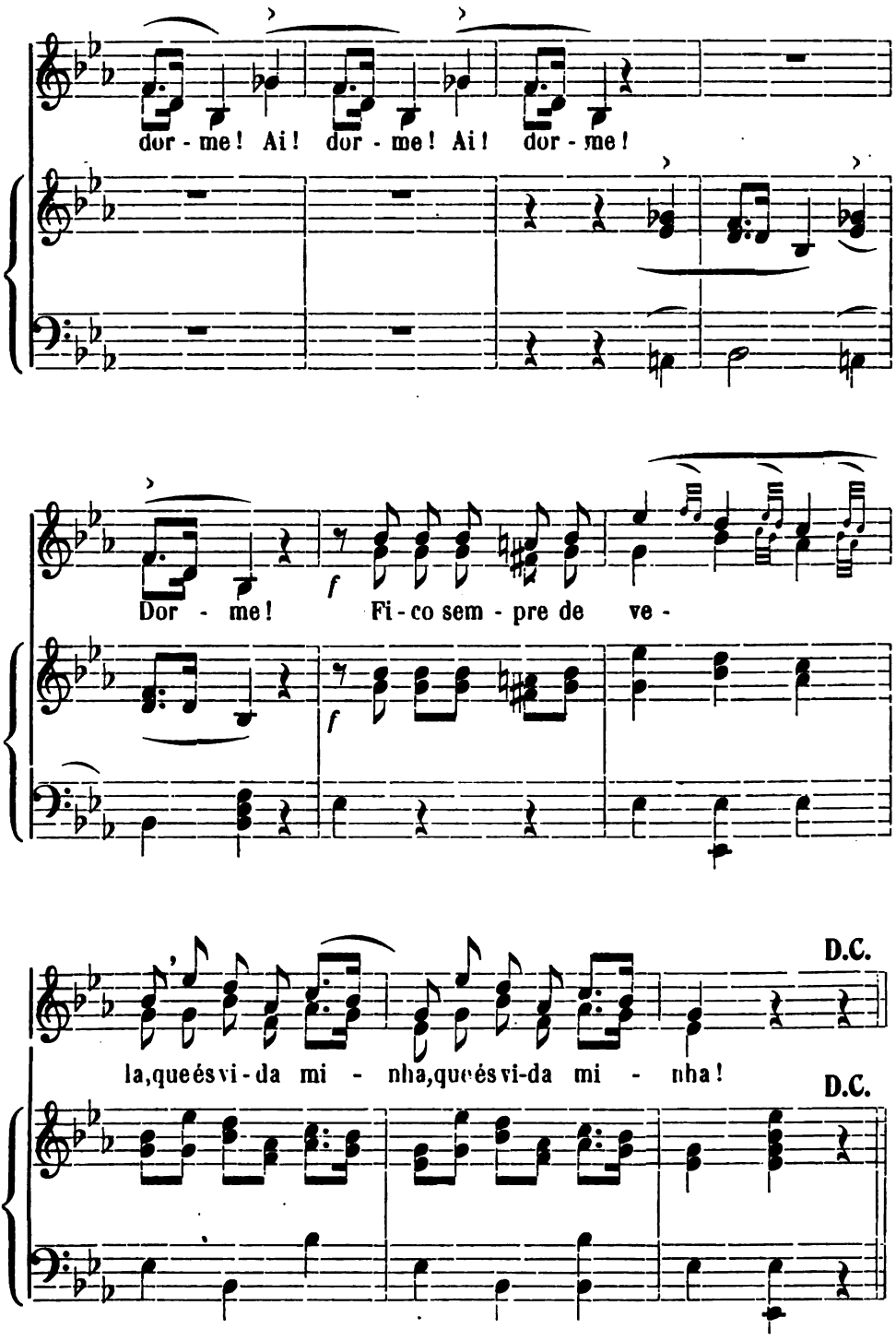



meu po mo d'oi - - ro ! Ai ! dor - me des-can-
sa - - do ! meu po-mo d'oi-ro ! meu po-mo
d'oi - ro ! Que eu vi-gio a teu la -


do e não te dei - xo!
E não te
dei - - xo, que eu vi-gio a teu la -


do: és meu the - soi - ro, és meu the - soi - ro!
Te-mo por meu des - lei - - xo se-jas rou-ba -
do!


pp
Dor-me! dor-me, flo-ri-nha
Fim
bel - la, dor - me!
pp
Dor - me, flo - ri - nha,


dor - me! Ai! dor - me! Ai! dor - me!
Dor - me! Fi - co sem - pre de ve -
f
f
la, que és vi - da mi - nha, que és vi-da mi - nha!
D.C.
D.C.

Ai dorme!

Ai! dorme descansado,
meu pomo d'oiro,
que eu vigio a teu lado
e não te deixo.
E's meu thesoiro!
Temo por meu desleixo
sejas roubado!

Dorme, florinha bella!
Dorme, florinha!
Fico sempre de vela,
que és vida minha!

*

De amor se ardente fôra
meu pobre seio,
nelle te déra agora
berço e morada,
meu dôce enleio,
'strella do ceu baixada,
rubente aurora!

Dorme, meu casto anhelo!
Dorme, florinha!
Meu peito é neve e gêlo...
e és vida minha!

*

De gêlo e neve em peito
oh! fôra pena
q'rer offertar-te um leito
em noite agreste,
linda açucena,
jasmim de horto celeste,
Deus homem feito!

Dorme, e não venhas, lirio!
Dorme, florinha!
Dorme, que era martyrio,
por vida minha!

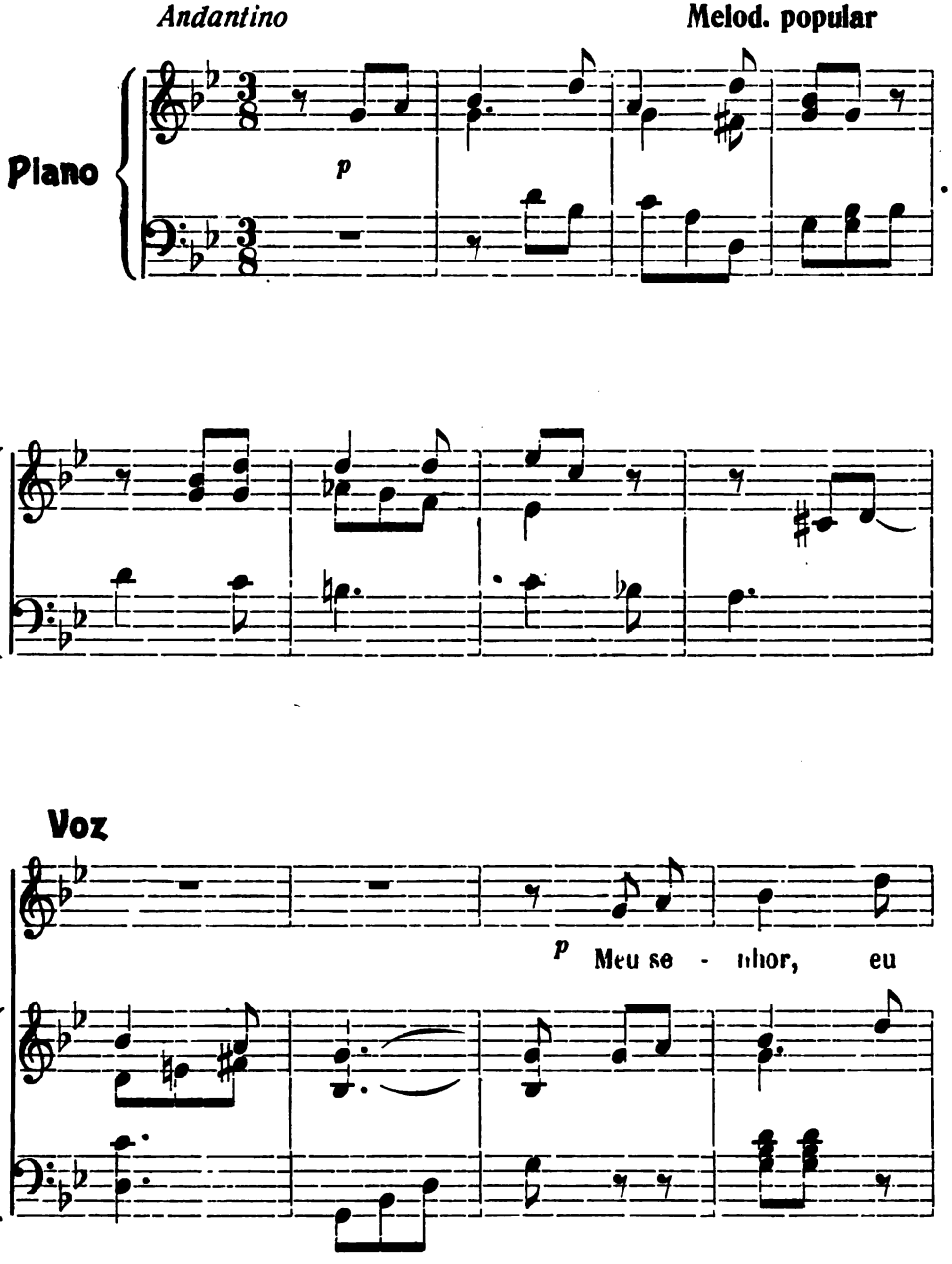
*

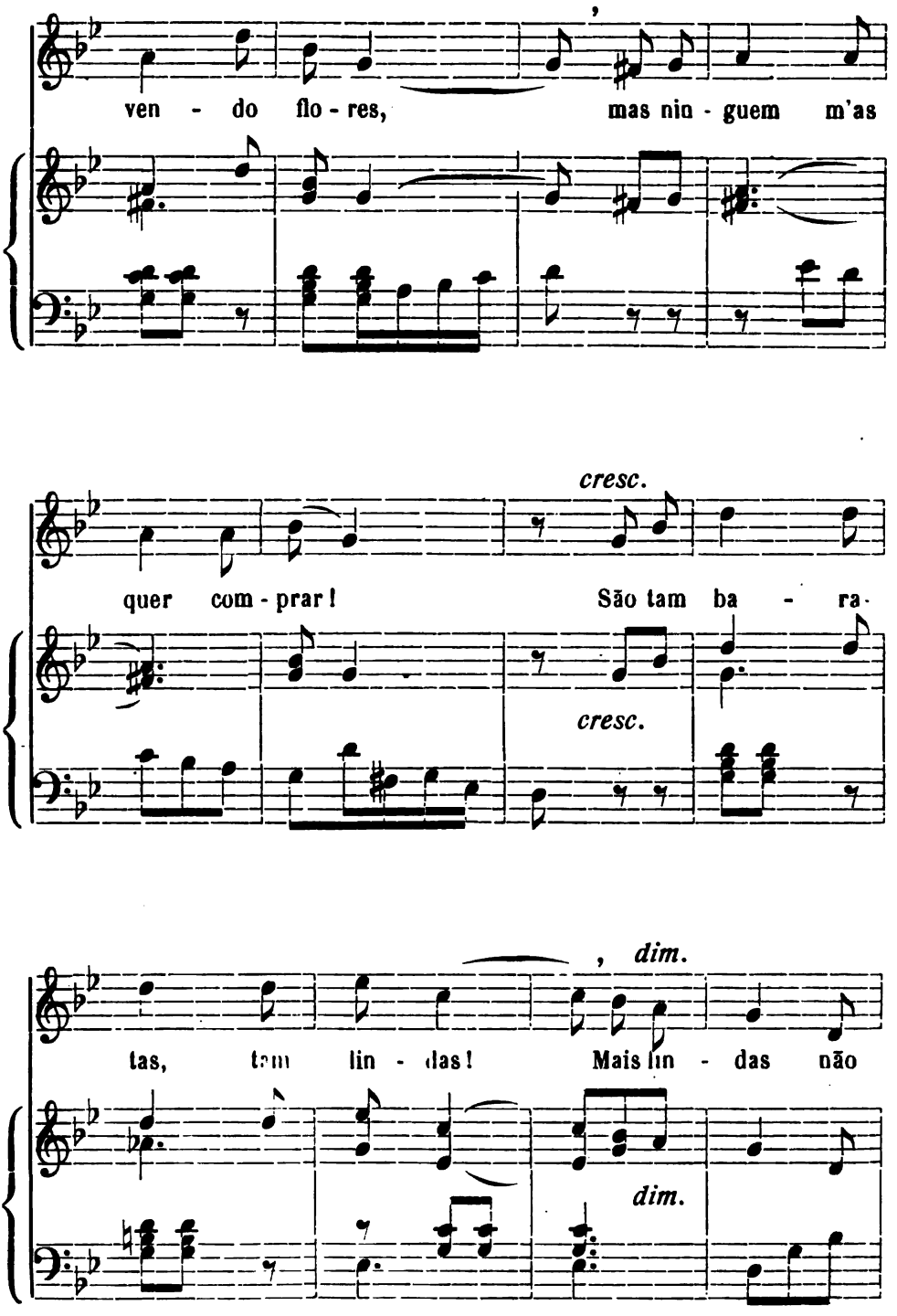
Mas, se álgida é a noite
e a terra fria,
tens berço que te acoite,
divino Infante:
tens noite e dia
regaço e peito amante
de Mãe: Maria.

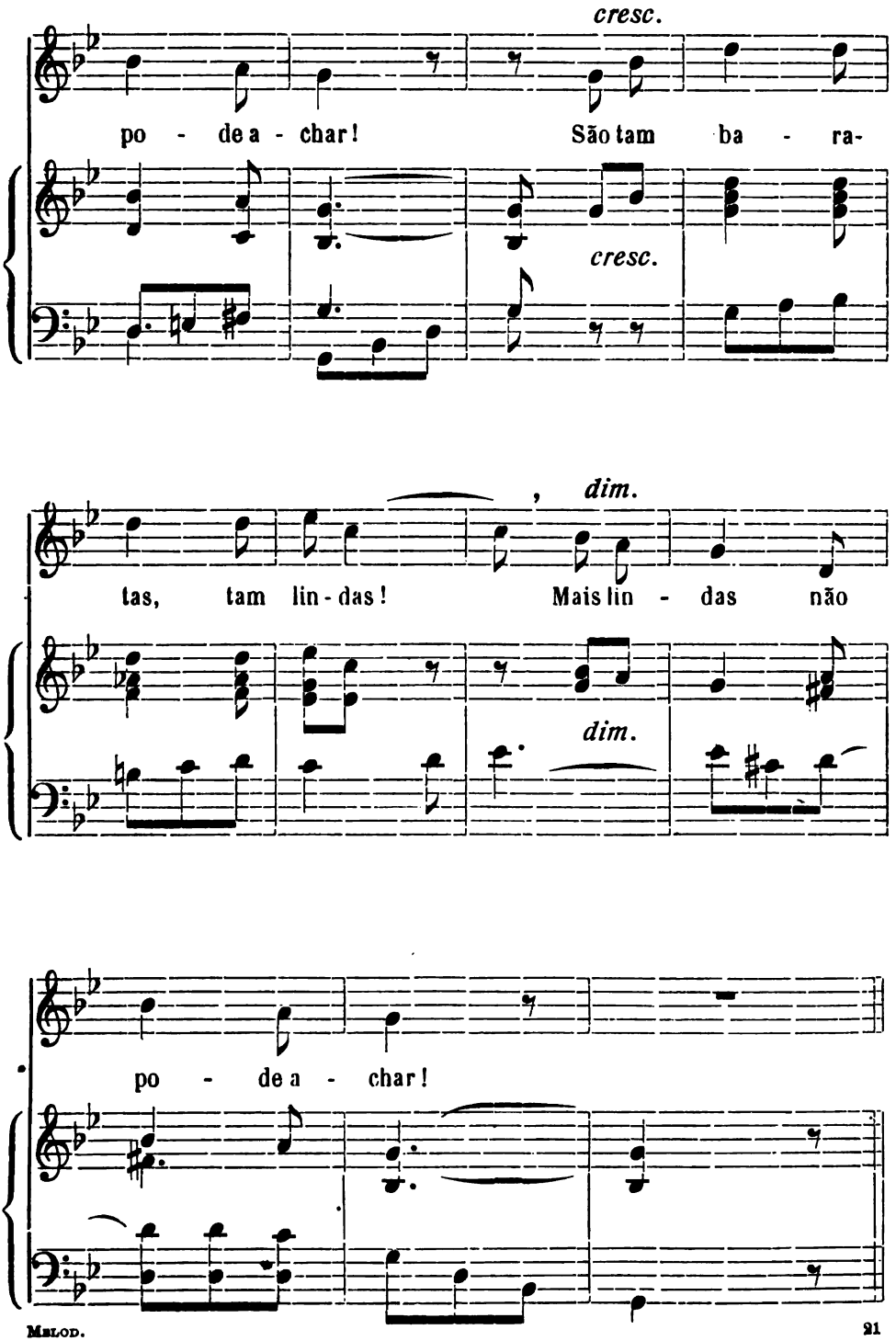
Dorme, florinha bella!
Dorme, florinha!
Hei de ficar de vela,
que és vida minha!

A. de M.

16. FLOREIRA




ven - do flo - res, mas nin - guem m'as
cresc.
quer com - prar! São tam ba - ra -
cresc.
dim.
tas, tam lin - das! Mais lin - das não
dim.


cresc.
po - de a - char! São tam ba - ra-
cresc.
dim.
tas, tam lin - das! Mais lin - das não
dim.
po - de a - char!

A floreira

Meu senhor, eu vendo flores,
mas ninguem m'as quer comprar!
São tam baratas, tam lindas!...
Mais lindas não pode achar!

*

Rosas de chá, margaridas,
e camélias em botão...
São tam lindas, tam baratas,
que de graça quasi são!

Rôxos cravos, sempre-vivas,
myosotis, flôr de liz...
quem nas compra as lindas flores,
tam galantes, tam gentis!

Lindas flores, quem nas compra?
Quem nas quer ao peito pôr?
Uma flôr com flôr ao peito
cresce muito de valor.

*

Já não ha quem ame as flores,
nem perfumes que ellas têm:
como a sorte da virtude,
que ninguem lhe quer já bem.

Coração que é generoso
lindas flores deve amar!
Não nos ha, — que eu vendo flores,
e ninguem m'as quer comprar.

*

Meu senhor, não tenha zelos
d'as florinhas serem bellas;
sol é o sol: não é zeloso
da luz branda das estrellas.

*

Quem nas compra, as lindas flores,
botõesinhos por abrir?
São penhor a quem nos compra
de venturas no porvir.

*

Meu senhor: a flôr num peito
nunca pode mal ficar,
se esse peito tem nobreza
para a não envergonhar.

A florinha em peito nobre,
se nos fala, quer dizer:
«Quem amostra flôr tam linda,
flôr mais linda ha de esconder.»

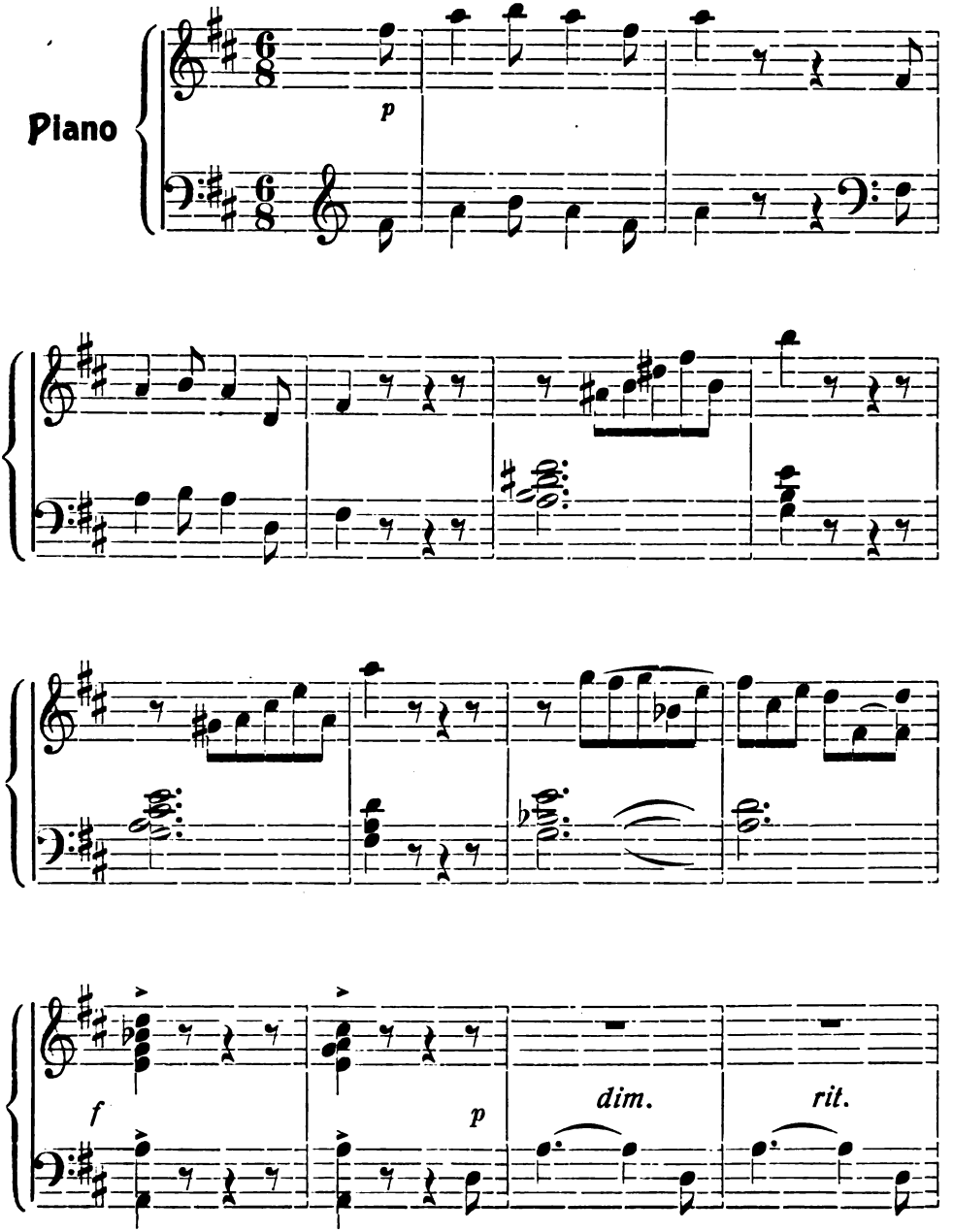
*

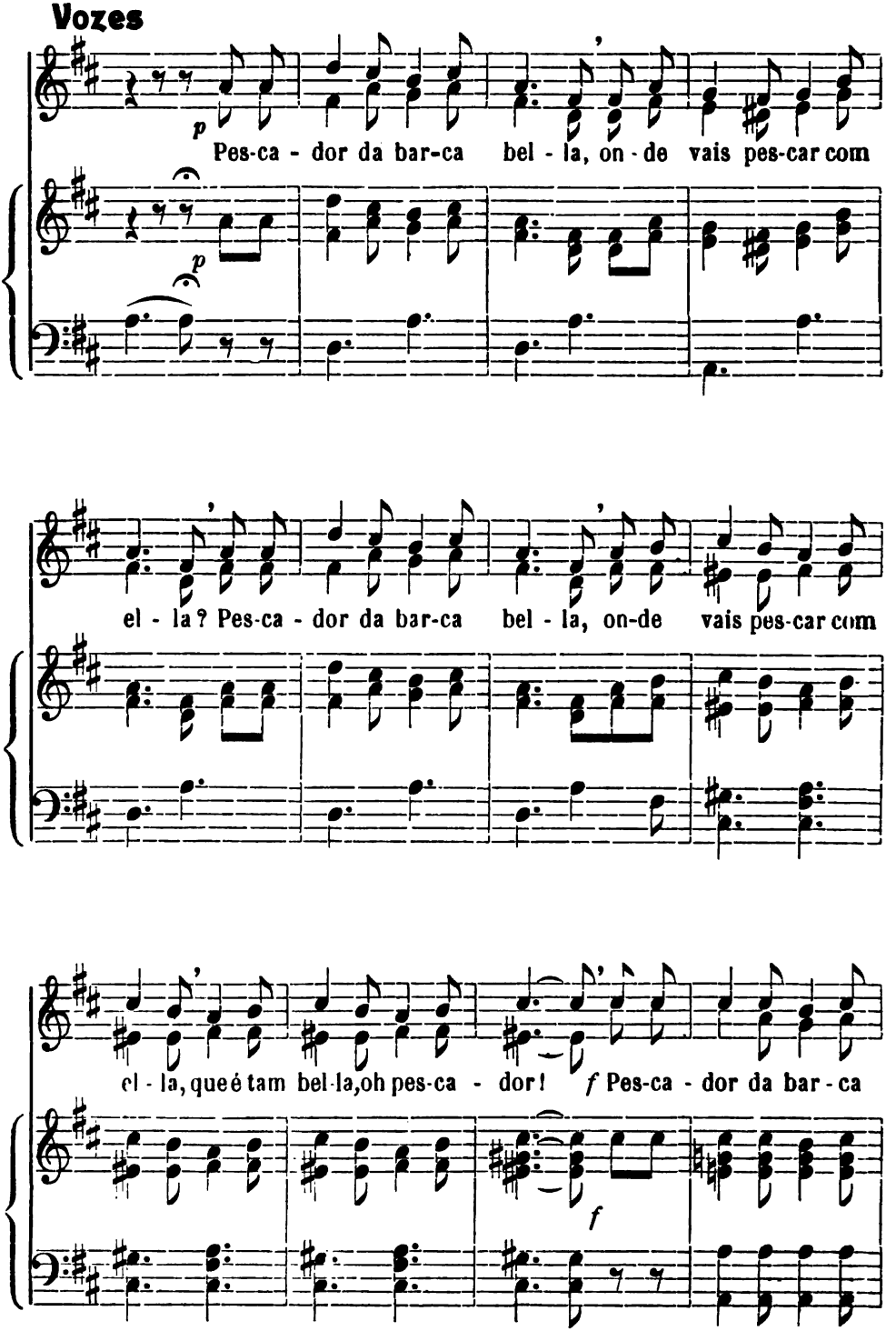
Meu senhor, comprae as flores,
que ventura só vos dão:
e á floreira, que as cultiva,
dão-lhe vida, gôsto e pão.

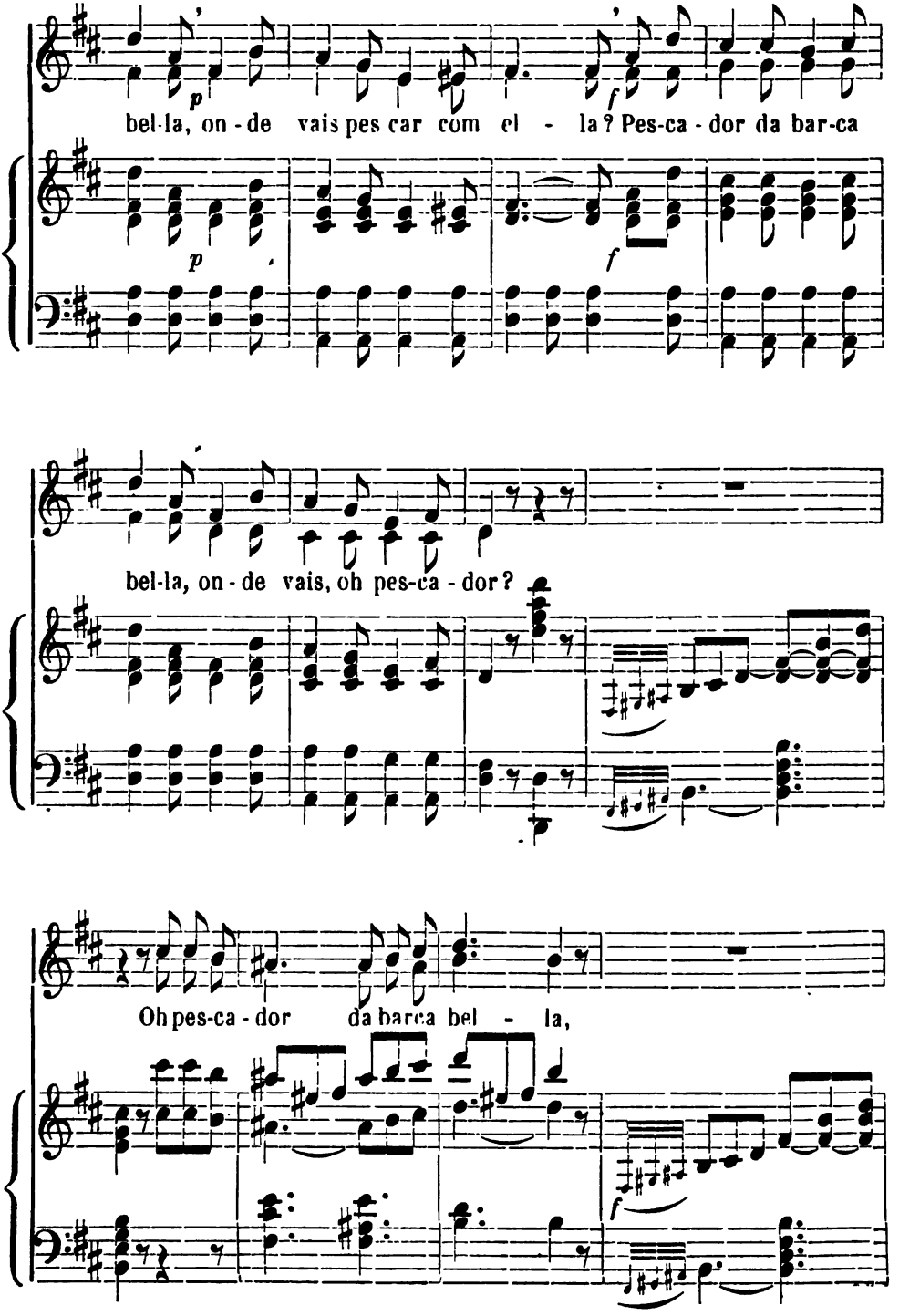
A. de M.

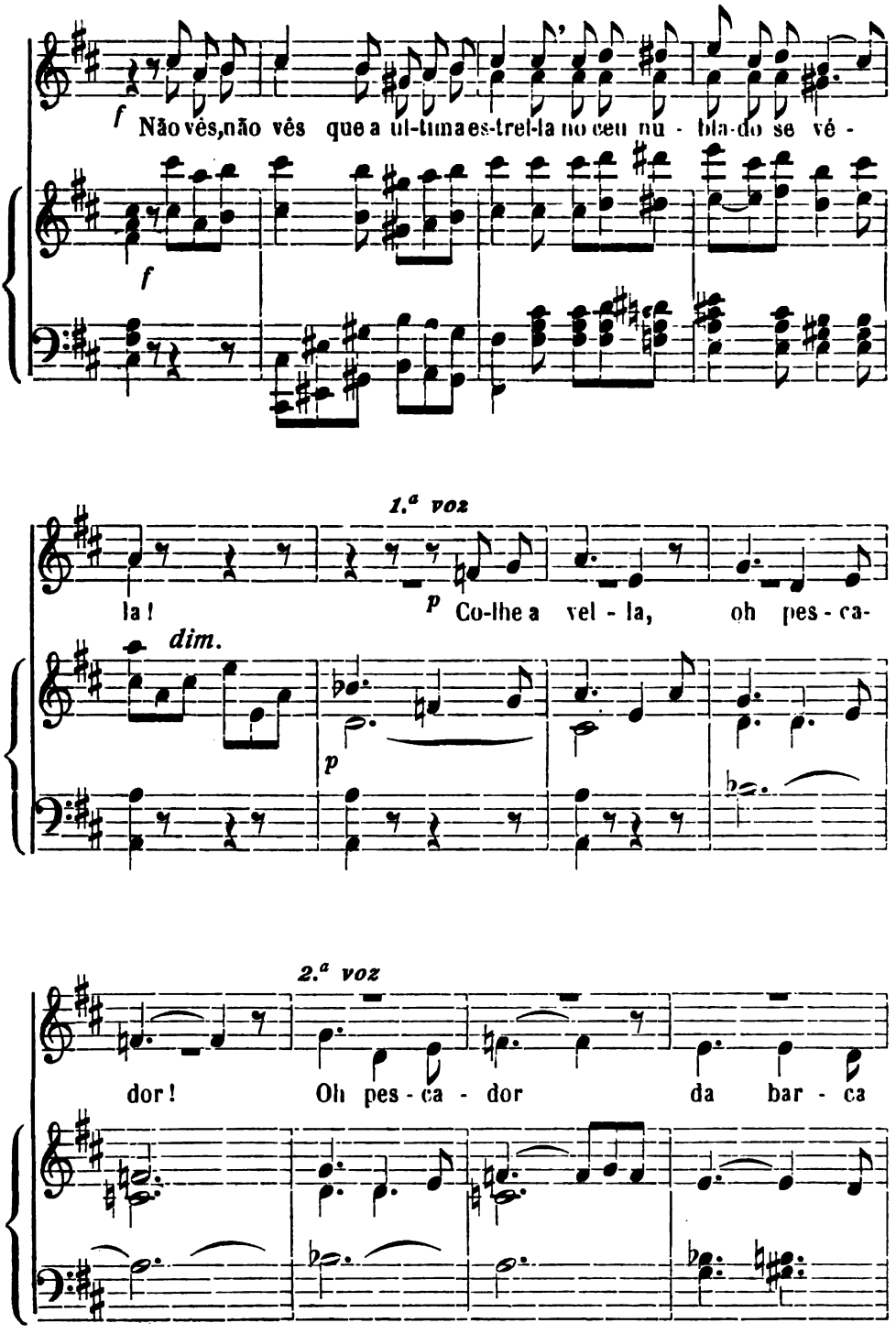
17. PESCADOR DA BARCA BELLA

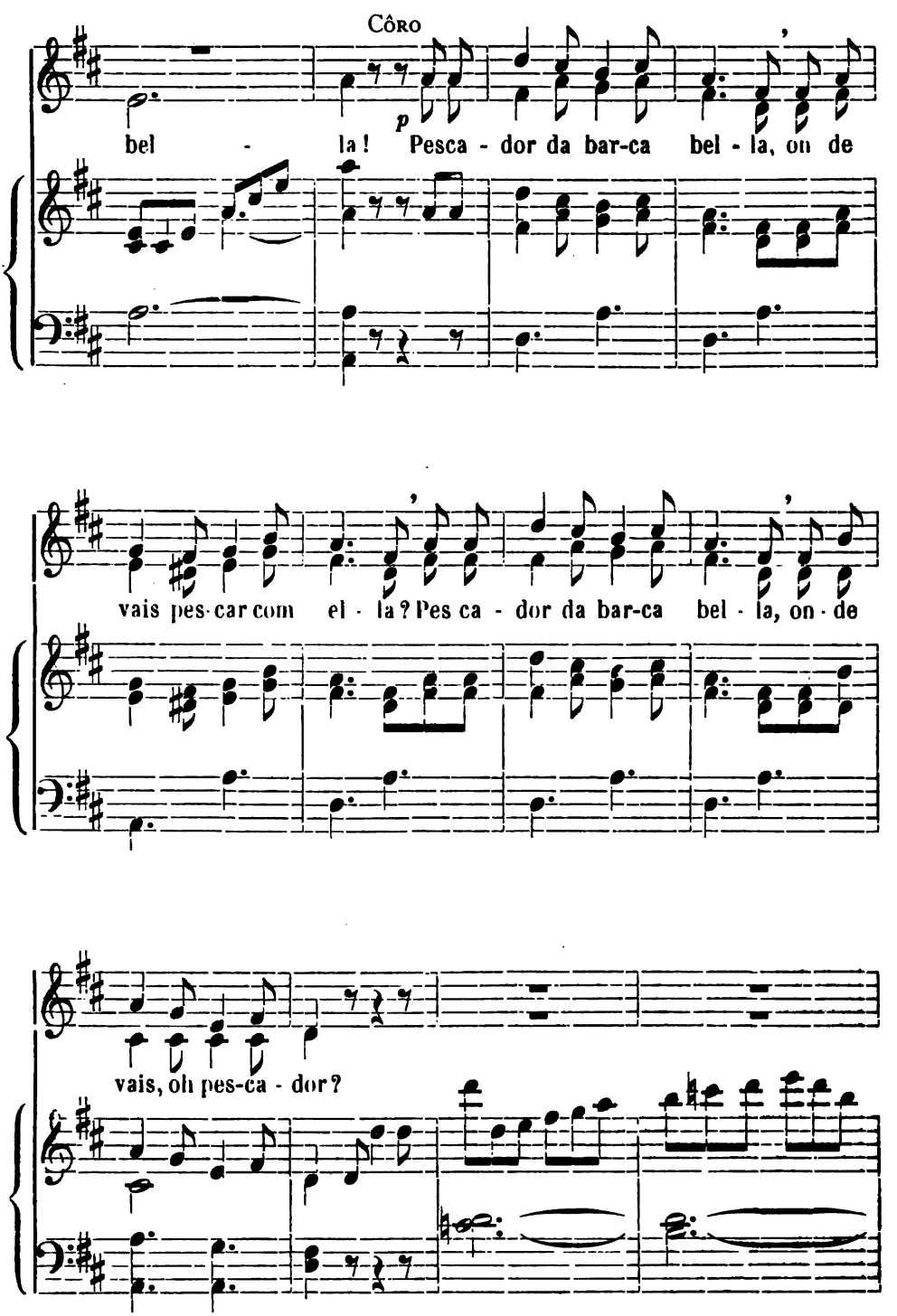
P. F. da Costa Pereira

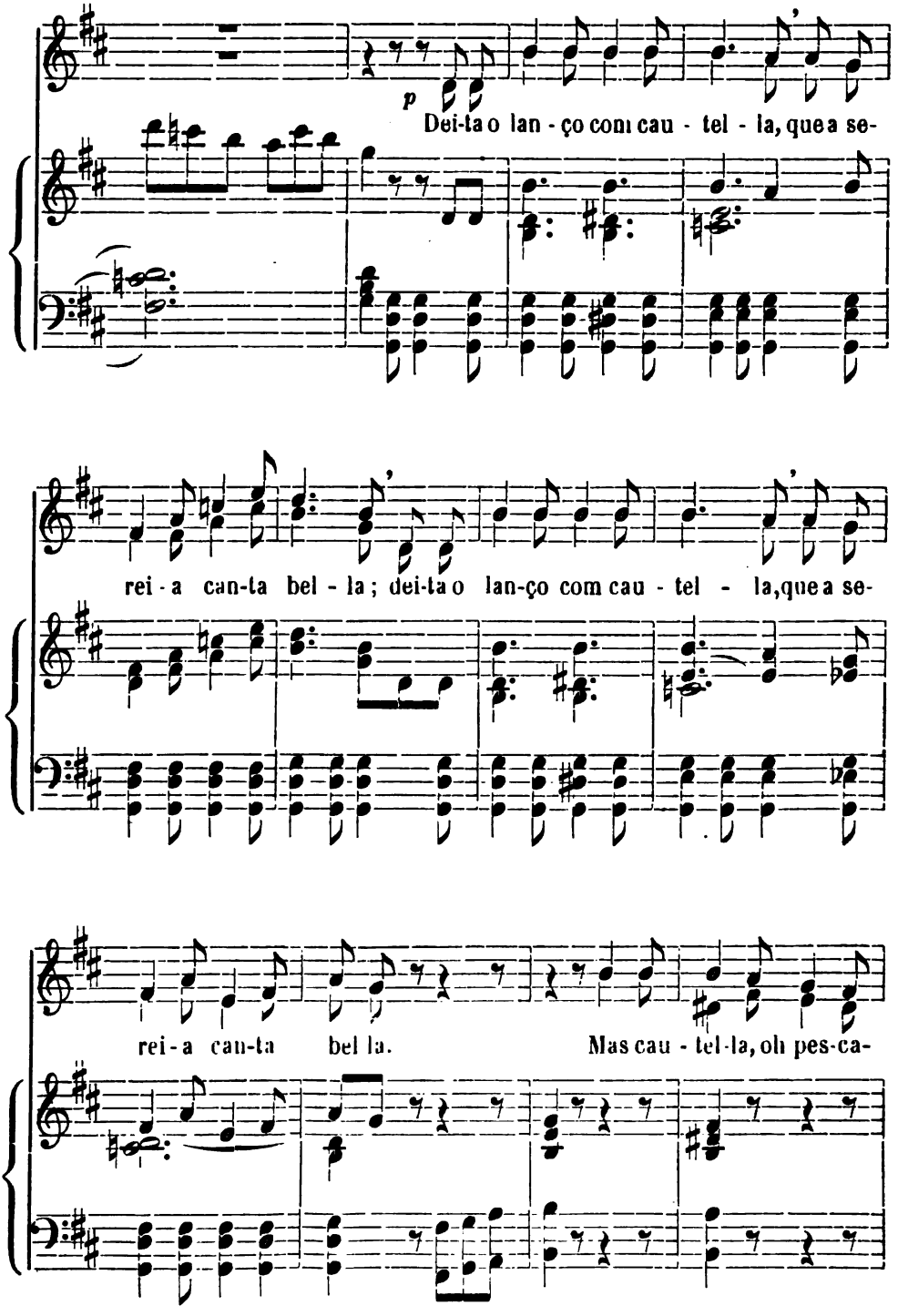


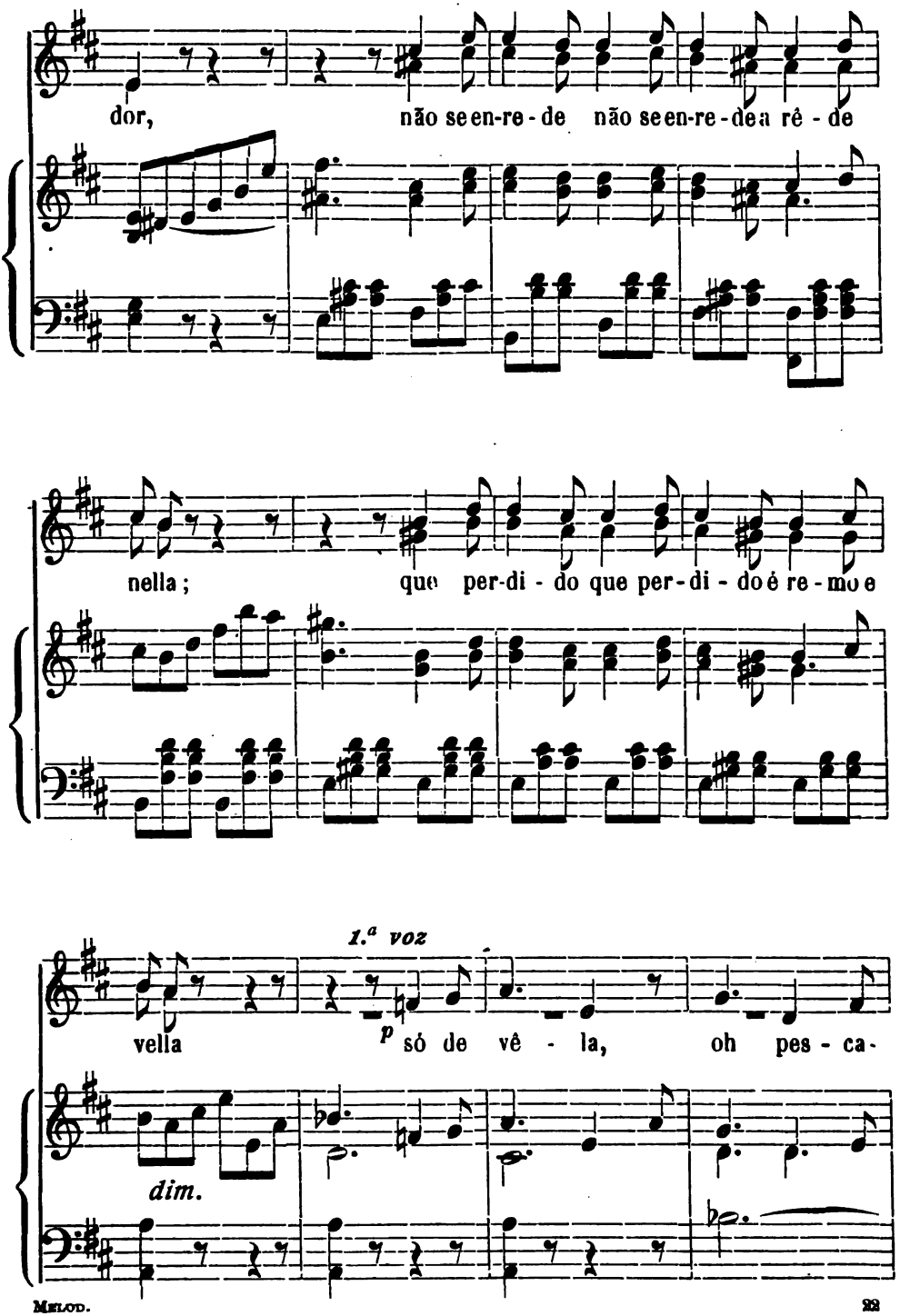

Vozes
p
Pes-ca - dor da bar-ca bel - la, on - de vais pes-car com
p
el - la? Pes-ca - dor da bar-ca bel - la, on-de vais pes-car com
el - la, que é tam bel-la, oh pes-ca - dor! f Pes-ca - dor da bar - ca
f

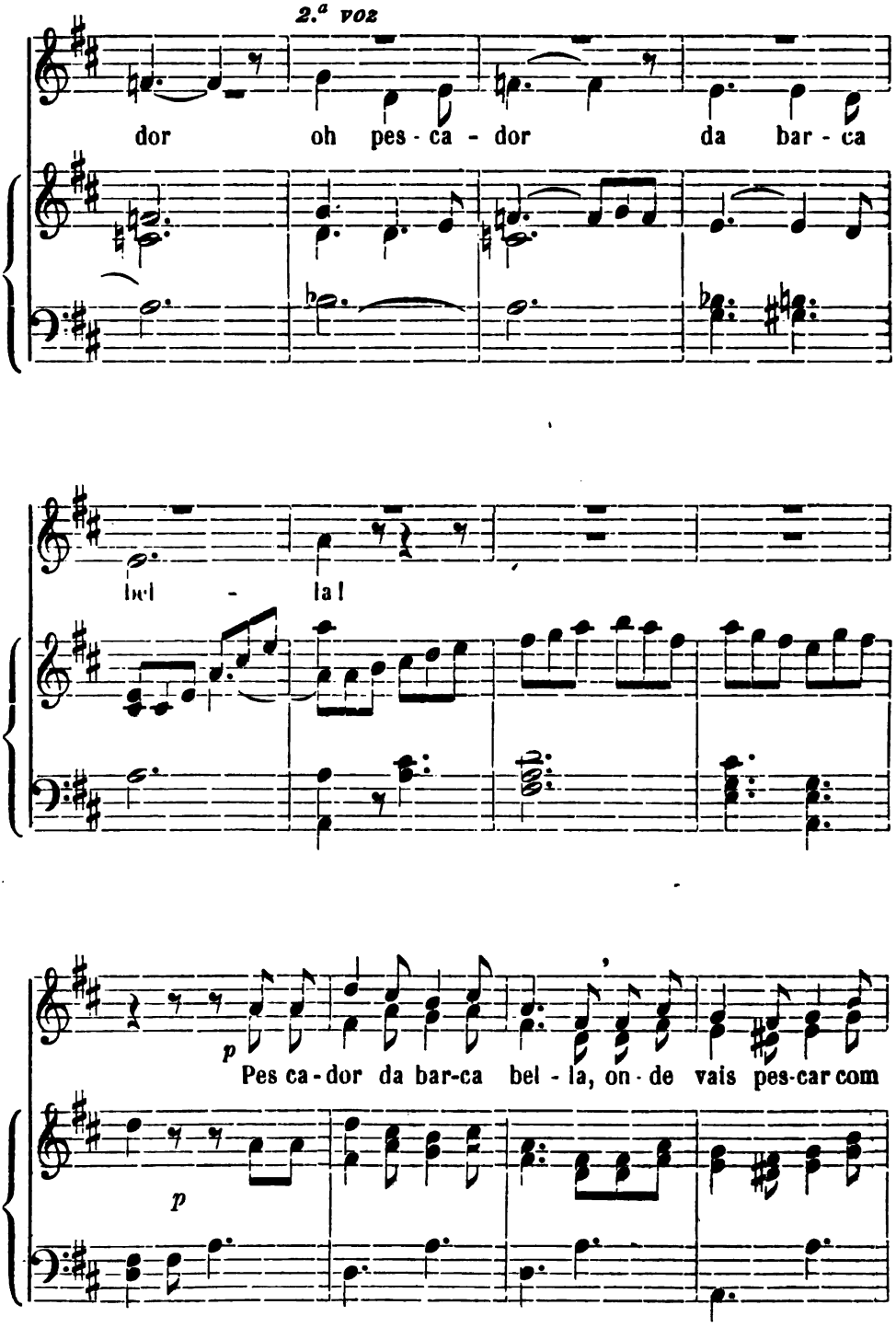

p
bel-la, on-de vais pes car com el - la? Pes-ca-dor da bar-ca
f
bel-la, on-de vais, oh pes-ca-dor?
Oh pes-ca-dor da barca bel - la,
f

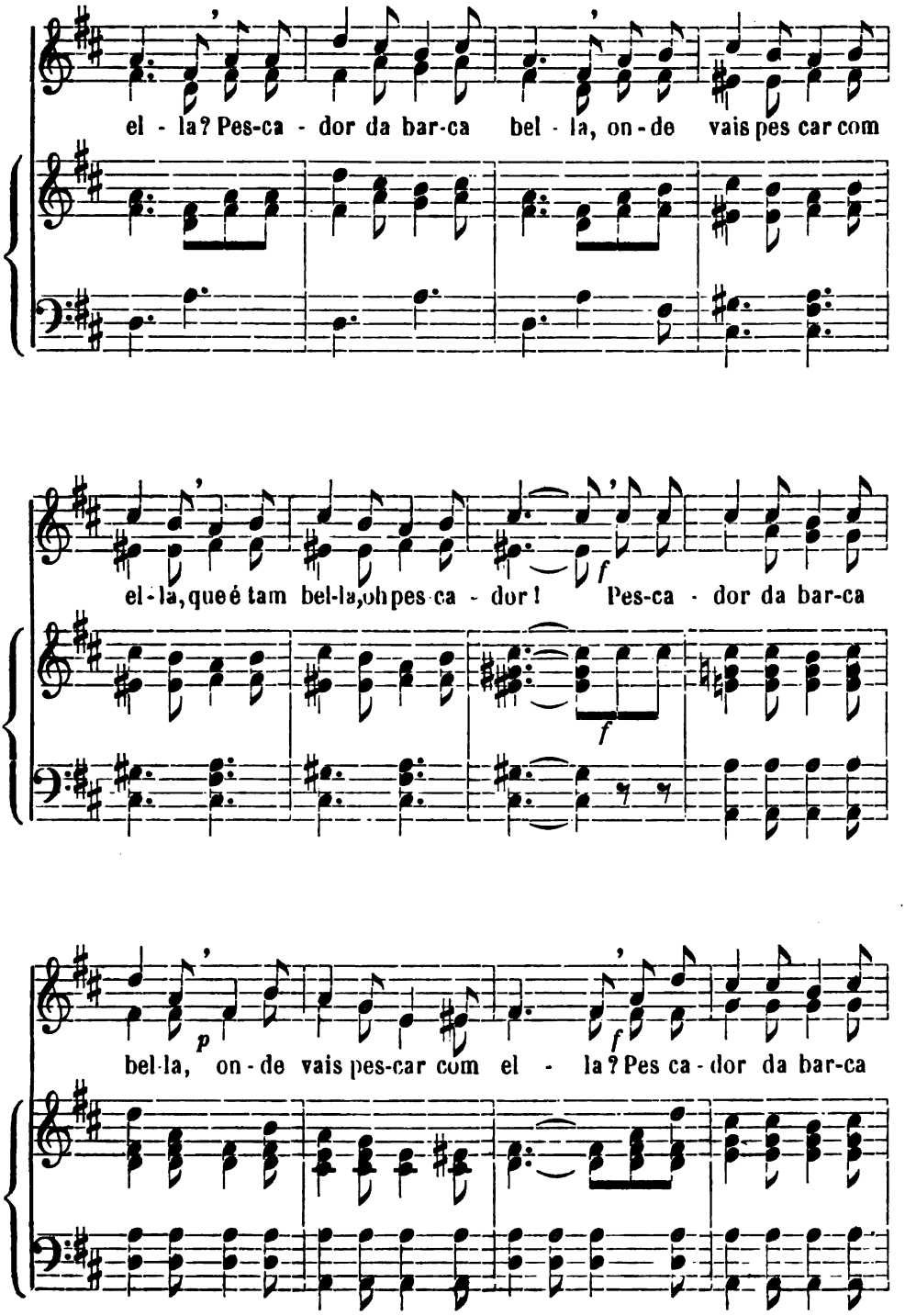

f
Não vês, não vês que a ul-tima es-trel-la no céu nu - bla-do se vé -
f
1.ª voz
la!
p
Co-lhe a vel - la, oh pes - ca-
dim.
p
2.ª voz
dor!
Oh pes - ca - dor
da bar - ca

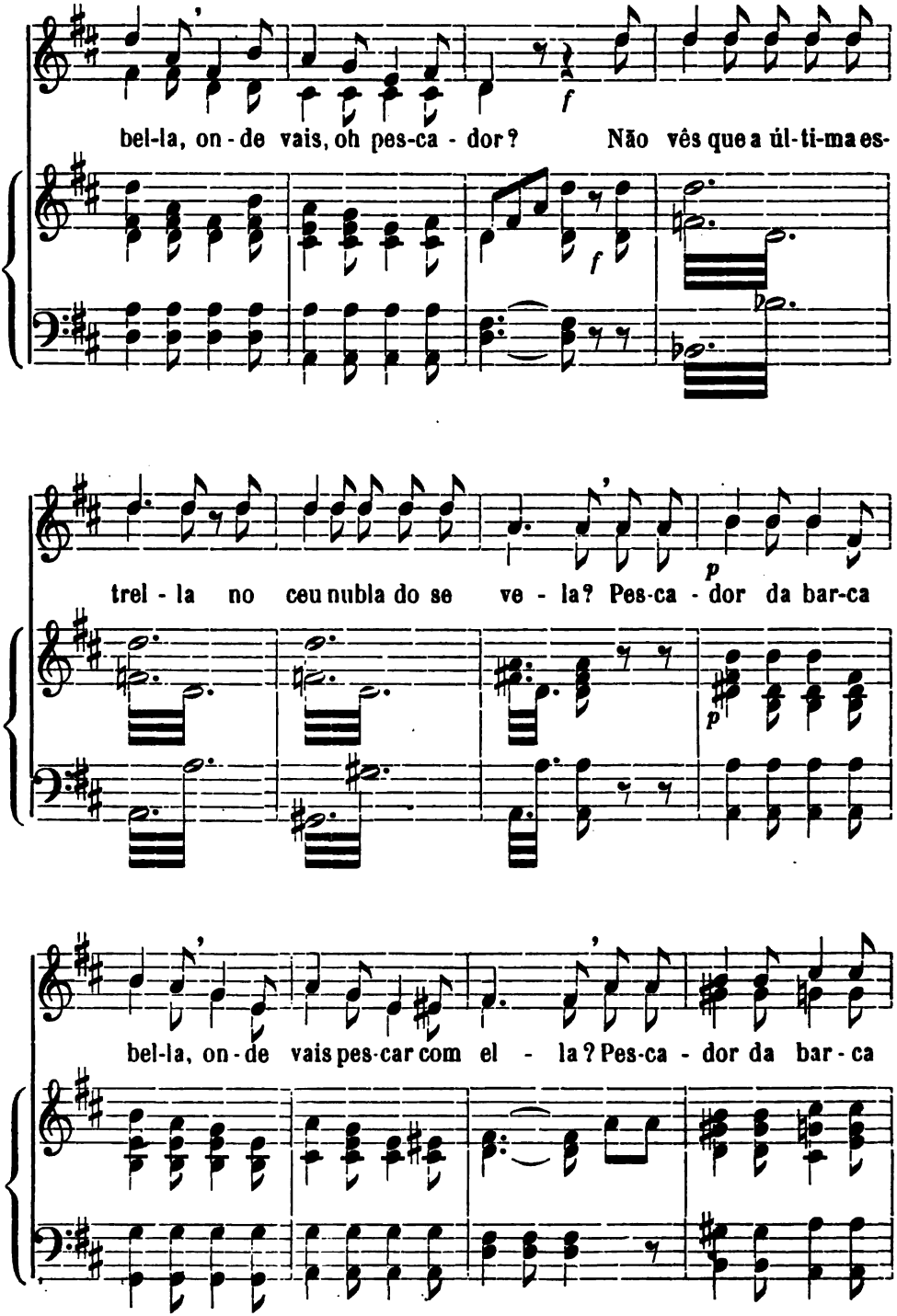

Côro
p
bel - la! Pesca - dor da bar-ca bel - la, on de
vais pes-car com el - la? Pes ca - dor da bar-ca bel - la, on - de
vais, oh pes-ca - dor?

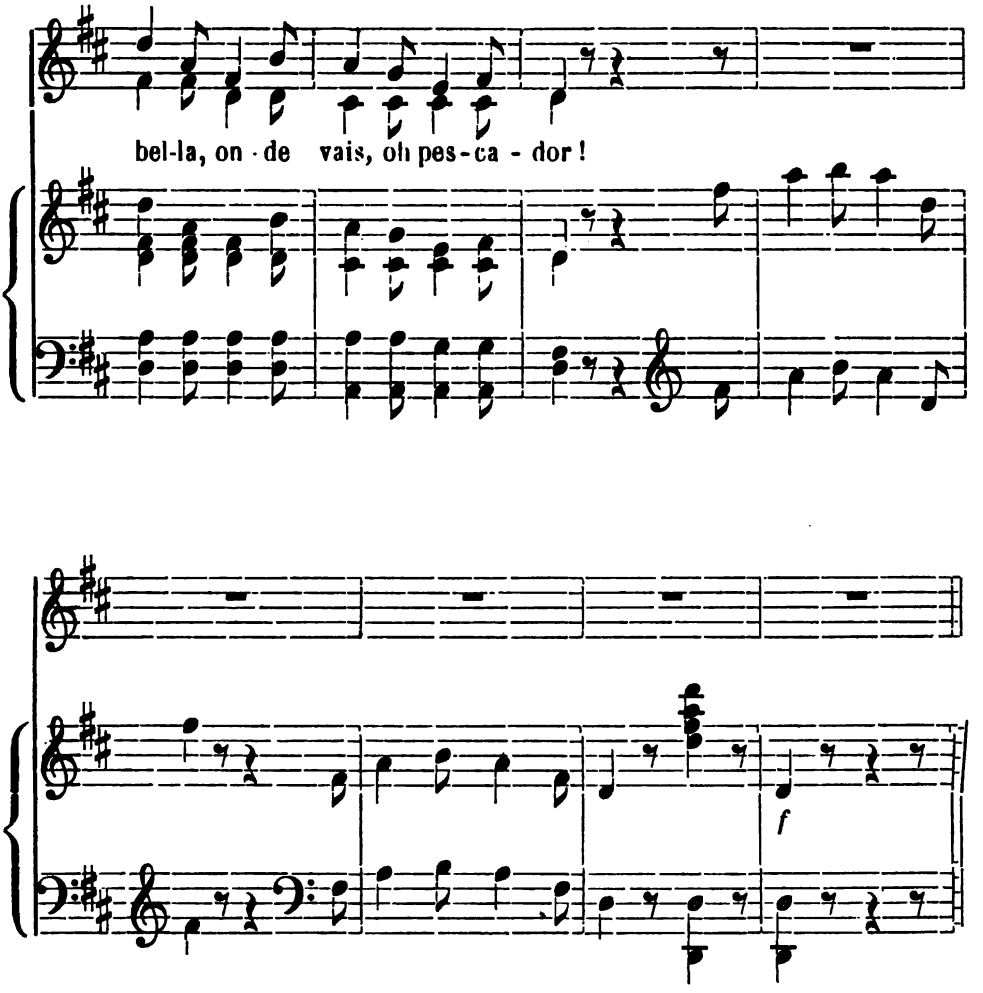

p
Dei-ta o lan - ço com cau - tel - la, que a se-
rei - a can-ta bel - la; dei-ta o lan-ço com cau - tel - la, que a se-
rei - a can-ta bel la. Mas cau - tel-la, oh pes-ca-


dor, não se en-re-de não se en-re-de a rê-de
nella; que per-di-do que per-di-do é re-mo e
1.ª voz
vella p só de vê-la, oh pes-ca-
dim.


2.ª voz
dor oh pes - ca - dor da bar - ca
bel - la!
p
Pes ca - dor da bar-ca bel - la, on - de vais pes-car com
p

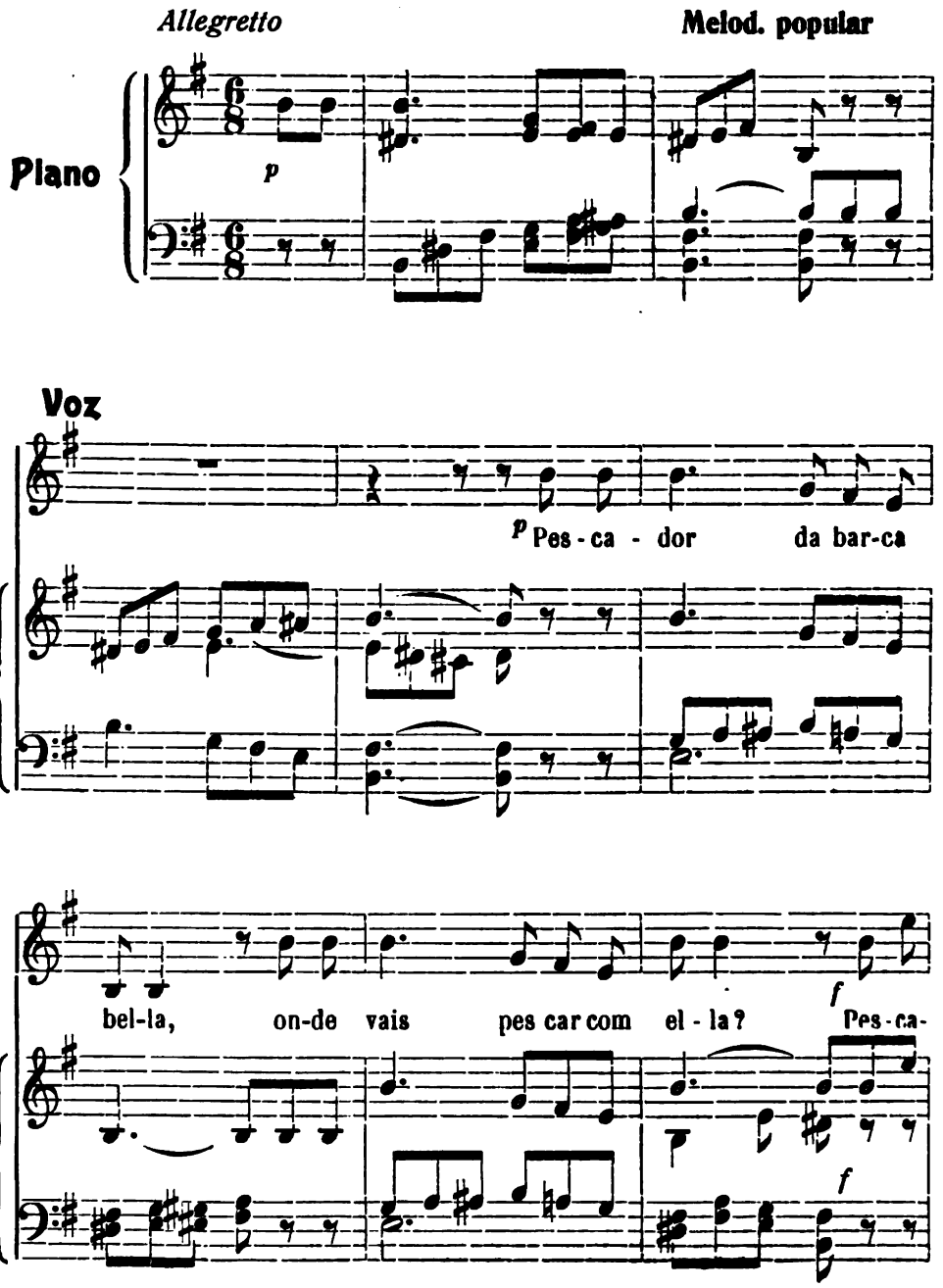

el - la? Pes-ca - dor da bar-ca bel - la, on - de vais pes car com
el-la, que é tam bel-la, oh pes-ca - dor! Pes-ca - dor da bar-ca
bel-la, on - de vais pes-car com el - la? Pes ca - dor da bar-ca

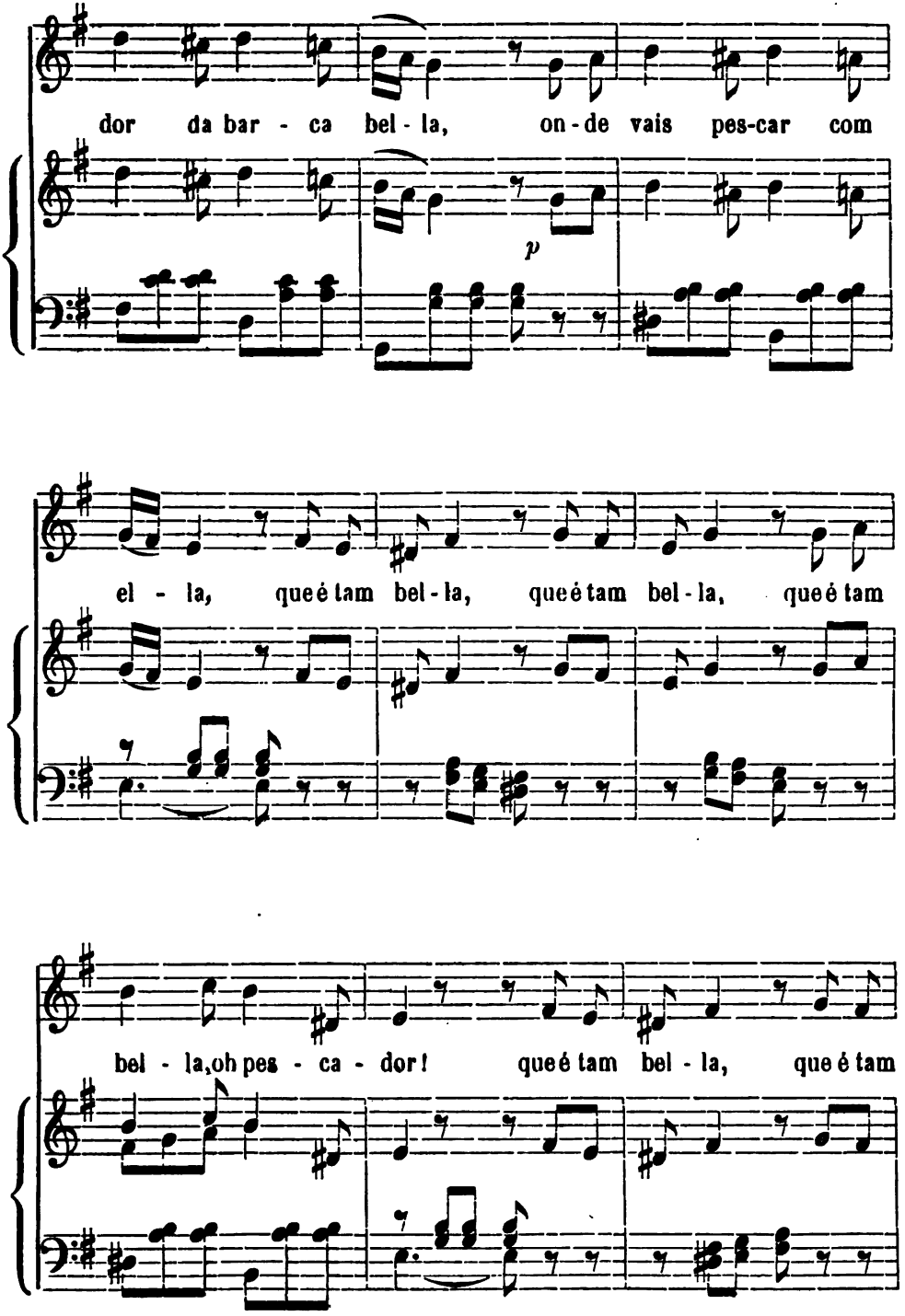

bel-la, on-de vais, oh pes-ca-dor? Não vês que a úl-ti-ma es-
trel-la no ceu nubla do se ve-la? Pes-ca-dor da bar-ca
bel-la, on-de vais pes-car com el-la? Pes-ca-dor da bar-ca

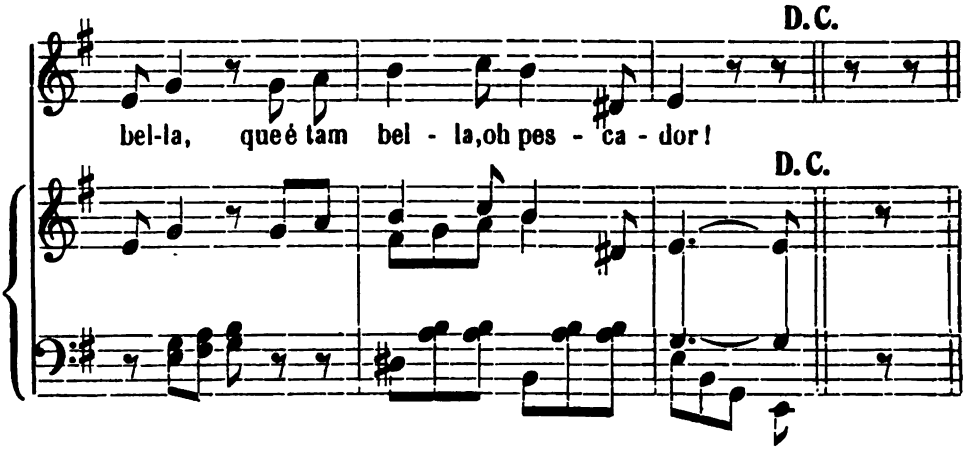


A lettra, que é do Visconde d'Almeida Garrett, irá completa no trecho seguinte.

18. PESCADOR DA BARCA BELLA




dor da bar - ca bel - la, on - de vais pes-car com
p
el - la, que é tam bel - la, que é tam bel - la, que é tam
bel - la, oh pes - ca - dor! que é tam bel - la, que é tam



Pescador da barca bella,
onde vais pescar com ella,
que é tam bella,
oh pescador?

Não vês que a última estrella
no ceu nublado se véla?
Colhe a vella,
oh pescador!

Deita o lenço com cautella,
que a sereia canta bella...
Mas cautella,
oh pescador,

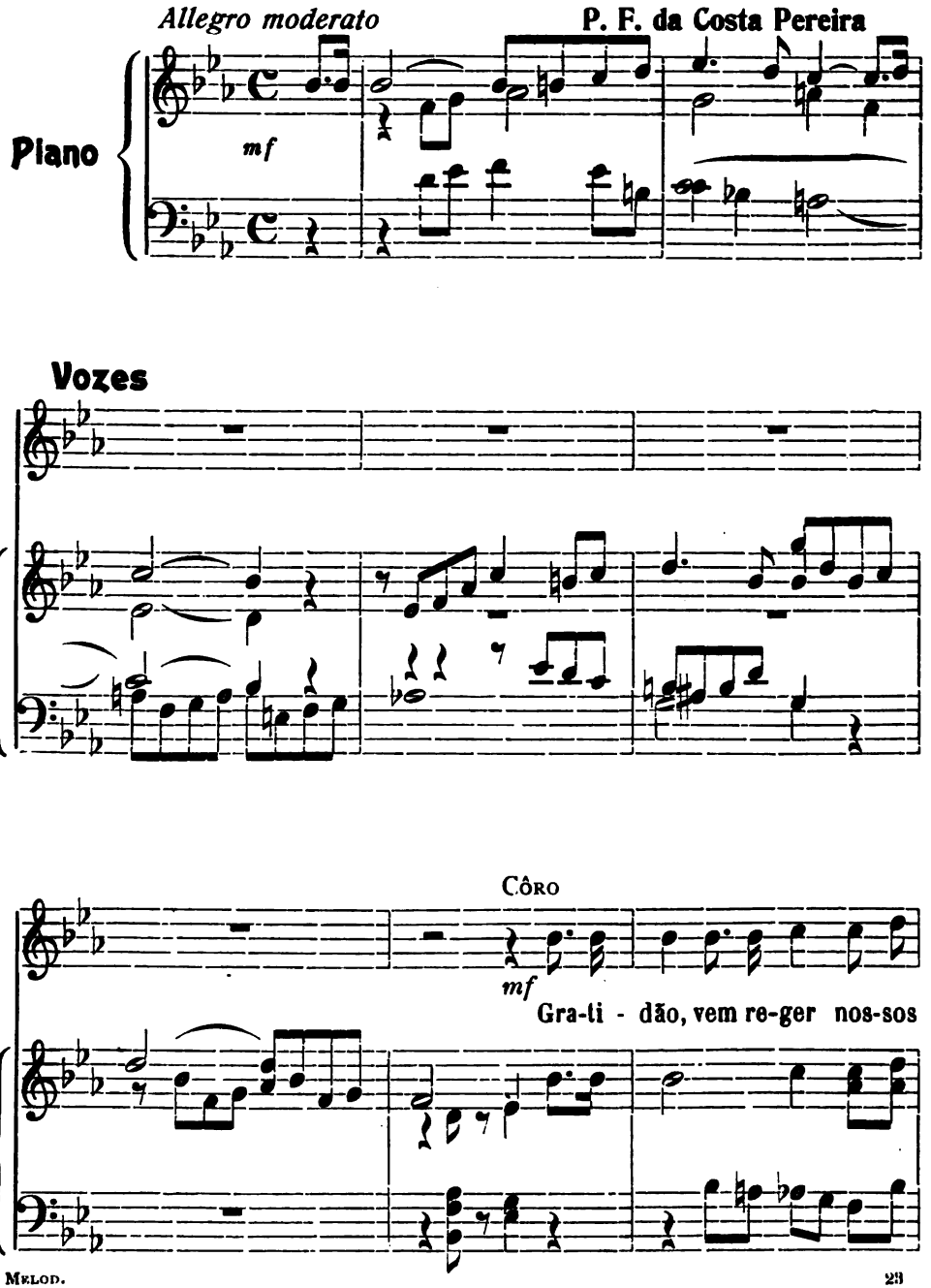
não se enrede a rede nella,
que perdido é remo e vella
só de vê-la,
oh pescador!

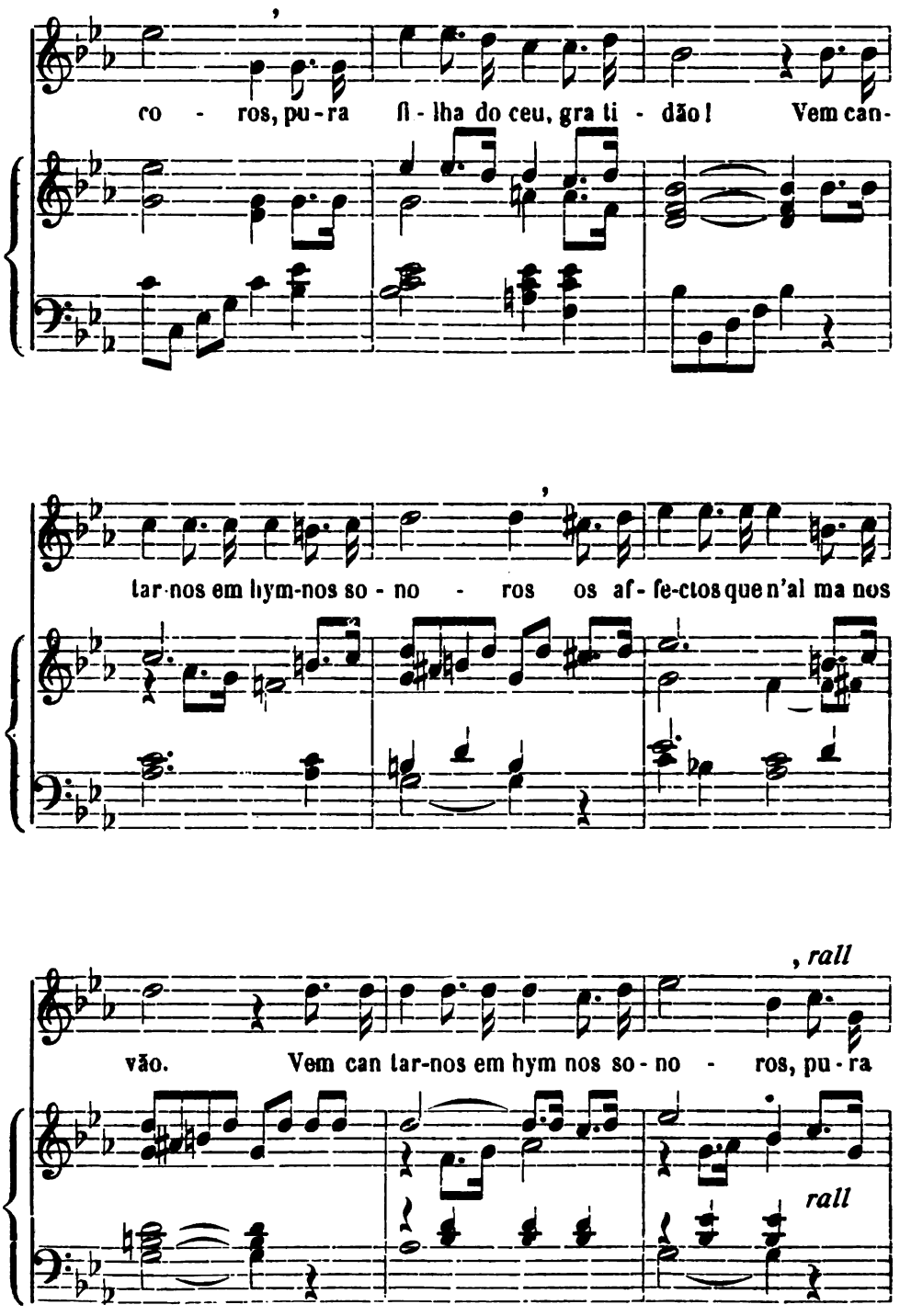
Pescador da barca bella!
inda é tempo: foge d'ella!
Foje d'ella,
oh pescador!

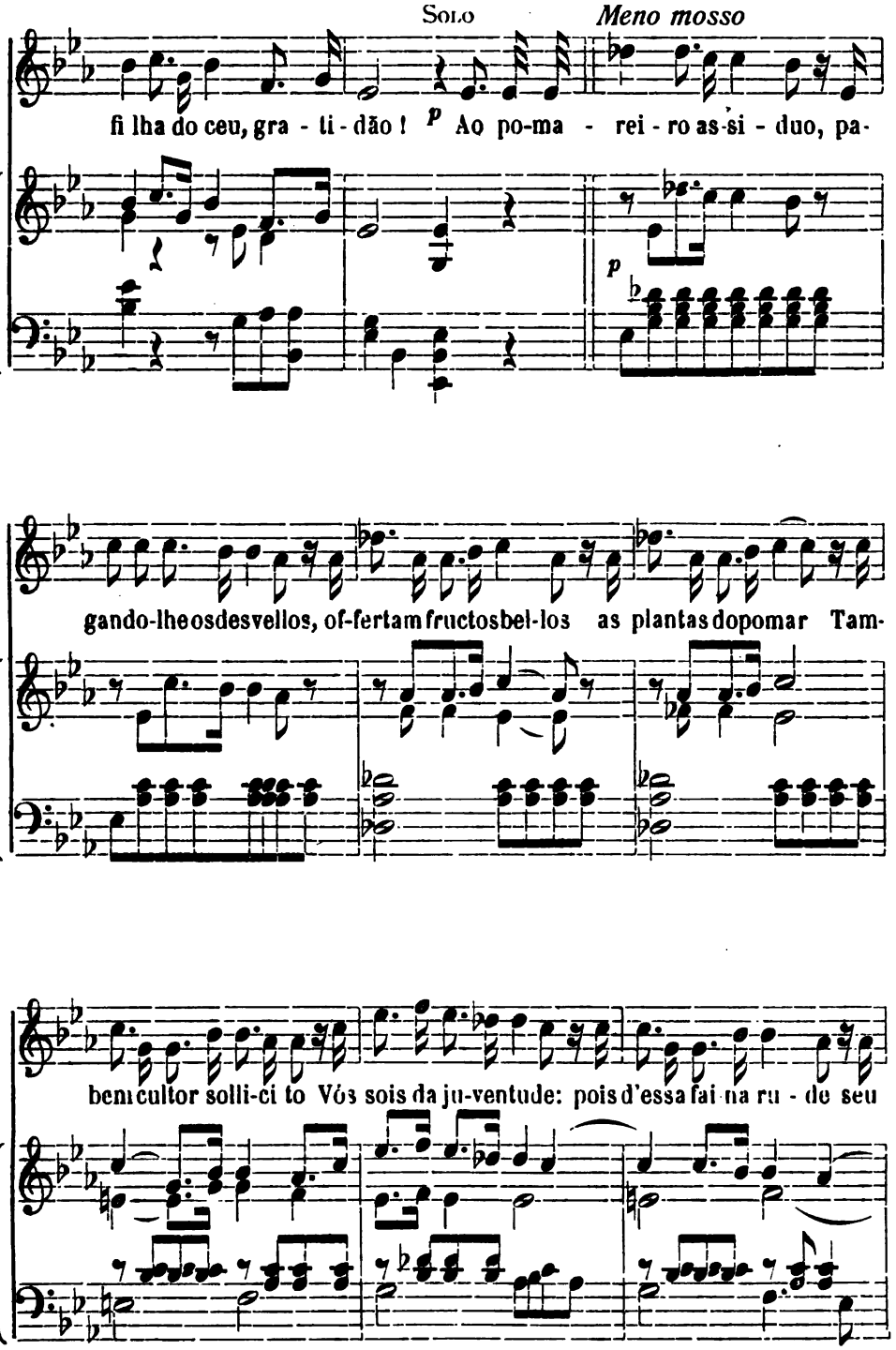
Visconde d'Almeida Garrett.

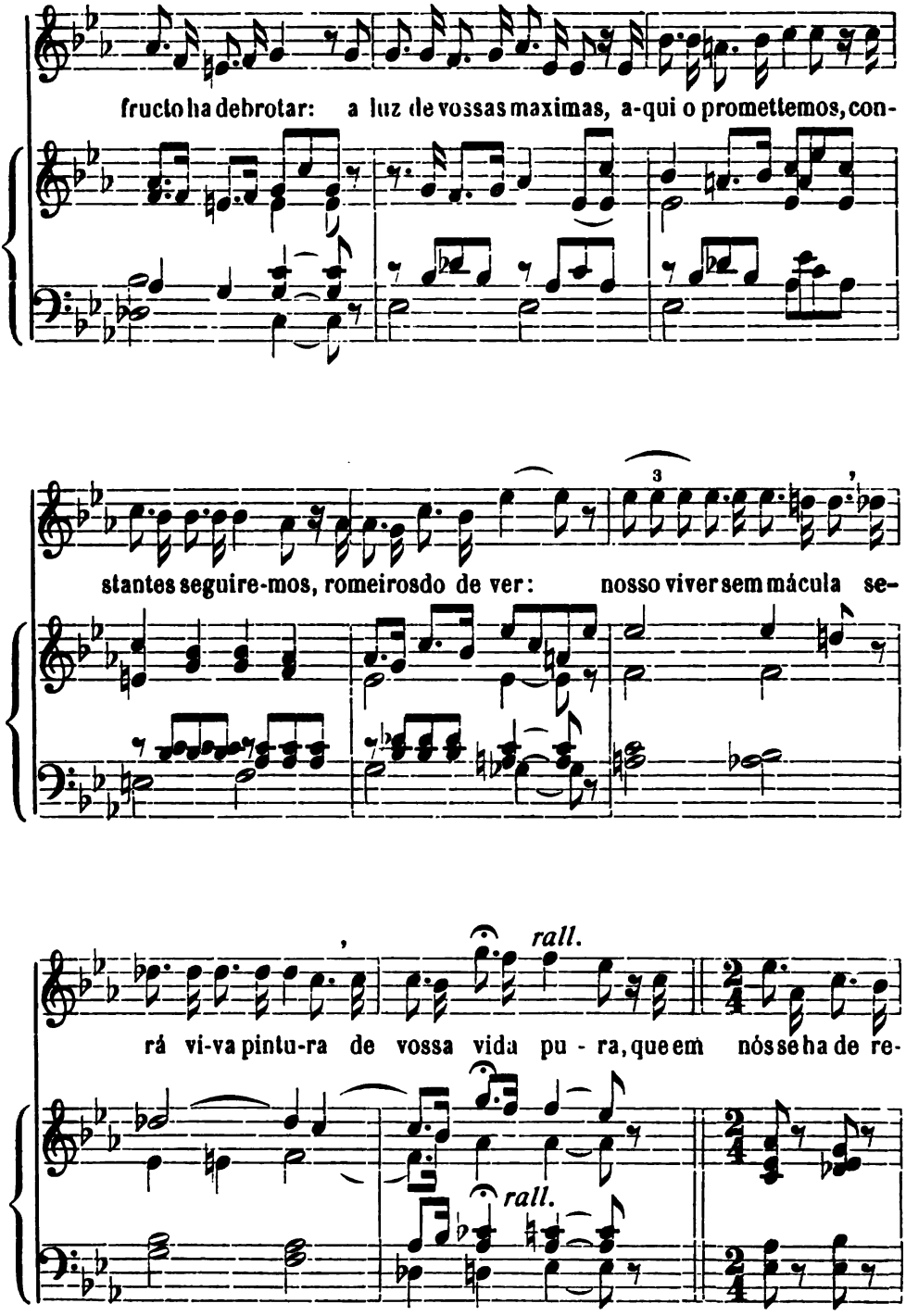
O arranjo é do Snr. Pedro F. da Costa Pereira.

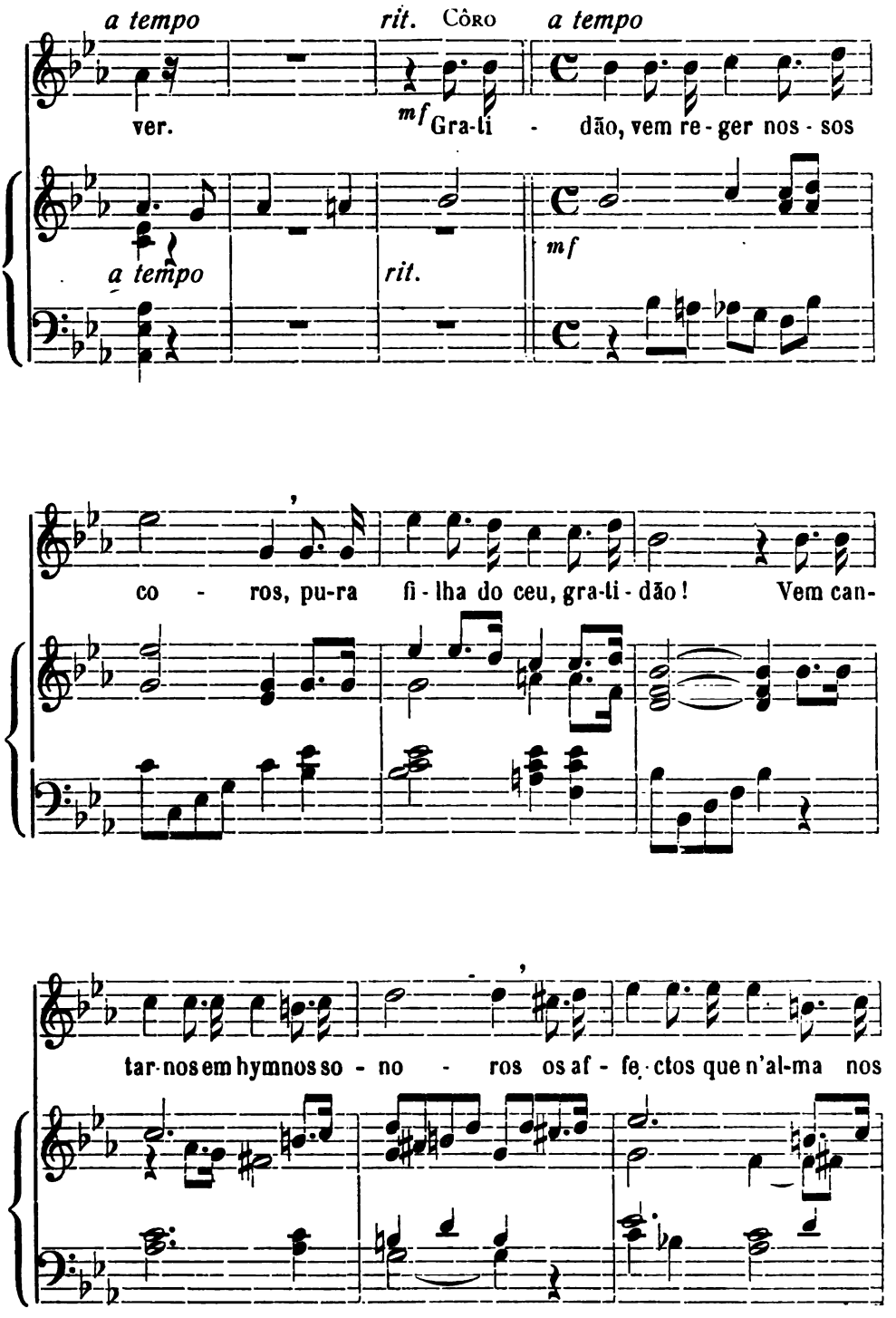
19. GRATIDÃO

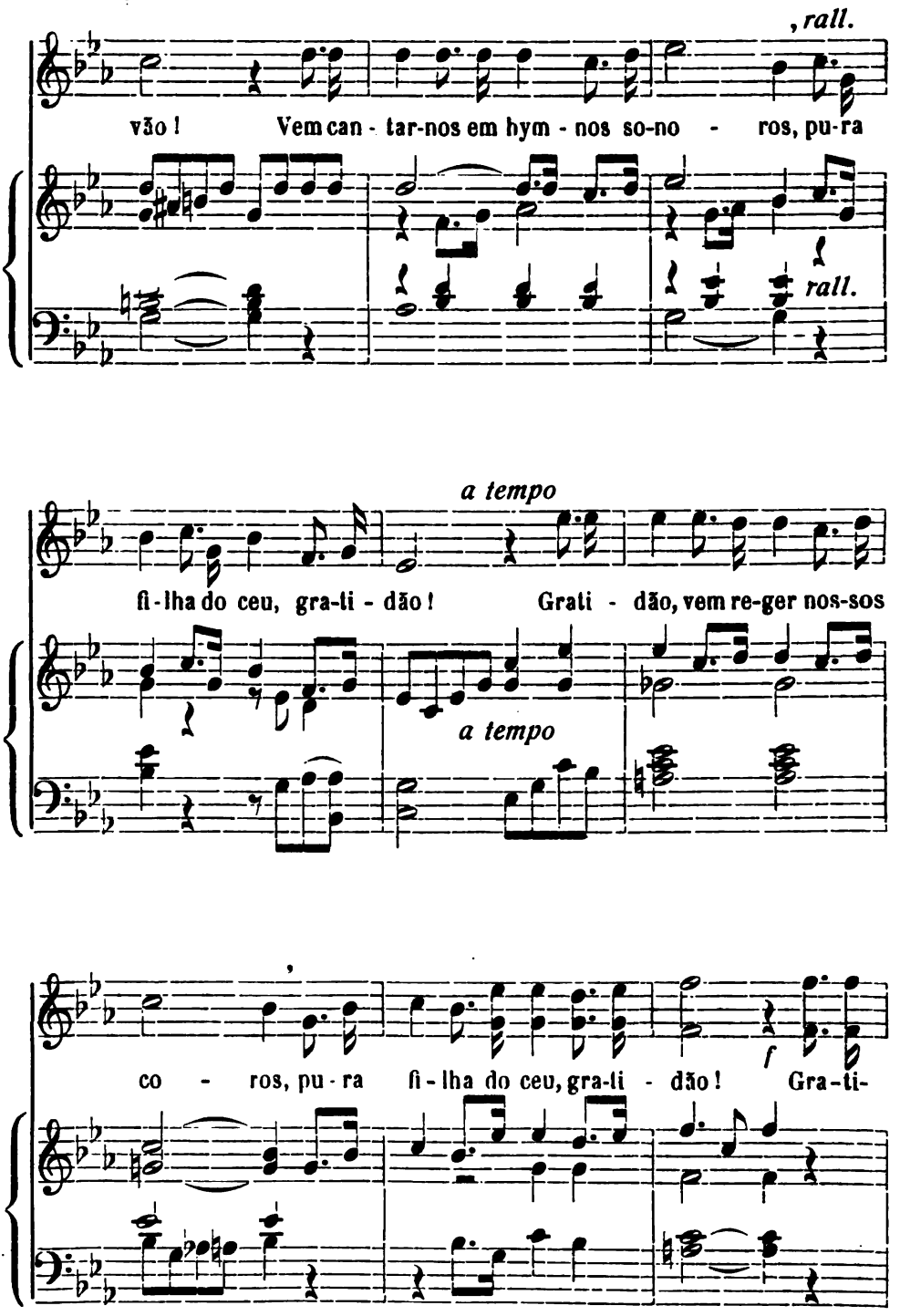

Allegro moderato
P. F. da Costa Pereira
Piano
mf
Vozes
Côro
mf
Gra-ti - dão, vem re-ger nos-sos

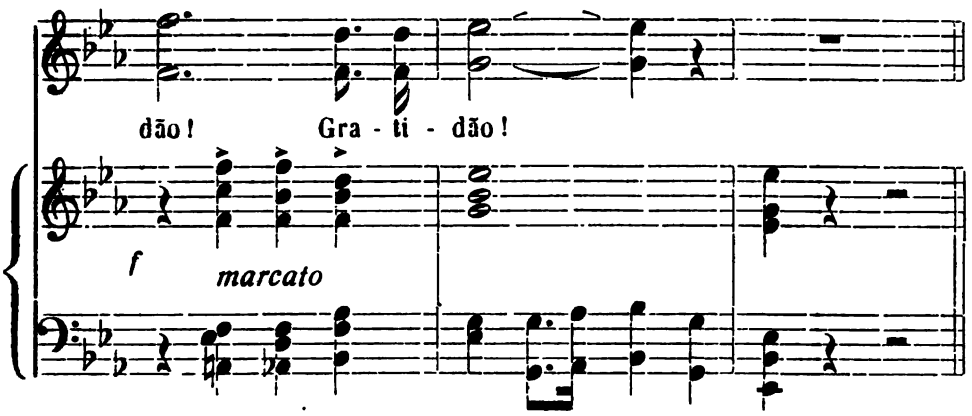

co - ros, pu-ra fi - lha do ceu, gra ti - dão! Vem can-
tar-nos em hym-nos so - no - ros os af - fe-ctos que n'al ma nos
vão. Vem can tar-nos em hym nos so - no - ros, pu - ra
, rall
rall


Solo
Meno mosso
fi lha do ceu, gra - ti - dão ! p Ao po-ma - rei - ro as-si - duo, pa-
gando-lheosdesvellos, of-fertamfructosbel-los as plantasdopomar Tam-
bemcultor solli-ci to Vós sois da ju-ventude: pois d'essa fai na ru - de seu


fructo ha debrotar: a luz de vossas maximas, a-qui o promettemos, con-
stantes seguire-mos, romeiros do de ver: nosso viver sem mácula se-
rall.
rá vi-va pintu-ra de vossa vida pu - ra, que em nós se ha de re-
rall.


a tempo
rit.
Côro
a tempo
ver.
mf Gra-ti - dão, vem re-ger nos-sos
a tempo
rit.
mf
co - ros, pu-ra fi-lha do ceu, gra-ti-dão! Vem can-
tar-nos em hymnos so - no - ros os af-fe-ctos que n'al-ma nos


, rall.
vão! Vem can - tar-nos em hym - nos so-no - ros, pu-ra
rall.
a tempo
fi-lha do ceu, gra-ti - dão! Grati - dão, vem re-ger nos-sos
a tempo
f
co - ros, pu - ra fi - lha do ceu, gra-ti - dão! Gra-ti-



Gratidão, vem reger nossos córos,
pura filha do ceu, gratidão!
Vem cantar-nos em hymnos sonoros
os affectos que n'alma nos vão!

Ao pomareiro assiduo,
pagando-lhe os desvellos,
offertam fructos bellos
as plantas do pomar.
Tambem cultor sollicito
vós sois da juventude:
pois d'essa faina rude
seu fructo ha de brotar:

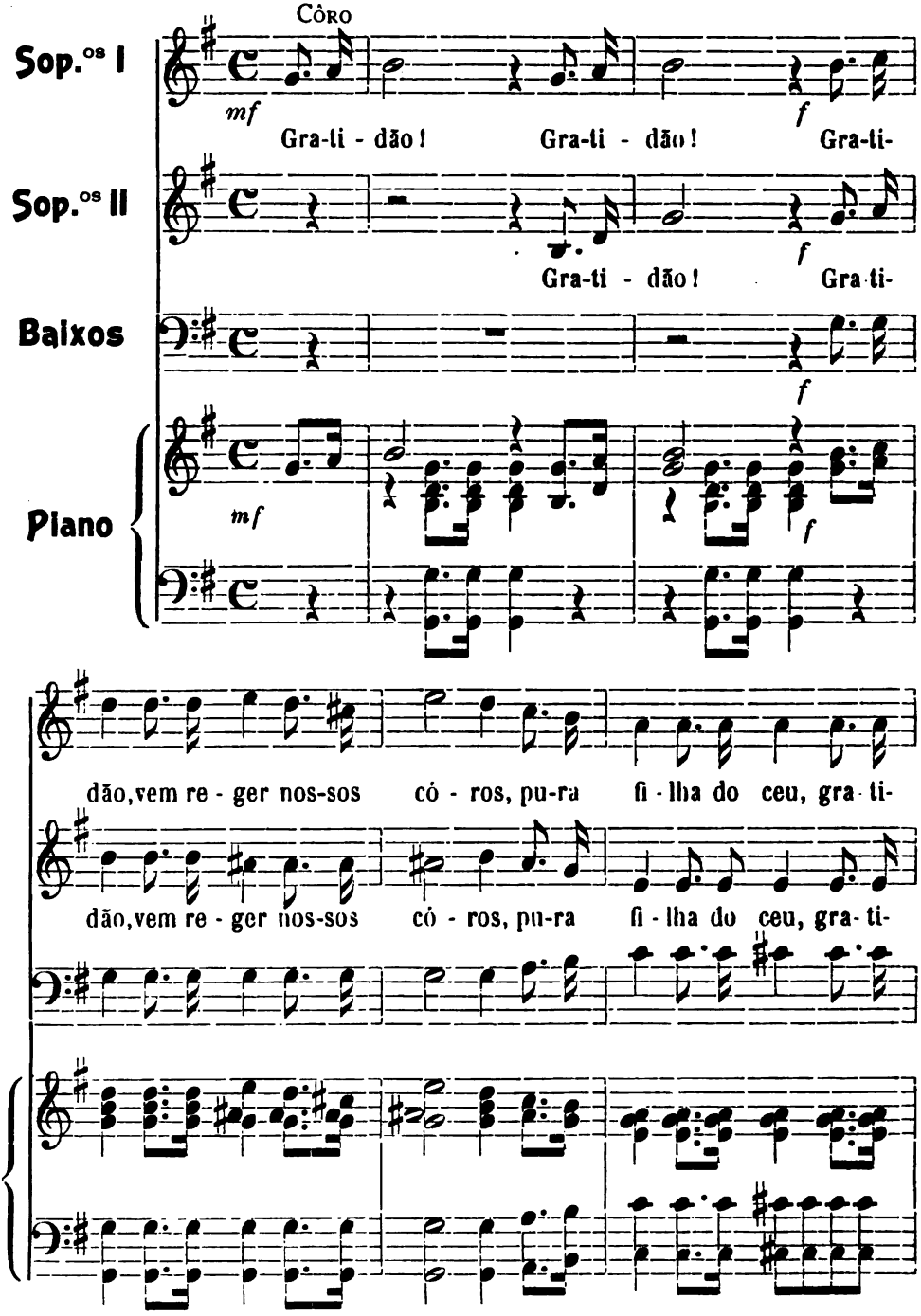
A luz de vossas maximas
— aqui o promettemos, —
constantes seguiremos,
romeiros do dever.
Nosso viver sem mácula
será viva pintura
de vossa vida pura,
que em nós se ha de rever.

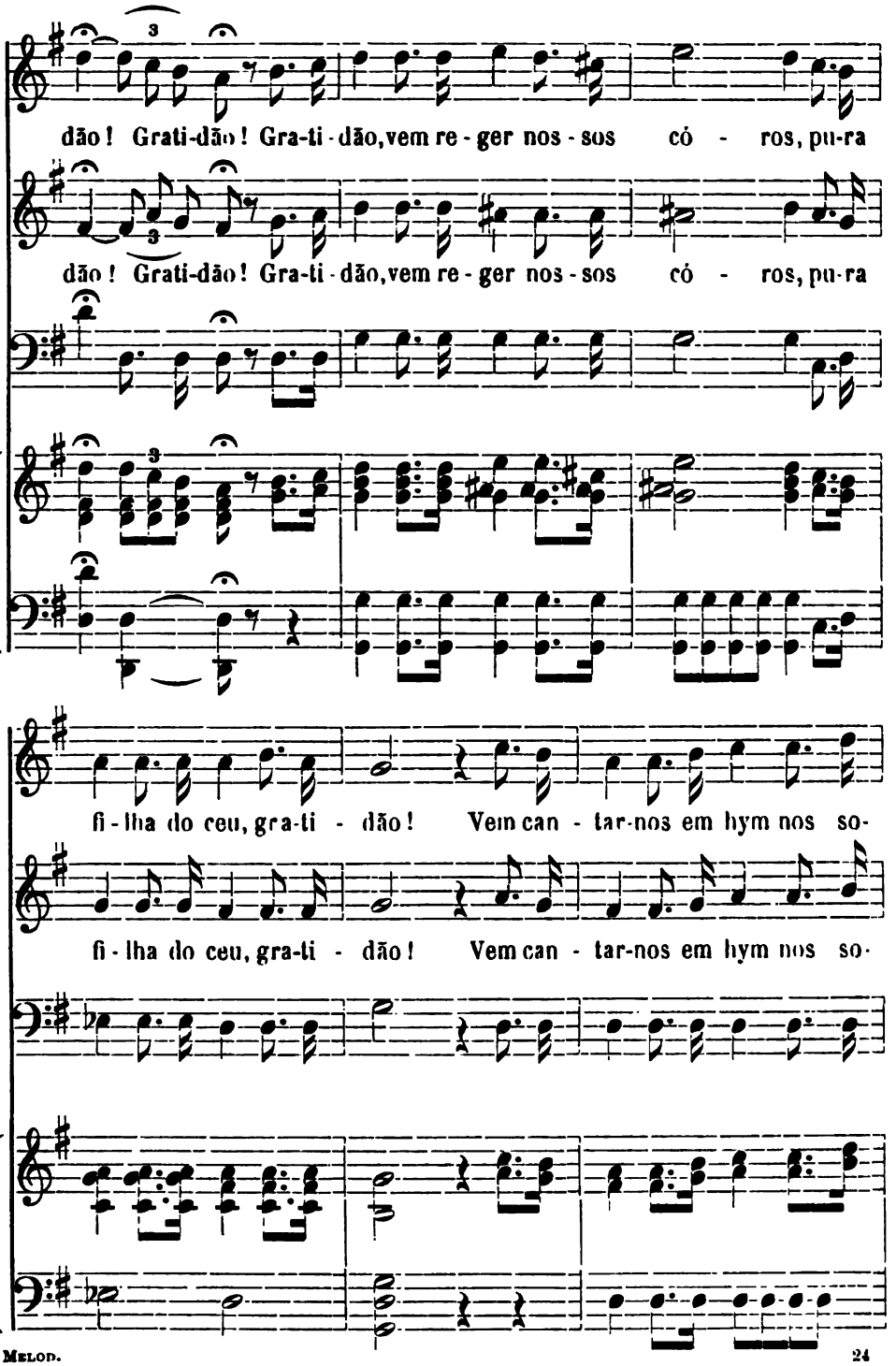
P. Luiz d'Almeida.

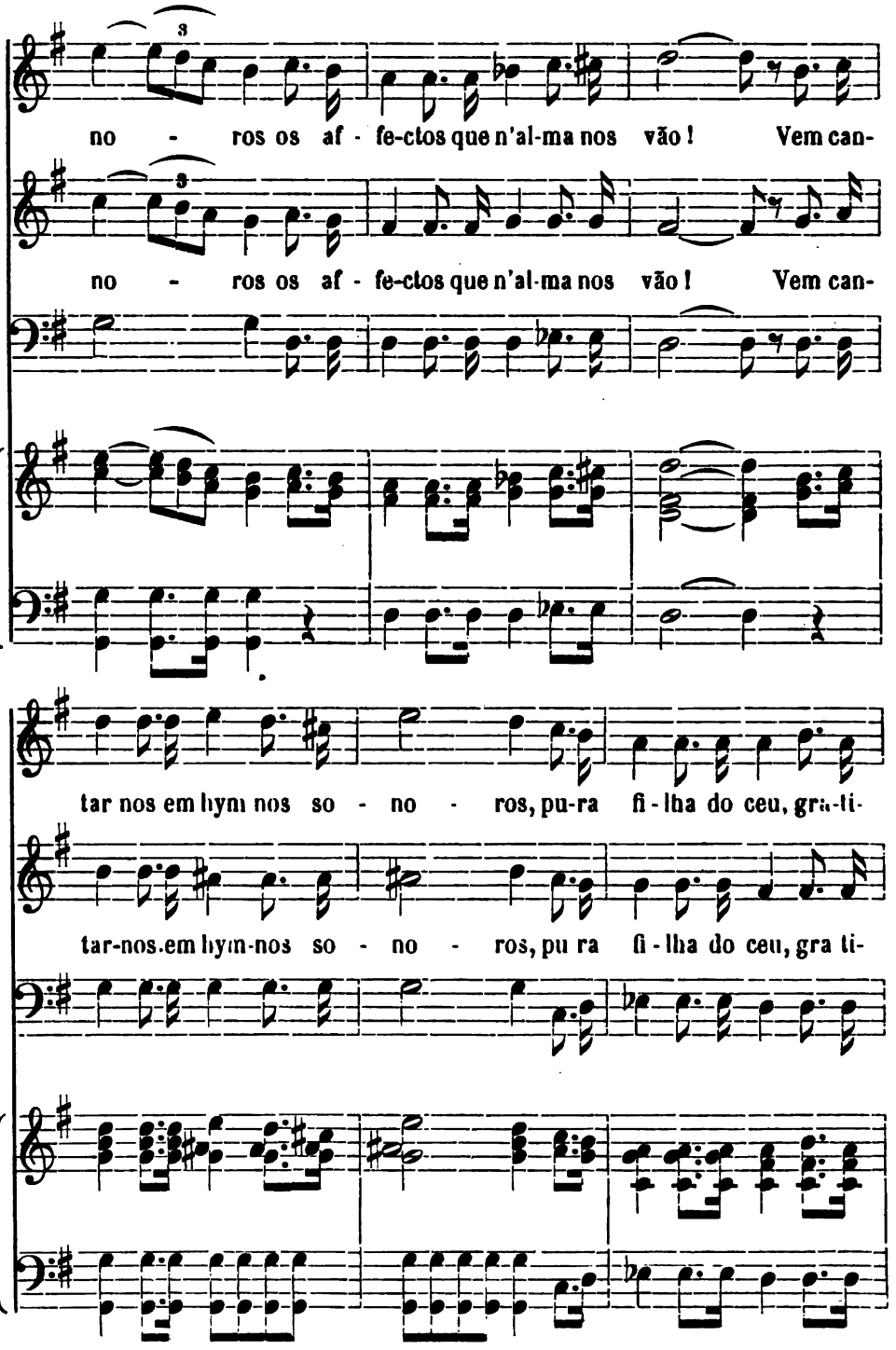
A cantata foi pela primeira vez executada por um côro de sopranos em Campolide (12, maio, 1902), na festa do Director, R. P. J. de Magalhães, a quem havia sido dedicada música e lettra.

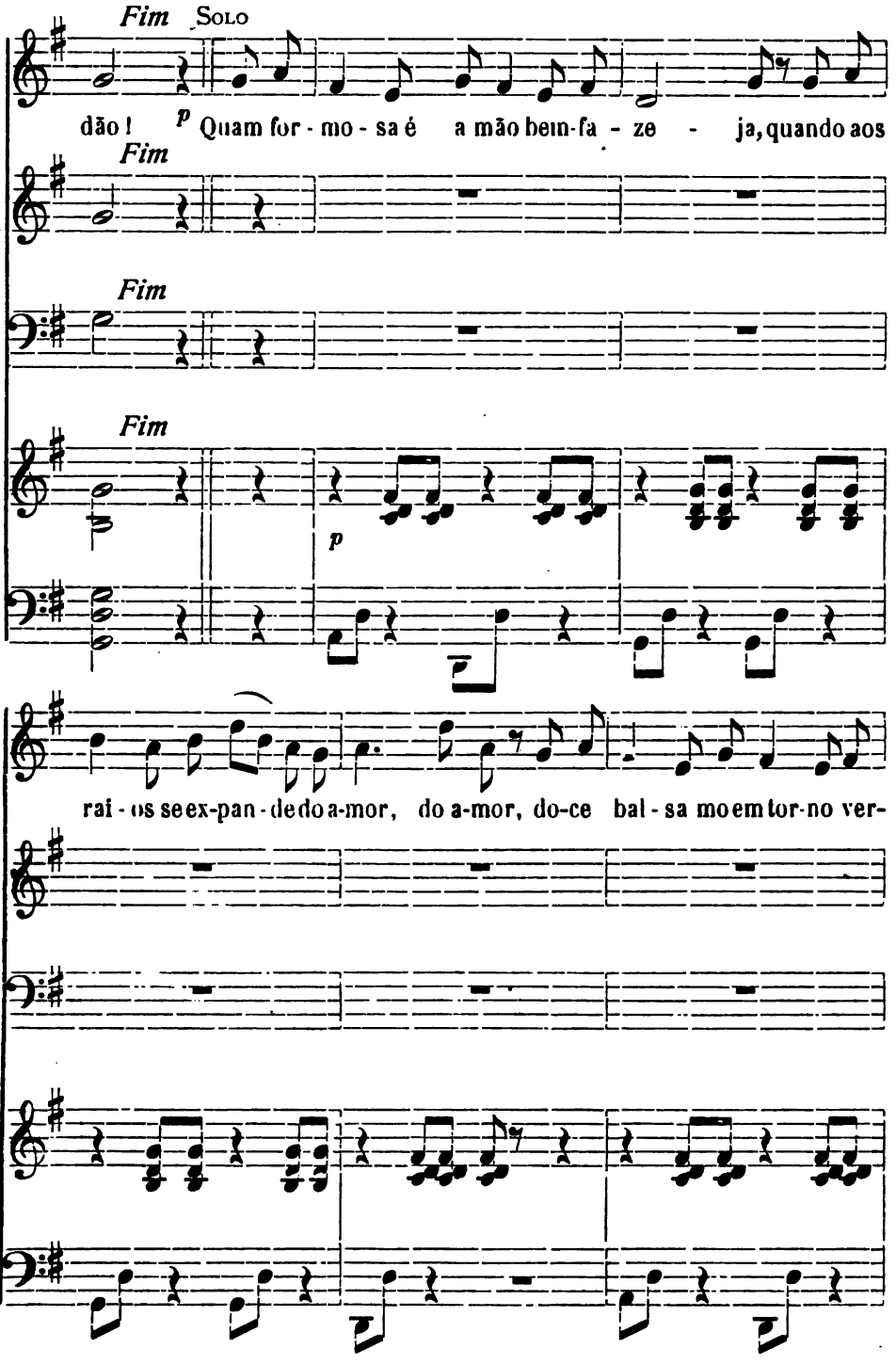
20. GRATIDÃO

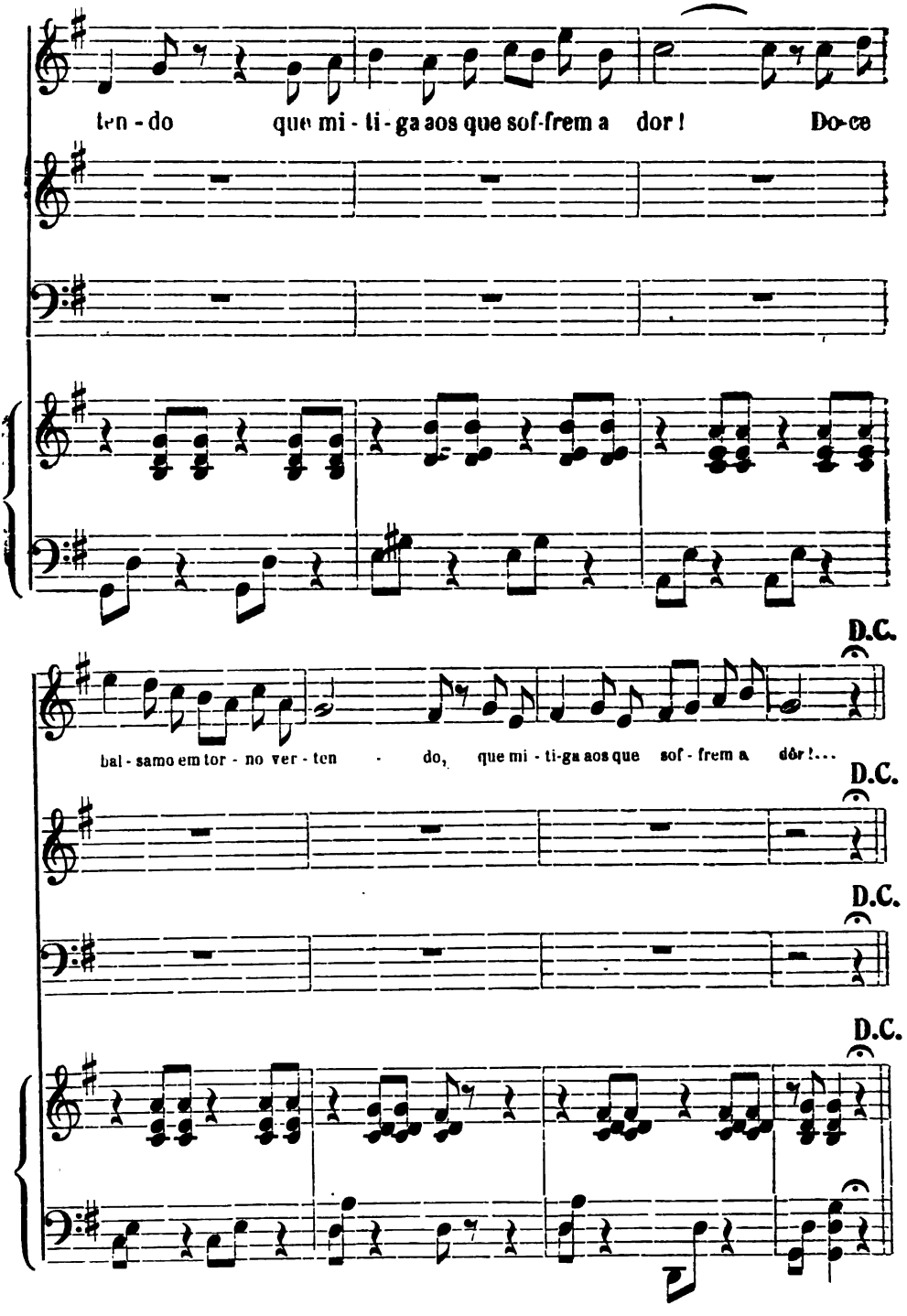
Marcial **J. Saavedra.**




dão! Grati-dão! Gra-ti-dão, vem re-ger nos-sos có-ros, pu-ra
dão! Grati-dão! Gra-ti-dão, vem re-ger nos-sos có-ros, pu-ra
fi-lha do ceu, gra-ti-dão! Vem can-tar-nos em hym nos so-
fi-lha do ceu, gra-ti-dão! Vem can-tar-nos em hym nos so-


no - ros os af - fe-ctos que n'al-ma nos vão! Vem can-
no - ros os af - fe-ctos que n'al-ma nos vão! Vem can-
tar nos em hym nos so - no - ros, pu-ra fi - lha do ceu, gra-ti-
tar-nos em hym-nos so - no - ros, pu ra fi - lha do ceu, gra ti-


Fim
Solo
dão! p Quam for - mo - sa é a mão bem-fa - ze - ja, quando aos
Fim
Fim
Fim
p
rai - os se ex-pan - de do a-mor, do a-mor, do-ce bal - sa mo em tor-no ver-


ten - do que mi - ti - ga aos que sof-frem a dor! Do-ce
D.C.
bal - samo em tor - no ver - ten - do, que mi - ti-ga aos que sof - frem a dôr!...
D.C.
D.C.
D.C.

Gratidão

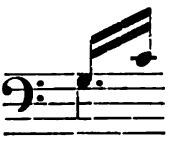
Gratidão, vem reger nossos córos,
pura filha do ceu, gratidão!
Vem cantar-nos em hymnos sonoros
os affectos que n'alma nos vão.

Quam formosa é a mão bemfazeja,
quando aos raios se expande do amor,
doce balsamo em torno vertendo,
que mitiga aos que soffrem a dôr!

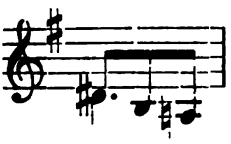
A quadra do *solo* é de auctor desconhecido.

ERRATA

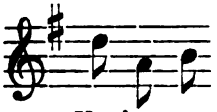
Na pag. 20, 3.° comp., 1.° tempo, *piano:*



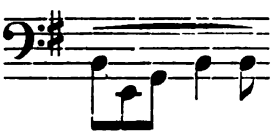
Na pag. 29, 2.° comp., 4.° tempo:



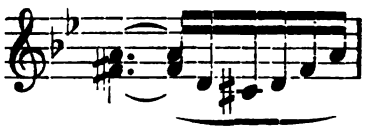
Na pag. 30, 3.° comp.:



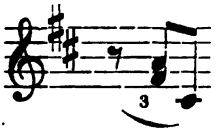
Na pag. 32, 3.° comp.:



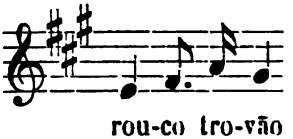
Na pag. 36, 6.° comp.:



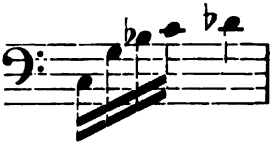
Na pag. 55, 2.° comp., último tempo:



Na pag. 58, 3.° comp.:



Na pag. 119, 5.° comp.:



INDICE

		Pag.
1.	Florinha do campo. — *P. F. da Costa Pereira*	5
2.	Florinhas do canteiro. — *P. A. Martinez.*	8
3.	O remador.	12
4.	Accueillez la voix. — *Yves Langloys*	17
5.	A partida das andorinhas (Despedida de curso). — *A. de Menezes.*	29
6.	Ave, Maria! (Duo) — *P. F. da Costa Pereira*	34
7.	Hymno-cantata (Collegio de S. Fiel). — *J. Saavedra.*	50
8.	A Belem (Vilancete)	65
9.	Dios te salve! *I. Monasterio*	80
10.	Os sinos de Mafra (Vozes eguaes)	97
11.	Salvei-te! — *P. F. da Costa Pereira*	112
12.	Ai! Adeus. — *Melod. popular*	128
13.	Hymno-cantata (Collegio de Campolide). — *J. Saavedra*	132
14.	O lagarto e a cobra. — *Melod. popular*	148
15.	Ai! Dorme! (Seguidilha)	152
16.	Floreira. — *Melod. popular*	159
17.	Pescador da barca bella. — *P. F. da Costa Pereira*	163
18.	Pescador da barca bella. — *Melod. popular*	174
19.	Gratidão. — *P. F. da Costa Pereira.*	177
20.	Gratidão. — *J. Saavedra*	184

PUBLICAÇÕES DO COLLEGIO DE S. FIEL

LYRA SACRA

Collecção Portugueza de Canticos Religiosos

Com Approvação da Auctoridade Ecclesiastica

DIRECTOR: Dr. Antonio de Menezes

Estão já publicados os volumes seguintes:

CANTICOS A NOSSA SENHORA

Vol. I *Mez de Maria* — Com 68 canticos — por assignatura. . . . . — avulso
Vol. II *Proprios do tempo* — Com 53 canticos — por assignatura. . — »
Vol. III *Motetes a N. Senhora* — Com 44 canticos — por assignatura — » .
Vol. IV *Ladainhas a N. Senhora* — Com 60 Ladainhas — por assig.ª — » .

CANTICOS A NOSSO SENHOR

Vol. V *Ao SS. Sacramento* — Com 102 hymnos — por assignatura. — avulso

Estes mesmos volumes cartonados ou encadernados em percalina, respectivamente mais ... réis.

LETTRAS (poesias) *dos Canticos a Nossa Senhora (2.ª edição):* — Mez de Maria — Motetes — Proprios do tempo — Ladainha a 3 e 5 titulos.

1 vol. de 200 pag. broc., *franco* de porte, ... réis, cartonados com lettreiros doirados. ... réis.

Do mesmo auctor:

EDUCAÇÃO: *2.ª edição,* dedicada á Mocidade Portuguêsa e Brazileira; um folheto de 82 paginas, cartonado com lettreiros doirados, *franco de porte,* ... réis.

BROTÉRIA

Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel

Esta Revista, havida por uma das primeiras de Portugal, tem por fim a diffusão de conhecimentos sobre Historia Natural, promover as Sciencias Naturaes no nosso Paiz, e tornar conhecidas no extrangeiro a flora e fauna portuguezas. Todos os fasciculos (4 por anno) são profusamente illustrados com estampas, quasi todas em phototypia, muitas tão perfeitas que tem sido a admiração dos extrangeiros. A par de artigos rigorosamente scientificos e da descripção de muitas especies novas, a *Brotéria* publica sempre coisas interessantes, ao alcance das pessoas pouco instruidas em Historia Natural, como por exemplo uma serie de biographias, com retrato, dos naturalistas portuguezes (cuja collecção ha-de ser de grande valor), variedades scientificas, um tratado elementar de microscopia vegetal, em que é ensinada a technica microscopica, artiguinhos illustrados sobre as arvores gigantescas de Portugal, maneira pratica de caçar, preparar e conservar os insectos, nomes dos naturalistas portuguezes, etc. Numa bibliographia extensa, em que são estampados ao menos os titulos de todos os trabalhos sobre a fauna e flora portuguezas, e que é publicada em todos os volumes, foram analysadas até agora 211 obras ou memorias sobre sciencias naturaes, physicas e mathematicas.

Como se vê, ninguem, mediocremente instruido em Historia Natural, póde passar sem a *Brotéria*. Ella é indispensavel em todos os estabelecimentos scientificos e bibliothecas publicas. No extrangeiro tem larga distribuição e é talvez a revista scientifica portugueza mais conhecida.

Estão publicados 5 volumes, em magnifico papel e typo elzivir. Os 4 fasciculos annuaes são distribuidos respectivamente em janeiro, abril, junho e novembro.

As assignaturas 2$000 réis por anno, *(pagamento adeantado).*

Pedidos ao administrador da *Lyra* e *Brotéria,* **Joaquim Duarte Roque** — S. FIEL.

Mus 543 .12
Melodies de sala; collecao de lindas
Loeb Music Library AMC0929
3 2044 040 638 520

This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

A fine of five cents a day is incurred by retaining it beyond the specified time.

Please return promptly.

DUE OCT 31 '38